

Pierre Weil

ESFINGE:

ESTRUTURA

E

MISTÉRIO

DO

HOMEM

Do mesmo autor:

EM FRANCES:

1. *La Jeunesse et le Scoutisme devant le Probleme Sexuel*. Prefácio do Prof. Bourjade, da Universidade de Lyon Ed. "L'Arc Tendu", Paris 1947.
2. *L'Affectivo Diagnostic* - Presses Universitaires de France, Paris 1952.
3. *Le Dessin chez l'Enfant* - em colaboração com René Zazzo, Pierre Naville etc... - Prefácio do Prof. Henri Wallon, professor na Sorbonne e no "Collège de France" - Presses Universitaires de France, Paris 1950.
4. *Relations Humaines dans ia vie familiale et professionnelle* - DUNOD, Paris 1963.
5. *Relations Humaines entre les parents, les enfants et leurs maitres* - DUNOD, Paris, 1963.

EM PORTUGUÊS:

6. *ABC das Relações Humanas* - Ed. Nacional, São Paulo 1954.
7. *ABC da Psicotécnica* (Psicologia Aplicada) - Ed. Nacional, São Paulo 1955.
8. *Relações Humanas na Família e no Trabalho* - Ed. Vozes, Petrópolis 1972 (26v edição).
9. *A Criança, o Lar, a Escola* - Ed. Civilização Brasileira, Rio 1960.
10. *A sua Vida e seu Futuro* - Ed. Civilização Brasileira, Rio 1962.
11. *Manual de Psicologia Aplicada* - Ed. Itatiaia, 1967.
12. *Amar e Ser Amado* - Ed. Civilização Brasileira, 1965.
13. *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas (DRH)* - Ed. Itatiaia.
14. *O Psicodrama*. Prefácio de J. Moreno - CEPA, Rio 1967.
15. *Liderança, Tensões, Evolução* - Ed. Itatiaia, Belo Horizonte 1972.
16. *O Potencial de Inteligência do Brasileiro* - em colaboração com Eva Nick - CEPA, Rio, 1972.

17. *Esfinge: Estrutura e Mistério do Homem* - Vozes, Petrópolis, 1972.

EM ESPANHOL:

18. *Relaciones Humanas en la Familia y en el Trabajo* - Ed. Kapeluz, Buenos Aires, 1965.

19. *Relaciones Humanas entre los Alumnos, sus Profesores y Padres* - Ed. Kapeluz, Buenos Aires, 1965:

HERMANN HESSE

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chegam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos e formigas. Outros que são homens da cintura para cima e peixes da cintura para baixo.

Mas cada um deles é um impulso em direção ao ser".

A. A. NEHER (257)

A duração da vida do homem pode ser comparada a uma faísca entre duas eternidades. A eternidade que se encontra atrás de nós tem nome de passado; a duração da faísca: presente; a eternidade que está diante de nós: futuro. O passado existiu, o presente existe, por que não existiria o futuro?

O nosso passado não é um enigma tecido de hieróglifos dos quais nenhuma hermenêutica nos fornece a chave. Nós somos o produto direto dele. Numa seqüência sem parada nem fresta, os nossos pais nos transmitiram a sua crença, e o presente nos impõe a obrigação de prosseguir esta transmissão, de moldar

e de continuar esta cadeia, com vistas a um vir a ser.

Eis o objetivo de nossa existência, e se atingirmos este objetivo, não teremos vivido em vão".

Agradecimentos

Os nossos especiais agradecimentos a todos os que nos ajudaram neste livro.

Ao Professor Igor Caruso de Viena e da Universidade de Salzburgo. que muito nos estimulou a escrever este livro.

Ao Professor Abraham Moles, da Universidade de Estrasburgo que nos alertou a tempo sobre importantes aspectos metodológicos; lamentamos não termos tido oportunidade de desfrutar mais tempo dos seus preciosos ensinamentos.

Ao Professor Jorge Kriticos, sem o qual este livro provavelmente nunca teria sido escrito, a expressão de nossa profunda gratidão e ao seu Mestre" Sevananda" o nosso reconhecimento pela sua gentil indicação de fontes bibliográficas esotéricas.

À Professora Suzanna Ezequiel da Cunha, professora de Estatística do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e ao Professor Antônio Luiz Rodrigues da Costa, Chefe do Serviço de Tratamento de Dados do mesmo Departamento. os nossos agradecimentos pelos cálculos e opiniões que muito nos ajudaram.

À Professora Maria Luiza Ramos e ao Professor Romanelli, do Departamento de Letras da mesma Universidade, devemos a análise semântica de várias palavras ligadas à Esfinge.

Às Doutoradas Maria Silva Machado e Berta S. Porto Maia que tiveram a gentileza de colocar à nossa disposição material do Teste "Bestiaire" colhido em adolescentes delinqüentes.

À Professora Elza Lima do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, devemos uma investigação especial dos Síndocos Humanos no Psicodiagnóstico de Rorschach.

Ao Maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca, Dirigente da Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Minas Gerais, que muito contribuiu nas interpretações dos símbolos musicais ligados aos animais da Esfinge.

NOTA:

Este livro foi objeto de uma tese de Doutorado na Universidade de Paris, tendo recebido menção honrosa.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO De Como o Autor foi Levado à Análise da Esfinge.

CAPÍTULO I O que é uma Esfinge e?

1. A Esfinge como Enigma. 2. Dados Estatísticos sobre a Comparação das Esfinges. 3. Tentativa de Definição.

CAPÍTULO II A Esfinge como Símbolo.

4. Interpretações Simbólicas de Esfinge. 5. O Elo entre a esfinge e os Animais Símbolos do Antigo e Novo Testamento. 6. Os Querubins dos Textos Bíblicos. 7. Hipótese sobre a Origem dos Mitos Bíblicos. 8. Significados Exotéricos e Esotéricos. 9. A Posição da Esfinge. 10. Cabeça Coberta. 11. O Sexo. 12. Função de Guardião.

CAPÍTULO III Os Símbolos Animais.

13. Os Símbolos Animais nas Religiões e na Psicologia moderna. 14. O Boi. 15. O Leão. 16. A Águia. 17. A Serpente. 18. Serpente e Árvore da Vida. 19. Relações entre os Elementos Simbólicos. Alguns dados estatísticos complementares. 20. A Cauda, um Símbolo?. 21. A Esfinge e a Árvore da Vida.

CAPÍTULO IV A Árvore da Vida e da Ciência.

22. Árvore da Vida, Um Modelo Cosmológico. 23. Metodologia de Abordagem da Estrutura Cosmológica. 24. Árvore da Vida e Numerologia. 25. A Cabala. 26. Da Árvore Sefirótica à Estrutura da Esfinge.

CAPÍTULO V A Esfinge como Unidade Estrutural.

27. Conceito de Unidade nas Religiões. 28. A Unidade na Cabala. 29. A Esfinge como Totalidade. 30. Da Unidade à Pluralidade. 31. O Princípio de Unidade Psicossomática no Século XX.

CAPITULO VI Dialética na Esfinge.

32. A Bipolaridade. 33. O Binário na Cabala. 34. O Yin Yan Chinês. 35. A Terceira Força. 36. A Espaço Bidimensional e a Hierarquia dos Elementos na Esfinge. 37. A Contradição na Época Moderna. 38. A Dialética dos Contrários em Psicanálise. 39. A Bipolaridade em Psicologia.

CAPÍTULO VII O Ternário.

40. Análise Numerológica da Palavra KRUB. Significância Estatística. 41. O Ternário nas Religiões do Mundo. 42. A Estrutura Ternária do Homem e a Esfinge. 43. O Ternário e os Dados da Ciência Psicossomática Moderna. 44. Do Átomo ao Cosmo. 45. Mensagem dos Antigos.

CAPITULO VIII O Homem e Sua Evolução.

46. O Quarto Elemento da Esfinge e o Tarô dos Ciganos. 47. A Evolução Consciente do Homem. 48. Os Estágios Evolutivos. 49. O Despertar do Homem. 50. As "Vias" para o Quarto Estágio. 51. Homem Consciente versus Autômato no Século XX. 52. O Comportamento de Auto conhecimento e Autocontrole. 53. Dos Animais da Esfinge ao Homem.

CAPÍTULO IX A Serpente da Esfinge na Experiência Estética e Psicoterápica.

54. A Esfinge no Mundo das Formas. 55. A Esfinge e as Cores. 56. Esfinge e Música. 57. Experiência Culminante e a Serpente. 58. A Experiência Sublime em Psicoterapia. 59. Natureza da Experiência Sublime. 60. O Problema do "Poder da Serpente".

CAPÍTULO X Maturidade e Amor.

61. A Maturidade. 62. O que é Maturidade nas Relações Amorosas?. 63. Existe Estágio "Final" na Evolução das Relações Amorosas?. 64. Um Conceito Dinâmico e Energético da Maturação das Relações Amorosas. 65. A Esfinge na Sociometria das Relações Amorosas. 66. Os Desencontros de Nível de Maturação. 67. Perguntas Fundamentais sobre as Origens da Evolução do Homem.

CAPÍTULO XI Esfinge e Estrutura.

68. Algumas Considerações Metodológicas. 69. Estrutura da Obra e Estrutura da Esfinge. 70. Relações entre Estrutura do Autor e Estrutura da Obra. 71. Definição do que é Esfinge. 72. Natureza Simbólica da Esfinge. 73. A Esfinge como Símbolo Cosmológico Exo Esotérico. 74. Sugestões para Pesquisas Futuras sobre os Mitos Animais da Esfinge. 75. Esfinge e Símbolos Arborimórficos e Matemáticos Esotéricos. 76. Outras Pesquisas Necessárias. 77. A Esfinge como Símbolo de Modelo Estrutural "Primário" ou "Mãe". 78. Esfinge e Comunicação.

CONCLUSÃO Esfinge e Sobrevivência da Humanidade.

Bibliografia.

Indica as Citações Bibliográficas.

Iconografia (indica as Fontes Bibliográficas das ilustrações).

INTRODUÇÃO

*De Como o Autor
foi Levado à
Análise da Esfinge*

Se alguém me tivesse dito há alguns anos atrás que eu escreveria um livro sobre a esfinge e que isto me levaria a estudar a Cabala Hebraica, os Vedas Hindus, a Bíblia e, ainda mais, o Tarot dos Ciganos e Lao Tse, procurando as relações existentes com as Ciências Humanas do mundo moderno e, mais particularmente, a Psicologia Científica, teria rejeitado esta idéia com jocoso ceticismo.

Como? Eu, formado e impregnado do cartesianismo francês, influenciado pelos meus mestres, experimentalistas ferrenhos, como Henri Piéron, Wallon, Piaget, Rey, Leon Walther e outros, poderia lidar com as chamadas Ciências Esotéricas?

Na verdade, sem este preparo científico que me proporcionou certa disciplinação racional na abordagem dos problemas, não teria escrito este livro na forma que está. Hoje sou agradecido a estes mestres a quem devo a minha formação psicológica. lamento, até hoje, não me ter deixado impregnar mais ainda deste espírito, pois teria sido ainda mais rigoroso e mais exigente nesta abordagem analítica do Mito da Esfinge.

Se o rigor científico foi preparado pelos meus mestres, a curiosidade em torno dos assuntos ligados à esfinge tem profundas raízes na minha história pessoal.

Na minha família se praticavam três religiões: o catolicismo, o judaísmo e o protestantismo. Havia certas semanas em que a minha mãe ou meu pai me levavam a um casamento judaico na sinagoga, à missa católica ou a um culto protestante; aprendi hebraico, estudei o Talmud, via a hóstia redonda nas missas, e o símbolo ternário de Cristo se misturavam na minha mente com a idéia de um Deus Único, com o nome de Jeová. A cruz cristã se avizinhou da estrela de Davi, do leão guardião das Tábuas da lei de Moisés, e do Candelabro de Sete Velas. Assistia ao Natal cristão, à missa de meia noite e ao acender as velas de Hanuka; a Páscoa me levava a observar ritos em que, hoje o percebo, a esfinge estava indiretamente presente no Seder Judaico e na Simbologia evolutiva da vida de Cristo.

De vez em quando, já adolescente, eu lia cartas que um tio, cabalista em Argel, escrevia para o meu pai; eram coisas estranhas, que tendia mas que me ligavam ao mesmo tempo, ao mundo da Cabala e também ao mundo muçulmano, pois até hoje, muçumanos e judeus acendem velas ao seu túmulo.

Lembro-me também que, quando eu ia para a escola, passava junto de um camelô que vendia pedras para dar a sorte, e havia também uma roda do zodíaco. Pacientemente e em segredo, copiei a roda em que havia possibilidade de dar o número da sorte, a cor da pedra correspondente e, se não me engano, o caráter da pessoa. Estava eu entrando na fase mágica da minha ontogênese de Psicólogo. Chegando em casa, eu distribuía predições e horóscopos a quem quisesse. Eu me sentia muito importante com este "poder".

É Obvio que aprendi muito cedo a relatividade cultural dos ritos religiosos; a leitura de Voltaire nos meus estudos secundários, e a dissertação francesa, em que se cultivava o levantamento da tese, da antítese e da síntese, me levaram a chegar, aos poucos e por mim mesmo, à conclusão de que todas as religiões eram parecidas, e que também as religiões dividiam os homens; eu sonhava com uma espécie de "associação católica dos judeus protestantes a favor do maometanismo budista". Lembro-me que isto era objeto de brincadeiras em casa.

A esta formação poli-religiosa se acrescentava a integração na minha pessoa de duas culturas cujos povos entravam em guerra periodicamente: a francesa e a alemã. Em minha casa, além disto se falava o alsaciano, misto destas duas línguas. Na biblioteca do meu pai, eminente jurista alsaciano, eram vizinhos Heine, Goethe, Molière, Corneille, Voltaire e Rousseau, e Hermann Hesse...

Se estas oposições culturais e religiosas me fizeram sofrer durante muito tempo, devo reconhecer que elas me levaram também a uma abertura de espírito, a uma disponibilidade para com idéias novas e a uma certa isenção de estereótipos e preconceitos.

Três religiões e duas culturas em constante conflito constituíam um terreno fértil em mim para compreender e analisar contradições. Não é de estranhar que me entusiasmasse pelos assuntos relacionados com tensões e conflitos, psicoterapia de grupo e psicodrama. E os seus estudos sobre a esfinge levavam me a imaginar uma técnica especial de psicodrama: O "Psicodrama da Esfinge" que será objeto de

publicação a parte.

Quando conheci o Brasil, era quase fatal que eu gostasse deste país, misto que é, como eu, de várias culturas e de várias raças. Creio que os meus vinte anos de vida no Brasil muito me favoreceram também nesta análise da esfinge, pois enquanto eu realizava pesquisas sobre o nível mental da população ou sobre as reações emotivas eletrocultâneas, tomava contacto aos poucos com o estranho mundo da macumba, dos candomblés da Bahia e da umbanda.

Certo dia, num mercado da zona amazônica, encontrei uma estrela de Davi, de madeira, com a cruz cristã dentro dela; que bonito símbolo unitário em relação ao meu passado...

Numa sessão de umbanda, recebi explicações de um "pai-de-santo" sobre o seu colar, em que notei o setenário, que muita relação tem com a esfinge, como veremos mais adiante; as explicações que recebi deixaram-me atônito: estava ele-me explicando as mesmas coisas que tinha encontrado nos meus estudos sobre a cabala, a começar por Adão Kadmão e seres andróginos que precederam os homens... São tradições que vieram provavelmente da África, pois os ritos são afro-brasileiros.

Estavam-se cultivando em mim as condições indispensáveis, para o exercício da profissão de psicólogo, entre as quais figura a libertação do antropocentrismo.

Interessante é que, à medida que estudava a esfinge, sentia em mim uma espécie diferente de antropocentrismo. Como se sabe, a antropologia, como a mostra, por exemplo, Lévi-Strauss, só se tornou possível a partir do momento em que os cientistas se mostraram capazes de avaliar outra civilização, sem o preconceito de superioridade da nossa; levou-se, por exemplo, muito tempo para se chegar à conclusão de que os índios da América não eram animais. A decisão foi, aliás, tomada por um Papa.

Eu não tinha sentimento de superioridade em relação aos índios ou negros da nossa época. Mas havia em mim uma barreira, que eu chamaria de antropocentrismo histórico ou de "cientocentrismo". É a ideia de que as verdades só se encontram através da ciência ocidental oficial e contemporânea e que as chamadas ciências esotéricas ou "ocultas" eram desprezíveis. Enquanto comprava

esses livros, surpreendi-me várias vezes escondendo-os das vistas de psicólogos amigos meus; eu poderia ser mal interpretado. Além do mais, senti uma resistência enorme ao ler os livros sobre o Tarô. Sentia-me ridículo, como sentia certa desconfiança de Jung, quando abordava estes assuntos. Hoje, sinto-me ridículo de não o ter feito antes. Assim, como existe um antropocentrismo geográfico, em relação a outros povos contemporâneos, existe também um antropocentrismo histórico, em relação às civilizações passadas. Foi uma barreira, introjetada nos meus estudos científicos, da qual eu tive que me livrar. Conservei, no entanto, a metodologia de abordagem aprendida com os meus mestres.

É possível e conveniente uma abordagem positivista do esoterismo.

Quero dizer com isto que considerei, na presente análise, os documentos esotéricos como objetos de análise crítica, de confrontação, ou melhor ainda, como comportamentos analisáveis e comparáveis entre si. Uma escultura, um rito, um texto, são produtos de comportamentos, e como tais, finalizados; no caso da esfinge, o meu problema de psicólogo era de saber qual a finalidade dos seus autores.

O leitor deve se perguntar, nesta altura, como é que cheguei a me interessar especificamente pela esfinge. Houve, realmente, um "incidente crítico" que despertou a minha curiosidade. Vou contar como aconteceu. Há alguns anos atrás eu tinha decidido aprender a hata-yoga. Procurei um professor. Falaram-me de um mestre de yoga que tinha sido iniciado em regime de mosteiro, durante seis anos; era o Swami Sarvananda, Jorge Kriticos. Eu já tinha lido alguns livros esotéricos. Os que mais me impressionaram foram os de Gurjieff e Ouspanski, possivelmente pelo seu modelo evolutivo do homem, bastante fascinante para quem estuda psicologia. Não somente eu fui muito bem recebido, mas logo o mestre me convidou para assistir a uma aula de yoga, que ele ia dar para algumas moças, na noite do mesmo dia de minha visita. Resolvi ir.

Era lá que uma surpresa me esperava. Dirigindo-se para as moças, explicou-lhes mais ou menos o seguinte: "Olhem para o seu corpo. Ele é composto de três partes, não é? A cabeça, o tórax e o abdômen. Pois vou lhes contar uma história. Existe uma tradição esotérica, muito antiga, sobre a esfinge do Egito; todo mundo quebrou a cabeça para saber que mistério se escondia atrás desta esfinge. Pois, segundo esta tradição, a esfinge representa na realidade o ser humano. Todos nós

temos uma esfinge em nós mesmos. Querem ver?

O boi representa os nossos intestinos, a nossa vida sexual e a nossa vida orgânica; é um animal digestivo. O leão representa o nosso coração, o nosso sistema circulatório, os nossos sentimentos. A águia representa a nossa mente. São as três partes do nosso corpo. O homem pode aprender a conhecer e a dominar estas três partes; é o objetivo da ioga ensinar-lhes isto".

Devo dizer que um pequeno calafrio passou pela minha espinha de psicólogo. Sentia que havia, atrás do que me foi revelado naquela noite, algo a analisar. Movido pela curiosidade, comecei a procurar as origens desta tradição. O mestre do Prof. Jorge Kriticos Sri Sevananda teve a gentileza de me indicar a fonte bibliográfica, o que me levou diretamente à Papus e ao seu "Traité Elementaire d'Occultisme". A partir daí, consegui reconstituir progressivamente, e com muita paciência, com fragmentos históricos, documentos, fotografias, ritos, mitos, as provas de que a esfinge era um modelo psicossomático do homem.

A esfinge me levou, progressivamente, à numerologia, à caba la hebraica, à Bíblia, Tarô ou Jogo Adivinatório dos Ciganos, aos Vedas, a Lao Tse e às Sociedades Esotéricas; como e porque, será explicado neste livro.

O modelo de abordagem da estrutura da esfinge e do seu significado simbólico foi elaborando-se progressivamente, à medida que descobria os documentos que permitiam fortalecer a intencionalidade estruturalizante dos autores da esfinge. É, por conseguinte, "a posteriori" que pude demonstrar o modelo da abordagem metodológica; isto explica por que só aparece no capítulo final a tentativa de reconstituição estruturalista da lógica dessa abordagem. Restava, também, demonstrar que a esfinge era mesmo um modelo no sentido estruturalista moderna do termo, e que era mesmo a primeira tentativa conhecida da humanidade, de elaboração de um modelo estrutural cosmológico. As provas que consegui acumular a respeito desta intenção parecem ser bastante convincentes, embora carecendo ainda de um tratamento mais minucioso.

Além da minha formação científica, muito me ajudou a influência psicanalítica de quem considero, hoje, como um dos meus mestres, Igor Caruso. Sob influência da minha própria psicanálise e das aulas que assisti, consegui me livrar de uma estrutura maniqueísta que me teria impedido de realizar a análise da

esfinge. Para tanto, era necessário compenetrar-me da maneira flexível dos orientais na interpretação das mensagens. O nosso estilo ocidental da ciência tecnológica de "ou ... ou ...", teria sido um obstáculo muito grande para apreensão e compreensão dos fenômenos estudados.

O objetivo deste livro é juntar fatos relacionados com a esfinge, analisá-los, tentar estabelecer relações entre estes fatos e, talvez, emitir algumas hipóteses sobre o significado deste mitema. Trata-se de desbravar uma mata virgem; mata, porém, constituída de árvores que podem ser identificadas, classificadas, analisadas, catalogadas. As árvores correspondem aos documentos deixados pelos antigos e relacionados com a esfinge, assim como testemunhos e tradições orais ou escritas.

Afinal, o que este livro pretende é demonstrar que a esfinge é, intencionalmente um símbolo atrás do qual se esconde verdadeiro modelo estrutural do homem, entendido como microcosmo, possivelmente indicador de um modelo microcósmico.

A cada passo, e a título de curiosidade, mostrarei como as ciências culturais, sociais e humanas, e, mais particularmente, a Psicologia, se encontram diante dos elementos desta estrutura, em confronto com as chamadas ciências esotéricas.

Ao fazer este confronto, forçosamente superficial, procurou-se apenas reforçar a idéia de que as preocupações dos autores da esfinge ainda são atuais, o que, por si só, justificaria a extrema importância dada por eles, em perpetrar de todas as maneiras possíveis, os modelos estruturais do universo e preservar o fruto de trabalhos preciosos, realizados no fundo de tempos desconhecidos por nós.

CAPÍTULO 1

O que é uma Esfinge?

1. A ESFINGE COMO ENIGMA

Criou se em torno da esfinge um estereótipo. Em todos os dicionários encontramos a idéia de enigma indecifrável, que os antigos deixaram. A esfinge passou a ser sinônimo de mistério e silêncio. Pessoa calada, enigmática, é chamada esfinge [\(244\)](#).

É um fato bastante impressionante a permanência da esfinge através de mais de seis mil anos, se é que a esfinge de Giseh pode ser considerada a primeira em idade; pelo menos é a mais antiga que conhecemos até a presente data [\(Fig. 1\)](#). Quando falamos permanência, queremos referir nos a uma insistência quase obsessiva por parte dos criadores e continuadores da maioria das religiões ou cultos em instalar a esfinge, ou os animais que a compõem, principalmente o touro ou boi, o leão, as asas e a serpente junto aos templos e, mais particularmente, como o veremos, junto de símbolos iniciáticos. Encontram-se esfinges egípcias, [\(Fig. 1\)](#) assírias, [\(Fig. 5\)](#) persas, [\(Fig. 6\)](#) hititas, [\(Fig. 4\)](#) fenícias, [\(Fig. 2\)](#) gregas [\(Fig. 8\)](#) (64, 65, 66, 67, 68) e em muitas outras culturas ainda.

Da análise preliminar de vinte e uma esfinges, constatamos uma leve tendência ao aumento do número de elementos simbólicos, através dos milenários, a partir do modelo egípcio.

Tudo se passa como se houvesse uma apuração, uma sofisticação maior do modelo original, ou pelo menos do mais antigo conhecido, que é egípcio. Como se sabe, o egípcio tem cabeça humana, corpo de leão e serpente. Compõe se, por conseguinte, de três elementos quando existe o "Uraeus" ou serpente na testa ou dois elementos sem este. Só as esfinges muito mais recentes, em geral assírias, persas e hititas, têm quatro elementos, como por exemplo o leão ou touro, a figura humana, as asas de águia e a serpente.

2. DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DAS ESFINGES

Algumas esfinges têm quatro elementos: pés de touro ou Cavalo, cauda de leão, cabeça humana e asas de águia. É o caso mais particular da esfinge assíria de Khorsabad, chamada Kerub [\(Fig. 5\)](#). Temos, por conseguinte, modelos de dois, três, quatro, ou mesmo cinco elementos (ver [Quadro 1](#)).

A análise do [Quadro 1](#) nos permite evidenciar alguns fatos:

- A maioria das esfinges tem três elementos: as de dois, quatro e cinco são mais raras.
- A serpente está presente em mais da metade.
- O leão e a águia são os mais freqüentes.

Fizemos o Quadro apenas a título de guia inicial. Do ponto de vista metodológico, teríamos várias restrições a fazer.

- A amostra das esfinges aqui colhida ao acaso das pesquisas bibliográficas possivelmente não representa o universo, isto é, todas as esfinges existentes no mundo, e, de qualquer forma, o seu número é insuficiente.

Civilização de origem	Nº de Esfinges	Nº de Elementos				Homem	Leão	Boi	Asas	Serpente	Cavalo	Escorpião	Animal Desconhecido
		2	3	4	5								
Egípcia	8	1	7			8	8			7			
Persa	3			2	1	3	1	1	3	3	1	1	
Assiria	2			1	1	2	1	2	2	2			
Grega	2		2			2	2		2				
Outras	6	1	4	1		6	4	1	4	1			2
Total	21	2	13	4	2	21	16	4	11	13	1	1	2

Quadro 1

— Existem tradições que afirmam que a parte traseira das esfinges seria de boi, quando a parte dianteira é de leão: e, quando as patas são de boi, o corpo seria de leão. São fatos difíceis de verificar, a não ser por um estudo anatómico de todas as esfinges, o que implicaria um deslocamento de especialistas junto de cada modelo original.

Esta dúvida implica, logicamente, em tornar relativos os dados do [Quadro 1](#), quanto ao número de elementos encontrados nas esfinges.

No entanto, o [Quadro I](#) evidencia um fato importante para a nossa análise: a existência de uma variação de número de elementos, variação esta para a qual encontramos umas hipóteses que o leitor compreenderá mais adiante. Podemos adiantar, no entanto, que se trata, possivelmente, do que Piaget chamaria de "Centrações da Percepção" diferentes e, possivelmente, de fases evolutivas de conceitos cosmológicos e psicossomáticos, através dos séculos e das civilizações.

A insuficiência numérica da nossa própria iconografia nos levou a procurar outras fontes. Encontramos um autor que fez o que nos parece o estudo mais exaustivo até agora empreendido: Dessenne, numa tese de doutoramento, estudou mais de trezentas esfinges, catalogou-as e as descreveu metodicamente. A sua iconografia provém do Egito, Chipre, Grécia, Creta, Rodes, Mesopotâmia, Coríntia e Síria, entre outros países. O seu estudo se limitou, no entanto, a esfinges de mais de 1.000 AC, com cabeça humana e corpo de Leão (214).

A iconografia de Dessenne nos foi muito preciosa, pois nos permitiu uma base estatística mais sólida para fazer certas demonstrações. A primeira delas é a que vamos fazer logo a seguir: refere-se ao número de elementos nas esfinges da amostra colhida por ele.

Antes, porém, queremos ainda fazer uma ressalva: seria de todo desejável que esta estatística fosse controlada por especialistas em arqueologia ou etnologia, pois, tanto no que se refere à serpente, como às asas, surgem certas dúvidas, felizmente minoritárias, suscetíveis de modificar um pouco os dados que ora publicamos.

De qualquer forma, isto não alteraria o fato da existência de variações quanto ao número de elementos, nem da combinação dos elementos entre si.

Tal como a nossa modesta iconografia, a maioria das esfinges recenseadas tem uma composição ternária. Em segundo lugar vêm as de composição quaternária e, em terceiro lugar, as de composição binária.

Esses dados estatísticos vão nos permitir precisar melhor o que entendemos por "esfinge".

N de Elementos	Natureza	Frequência
	(Leão-homem) (E. Binária)	30
	(Mais asas ou serpente) (E. Ternária)	131
	(Mais asas e serpente) (E. Quaternária)	104
Identificação difícil		70
Total		335

Quadro II

3. TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

O grande Larousse Enciclopédico [\(236\)](#) define a esfinge ou "sphynx" como monstro que era filho de Equidna e de Tífon no mito de Édipo. Vem do grego e da palavra egípcia, chepes ou chepes-ankh, e significa um leão deitado ou em pé, em geral com cabeça de homem.

É este o sentido que adotou também Dessenne na sua pesquisa iconográfica [\(214\)](#), que o distingue dos Kerub's ou touros alados, também com cabeça de homem. Dicionários alemães, ingleses, espanhóis e portugueses, seguem a mesma linha.

A respeito dos touros alados, diz Cemborain [\(5\)](#) que os "touros antropocéfalos, de marcado caráter assírio,... são, em realidade, esfinges de caráter ornamental".

Papus [\(178\)](#) e Wirth [\(199\)](#) incluem também o boi como elemento das esfinges. O mesmo faz Cirlot no seu dicionário de símbolos, quando escreve: "Ser fabuloso composto de partes de ser humano e de quatro animais. A de Tebas tinha cabeça e seios de mulher, corpo de touro ou cachorro, garras de leão, cauda de dragão e asas de águia" [\(177\)](#).

O próprio Dessenne inclui os querubins, como sendo provavelmente esfinges. Ora, os querubins, como veremos mais adiante, eram compostos de leão, boi, águia e Homem. Excluindo os touros alados e incluindo os querubins, entre as esfinges, Dessenne passa a refletir para nós o problema geral que nos preocupa aqui: o de uma definição exata do que é uma esfinge.

As estatísticas que levantamos nos levam na realidade a um círculo vicioso.

Para levantá-las, é preciso definir o que é uma esfinge e para definir o que é uma esfinge, temos que fazer um levantamento estatístico da composição das esfinges...

Temos consciência da impropriedade da palavra esfinge para simbolizar todas as espécies de representações polimorfas em que entra o homem junto com o boi ou o leão, sobretudo que estes seres assumiram vários nomes conforme a civilização em que foram reproduzidos.

O problema se complica ainda mais, se pensarmos que a palavra esfinge também é usada no caso de apresentações polimorfas de leão com cabeça de carneiro (5). O minotauro é uma combinação de homem com touro, apenas que a cabeça é de touro e o corpo é de homem. Não é considerado esfinge.

Muitos definem a esfinge com asas, pensando nas esfinges gregas ligadas à lenda de Édipo.

E quando se representa um leão com cabeça de boi e asas de águia, ele assume o nome de grifão. E um homem com asas só, vira anjo... Ou serafim. E com corpo de cavalo, assume o nome de "centauro". A "quimera" tem corpo de bode e garras de leão.

Assim sendo, temos que tomar partido entre dois tipos de definições que encontramos: o sentido restrito ao leão e homem com eventuais asas e serpente, ou o sentido lato, que inclui também o boi neste conjunto polimórfico.

Empregamos a palavra esfinge, simplesmente por ela ser mais conhecida e usada na nossa civilização. Termo mais apropriado seria talvez o de tetramorfo. Mas, infelizmente, nem todas as esfinges são compostas de quatro partes.

Eis a definição que adotaremos:

O nosso estudo vai se limitar às esfinges humanas. Seres polimorfos compostos de cabeça humana, corpo de boi ou de leão aos quais podem ser acrescentados serpentes e asas. Outros estudos são possíveis, sobre outros seres polimorfos, e não seria surpresa para nós, se eles confirmassem apenas esta nossa análise. São, provavelmente, outras combinações simbólicas da estrutura humana ou animal, possivelmente em função do estado evolutivo que se encara [\(211\)](#).

Se incluimos o boi ou touro na definição, é porque foi tetramorfo "boi, leão, águia, homem" o ponto de partida da nossa pesquisa, conforme contamos na nossa

introdução. Além disto, como o veremos adiante, o nosso próprio trabalho indica haver certa continuidade entre este tipo de seres polimorfos egípcios e das outras civilizações inclusive a judeu cristã, que parecem constituir sofisticações do modelo original egípcio.

Este livro, com intenção de abrir uma clareira na mata virgem das. Interpretações simbólicas sobre as esfinges, tratará o problema da esfinge de maneira genérica, como se pertencessem à mesma "cultura todas as esfinges existentes no mundo.

Isto nos permitirá, talvez, elaborar modelos de pesquisas os quais poderão servir para pesquisar e analisar esfinges em cada cultura, o que poderá ser feito por especialistas daquela cultura. É verdade que diferenças estilísticas foram notadas por autores, como Dessenne, entre esfinges de várias culturas; as pesquisas realizadas por este autor coloca em relevo que cada esfinge assimilou o estilo próprio à civilização a que pertence. Assim, existe o estilo original egípcio. Os sírios, ao adotarem a esfinge, a adaptaram ao seu estilo. Passou a ser apresentada sentada; o rabo adquiriu a forma de um S; a barba tornou se opulenta; o Uraeus invadiu a cabeça até atrás. Do mesmo modo, existem particularidades próprias às esfinges hititas, fenícias, babilônicas, etc.

Acontece que o nosso estudo não é estilístico, mas sim simbólico, antes de mais nada. Ora, os elementos componentes das esfinges de todas estas civilizações, como o atesta o trabalho de Dessenne, não se dissociaram através dos tempos. O estilo evoluiu; as posições, o sexo, as asas, a forma da serpente, a barba ou o chapéu, mudaram de estilo. As nossas estatísticas mostram que há também variações de número de elementos. Mas um fato permanece: os mesmos elementos são reencontrados em várias civilizações e cobrindo cinco milenares no tempo, pelos menos (269).

Isto justifica o nosso tratamento "genérico" e.. sincrético". Falaremos em esfinge e nos seus elementos, dentro da definição já dada mais acima, isto é: o boi, o leão, a águia, a serpente e o homem, embora saibamos que nem sempre estes elementos se encontrem juntos; constituem, no entanto, a última forma em que os encontramos nos textos sagrados da civilização judeu cristã.

Repetimos que serão necessários estudos simbólicos e estruturais levando

em conta, também, fatores próprios a cada civilização. Nestes estudos, as variações de estilo deverão ser levadas em consideração, pois, muitas possuem, possivelmente, valor simbólico próprio.

Vamos, agora, abordar a análise simbólica da esfinge no seu todo. Isto será feito no próximo capítulo e continuado nos capítulos posteriores, a partir da análise de cada animal.

CAPÍTULO 2

A Esfinge como Símbolo?

4. INTERPRETAÇÕES SIMBÓLICAS DE ESFINGE

Quando começamos a procurar, em diferentes autores, seja esotéricos, seja cientistas sociais ou humanos, esbarramos numa grande dificuldade. Além de serem poucos os que abordaram o problema da esfinge de maneira extensa, as hipóteses aventadas eram bastante diversas e, pelo menos em aparência, muitas vezes contraditórias. Monografias ou livros sobre esfinge são raríssimos.

Parece que cada um via um aspecto diferente da esfinge. ou encarava uma esfinge diferente. Uma estrutura polimorfa como a esfinge, com efeito, deixa margem para projetar nela as estruturas mentais, concepções filosóficas ou científicas de cada autor. Separar o que é projeção e o que é realidade (e às vezes ambos) é uma das tarefas que nós nos propusemos quando iniciamos este livro.

Apenas para dar uma idéia da diversidade de opiniões encontradas, passamos a resumir, a seguir, opiniões emitidas por vários autores, na sua maioria esotéricos, alguns ligados às ciências humanas, sociais ou arqueológicas.

M. A. Matthers (174), na sua introdução ao Sepher Jezirah, disse que a doutrina secreta contida no Apocalipse de São João tem raízes na cabala judaica já que os quatro Animais da Visão de São João se fundem com os quatro animais da visão do profeta judeu. Entretanto, as raízes são mais longínquas, diz ele, já que os quatro animais se fundam num só, na esfinge egípcia. Mas, antes ainda, encontra-se na Índia a deusa Adda Nari com cabeça de anjo, equilibrando a luta entre o animal feroz e o touro pacífico.

Eliphas Levi [\(175\)](#) fala de quatro sinais elementares e astronômicos sob as quatro formas da esfinge e dos quatro animais de Ezequiel e de São João.

Disse Paul Brunton, a respeito da esfinge de Giseh, que ela encarna a força do leão, a inteligência do homem e a serenidade espiritual dos deuses. Ela nos ensina que o ser humano, mediante o domínio de si próprio, pode sobrepor-se ao animal que traz no seu interior, e dominá-lo. Faz ainda referência à serpente ou Uraeus frontal [\(176\)](#).

H. P. Blavatsky se refere à esfinge como um ser com corpo de animal e a cara de super homem, deixando também entender uma simbolização do domínio do animal no homem e pelo homem [\(135\)](#).

Cemborain L. (5) cita a corrente de antropólogos que sustentava O valor simbólico da esfinge, como representando a dicotomia espírito matéria, mas defende a tese de que as esfinges eram deuses solares.

É nos livros sobre o Tarô Adivinhatório (119, 200) que encontramos grande número de interpretações simbólicas a respeito da esfinge, pois ela aparece em quatro ou mais cartas do baralho, o qual é depositário uma tradição esotérica muita antiga, pois tudo indica que, como veremos mais adiante, há correspondência entre o Tarô dos ciganos e a cabala hebraica. Encontramos três destes jogos: embora o estilo das imagens difira de um jogo ao outro, as esfinges aparecem nas mesmas cartas. Oswald Wirth e Papus, principalmente, escreveram obras de síntese sobre o Tarô. É nelas que encontramos explicações bastante esclarecedoras sobre o simbolismo da esfinge e sobre os animais que a compõem. Vamos, aqui, resumir as idéias expostas, pois iremos voltar a elas em outras partes do presente livro.

A esfinge, conforme as cartas do Tarô em que aparece, representa:

- As três incógnitas eternas: De onde viemos, o Que somos e para onde vamos?
- Duas esfinges, uma branca e uma preta, simbolizam os antagonismos vitais que levam a um paralelograma de forças (Fig. 50).
- A esfinge parece também como equilibradora destas forças bipolares: bem e mal, positivo, negativo, etc. É o princípio de equilíbrio que assegura a estabilidade transitória das forças individuais (Fig. 53).

É no arcano 22 do Tarô que encontramos, ao mesmo tempo que a síntese do Tarô e a Criação, os quatro animais da esfinge. Eis as diversas correspondências que encontramos nos autores citados. São correspondências derivadas, em grande parte, da tradição cabalística, cada uma tendo também valor simbólico, não podendo ser interpretado ao pé da letra.

	Boi	Leão	Águia	Homem (ou Anjo)
Elementos	Terra	Fogo	Ar	Água
Evangelistas	Lucas	Marcos	João	Mateus
Cores	Preto	Vermelho	Azul	Verde
Estações	Primavera	Verão	Outono	Inverno
Planetas	Saturno	Marte	Júpiter	Vênus
Metais	Chumbo	Ferro	Estanho	Cobre
Qualidades	Frio-seco	Quente-seco	Quente-úmido	Frio-úmido

elementares				
Letra hebraica de Jehovah	Hei	Iod	Vau	Hei
Letra hebraica cabalística	Mem.	Schin	Alef	Mem
Simbolismo	Poder de Geração	Força do Universo	Saber	Elevação Consciência do bem e do mal

Quadro III

Que estranha mistura de dados de física, astronomia, lingüística, climatologia, religião e simbologia! À medida que vamos indo adiante na presente obra, muitos destes dados irão .tomando seu devido 1º lugar. Por ora, eles entram numa categoria geral que poderíamos chamar de "cosmológica".

No seu "Dicionário de Símbolos", J. Eduardo Cirlot (177) diz que na tradição esotérica a esfinge sintetiza toda a ciência do passado. Por trás dela se esconde o mito da multiplicidade e da fragmentação do cosmos; é um símbolo que unifica, ainda que dentro da heterogeneidade dos quatro elementos e da quintessência do espírito.

No Teste de Rorschach foram encontrados dois autores atribuindo valor simbólico á esfinge:

Ego e Inconsciente — Augras M. (281)

Insegurança interior e sentimento de insuficiência a respeito da estrutura interna.

Adrados I. (278). Esta última interpretação provém do estereótipo atual da esfinge como enigma.

Papus, que estudou as correspondências entre o tarô dos ciganos e a árvore sefirótica da cabala de Israel, é que mais escreveu sobre o significado simbólico da esfinge. O seu capítulo sobre a Constituição do Homem está inteiramente consagrado a estabelecer um paralelo entre a esfinge como símbolo da constituição do homem. Tem ele reconstituído, através dos seus estudos da constituição anátomo-fisiológica do homem (era ele médico) e da estrutura cosmológica cabalística (era esoterista), a hierarquia dos animais da esfinge. Muito nos

inspiramos no seu trabalho no presente livro (178).

Na sua obra sobre Antropologia Estrutural, Lévi Strauss, a título de ilustração do método de abordagem estruturalista, faz uma análise do mito edipiano e estabelece curiosas relações entre vários fragmentos. Reproduzimos aqui a disposição dos "mitemas", feita por Lévi Strauss, indicando o significado dos agrupamentos por ele feitos. Neles aparece a esfinge.

1	2	3	4
Relações de parentesco superestimadas	Relações de parentesco subestimadas	Matança de Monstros	Nomes evocando dificuldades de andar corretamente
Cadmo procura sua irmã Europa, raptada por Zeus	Édipo mata o Pai laio	Édipo imola a esfinge	Lábdaco (Pai de Laio): "Coxo" (?) Laio (Pai de Édipo): "Torto" (?) Édipo: Pé-inchado (?).
Édipo esposa Jocasta, sua Mãe Antígona enterra Polinice, seu irmão violando a interdição	Etéocles mata o seu irmão Polinice		

Qual a relação entre andar patológico, matar monstros como a esfinge, a relação incestuosa e o mito de Édipo? Lévi-Strauss adota aí uma interpretação da esfinge como monstro bissexuado e de caráter ctônico, isto é, provindo da Terra; traça um paralelo com mitos de índios norte-americanos, onde também os seres ctônicos nasciam com deficiências físicas nos pés. Assim, a coluna quatro tem com a coluna três (autoctonia) a mesma relação que a coluna dois com a coluna um (201-202).

Interessante é comparar esta interpretação com a que foi dada para o mesmo fato (pé inchado ligado com a esfinge) pelo teósofo Mário Roso de Luna. Para ele a resposta dada por Édipo á esfinge simboliza as três grandes perguntas feitas em todos os tempos pela humanidade: "De onde viemos, quem somos e onde vamos?", e não apenas a infância, a idade madura e a velhice; e a resposta, em síntese, é a seguinte: No começo andamos com quatro pés, tal como os animais. Hoje somos seres diádicos ou binários. Temos dentro de nós um animal e um anjo; andamos com dois pés. Amanhã os dois pés serão três, pois teremos evoluído. Os dois primeiros elementos serão unidos por um terceiro, a mente, formando assim

uma estrutura ternária. Os "pés inchados" de Édipo se formaram de tanto caminhar, pois Édipo também era um símbolo: o do peregrino rebelde perseguido pelos homens bastardos como a esfinge (203).

Para R. Diehl a esfinge simboliza depravação e dominação perversa que Édipo atacou em laiose no seu duplo simbólico, a própria esfinge.

Ela representa a perversidade do homem, visto como ser animal. dipo, pela sua enfermidade no pé, é impossibilitado de se elevar acima do animal. Ele mesmo é obrigado a andar com uma bengala, isto é, com "três pernas"; para lutar contra a banalização, contra a morte do espírito, ele precisaria erguer se sobre dois pé (211).

C. G. Jung, analisando o sonho de cliente, interpreta a esfinge como símbolo da mãe ruim, referindo se ao monstro eliminado por Édipo (128). Embora citasse os animais símbolos dos Quatro Evangelistas e os comparasse com animais egípcios (79), deixou de fazer a aproximação com a esfinge. Para E. Fromm (217, 218), a esfinge é símbolo de matriarcado.

À medida que citamos os autores modernos que falaram sobre a esfinge, vemos se perfilando uma série de categorias interpretativas sobre o significado simbólico da esfinge. Vamos enumerá-las a seguir:

- A esfinge como símbolo do domínio ou luta do homem com a natureza.
- A esfinge como modelo psicossomático. Ênfases em estruturas unitárias, binárias, ternárias e quaternárias.
- A esfinge como símbolo evolutivo do homem e da humanidade, desde as suas origens.
- A esfinge como símbolo e modelo cosmo lógico.
- **As ligações da esfinge com escolas esotéricas e religiões, mais particularmente o cristianismo e o judaísmo.**

5. O ELO ENTRE A ESFINGE E OS ANIMAIS SÍMBOLOS DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

São estas as ligações que nos escapavam do ponto de vista metodológico, pois estava faltando um elo palpável que pudesse comprovar objetivamente os paralelos citados entre os animais das esfinges e os mesmos citados na Bíblia e na cabala. Este elo, nós o encontramos nos querubins, que nos levaram a afirmar a hipótese de simbologia cosmológica da esfinge.

O que foi inesperado para nós foi a descoberta de a esfinge ter também sido introduzida na religião judaica e cristã. Foi por acaso que encontramos [\(69\)](#), numa Enciclopédia Judaica, a reprodução de um querubim () com corpo de leão, asa de águia e cabeça de homem'. Procurando a origem da palavra querubim, verificamos que vinha de kerub, nome dado a uma esfinge de Kharsabad [\(Fig. 5\)](#) [\(236, 70\)](#) esfinge que tem pé de touro, cauda de leão, asas de aguia e cabeça de homem. Era exatamente a esfinge que estávamos. procurando, pois o livro de Papus [\(178\)](#) fala insistentemente numa esfinge com estas quatro partes, sem no entanto indicar as suas fontes.

A palavra kerub vem do acadiano karabu, que significa "rezar, abençoar". Mas existe também uma versão segundo a qual. Seria uma combinação de quatro letras KRUB, cada uma sendo a primeira letra do animal da esfinge [\(71\)](#). A este respeito fizemos uma descoberta descrita mais adiante.

No Egito a esfinge se chamava Seshey, o que significa poder de iluminar [\(72\)](#), ou ainda "Hor em akhet", Horus no Horizonte [\(215\)](#). Ora, a prece, em toda tradição religiosa oriental, é, na realidade, um recurso para chegar à iluminação interior, à revelação. Isto é um dado muito importante, que nos servirá de subsídio mais adiante, nesta nossa análise.

De qualquer modo, esta breve digressão etimológica já nos indica que muito provavelmente a esfinge não era apenas um deus. Pode ter sido adorada como tal pelo povo que não tinha a formação necessária para perceber o seu valor simbólico. Mas tudo indica que, para os sacerdotes, tinha outro significado, significado este que Moisés levou e transmitiu na cabala, como reação à idolatria que reinava no Egito na sua época.

Com efeito, seria um contra senso muito grande Introduzir numa religião monoteísta um Deus feito de animais alados. Além do mais Moisés proibiu terminantemente a confecção de qualquer imagem, e quebrou as primeiras tábuas da Lei, por causa do ídolo de ouro. Ora, apesar desta proibição, Moisés recebeu ordem de colocar dois querubins de ouro na Arca da Aliança, e, ainda mais, reproduzi-los de modo artístico nos tapetes do Tabernáculo [\(73\)](#). Que estátuas importantes!... Acontece que os querubins aparecem já no Gênese [\(74\)](#) guardando o caminho da árvore da vida, depois da expulsão de Adão e Eva. O rei Salomão

mandou colocá-los no Templo de Jerusalém (75-76). E os querubins reaparecem na cabala (78), exatamente na árvore da vida ou sefirot's numa ordem hierárquica de Anjos. Ezequiel descreveu os animais da esfinge na sua visão (77) e São João no Apocalipse (112). Mais tarde os monges medievais reproduzem na pedra os animais da esfinge, como simbolizando os quatro evangelistas em torno de Cristo, da mesma forma que os Filhos de Horus. Esta comparação foi feita por Jung (79), a respeito do símbolo quaternário (Fig. 10). Mercúrio também aparece com animais da esfinge (14).

No Sepher-Hazohar da cabala encontramos uma referência ao valor simbólico dos animais como representando personagens bíblicas:

"Quando os israelitas chegarão no mês de Tischri, terão eles o apoio do lado direito. do Messias filho de Davi, que é simbolizado pelo leão... O Messias, filho de Davi, é o leão do lado direito do carro lado de Abraham. O Messias filho de Josef, é o touro que está ao lado esquerdo do carro, lado de Isaac. A águia que está no meio do carro simboliza Moisés (ou Jacó), é a "Coluna do Meio". O Schin do nome de Moisés designa as três figuras dos Patriarcas, chamados os "Leões da Manhã". Eles são do lado direito, do lado do leão. Do lado esquerdo se encontra o touro que combate. No meio se encontram as águias (315).

Na Palestina, escavações permitiram encontrar querubins de 700 aC, mais particularmente, relevos em marfim de Samaria (113) (Fig. 7).

6. OS QUERUBINS DOS TEXTOS BÍBLICOS

Os textos bíblicos confirmam plenamente a existência dos querubins como esfinges.

São realmente impressionantes, para quem está estudando a hipótese da esfinge como símbolo, os textos bíblicos que fazem referência ou aos três animais que a compõem, o boi, o leão e a águia, ou aos querubins.

Vamos aqui citar estes textos. Pelo menos os principais.

O primeiro texto se encontra no Gênesis "... E assim que Ele expulsou Adão; e Ele colocou no oriente do Jardim do Éden os querubins que agitam uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida" (74).

Mais tarde, Jeová ordena a Moisés: Tu farás dois querubins de ouro, tu os farás de ouro batido, às duas extremidades do propiciatório. Farás um querubim numa extremidade e o outro querubim na outra extremidade. Tu farás os querubins, saindo do propiciatório as suas duas extremidades. Os querubins estenderão as suas asas por cima, cobrindo o propiciatório com as asas e fazendo frente um ao outro. Os querubins terão a face virada em direção ao propiciatório... entre os dois querubins, colocados sobre a arca do testemunho, é que lhe darei todas as minhas ordens para os filhos de Israel" (73). Como eram importantes estes querubins!

E, um pouco mais adiante, com muitos detalhes, Deus manda fazer o Candelabro de Sete Velas, o qual, como vamos ver mais adiante, é um dos símbolos da árvore da vida.

Mas não contente com isto, Deus ainda mandou tecer querubins nos dez tapetes do Tabernáculo: ..."Tu representarás neles querubins artisticamente trabalhados"... (73).

O mesmo vai se passar em Jerusalém, no Templo de Salomão. "Ele fez, na casa do santo lugar, dois querubins esculpidos, e foram recobertos de ouro... Ele fez o véu azul, vermelho... e representou neles querubins" (76).

A descrição que Ezequiel dá dos querubins do Templo é mais uma prova, além da origem da palavra (kerub: esfinge assíria). de que os querubins eram esfinges:... "Cada querubim tinha duas faces: uma face de homem, e uma face de leão" (111).

Na sua visão, Ezequiel descreve os querubins com inúmeros detalhes. "No centro aparecem quatro animais, cujo aspecto tinha semelhança humana. Cada um tinha quatro faces e quatro asas. Os seus pés eram retos e a planta dos seus pés era como a da pata de um boi. Tinha mãos de homem debaixo das asas... todos tinham uma face de homem todos os quatro uma face de leão à direita, todos uma face de boi à esquerda, e todos os quatro uma face de águia..." (77)

Mas a história não pára aí. Voltam os animais no Novo Testamento em São João descrevendo o Apocalipse:... "Diante do trono, estão queimando sete luzes ardentes que são os sete espíritos de Deus. No meio do trono e em volta dele, há quatro seres vivos com olhos na frente e atrás. O primeiro ser vivo é semelhante a um leão; o segundo, a um boi; o terceiro ser vivo tem face de um homem e o quarto

ser vivo parece uma águia que voa..." (II 2). As sete luzes lembram estranhamente a Candelabro de Sete Velas, isto é, a árvore da vida.

Aliás, quem conhece algo da cabala e, mais particularmente, dos dez sefirot's, encontrará a cada passo do relato de São João (114) a numerologia cabalística. Há uma frase bastante interessante de São João, mostrando insofismavelmente a relação entre os animais e a numerologia: ... "e que ninguém pudesse comprar nem vender, sem ter a marca, o nome do animal ou o número de seu nome. Eis a Sabedoria. Que este que tem a inteligência calcule o número do animal. Pois é um número de homem e o seu número é seiscentos e sessenta e seis". Veja só o leitor, "calcule o número do animal"... É exatamente o que procuramos fazer no presente livro. Poderíamos começar por dizer que 666 contém várias vezes o ternário (três vezes seis, e seis é duas vezes três), e que na árvore sefirótica o número seis (Vau) simboliza ao mesmo tempo a harmonia e o tetragrama (JHVH). Mas estamos antecipando.

7. HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DOS MITEMAS BÍBLICOS

Segundo as tradições esotéricas, tanto Moisés como Cristo receberam iniciação secreta em tempos iniciáticos.

Jesus, naquela fase da vida em que as escrituras ficaram silenciosas, isto é, na sua adolescência, teria freqüentado templos do Egito e mesmo de Roma. Todos os aspectos da sua vida lembram a vida dos grandes mestres da Índia, mais particularmente Krishna (249). Os essênios, dos quais ele teria sido um mestre, segundo os "documentos do Mar Morto" e segundo a tradição esotérica, eram uma coletividade esotérica.

Como o demonstra Freud no seu trabalho sobre Moisés (8), culturalmente Moisés era, antes de tudo, um egípcio. Há inúmeros indícios de que foi ele iniciado pelos sacerdotes da Grande Pirâmide em toda tradição esotérica, provindo, segundo certas escolas esotéricas, dos atlantes. Entre os ensinamentos que recebeu, podia muito bem figurar o simbolismo da esfinge, que transmitiu por tradição oral através da cabala, a qual chegou até São João no Apocalipse.

A existência de tradições exotéricas e esotéricas nas religiões vem reforçar esta nossa hipótese. É disto que vamos tratar a seguir.

8. SIGNIFICADOS EXOTÉRICOS E ESOTÉRICOS

Quase todas as religiões têm usos, costumes, rituais que se destinam ao público, assim como rituais, interpretações simbólicas, reservados para uma elite sacerdotal de iniciados. A primeira categoria, "exotérica", aparece sob forma de rituais, **estátuas, vestuário, textos sagrados, cujo significado pode ser** completamente diferente do ensinado em segredo, de boca em boca, por "tradições orais" e "esotéricas".

Os mosteiros do Tibet têm uma parte externa aberta ao público. Só os iniciados têm direito de penetrar, progressivamente, na parte interna.

Só podemos entender um fenômeno como a esfinge se aceitarmos a existência do esoterismo como fato histórico, sem nos deixarmos levar por estereótipos ou simpatias ou antipatias a respeito.

Luc Benoist é um dos raros autores que aborda o esoterismo dentro de um critério puramente descritivo, fazendo dele um fato histórico, passível de análise objetiva. Benoist distingue as seguintes escolas esotéricas:

No Oriente: A tradição hindu dos Vedas. O budismo. O taoísmo chinês. O zenbudismo. A tradição hebraica da cabala. A tradição islâmica.

No Ocidente: O esoterismo cristão (essênios). Hesiquiasmo ortodoxo, **Templários, Fiéis do Amor, Rosa Cruzes. A cosmologia hermética, a** companheiragem e a Maçonaria, Mestre Eckhart e Nicolau de Cusa, a teosofia, o tradicionalismo românico e o renascimento oriental (275).

Para confirmar esta prática na antiguidade encontramos o seguinte texto no Bhagavad Gítá: "Muitos há que, saciando se com as letras (ou com o sentido exterior, superficial) das Sagradas Escrituras e doutrinas e não podendo perceber o seu verdadeiro sentido interior, acham grande deleite em controvérsias técnicas do texto, em definições monstruosas e abstrusas interpretações; ou ainda: "Mas não deves confundir, com estas idéias, as cabeças dos homens inexperientes... deixa-os fazer o melhor que podem. Mas tu e os outros sábios deveis agir em harmonia comigo, animando os outros á atividade, e dando-lhes o exemplo" (83).

É nos templos e monumentos que encontramos muitas mensagens de natureza esotérica.

A grande Pirâmide, além de estar situada exatamente a 30° de latitude Norte, continha mensagens matemáticas, astronômicas e geográficas, entre outras, o número Pi e o cálculo exato das dimensões do raio polar terrestre.

O Egito tinha os seus ritos secretos, aos quais só iniciados tinham acesso, entre os quais os Faraós (e provavelmente Platão, Pitágoras e Moisés).

A grande Pirâmide de Giseh era, provavelmente, um dos templos para as iniciações esotéricas, e era guardada pela Grande Esfinge. É plausível que a grande Pirâmide contivesse as mensagens das Ciências Físicas, enquanto a esfinge, as das Ciências Humanas.

Uma das obras que permitirá talvez, através de uma análise estruturalista, compreender melhor a esfinge e controlar, as hipóteses levantadas no presente trabalho, é o Livro dos Mortos egípcio. Como o mostra Kolpaktchy na sua Introdução, o Livro dos Mortos consta de Capítulos ou Cânticos que são uma espécie de vulgarização dos Mistérios Iniciáticos dos egípcios. Estes mistérios eram muito bem guardados até a queda da VI dinastia, aproximadamente 2.400 aC. e eram reservados para uma elite (reis, conselheiros íntimos e altos dignitários). Houve, nesta época, uma "traição" destes mistérios, que permitiam alcançar a vida eterna. Houve uma espécie de "socialização" deste direito. Graças a esta socialização do direito á imortalidade da alma, temos hoje documentos escritos que nos permitem uma idéia do que constavam estes "mistérios". Continua, no entanto, um sistema de codificação hermético que impede maior compreensão destes textos. Será necessário, diz o autor, reconstituir uma "egiptologia esotérica", pois a simples tradução dos hieróglifos não leva a nada [\(267\)](#).

Na religião judaica existe a Bíblia ao alcance do povo e uma tradição oral, conhecida sob o nome de cabala, reservada para os sacerdotes e mais tarde rabinos iniciados que a colocaram por escrito. A cabala é uma interpretação e complementação esotérica da Bíblia (7, [21, 307](#)).

Com efeito, há indícios na Bíblia que mostram que, além do texto bíblico propriamente dito e destinado ao povo, havia uma tradição oral, transmitida por Moisés aos sacerdotes escolhidos por ele. Moisés seguiu nisto o método dos sacerdotes egípcios. Para estes, a mesma palavra podia ter o sentido próprio, figurado ou simbólico, ou ainda hieroglífico ou numérico ([81, 307](#)).

Cristo continuou esta tradição, pois São João (82) também distingue estes dois tipos de ensinamentos quando disse textualmente:.."quando eu lhes visitei, não foi com uma superioridade de linguagem ou sabedoria que eu fui lhes anunciar o testemunho de Deus... No entanto, é uma sabedoria que pregamos entre os perfeitos, sabedoria que não pertence a este século, nem aos chefes deste século... são coisas que o olho não viu, que o ouvido não ouviu e que não subiram no coração do homem".

Pitágoras e Platão também distinguiam, nos seus ensinamentos, os exotéricos e os esotéricos reservados para os iniciados. Ora também eles tinham feito estágios no Egito.

Mas não é. só na Índia, no Egito, na Grécia, em Israel ou entre os. cnstaos que existe esta duplicidade de ensinamentos. Também os chlnes.a adotavam. Eis, por exemplo, as palavras de Lao Tse, no Tao Te King, que e, como se sabe, um tratado sobre o princípio e a arte de Viver, segundo os antigos mestres chineses:

Na antigüidade, os mais versados na Via
(mestres e letrados) não iluminavam por isto o povo
Pois todas as luzes não vão aos homens. (82)

Inúmeras sociedades iniciáticas atuais, tais como a teosofia, a maçonaria, os rosa cruces, o espiritismo, as umbandas, etc receberam tradições de uma ou várias fontes.

Os monges construtores das igrejas medievais teriam feito parte de sociedades iniciáticas, o que explica a existência de inúmeros símbolos nestes monumentos (IO – 15). Mais particularmente símbolos animais.

Assim, estátuas como a esfinge podiam muito bem significar um deus para o uso externo e ser portadora de mensagens simbólicas intencionalmente deixadas pelos seus autores. O mesmo pode se dizer dos ritos que tinham um valor mágico para o povo e eram apenas símbolos para os sábios.

Assim, se nós examinamos mais de perto os símbolos animais da esfinge, conseguiremos talvez nos aproximar das intenções dos seus construtores ou escultores.

É o que vamos fazer no próximo capítulo. Antes, porém, queremos assinalar

alguns aspectos da esfinge, suscetíveis de significado simbólico.

9. A POSIÇÃO DA ESFINGE

É possível também que a posição da esfinge assuma determinado Com efeito, a estatística que fizemos com os dados de Dessenne acusou os seguintes fatos:

Posição	Freqüência
Ereta sobre duas patas	18
Sobre quatro patas	103
Sentadas	76
Deitadas com cabeça	= 20,20
Ereta	83
Identificação difícil	55
Total	335

O Teste de nos permite afirmar com alta segurança que a maioria das esfinges está em pé nas quatro patas (algumas andando); em segundo lugar vêm as efinges deitadas ou sentadas. Poucas são as efinges em posição ereta. Isto significa que quase duzentas efinges assumem uma posição especificamente animal, enquanto só dezoito têm uma posição intencionalmente humana.

Para compensar este fato, todas as esfinges deitadas mantêm a cabeça humana ereta, o que parece simbolizar o primado do humano sobre o animal.

10. CABEÇA COBERTA

Interessante é notar um aspecto que escapa à primeira análise: é que praticamente todas as esfinges têm a cabeça coberta por um chapéu. Dessenne cita, entre outros: tiara, berê, bonéfrégio, coroa, diadema, turbante, calota, capacete, mechas e plumas. Segundo Diehl (211) e Jung (246) cobrir a cabeça significaria invisibilidade e morte.

11. O SEXO

O sexo das esfinges mereceria uma estatística. Existem algumas esfinges com seios de mulher ou cabeça tipicamente feminina.

Em outras o sexo é reconhecidamente masculino por ser a cabeça de um

faraó, ou por ter barba. A análise do chapéu também permitiria identificar o sexo de algumas esfinges. Só um estudo muito especializado permitiria levantar uma estatística segura a respeito. Ainda segundo Dessenne, as esfinges egípcias seriam essencialmente masculinas. E muitos estão a se perguntar por que e como a esfinge grega se tornou feminina.

12. FUNÇÃO DE GUARDIÃ

Dessenne fala que encontrou esfinges na função de guardiãs de altar, de porta de santuários, templos e cerimônias mortuárias, ou de coluna, além da de guardiã da árvore já citada mais acima.

Segundo Oxford Dictionary, talvez a palavra esfinge teria a sua origem no grego "sfiggo", que significa estrangulador, o que vem ao encontro desta função de guardiã, sobre a qual voltaremos a falar mais adiante.

E agora passaremos a descrever interpretações simbólicas dos animais de esfinge.

CAPÍTULO 3

Os Símbolos Animais

13. OS SÍMBOLOS ANIMAIS NAS RELIGIÕES E NA PSICOLOGIA MODERNA

O uso de animais como símbolos é bastante antigo em quase todas as civilizações e religiões. Os Vedas, o Bhagavad Gitá que são os livros sagrados mais antigos da Índia e mesmo da humanidade, citam fartamente animais ao mesmo tempo divinos e simbólicos. "Entre os cavalos, sou Uttchaisrava, o cavalo de Indra (símbolo da poesia). Dos elefantes, sou Airavata (símbolo de sabedoria e grandeza)" (31). Existe uma interpretação esotérica do "Bardo Thödol", o Livro dos Mortos tibetano, segundo a qual os animais citados como objetos de reencarnação significariam, na realidade, a dominante temperamental que caracterizará o ser humano na sua nova encarnação (32).

A Bíblia é demasiado conhecida para lembrarmos da serpente do Gênesis, do "bode expiatório", dos animais da visão de Ezequiel, ou de recordação de São João, de "calcular o número do animal" (114).

A medida que examinamos mais de perto o significado simbólico de cada animal que compõe as esfinges, voltaremos a dar alguns exemplos tirados dos livros sagrados de diversas culturas.

De qualquer forma, como o mostra em particular Jung (33), na maioria das vezes os animais representam a nossa vida instintiva, a nossa "animalidade" como o indica, aliás, o próprio nome.

Jung se referia à sua experiência de psicanalista e o material utilizado era mais especialmente os sonhos.

Existem, no entanto, outras técnicas de investigação experimental do valor simbólico dos animais, que são os testes projetivos. Entre eles o Teste de Rorschach (interpretação de manchas de tinta) provoca muitas interpretações animais, as quais permitem, justamente através do simbolismo, tirar inferências sobre a estrutura da personalidade. Pedimos a nossa colega Prof. Elza Lima para procurar estudos estatísticos específicos sobre adjetivos dados aos animais componentes da esfinge, mas não encontrou nada a respeito. O que existe são interpretações simbólicas dadas por alguns autores, interpretações que iremos assinalar quando do estudo do simbolismo de cada animal em separado (278 e 292).

Outro teste projetivo é o "Bestiaire" de Zazzo e Mathon. Diz Zazzo que neste teste ele aproveitou uma tendência, tão antiga quanto o mundo, de simbolizar os caracteres do homem pelos caracteres dos animais e cita La Fontaine que afirma que, quando Prometeu quis formar o homem, tomou a qualidade dominante de cada animal, e dessas peças diferentes compôs a nossa espécie (278).

No "Bestiaire" de Zazzo, pede-se às crianças para dizer que animal gostaria de ser e qual não gostaria de ser.

Nesta pesquisa podemos verificar que:

- 1) Os animais apresentam realmente um valor simbólico, expresso nas razões que as crianças dão da sua escolha.
- 2) Que este valor simbólico já existe aos cinco anos de idade.
- 3) Que este valor simbólico tem conotações emocionais de atração ou repulsão.
- 4) Que o mesmo animal pode ter valor de atração para uns e de repulsão para outros, conforme o aspecto simbólico encarado. Por exemplo: uma criança escolhe o leão porque é o rei dos animais. Uma outra tem uma reação de "contra identificação" e não gostaria de ser leão porque é "mau e morde as crianças".
- 5) O leão e a serpente são rejeitados pela maioria das crianças. A águia não aparece. A vaca é escolhida pela maioria.

Pesquisa realizada no Brasil, em um grupo de menores infratores, de 14-18 anos, como o Teste "Bestiaire", por M. Silva Machado e Berta P. Maia (trabalho não publicado e gentilmente emprestado ao autor) confirma os valores simbólicos dados por crianças francesas aos diferentes animais. Interessante é notar uma diferença na ordenação das escolhas: O leão vem em primeiro lugar (22%) e adquire também o valor simbólico de libertação. Em segundo lugar vem o pássaro, que também simboliza a libertação. Como se trata de delinquentes internados, podemos avaliar o quanto os animais se prestam para projeções simbólicas, ainda mais se se considera que o pássaro, na pesquisa francesa, só aparece entre os últimos animais. É verdade que o confronto não é inteiramente válido, já que a pesquisa francesa se refere a crianças pré-adolescentes e pequenas, enquanto a pesquisa brasileira foi feita sobre adolescentes delinquentes. É possível que adolescentes normais dêem resultados idênticos já que a adolescência é a idade da libertação.

Outros autores colocam em relevo animais como símbolos de virtudes (34). Outros ainda mostram como os Animais simbolizavam ao mesmo tempo um deus e

uma das suas características principais como animal Por exemplo: o cachorro (ou chacal domesticado) era o símbolo do deus Anúbis, que guardava (fielmente como um cão) o mundo dos mortos (35).

Eis outro exemplo no que se refere ao leão, exemplo que encontramos no livro dos Mortos Egípcio, a respeito de Tum, que segundo Dessenne seria a esfinge.

" Me sinto vigoroso semelhante ao
Deus com dupla cabeça de leão... (273)

No Sepher Hazohar da cabala encontramos verdadeiro tratado de Caracteriologia Biotipológica. Eis 'um dos trechos referentes aos animais que nos interessam, que não deixa pairar dúvidas sobre a utilização dos animais como símbolos da caracteriologia humana:

" Os traços gerais transmitidos pela mãe formam quatro tipos gerais: cara de homem, cara de leão, cara de boi e cara de águia" (312).

Vamos, então, passar a examinar mais de perto o simbolismo dos animais das esfinges, pelo menos os que mais freqüentemente aparecem e que são: o leão, o touro (ou boi, ou vaca), a águia ou ave (quando representada pelas asas), a serpente (no Uraeus). Menos freqüentes são o cavalo, o carneiro, o escorpião e o cachorro (5).

14. O BOI

O touro e o boi simbolizam, segundo Jung (39), o instinto, a animalidade.

No Teste de Rorschach o touro e o boi são vistos por vários autores como símbolos de:

Potência fálica	M. Augras (281)
Força genética em geral	
A mãe dentro de nós	
Destruição	Holtzman (287)
Agressão	
Relação não resolvida com a figura paterna	
Problema com a Autoridade Philips	(289)

No Teste de "Bestiaire" de Zazzo (277), a vaca foi vista por crianças como representando:

Bondade, serviçalismo
Maldade

Gordura
Solidão
Matável

A deusa hindu Kamaduk, no Bhagavad Gitá, representava a fertilidade (31). Nos Vedas, Indra e Soma também eram representados por um touro nos textos sagrados. Ora, Indra era o deus dos combates e Soma era ao mesmo tempo uma bebida extasiante da imortalidade e um deus ritual (40). Para certos autores esotéricos mais recentes, o boi representa a obediência e o trabalho físico (41). Para o cristão, o boi representa São Lucas, por ser um animal de sacrifício e porque São Lucas iniciou pelo sacrifício oferecido por Zacarias. Representa também o sacrifício e a renúncia do cristão (34).

No Egito, uma cauda de touro era enrolada nas costas da cintura dos faraós, isto até o Império Romano.

Apis era deus solar dos egípcios e era representado por um touro em Mênfis. Encarnava o deus Ptah (265).

Em suma, o touro e o boi simbolizavam o instinto agressivo e sexual, o trabalho físico, a obediência, o sacrifício e a renúncia.

Convém lembrar ainda a característica evidente do boi como ruminante, isto é, animal essencialmente digestivo. Esta particularidade será importante quando reconstituirmos a simbologia da esfinge.

15. O LEÃO

O leão simbolizava a realeza. O penteado dos faraós era representado por uma juba de leão. Bastaria lembrar aqui, quase como lugar comum, o "leão da Judéia". No Bhagavad Gitá, o "Verbo Divino" afirma que entre as feras é o leão (31). O leão para os cristãos representava a coragem do cristão (36). Para os egípcios do tempo dos faraós, simbolizava ele a impulsividade (41). Temos também o sentimento em geral, a nobreza de alma, em "Ricardo Coração de leão". São Marcos era representado por um leão, pois era a foga da voz que pregava no deserto (36).

O leão é muitas vezes representado em frente ao coração humano, o que reforça o seu valor simbólico emocional (Fig. 15 - 4).

O leão era também considerado como símbolo do deus Rwti que era um deus guardião (215). E na Índia, Buda era chamado o leão da Lei (243).

O leão também simboliza aspectos negativos, como a destruição e a crueldade. É o caso da deusa Sekrnet, que era representada com cabeça de leoa, no Templo de Ptah, no Egito (37).

Um casal de leões, no túmulo de Tutancamon, simbolizava o hoje e o amanhã (38), o que é uma outra interpretação dada a este animal, visto como símbolo solar.

No Teste de "Bestiaire" de Zazzo, encontramos o leão como sendo um animal preferido pelas crianças do sexo masculino, embora com certa ambivalência e rejeitado por quase todas as crianças do sexo feminino. Para o sexo masculino, o leão representa força, dominação e prestígio enquanto que para o sexo feminino representa crueldade, feiura e cativo (278).

A maioria das interpretações simbólicas dadas ao leão poderia ser resumida da seguinte forma: coragem, impulsividade, sentimento, coração, agressão e dominação.

16. A ÁGUIA

A águia simboliza, para os antigos, a vista penetrante a quem nada escapa (42), isto é, a inteligência, a mente. Era também a ave de luz solar, pois era o único pássaro capaz de olhar o sol em frente. Por isto, Horos, o deus do sol radiante que vence a escuridão (43 - 44) (Figs. 17 - 18 - 19). Pelas mesmas razões foi escolhida a águia para simbolizar São João, pois este olhava o céu pela frente (36) (Fig. 10). Daí ela ter se ligado ao sol. Os discos solares alados egípcios, caldaicos, assírios e Vucatan no México, são provas disto (45) (Fig. 20). No Bhagavad Gitá o "Verbo Divino" disse que entre as aves é a águia (31) e nos Vedas encontramos a afirmação de que "A luz divina, o olho da águia jamais envelhece" (46). Assim, a ave representa também a eternidade, a contemplação das coisas eternas do cristão (34). É também vista como mensageiro e mediador entre o homem e os deuses. Foi a águia que se apoderou do Soma Hindu e o levou para os deuses (40). Para os mortos é o .. psicopompa" e nas igrejas medievais a águia representava a Ascensão de Jesus Cristo (36). Para os hindus era a Ave de Vichnou, para os gregos simbolizava Zeus, e para os romanos, Júpiter. Desde então passou a significar também o poder dos

imperadores, de onde a expressão águia imperial. No seu mito, Prometeu representava o aspecto involutivo do homem e a águia o aspecto evolutivo (42).

No Teste de Rorschach a águia aparece com Eis as interpretações dadas por vários autores:

Dominação dos instintos	M. Augras (281)
Princípio de Sublimação	
Hostilidade	Holtzman (287)
Atitude de Suspeita	Phillips (289)
Poder, Dominação, Onipotência	
Liberdade certa freqüência.	Piotrowski (290)

Pessoalmente nós encontramos em nossos mestres em Psico-diagnóstico de Rorschach, Loosli Usteri e Nella Canivet, a águia interpretada como símbolo de dominação e desejo de liberdade, nos seminários a que assistimos.

Resumindo o simbolismo da águia, podemos fazê-lo do seguinte modo: inteligência, acuidade mental, poder, evolução, veículo de luz divina ou solar e, sendo representante de Deus, simbolizava também o poder de impor a lei e definir o que é o bem e o mal, dominação dos instintos, liberdade.

17. A SERPENTE

A serpente passou praticamente despercebida nas descrições das diferentes esfinges, sobretudo por causa do seu tamanho minúsculo relativamente ao corpo e porque era percebida apenas como a Uraeus que todos os faraós tinham na sua testa. Pensava-se que a serpente fazia parte da indumentária do faraó e por isto se encontrava nas esfinges. Na realidade, como já o vimos, o boi e o leão também estão presentes na indumentária e na esfinge também, e as asas da águia cobrem o túmulo de Tutancamon (49).

Também a nossa civilização perdeu inteiramente a tradição simbólica da serpente, a não ser como a tentadora de Eva ou do animal traiçoeiro que morde quando a gente menos espera, ou ainda o símbolo fálico na sexualidade.

Segundo Desoille (259), a serpente, conforme o contexto em que se encontra nas produções e fantasias projetivas do inconsciente coletivo, pode simbolizar a agressividade num nível inferior e o poder e a sabedoria num nível superior. No plano do inconsciente individual é uma imagem fálica.

No Teste de Rorschach a serpente é interpretada pelos autores como símbolo fálico, como símbolo materno, como símbolo do inconsciente (281), como estereótipo cultural do medo (287) e como índice de alto nível mental (289).

No Teste do "Bestiaire" de Zazzo, temos indicações da serpente vista como agressiva, cruel, ansiógena, hedionda (277).

A serpente merece um estudo especial, pois aparece de modo duradouro em tôdas as civilizações antigas; a localização do Uraeus, na frente da testa na altura do cérebro já é uma pista. É realmente grande parte das interpretações simbólicas dadas à serpente; apontam a força original (47), a força criadora energética (48). Também aparece, na Índia, Vasuki, o rei das serpentes, como símbolo do saber e como dragão Ananta, símbolo da inteligência (31). A transcendência e a eternidade são representadas pela serpente Ouroboros. segundo um manuscrito de São Mateus. É a serpente que morde a própria cauda (Fig. 28) (50) e que se encontra em motivos egípcios também (51). Mesmo no cristianismo, encontramos a serpente como símbolo de Cristo, (Fig. 25 – 26 – 27) sob forma de serpente crucificada (47 - 52). Não é por acaso que esse símbolo da força criadora está ladeando praticamente todas as rodas solares aladas (55) (Fig. 20). Estas serpentes seriam Isis e Os Íris, ou também as forças positivas e negativas. Havia distinção entre boas serpentes e serpentes infernais. Africanos, hindus, egípcios e até astecas adoravam a serpente como representante do poder supremo. O fato de que ele poderá assumir quantidade de aspectos diferentes em seus movimentos, continuando a ser a mesma, reforçou ainda mais o seu valor simbólico do Espírito único que impregna todas as formas do universo, ficando sempre o mesmo. Se mudar de pele, como o faz a serpente, esta pele representa a nova forma que a matéria vai tomar, mas a serpente, como o espírito ou força cósmica, continua viva (55).

Nada melhor para ilustrar esta afirmação do que estes versos que encontramos no "Livro dos Mortos" egípcio:

"Eu sou um filho da Terra
Longos foram os meus anos
Me deito à noite;
Renasço à vida, de manhã,
Segundo os ritmos milenários do tempo" (266).

Moisés dominou a serpente, transformando-a, na frente do faraó, em bastão, o que aliás alguns domadores e faquires conseguem, através de provocação hipnótica de ,um estado cataléptico. Mas pode significar também que Moisés tinha descoberto o meio de dominar a "força da serpente" ou o "poder da serpente", que é conhecido, na ioga, como "poder kundalini". O que é este poder kundalini?

Em praticamente todos os tratados de ioga, encontramos uma descrição de uma experiência psicossomática, que é tida como perigosa, podendo inclusive causar lesões, queimaduras ou psicoses se praticada sem mestre ou guru muito experimentado. São as kundalinâsanas, ou posições que propiciam o despertar deste poder. Este poder era, aliás, visto como provindo de absorção de energia solar pelo corpo humano, através da serpente. No túmulo d'El Armana, vêem-se três cobras com raios solares tocando a sua cabeça, o terceiro raio tocando uma cruz anseata, e o quarto em contacto com Uraeus (ver [fig. 46](#)).

Segundo a ioga, temos, enrolada como uma serpente em torno da coluna vertebral, uma corrente de força cósmica, chamada também de "fogo serpentino" ([Fig. 22](#)). Graças a exercícios e posturas conjugadas físicas e mentais, a energia vai subindo do plano sexual ao plano mental, passando a ativar, de modo evolutivo, os sete "chakras", (a serpente da [Fig. 22](#) dá sete voltas e há sete nós na [Fig. 37](#)) ou centros de distribuição da energia vital. Cada um destes sete centros seria situado na frente dos nossos plexos nervosos ([Fig. 23](#)). A sua circulação várias vezes cruzada (tal como a corrente nervosa dos dois hemisférios cerebrais se cruzam para excitar os músculos do lado oposto) é que dá esta impressão de serpente. Despertar o poder kundalini consiste em concentrar a energia nos chakras superiores, conseguindo-se com isto estados de revelação ou de "consciência cósmica". São estes estados estáticos que todos os místicos de todas as religiões procuravam alcançar. É uma iluminação chamada de "Samadhi" na ioga, ou saber verdadeiro. É a "revelação" dos cristãos. Esta evolução para o alto é o que almejaram todos os místicos. Eis a razão mais plausível pela qual encontramos a serpente enrolada em torno de cruzes e que representaria, neste caso, e entre outros significados, o nosso sistema nervoso e principalmente a coluna vertebral.

Na ioga, jejum, privação de carne, restrições de atividade sexual, preces e "mantras", meditações e concentrações da atividade mental, posturas especiais são os meios usados para alcançar a revelação através do despertar do "poder da

serpente" (57). Os jejuns judaico cristãos, o celibato dos padres, as posturas ajoelhadas, a percepção da atividade sexual como "pecado" ou coisa proibida, são, com toda probabilidade, rastros, cujo significado desapareceu através dos tempos, e que alguns estão procurando reconstituir em benefício da sua religião (57).

Interessante é notar que foi Freud que redescobriu os efeitos da sublimação do instinto sexual na arte, na poesia, na música e na criação em geral, assim como os efeitos da sua repressão no aparecimento de símbolos sexuais nos sonhos, entre os quais, o da serpente... Isto deu margem a Jung de lançar a sua Teoria dos Arquétipos (9 10). Como todas as religiões, o cristianismo retificou, burocratizou e tornou obrigatórias medidas de sublimação que na sua origem eram apenas uma opção pessoal.

18. SERPENTE E ÁRVORE DA VIDA

Com estas explicações começa a adquirir maior clareza a ligação que a serpente tinha com a "árvore da vida". que, segundo o Gênesis, "era preciosa para dar a ciência" (111-6). Por conseguinte, segundo a própria Bíblia, a árvore da vida era uma árvore da Ciência. Podemos perguntar, de que Ciência? Do poder kundalini? Mais adiante vamos ver que não era apenas isto.

Esta árvore se encontra também em baixos relevos caldaicos (Ver [fig. 29 – 30](#)) e sumérios ([Fig. 37](#)) constituída de serpentes ou guardada por serpentes ou esfinges.

Além disto, convém lembrar que, ainda segundo o Gênesis, a árvore da vida era guardada por querubins que, na realidade, eram esfinges (241), sentados em direção ao oriente, tal qual a esfinge de Giseh, isto é, em direção, à fonte de energia solar. Asmodeu, príncipe dos 'infernos, com a cabeça de touro, de homem e de carneiro, pé de águia e cauda de serpente (ver [Fig. 16](#)), (dos cinco, quatro animais que se encontram na esfinge), seria ao mesmo tempo, Ismael a serpente que seduziu Eva. Teria sido dominada por Salomão, que o obrigou a ajudá-lo a construir o templo (54). Ora, os querubins, como já vimos, também se encontram no templo de Salomão, com o candelabro de sete velas, que também simboliza a árvore da Vida ([Fig. 34](#)).

A árvore da vida aparece também nos Vedas e no Bhagavad Gitá. O Verbo Divino afirma que entre as árvores é a figueira, a árvore da vida (31). A serpente,

guardiã desta árvore da vida, descoberta por deuses menores, inundou a terra pelo seu veneno. Siva absorveu este veneno, assumindo a forma humana e evitando assim a perversão de toda alma viva (58). Esta árvore, segundo os hindus, comunicava a imortalidade.

Há uma ilustração no Livro dos Modos egípcio que mostra uma serpente saindo do corpo do defunto e voando no espaço. Seria a energia que deixa o corpo (Fig. 24) guardado pela esfinge.

A serpente representava, em resumo, a energia cósmica, o poder de canalizar voluntariamente a energia para fins de revelação da consciência cósmica, energia criadora, inclusive sexual, forças positivas e negativas. A transferência ou transmutação de energia faz também da serpente enrolada um símbolo de evolução (espiral evolucionária) e de terapia (A serpente de Hipócrates), ainda símbolo da Medicina atual.

19. RELAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS. ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS COMPLEMENTARES

Depois de analisar a simbologia de cada animal, teríamos que demonstrar que estes animais foram colocados na esfinge para significar, cada um, algo de diferente, gobretudo no caso da águia e da serpente que parecem ora coexistirem, ora se substituírem um ao outro, como se tivessem significado equivalente ou diferente conforme o caso.

Usando mais uma vez a iconografia de Dessenne, podemos verificar os seguinte fatos.

Considerando fixa a relação homem leão, podemos facilmente verificar que o que faz variar o número de elementos é a presença ou não da asa ou da serpente ou da conjugação dos dois.

Para clarear este assunto resolvemos providenciar o cálculo da. freqüência de cada um desses' elementos na esfinge, assim como a mter correlação entre eles. Eis os resultados obtidos:

Elementos	Freqüência	Serp. N/serp.
Só serpente	44	N/Asa 44 30
Só asas	87	Asa 104 87
Serpente e asas	104	
Nenhum dos dois elementos	30	Coefficiente de

		contingência C = 0,41
Consideramos como "Serpente":		
Localização da serpente	Frequência	
Uraeus na frente da testa	60	Hipótese nula rejeitada ao nível de 0,001.
Serpente saindo de outro lugar da cabeça	57	
Serpente em outros lugares, inclusive fora do corpo	31	
Total	148	

A maioria das esfinges tem, ao mesmo tempo, serpentes e asas. Em segundo lugar vêm as esfinges com asas. Em terceiro lugar as que só têm serpente. As esfinges sem os dois elementos são as mais raras.

O cálculo do coeficiente de contingência permite afirmar que há uma certa tendência a associar asas com serpentes.

Lamentamos não poder fazer o mesmo cálculo de correlação no caso do boi e do leão, pois a estatística que fizemos, baseada na iconografia de Dessenne, foi limitada à esfinge com corpo de leão, já que a sua definição implica em não considerar os "touros alados" como esfinges (233). Quanto à nossa própria iconografia, o número de touros alados é demasiado reduzido para fazer qualquer cálculo. Além disto, lembramos as reservas já feitas mais acima, quanto à possibilidade de "diagnosticar" a presença simultânea dos dois tipos de quadrúpedes.

Isto nos impede de afirmar com dados estatísticos se, na inexistência de um dos elementos, o outro toma o seu significado simbólico. Por exemplo: se o leão significará a mesma coisa que o boi, quando sozinho. O máximo que podemos fazer é nos apoiar no testemunho de quem mais estudou a estrutura arquitetônica das esfinges, ao nosso conhecimento, isto é, Dessenne.

Como já vimos, Dessenne analisou mais de trezentas esfinges, limitando o seu estudo a uma definição restrita ao leão e excluindo o boi ou touro. Porém não o conseguiu inteiramente, já que aparecem esfinges com chifres de boi num capacete, como é o caso de uma esfinge hitita. A respeito desta acha Dessenne que deve ter havido "contaminação" entre a esfinge e o touro alado (262). Estas contaminações ele as atribui a fatores de ordem religiosa, a função de guardião, exercida de modo idêntico pelos homens touro, pela esfinge e pelos deuses. É esta Identidade que favorecia o intercâmbio de atributos (263). Dessenne cita também o fato do faraó ser

comparado, ao mesmo tempo, a um leão e ter muitas vezes o título de "touro-poderoso" (264).

No caso das asas e da serpente, podemos fazer as seguintes hipóteses, baseadas na intercorrelação obtida, que nos mostra que há um fator comum entre os dois elementos, embora possam coexistir separadamente:

1. Quando só há serpente, esta assume também o significado simbólico da asa.
2. Quando só há asa, esta assume o mesmo significado do que a serpente, além do seu significado próprio.
3. Quando os dois estão juntos, além do sentido comum, tem um significado diferente.
4. Quando inexistem os dois elementos, conviria procurar algo que substitua o significado destes.

Interessante é notar a existência na Mesopotâmia, Babilônia Assíria, Assur, Nínive, Suza do "Mito de Etana" em que a águia e a serpente fazem um pacto de aliança:

A águia abriu a boca e falou para a serpente:
"Venha, façamos uma aliança, nós dois,
tornamo-nos associados, tu e eu" (256).

Mais tarde os dois animais entram em conflito. A águia come os filhotes da serpente e a serpente se vinga: esconde-se nas entranhas de um boi com ajuda de Samash e inutiliza a águia para voar. Implorando Samash, este dá o perdão à águia e lhe manda Etana para que a águia lhe mostre a "planta que faz gerar".

Temos aqui, juntos numa lenda, o boi, a águia, a serpente e a "planta" que pode talvez ser a árvore da vida.

O fator comum, pela análise simbólica que acabamos de fazer, é o fator energético.

Tanto a águia como a serpente lidam com a energia solar. Tanto isto é verdade que se encontram quase sempre juntos no disco solar alado [\(Viu. 20\)](#). Ou, como mostra Cirlot, em relação complementar [\(Hg. 21\)](#), a águia como princípio celeste e a serpente como princípio ctônico [\(245\)](#).

Quando a serpente e as asas estão juntas, as asas significam a mente, enquanto a serpente simboliza a energia propriamente dita.

Quando inexistem os dois elementos, seria interessante procurar saber se a direção da esfinge para o levante não preencheria esta lacuna. Além disto, inúmeras cabeças estão erguidas para o céu. O próprio homem assumiria o papel da águia.

Um raciocínio idêntico poderia ser feito para os dois quadropedes, se tivéssemos dados estatísticos próprios. O boi (touro) e o leão, tem em comum o fato de serem animais terrenos, corajosos e Impetuosos. Em suma, altamente "instintivos". Quando estão juntos, representariam apenas o instinto ou o "animal", enquanto o homem representaria o sentimento.

20.A CAUDA, UM SÍMBOLO?

Convém ainda, antes de terminar, fazer alguns comentários sobre a cauda. Esta tem assumido uma série de formas, também suscetíveis de estatísticas. Dessenne, na sua Iconografia, nos mostra as seguintes variedades: forma de serpente, ou mesmo com cabeça de serpente; forma de um S; enrolada em torno da coxa; levantada em arco de círculo ou em dobra; caída.

21. A ESFINGE E A ÁRVORE DA VIDA

Outro aspecto a considerar na simbologia é a presença de outros elementos independentes do corpo da esfinge propriamente dita mas agregados a ela. Eis o que encontramos na Iconografia de Dessenne:

Elemento Agregado		Frequência	
Disco solar alado			2
Pessoa			11
Animal			10
Horas			1
Pirâmide			1
Vaso			2
Estatueta			1
Coluna			2
Grifão			1
Estrutura arborimórfica:			
Externa	36	Total	44
Na cabeça	8		
Total			75

Antes de analisarmos os dados, convém fazer algumas ressalvas. Esta estatística foi levantada a partir dos desenhos da iconografia de Dessenne. O próprio autor insiste sobre a necessidade de recorrer às fontes para investigações

estilísticas, mais particularmente.

Assim é possível que algumas (ou muitas) esfinges tenham sido isoladas do seu contexto. Além disto, não sabemos quantas esfinges foram encontradas, já isoladas dos objetos que foram esculpidos ou gravado ou ainda desenhados juntos.

Assim mesmo um fato parece saltar aos olhos, mesmo do leigo: a frequência alta e estatisticamente significativa, ($t = 5,4$) de estruturas arborimórficas. Entendemos por estruturas arborimórficas todo desenho reproduzindo árvore ou partes de árvore, ou formas tipicamente de árvore. Isto vem de encontro às constatações feitas à respeito da serpente ligada à árvore da vida.

Outro fato é a frequência, embora menor, porém significativa, de pessoas e animais. No caso dos animais, convém fazer duas ressalvas: deixamos de assinalar o fato de todos os animais se encontrarem abaixo da esfinge, o que parece significar o domínio do animal pela esfinge que lhe seria superior. Além disto, excluímos as serpentes por já terem sido tabuladas à parte (ver mais acima). Ora, das trinta e uma serpentes, muitas são pisadas pela esfinge, o que vem reforçar esta idéia de domínio do animal pela esfinge.

De qualquer forma, serpente e árvore são os elementos externos mais freqüentes da nossa estatística.

O fato de a serpente, assim como a esfinge, estarem ligadas à árvore da vida (ou da ciência) nos leva a examinar mais de perto estas árvores da vida. É o que vamos fazer a seguir.

Isto vai nos levar a constatar a existência de verdadeiros modelos psicossomáticos, integrados num modelo cosmológico mais amplo. Possíveis divergências de interpretação desta estrutura entre várias escolas esotéricas explicam provavelmente as divergências encontradas entre o número de elementos das esfinges de várias gerações. É por isto que nos convém estudar mais de perto a "árvore da vida".

CAPÍTULO 4

A Árvore da Vida e da Ciência

Acabamos de mostrar que de 75 esfinges que "guardam" algo, 44 "guardavam" uma estrutura arborimórfica. Isto é um fato estatístico significativo, que merece uma análise mais acurada, ainda mais que apoiado, como já começamos a mostrá-lo no capítulo precedente, por inúmeros textos sagrados. Isto nos levou a consagrar este capítulo à árvore da vida e da ciência.

22. A ÁRVORE DA VIDA, UM MODELO COSMOLÓGICO

Mircea Eliade (232), uma das grandes autoridades em Ciências das Religiões, demonstra o valor simbólico da árvore da vida. Diz ele o seguinte:

"Tudo isto está aliás Acifrado" nos ritmos cósmicos: não há mais do que decifrar o que o cosmo "diz" pelos seus múltiplos modos de ser, para compreender o mistério da vida. Ora, uma coisa parece evidente: que o cosmo é um organismo vivo, que se renova periodicamente. O mistério da inesgotável aparição da vida é solidário do renascimento rítmico do cosmo. É por essa razão que o cosmo foi imaginado sob a forma de uma árvore gigante: o modo de ser do cosmo e em primeiro lugar a sua capacidade de se regenerar sem fim é expressa simbolicamente pela vida da árvore.

É preciso notar, porém, que se não trata de uma simples transposição de imagens da escala microcósmica para a escala macrocósmica. Como "objeto natural", a árvore não podia sugerir *a totalidade da vida cósmica*: ao nível de experiência profana, o seu modo de ser não recobre o modo de ser do cosmo em toda a sua complexidade. Ao nível da experiência profana, a vida vegetal só revela uma seqüência de "nascimentos" e de "mortes". É a visão religiosa da vida que permite o "decifrar" outras significações no ritmo da vegetação, e em primeiro lugar as idéias de regeneração, de eterna juventude, de saúde, de imortalidade; a idéia religiosa da realidade absoluta é simbolicamente expressa, entre tantas outras imagens, pela figura de um "fruto miraculoso" que confere ao mesmo tempo a imortalidade, a onisciência, e a onipotência, fruto que é suscetível de transformar os homens em deuses.

A imagem da árvore não foi escolhida unicamente para simbolizar o cosmo, mas também para exprimir a vida, a juventude, a imortalidade, a sapiência. Ao lado das árvores cósmicas, como Yggdrasil da mitologia germânica, a história das religiões conhece árvores de vida (por ex. Mesopotâmia), de imortalidade (Ásia,

Antigo Testamento), de sabedoria (Antigo Testamento), de juventude (Mesopotâmia, Índia, Irão) etc. Por outras palavras, a árvore conseguiu exprimir tudo o que o homem religioso considera real e sagrado por excelência, tudo o que o ele sabe que os deuses possuem pela sua própria natureza, e que só é raramente acessível aos indivíduos privilegiados, os heróis e os semideuses. É por isso que os mitos da busca da imortalidade ou de juventude ostentam uma árvore de frutos de ouro ou de folhagem miraculosa, árvore que se encontra "num país longínquo". (na realidade — no outro mundo) e que é defendida por monstros (grifos, dragões, serpentes). Aquele que quer colher os frutos deve afrontar o monstro guardião e matá-lo. É o mesmo que dizer que se trata de uma prova iniciática de tipo heróico: o vencedor obtém "por violência" a condição sobre humana, quase divina, da eterna mocidade, da invencibilidade e da onipotência. [\(Fig. 36\)](#)

Diz o Mestre: "Os caminhos são dois; as grandes perfeições, três; seis as virtudes que transformam o corpo na árvore da sabedoria".

Comentando este trecho do "Livro dos Preceitos Áureos", Blavatsky diz que a árvore da sabedoria é o título dado aos adepto; do Bodhidharma, que atingiram o conhecimento místico. Tinha também o nome de árvore dragão [\(242 - 243\)](#).

23. METODOLOGIA DE ABORDAGEM DA ESTRUTURA COSMOLÓGICA

Os cabalistas nos ensinam como abordar o estudo dos mundos. É através da análise do homem ou microcosmo. Eis, por exemplo, o que diz Salomão Ibn Gabirol [\(106\)](#) quanto ao método para chegar ao conhecimento: "Já que o nosso objetivo é o conhecimento, que sobe da extremidade inferior dos seres até a sua extremidade superior, é necessário que tudo o que encontramos na extremidade inferior nos sirva de ponto de comparação e de prova para tudo o que é a extremidade superior, a parte inferior sendo a imagem da parte superior de onde emana. Poderemos, então, depois de ter compreendido a similitude que existe entre as duas extremidades, chegar pelo que é visível ao conhecimento do que é escondido".

Essa metodologia repousa, por conseguinte, sobre um axioma: A estrutura do homem reproduz a do cosmo. Encontramos o mesmo axioma numa das árvores da vida caldaica [\(Fig. 29\)](#). Dois homens, provavelmente sacerdotes, parecem estar

dando uma aula. Estão a indicar a parte de cima com uma mão e a parte de baixo com outra mão. Não podemos deixar, ao vermos isto, de lembrar nos de uma tradição esotérica da "Tábula de Esmeralda" de Hermes, que diz que "tudo que está em cima também se encontra em baixo"; que o microcosmo é uma reprodução do macrocosmo. O homem seria um microcosmo. A sua constituição física e psicológica reproduziria, na realidade, o funcionamento do universo no seu todo. Assim, os dois sacerdotes estão a dizer: "O microcosmo reproduz o macrocosmo. Tudo que está em cima está em baixo".

Isto lembra também a frase do Gênesis (61): "Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança... Deus criou o homem à sua imagem, Ele o criou à imagem de Deus; Ele os criou macho e fêmea".

E depois de o ter criado, reinando sobre toda natureza da terra, tal como Deus, lhe foi no entanto proibido de se nutrir "da árvore do conhecimento do bem e do mal" (60). O resto da história a gente já conhece.

É de São João esta afirmação: "... Sabemos que n'Ele e que Ele mora em nós..." (62).

Nos Vedas encontramos também a ideia do homem miurgo, que resume na sua personalidade todo universo:

Moramos como de
"O homem é tudo o que é,
O que foi e o que será,
É também dono do imortal
Cujo alimento supera o seu crescimento.
... Todos os seres são um quarto da sua medida
Os outros três quartos são o imortal no céu" (59).

24. ÁRVORE DA VIDA E NUMEROLOGIA

Vamos voltar um instante à árvore dos dois sacerdotes. O que eles indicam em baixo seria então um símbolo da estrutura do microcosmo, isto é, do homem. Façamos a conta de quantos pares de ramos tem este microcosmo humano: chegamos ao número de sete [\(Fig. 29\)](#). Vamos agora voltar à figura dos chakras [\(Fig. 23\)](#). Também encontramos sete chakras com há sete laços na serpente do relevo sumério [\(Fig. 37\)](#). A árvore caldaica indica ainda agrupamentos por três elementos. O mesmo se dá com árvores assírias [\(Fig. 36\)](#), persas [\(Fig. 33\)](#), hindus [\(Fig. 31\)](#). Também consideram-se árvores da vida estilizadas a cruz cristã, anseática e taóica

(Fig. 47).

O candelabro de sete ramos que Deus mandou construir por Moisés na Arca da Aliança, conjuntamente com os querubins, também tinha três de cada lado (Fig. 34). O texto bíblico (63) se refere de modo inequívoco a uma árvore, já que emprega termos como ramos, flores e maçãs.

Está, por conseguinte, simbolizado algum sistema ou alguma estrutura em que apareçam combinações numéricas da seguinte forma:

A Unidade: A árvore no seu todo, ou o tronco que une os ramos formando a árvore.

Binário: Os ramos são dispostos aos pares.

Terário: Os ramos são agrupados por três. E Deus mandou, além disto, colocar três pratos em forma de amêndoas em cada um dos ramos (116).

Quaternário: A parte mediana da árvore caldaica tem quatro pares de galhos. E Deus ordenou a Moisés colocar quatro pratos em forma de amêndoas (116).

Setenário: E ainda temos combinações de sete pares ou sete velas, conforme o candelabro dos judeus. Em Cartago, foi encontrado um vaso de barro fenício com sete bocas. Na frente da boca do meio há uma fisionomia humana e logo abaixo um boi (115) (ver Fig. 35).

25. A CABALA

É cabala judaica que encontramos um sistema numérico, muito semelhante. É a figura dos dez sefirot's ou números (ver Fig. 38). O texto da cabala, segundo várias tradições, como já dissemos, foi introduzido entre os judeus pelo judeu egípcio Moisés. Este, por sua vez, a teria tirado, além dos egípcios, de bibliotecas de Tebas que continham livros sagrados de tempos mais antigos (os atlantes e igreja de Ram) ainda assim como tradições orais de Abraão, cujo nome se assemelha estranhamente com Brama. Abraão teria sido representante, segundo uma lenda (89), de um colégio de sacerdotes da Caldéia.

Além disto Esdras, e posteriormente Daniel, grão-mestre da universidade dos magos caldeus, teriam também trazido a cabala das mãos dos caldeus onde, tal como no Egito, a cabala teria sido a "Sabedoria" ensinada nas universidades metropolitanas. Assim, a árvore da vida ou sabedoria, ou ainda do conhecimento, seriam representações gráficas de um sistema numérico único, exposto na cabala. Este sistema numérico, simbolizado por letras, se encontra, não somente entre os

hebreus, mas também entre os egípcios, caldeus, hindus (Fig. 45) e chineses (ver Figs. 43 – 44). Os árabes, persas e marroquinos também usam sistemas cabalísticos de transformação de letras em números.

Assim sendo, tanto pelos rastros de árvores da vida, como textos antigos e análises semânticas, chega-se a fortalecer a hipótese de que grande parte das tradições esotéricas de todas as culturas humanas se encontram sistematizadas na cabala (85).

A palavra cabala tem radical egípcio *kheb* e hebraica *khebb* ou *khebbet*, que significa esconder, trancar, e aí que pode ser traduzido como tomar. Assim cabala significaria "ciência deduzida de princípios escondidos". Outra interpretação é que cabala em hebraico significa "tradição" (85), uma definição aliás completa a outra. A cabala seria um conjunto de princípios 'científicos' transmitidos por tradição.

A representação dos sefirot's sob forma de árvore foi bastante analisada por Rabbi Schabbathai (87) que diz que os sefirot's podem ser comparados à árvore:

O conjunto da árvore forma uma unidade.

A coroa, mistério do ponto, é a raiz escondida.

Os três "cérebros" formam o seu tronco: são unidos ao ponto da raiz.

Os sete outros sefirot's são os ramos, unidos ao tronco que são os três cérebros.

— Eis por que, todos no seu conjunto, o ponto, os três cérebros e os sefirot's, são chamados uma unidade absoluta uma unidade única...".

Há também na tradição cabalística algo que lembra, de modo estranho, a história de Adão e Eva. A cabala é chamada de "jardim" pelos cabalistas. Quem se aventura a tirar deste sistema conclusões errôneas será punido. Procurar conhecer a cabala chama-se, entre cabalistas, "intruduzir-se no jardim", e quem der interpretações falsas destroi as plantas (88). Isto era um modo de garantir ainda mais uma transmissão correta da tradição. A queda de Adão e Eva se esclarece com esta explicação. Seria na realidade um símbolo de que houve quebra da tradição cabalista, a qual continuou a ser conservada pelos nossos esfinges querubins.

Veja o leitor como tudo converge: a esfinge de Giseh "guardando" o templo da grande pirâmide, os querubins (outras esfinges) "guardando" a árvore cabalística

no Éden. Poderíamos, também, lembrar a esfinge grega do templo de Delfos, e da lenda de Édipo sobre a qual vamos ainda voltar a falar, sem contar os querubins da Arca da aliança e do Tabernáculo, no templo de Salomão.

Existe, na cabala, uma classificação hierárquica de nove ordens de anjos. Entre eles se encontram querubins. Papus (270), citando Kircher, mostra que esta classificação provém de um desdobramento da Sefira (Binah) (inteligência) de número três (Fig. 39). Este desdobramento consiste nas 50 "portas da inteligência" subdivididas em seis classes. É um sistema de evolução cosmológica indutivo que parte da natureza dos elementos (1ª classe), para chegar à idéia do absoluto En-soph (6ª classe).

A 5ª classe é a classe do "mundo Angélica" a qual reproduzimos a seguir:

Porta	41 -	Haiioth Hakadosch	Animais Santos	Serafins
	42 —	Ophaim,	isto é, "Rodas"	Querubins
	43 —	Anjos grandes e fortes		Tronos
	44 —	Haschemalim,	isto é	Dominações
	45 —	Serafins,	isto é	Virtudes
	46 —	Malachim		Potências
	47 —	Elohim		Principados
	48 —	Ben Elohim,		Arcanjos
	49 —	Kerubim		Anjos

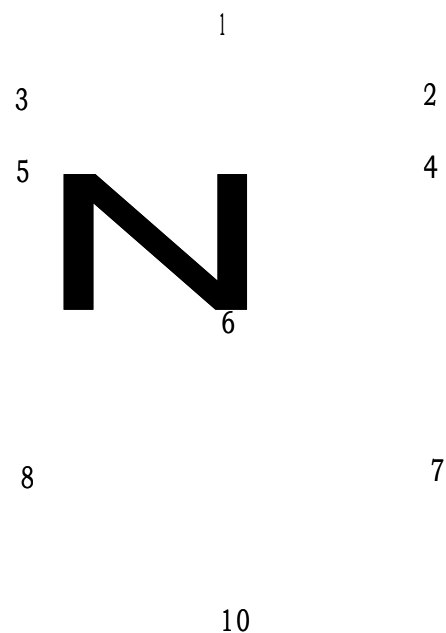
Fomos verificar no texto hebraico do Sepher Yetzirah de onde parece ter sido tirada parte desta classificação (195) e verificamos que precisaria rever o problema da tradução de querubim por anjo, pois anjos em hebraico é expresso pela palavra maleachei. Também não entendemos como se pode traduzir ophanim por querubim, já que querubim tem uma palavra própria em hebraico: kerub. De outro lado, haiioth hakadosch é uma palavra usada independentemente de serafim. Há confusões terminológicas que se acrescentam ao hermetismo cabalístico e que nos levam prudentemente a nos limitarmos, até que estudos mais acurados se façam, à simples constatação da presença dos querubins na cabala, o que justifica uma investigação deste "campo", visando um confronto entre estrutura da árvore sefirótica e estrutura simbólica da esfinge querubim.

26. DA ÁRVORE SEFIROTICA À ESTRUTURA DA ESFINGE

Vamos então passar a resumir, da maneira mais clara que pudermos, os

passos que nos levaram da cosmologia numérica dos sefiroth's da cabala ao esclarecimento do enigma das esfinges.

Há na cabala dez sefiroth's ou números, dispostos da seguinte forma:



Além dos traços ligando os números ou canais, existem ainda outros canais (ver [Fig. 39](#)) sendo que o número total destes é de vinte e dois, correspondendo às vinte e duas letras do alfabeto hebraico, e a vinte e dois números. Os canais são as vias de relação entre os dez números.

Vamos, em primeiro lugar, examinar as indicações dos cabalistas quanto ao uso do sistema sefirótico.

O sistema sefirótico simboliza, sob forma numérica, as grandes leis que regem a natureza, isto em todos os níveis ou mundos. Tanto no macrocosmo como no microcosmo, ou seja, no nível das origens, da geração dos universos ou da humanidade. São os quatro mundos: emanativo, criativo, formativo e factivo (90).

Vários princípios numéricos emanam dos sefiroth's, e mais particularmente da morfologia das letras hebraicas. Assim existem:

O lod 0 ou unidade, que é o elemento do qual todas as outras letras são feitas.

Três letras mãe (Alef, Mem, Schin).

Sete letras *duplas* (por expressar dois sons, um forte positivo e um fraco negativo).

Doze simples.

Cada letra hebraica tinha três significações:

A da letra, propriamente dita, na sua morfologia.

- A do número.
- A idéia simbolizada pela letra, no sentido hieroglífico.

Assim, por exemplo, a letra Alef corresponde ao número *Um* e tem o signrficado hieroglífico de homem. Na sua morfologia é composta de quatro "lod" opostos dois a dois.

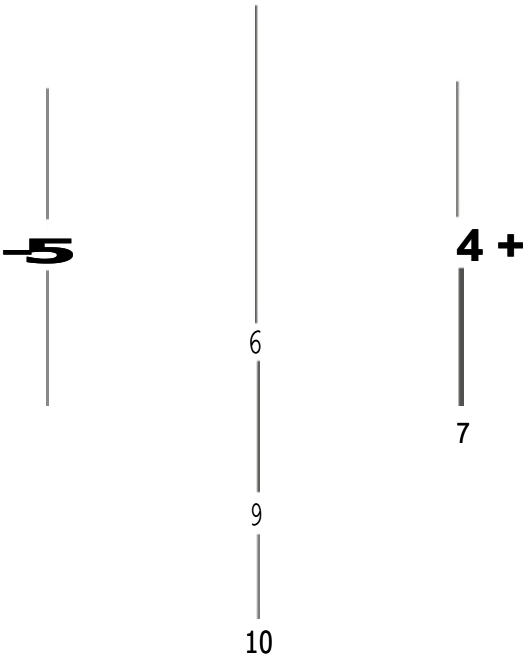
Estas explicações são importantes para compreensão do que vai a seguir. Pois a interpretação dos sefiroth's é baseada numa combinação destes três significados das letras.

Voltando ao agrupamento dos sefiroth's vamos resumir a seguir o que os estudiosos da cabala descrevem. Existem os seguintes agrupamentos e relações numéricas.

1. A *unidade* que se encontra no número 1 que é o princípio e se reencontra no número 10 (1 + 0), que contêm todos os outros números. Assim, partindo da unidade, se volta à unidade.

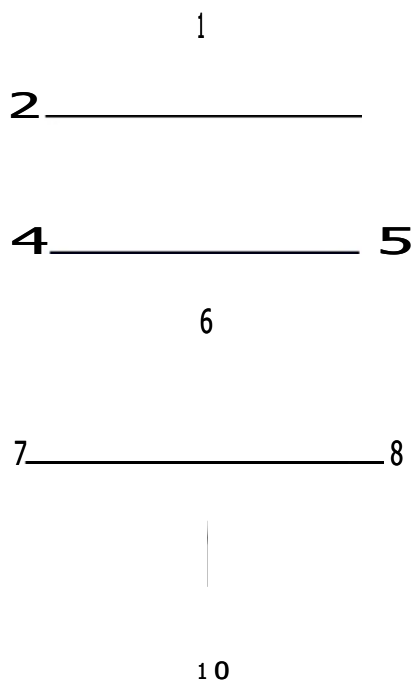
2. A *dualidade*

Os três números da direita (2, 4, 7) e os três da esquerda (3, 5, 8) em relação ao eixo (1, 6, 9) representam respectivamente o elemento positivo, negativo e neutro, ou equilibrante. Esta bipolaridade na realidade é uma tríade, pois existe o terceiro elemento equilibrante.



3. Ternário

Temos três agrupamentos de três números, a saber:



Há por conseguinte três ternários que correspondem aos três mundos ou três planos.

4. Quaternário

O número dez, que abrange as três tríades, é o continente e elo de ligação com os outros mundos ou planos. Esta relação de conteúdo continente e de interligações é sintetizada na [Figura 41](#).

Assim o nº 10 com "a", "c", formam quatro elementos. Por su vez "a" contém os números 1, 2, 3, que constituem o elemento de compenetração e de li gação com b. Já apenas sob este aspecto numérico, se nós analisarmos o número de elementos das esfinges (ver [Quadro 1](#)), verificaremos que temos:

- A esfinge no seu todo representando a *unidade*.
- Esfinges egípcias compostas de dois animais, o que representaria a dualidade, também os agrupamentos de duas esfinges.
- As esfinges de algumas outras culturas compostas de *três e quatro* elementos, representando o *ternário*, ou o quaternário.

A variação do número de elementos das esfinges corresponde, tudo o indica, a diferenças de abordagens cabalísticas.

A própria pirâmide tem o quaternário na sua base, o ternário nos seus lados, e acaba sintetizada na unidade do seu ápice. Ver, por exemplo, o significado

matemático da grande pirâmide, descrito por Ghyka (212).

É nos aprofundando ainda mais no significado da unidade. que passaremos a compreender melhor ainda o significado das diferentes esfinges. É o que vamos fazer a seguir.

CAPÍTULO 5

A Esfinge como Unidade Estrutural

27. CONCEITO DE UNIDADE NAS RELIGIÕES

"Adonai echod", Deus é um, afirmação constantemente repetida na Bíblia, é reforçada na cabala. Em cima dos sefirot's, vê-se a representação de um círculo (Fig. 38) que simboliza a unidade primordial, o princípio. Embora este princípio se desdobre, reencontramos a sua unidade no número dez dos sefirot's, mostrando assim que toda pluralidade volta à unidade (Fig. 39).

É provável que Moisés, preocupado em não deixar o seu povo se contaminar pela idolatria reinante no Egito da sua época, e conservar sínteses científicas originais, tenha resolvido fazer emigrar o seu povo e lhe transmitir a tradição original, tanto egípcia como de todos os povos antigos que era monoteísta.

Com efeito, há textos que mostram claramente isto. Por exemplo, o Livro dos Mortos egípcio, que tem vários milhares de anos de idade, reza: "Homenagem a Ti, Deus Grande, Senhor da Verdade e da Justiça". Do mesmo modo inscrições hieroglíficas da terceira e quarta Dinastia falam repetidas vezes em "Deus, Deus UM, Deus o Único". Os assírios simbolizavam a palavra de Deus por El de onde o nome hebraico Elohim (92).

Na maioria das civilizações encontramos a unidade simbolizada pela roda alada. Na Fig. 20 conseguimos reunir nada menos de seis rodas aladas, de seis civilizações diferentes, entre as quais uma americana (de Uxmal, Yucatan no México), a qual além do mais contém a estrela de Davi.

Quem viu as duas esfinges de Suza (Fig. 6), dominadas por uma roda alada, dificilmente poderá duvidar do valor simbólico da esfinge. A roda alada está aí para realçar que a pluralidade da esfinge está englobada numa unidade.

Os chineses simbolizaram a unidade por um círculo (ver Fig. 51) englobando o Yin e Yan do qual falaremos quando abordarmos a dualidade. Lao Tsé (93) é inequívoco quando, no seu Tao Te King, logo nas primeiras linhas afirma sob o título:

'A Via na sua Essência':

A via que é uma via não é a Via;

Fonte e raiz de tudo

O nome que é um nome não é o Nome,

Essência exemplar do universal.
Seu nome é o começo do céu e da terra..."

Quem conhece bem a filosofia zenbudista [\(180\)](#) saberá melhor interpretar estas palavras. Toda afirmação implica numa negação; dar nome ou indicar uma via corresponde a situá-lo em relação a outro nome ou a outra via e, por conseguinte, fazer perder a sua qualidade de princípio único, que é definido claramente como "fonte e raiz de tudo" e "Essência exemplar do universal".

Os Vedas usam simplesmente a palavra "Um" para evitar as dicotomizações às quais Lao Tsé se refere. Mostram eles que também na Índia havia uma concepção unitária das origens:

"Não havia o ser, não havia o não ser naquele tempo.
Não havia nem espaço, nem firmamento além daí.
Qual era o conteúdo? Onde era isto? Sob a guarda de quem?
Qual era a água profunda, a água sem fundo?

Nem a morte, nem a não morte eram deste tempo,
Nenhum sinal distinguindo a noite do dia.
O Um respirava sem sopro movido de si-mesmo:
Nada de outro existia alhures" [\(94\)](#).

Este símbolo singelo de um nos mostra o quanto as religiões, nos seus primórdios, estão longe da nossa concepção antropomórfica de um Deus barbado feito à nossa imagem. O grau de obstrução da linguagem religiosa antiga se aproxima de uma linguagem matemática e científica, enquanto a nossa linguagem religiosa atual ou pelo menos o seu significado subjetivo para o homem da rua tem cunho de superstição primitiva e ingênua.

2& A UNIDADE NA CABALA

A idéia de que os animais simbolizam aspectos caracteriológicos diferentes reunidos dentro de uma unidade que é o homem está claramente expressa no Sepher Há-Zohar da cabala:

As Escrituras dizem: "Eles tinham a cara de um homem" (a respeito dos querubins), isto é, a figura de um homem adulto, que é a síntese de todas as figuras, pois traz a marca do Santo Nome, gravado em quatro letras correspondentes aos quatro pontos cardiais do mundo do: leste, Oeste, Sul e Norte. O Anjo Miguel

encontra-se ao Norte, e todas as faces dos anjos estão viradas para ele. As Escrituras dizem que os anjos tinham figuras de homem, figuras de leão, figuras de boi e figuras de águia. Por figuras de homem, as Escrituras entendem as figuras de macho e fêmea juntos, pois sem esta união o nome de "homem" não se aplica a um indivíduo..., todos os anjos, que tenham a figura de boi, de águia, de leão ou de homem têm em comum um traço particular ao homem... Os anjos com a figura de boi... refletem o traço de força... Os anjos com figura de águia refletem o traço de grandeza... Os anjos com figura de leão... refletem o traço de potência... Todas as figuras refletem a do homem e esta é a síntese de todas". Neste texto há ainda os animais como símbolos de características de diferentes nomes de Deus (316).

Também na cabala encontramos análises bastante profundas do nome principal de Deus: JHVH.

A primeira letra "Jod" simboliza a unidade inicial e terminal, o princípio e o fim de todas as coisas. É da letra Jod que são feitas todas as outras letras do alfabeto hebraico, mostrando assim que este princípio se encontra em todas as coisas.

O conjunto de letras Hei, Vau, Hei que seguem imediatamente ao Jod, significa ser estando. Assim, o nome completo significa: O que foi, que é e que será (95).

Vejamos agora, nas esfinges, onde encontraremos o símbolo da unidade, do infinito, do eterno recomeço. Quais dos animais, anteriormente estudados, simbolizam esta idéia?

É claro que é a serpente, colocada na frente do cérebro dos faraós e sacerdotes egípcios, mordendo a própria cauda numa evolução circular de perpétuo recomeço vida morte, princípio fim, mudando de forma mas conservando o seu feitio, cuja cabeça tem a forma do Jod hebraico e que simboliza a energia cósmica.

29. A ESFINGE COMO TOTALIDADE

A unidade é também representada pelo conjunto da esfinge. Cemborain, uma das autoridades em matéria de esfinges, do ponto de vista da arte (5), afirma existir uma tese segundo a qual a esfinge simbolizaria a unidade do espírito com a matéria da inteligência com a força. O primeiro elemento seria simbolizado pelo

homem, o segundo pelo animal. Diz o autor que esta tese não seria válida, pois que o povo egípcio era um povo essencialmente religioso, mais do que moral. Ora, essa idéia de síntese é uma idéia essencialmente moral, segundo ele. Além do mais aponta a existência de esfinges compostas de outros animais, tais como o carneiro e a águia, o que destruiria esta tese.

O autor se mostra muito mais favorável à tese de que as esfinges representavam deuses. Ora, por tudo que estudamos até agora, estamos percebendo que uma tese não exclui outra, mas que as duas podem muito bem se completar.

Em primeiro lugar. já falamos que a religião egípcia era, nos seus primórdios, essencialmente monoteísta, logo favorável à unidade. A idolatria é posterior e corresponde provavelmente a uma fase de decadência religiosa, comparável às superstições rodando as imagens dos santos na Igreja Católica.

De outro lado, a "religião", como a temos descrito nas mãos dos sacerdotes e iniciados por eles, era muito mais uma ciência, ou uma pesquisa da natureza do homem e do universo, do que uma adoração de estátuas. Os próprios deuses eram na realidade símbolos de que era considerado pelos sacerdotes como forças da natureza. Assim, uma esfinge composta de carneiro ou de águia podia representar Ammon e Horas. Ora, Ammon-Rê era o deus solar, e tinha como símbolo a roda alada, isto é, a unidade ou infinito como já o vimos. Era a representação de Deus em Tebas e do absoluto ou unidade cosmo lógica para os Sacerdotes.

Pode se dizer o mesmo da águia que simbolizava Horos. Ora, Horos representava também o renascimento, o sol que vence a escuridão, que manda nas estações do ano e que nos dá o calor e a energia vital. O confronto entre esfinges humanas e esfinges somente animais ainda vem reforçar. em vez de enfraquecer. a tese do símbolo de unidade. Queria significar que, talvez como o homem, também os animais formaram uma unidade. Por exemplo: energia matéria.

Só o maniqueísmo característico da cultura ocidental nos impede de ter a flexibilidade interpretativa dos orientais. Dentro do Raciocínio de um ocidental uma esfinge é ou um deus, ou um símbolo. Para um oriental, ela pode ser e um Deus, e um símbolo ou mesmo vários símbolos, conforme o momento, o tipo de abordagem e as pessoas a quem se destina.

30. DA UNIDADE À PLURALIDADE

Assim sendo, podemos sustentar a hipótese de que, na esfinge, estão representadas a unidade de duas maneiras: A serpente, que representa o príncipe energético, e a esfinge como unidade contendo uma pluralidade.

Na árvore sefirótica, a serpente corresponderia ao número um (1), enquanto a esfinge no seu todo representaria o número 10 (dez).

Como disse o sábio chinês Lao Tsé: "Onde se encontra o rei pontífice, cresce a árvore da vida" (96). Ora, será por acaso que justamente na árvore da vida hebraica (tão longe da China...), isto é, nos sefirot's o Alef ou número Um tem como nome: Kether, a coroa, enquanto o número dez, o lod, tem como nome Malchut, o Reino? Vejam só: A coroa e o reino de um mesmo rei [\(Fig. 39\)](#).

A transformação ou evolução da unidade em pluralidade e a volta á unidade da serpente ao todo da esfinge também é simbolizada nos sefirot's.

Com efeito a letra Um Alef é simbolizada pelo Ein Soph que é o infinito representado pelo círculo (ou zero também). Este círculo se divide em dois, tal com a letra Alef é composta de dois pares de lods. Ora, Lao Tsé fala em "Transformações da Via".

"O Tao (via) produz Um
Isto é de Não Manifestado, concentrado nele mesmo,
Ele se torna manifestado, se produz fora.
Um produz Dois.
Logo que há Um há Dois.
Dois produz três.
Três produz os dez mil seres" (97).

Os pré-socráticos eram bastante imbuídos, tanto da idéia de totalidade como do princípio dos contrários. Eis, apenas a título de lembrete, alguns "Fragmentos" de Heráclito:

"Tudo se faz por contraste. Da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia".

"Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e de todas as coisas um, e de um, todas as coisas" (253).

É interessante notar, "en passant", que nos sefirot's, o canal número vinte e

dois (Fig. 39), que une o lesod (ou fundamento) ao Malchut (reino), é representado pela letra Tau, que lembra estranhamente o Tao (via) chinês. Esta letra corresponde justamente à via que une a última letra do sistema à letra príncipe lod ou dez.

Assim Lao Tsé, Heráclito, como os cabalistas, nos indicam que a unidade, para chegar à multiplicidade (dos dez mil seres), tem que passar pela dualidade.

Vamos examinar agora como a ciência moderna encara o problema da unidade mais particularmente no que se refere ao ser humano sintetizado pela esfinge.

31. O PRINCIPIO DE UNIDADE PSICOSSOMÁTICA DO SÉCULO XX

Seria difícil falar em unidade no século XX sem tocar no estruturalismo. Num estudo crítico e bastante sintético, apresentado por um dos nossos mestres, Jean Piaget (173), o autor mostra que, entre todos os estruturalismos atualmente existentes nas diferentes ciências, há um ponto comum que corresponde ao mesmo tempo ao primeiro caráter de uma estrutura: a totalidade.

Mostra ele como o estruturalismo se opõe à compartimentagem. e procura reencontrar a unidade dos elementos dispersados pelos estudos "diacrônicos" em lingüística ou pelo "associacionismo" em psicologia e pela "Atomização" da ciência em geral.

Na psicologia, a teoria da Gestalt veio substituir a teoria associacionista, enterrando a de maneira provavelmente definitiva.

Em psicoterapia se reconhece hoje que não é possível separar "espírito e corpo" como dois seres antagônicos ou independentes, mas que existe uma "unidade psicossomática". Em casos de neurose e de psicose, o médico e o psicólogo trabalham juntos. Mesmo assim, a unidade psicossomática precisa estar encarada nas suas relações com o mundo exterior, com o "Não Eu", do qual ela é feita e para o qual ela voltará. Isto explica o aparecimento da tendência culturalista em psicoterapia analítica, e do assistente social nas equipes terapêuticas.

Tudo se passa como se a análise científica levasse a um afastamento, a uma negação da afirmação unitária das estruturas, tais como elas aparecem no símbolo da esfinge e na estrutura da cabala, e que de repente, a ciência acordasse e voltasse a concepções de uns cinco a dez mil anos atrás.

Merleau Ponty, como psicólogo e filósofo do Século XX, ao tentar fazer um estudo da síntese dos nossos conhecimentos atuais sobre o comportamento humano, poderia ser comparado a Maimônides, filósofo judeu da Idade Média, no que se refere ao esforço para demonstrar a unidade do homem.

Eis uma afirmação de Maimônides:

"Saibas que a alma do homem é uma só, mas que as suas operações são numerosas e diversas, e que algumas dentre elas são chamadas, às vezes, de almas, o que pode fazer crer que o homem tem várias almas. Estas palavras são muitas vezes empregadas pelos filósofos. Elas enumeram só os seus diferentes atos, os quais são em relação à alma inteira como as partes em relação ao todo" (294).

E agora, Merleau Ponty. "...Pareceu nos que matéria, vida, espírito, não possam ser definidos como três ordens de realidade ou três es.as sim como três planos de signifcação ou três formas de unidade" (293).

Mostra toda estrutura é composta de partes. Porém um todo, como o lembra Piaget citando os gestaltistas, não é uma simples soma das partes.

As pesquisas sobre as estruturas (ou melhor, as estruturações) das operações lógicas na criança permitiu a Piaget trazer ao estruturalismo contemporâneo uma grande contribuição: mostrou que um tudo é fruto de relações entre os elementos.

Além disto, todas as suas pesquisas indicam que estas totalidades estão em constante evolução e que uma estrutura é na realidade um sistema de transformações.

As relações entre a unidade e as suas partes, como o mostra Piaget, nos leva a constatar justamente a existência de uma primeira bipolaridade das totalidades estruturadas da qual resulta uma propriedade de serem ao mesmo tempo estruturantes e estruturadas.

Não sei se Piaget ou os estruturalistas estudaram a esfinge, a cabala ou Lao Tsé, mas tudo indica que a ciência do Século XX está de certo modo voltando para suas origens esotéricas e pré socráticas. É um ponto de vista que defende Suares (302) a respeito do "Sepher Yetzirah" que ele considera como modelo estrutural que

falta às ciências modernas.

Vamos analisar a bipolaridade no próximo capítulo, já que tanto a esfinge e os modelos cabalísticos quanto o estruturalismo moderno nos levam a isto.

CAPÍTULO 6

Dialética na Esfinge

32. A BIPOLARIDADE

A dualidade aparece de forma simbólica na esfinge, de duas maneiras. Primeiro na composição de algumas esfinges egípcias, compostas de duas partes: o leão e o homem. Tudo indica que os egípcios queriam por em relevo a dualidade.

Algumas esfinges da Iconografia de Dessenne têm duas penas na cabeça. Kolpaktchy, o tradutor para o francês dos hieróglifos do "Livro dos Mortos" egípcio, observa a este respeito que o Egito tinha como visão central da sua visão moral o equilíbrio cósmico, encarnado pela deusa Maat, que tinha duas penas na cabeça. A deusa Maat encarnava a "verdade justiça". O autor coloca esta bipolaridade em confronto com a "libração da balança" do Arcano VIII da árvore sefirótica, que representa a justiça. A maioria dos deuses são duplos (Rá-Osiris, ptahTatenem, Horus Duplo, etc). Estabeleceu o Egito uma verdadeira balança cósmica (além embaixo).

Mais tarde a alquimia herdou do Egito este princípio de oposição e o simbolizou através da bipolaridade Mercúrio Sulfuro (26K).

Em segundo lugar, muitas esfinges estão colocadas aos pares, (ver [Fig. 6](#)) em geral uma na frente da outra.

Para demonstrar este fato, fizemos uma estatística. Eis os resultados encontrados, sempre a partir dos dados de Dessenne. que afirma que são justamente as esfinges guardiãs que se encontram aos pares.

Forma do acasalamento	Freqüência
Frente uma à outra	35
Viradas de costas ou seguindo-se uma à outra	9
Lado a lado	2
Total	46

Das 335 esfinges, 46 se encontram aos pares, o que é estatisticamente significativo (t = 7,37 com P = .01).

Mesmo os querubins se encontram, por ordem de Deus, segundo a Bíblia, aos pares, tanto para guardar a árvore da vida como para compor a Arca da Aliança.

33. O BINÁRIO NA CABALA

Em todas as árvores da vida os galhos são agrupados aos pares (ver [Figs. 29 30 31 32 33](#)). O candelabro de sete velas, que simboliza a árvore sefirótica da cabala, também tem os seus ramos agrupados aos pares ([Fig. 34](#)), correspondendo aos três pares de sefirot's laterais ([Fig. 38](#)).

Ainda na cabala, temos, como já o vimos, a dualidade representada pelas sete letras duplas: b, g, d, k, p, r, t. Estas letras podem ser pronunciadas de modo suave ou duro. Um dos livros da cabala, o Sepher Vetzirah, que teria sido escrito por Abraão, diz textualmente:

"As letras duplas representam os contrários. O contrário da vida é a morte; o contrário da paz é a desgraça; o contrário da sabedoria é a tolice; o contrário da riqueza é a pobreza; o contrário da cultura é o deserto; o contrário da graça é a feiura; o contrário do poder é a servidão" ([98](#)) ([195](#)).

Esta idéia dos contrários, a encontramos também na gênese, quando Deus declara que criou o homem a sua imagem, isto é, os criou macho e fêmea. Assim se reconhece, dentro do próprio Deus, uma dualidade ou bipolaridade.

O Sepher-Hazohar da cabala afirma, de maneira insofismável, em relação aos querubins, a intenção de simbolizar a bipolaridade.

Eis o texto que encontramos: "Os dois querubins colocados na Arca da Aliança eram a imagem dos princípios machos e fêmeos; pois tudo que há no mundo aqui de baixo é formado de princípio macho e de princípio fêmeo, a exemplo do mundo em cima" ([310](#)).

Nos seus comentários do Sepher Dzeniuta, o Rabbi Simeon Sen Yochai, também afirma: "A imagem divina é dupla. Há a cabeça de luz e a cabeça de sombra, o ideal branco e o ideal preto, a cabeça superior e a cabeça inferior. Uma é o sonho do Homem Deus, outra é a suposição do Deus Homem... Toda luz, com efeito, supõe uma sombra, e só se torna luz por oposição a esta sombra" ([99](#)).

Entre as ilustrações que conseguimos coletar, temos várias provindo da cabala e que colocam em relevo essa "lei dos contrários", através da oposição do preto e do branco, seja na estrela de Davi, em que há um triângulo preto entrelaçado com um triângulo branco ([Fig. 13](#)), e que encontramos também em motivos hindus

(Fig. 45), seja em ilustrações do nome JHVH (Fig. 52), seja na figuração da serpente em duas cores, branco e preto (Fig. 28), ou ainda no círculo preto branco, simbolizando o En Sof da árvore sefrótica (Fig. 38).

34. O YIN YAN CHINÊS

Talvez seja entre os chineses que encontramos mais desenvolvida e mais claramente expressa a dualidade através da doutrina taoísta do Yin e do Yan, e simbolizada por um círculo que contém duas partes divididas entre elas por uma espécie de S. A parte branca é chamada Yan e a parte preta é chamada Yin (Fig. 51).

La Tsé define o Yin Yan da seguinte forma:

"Enquanto ela (a vida) não tem o desejo,
Estado Yin permanente de concentração e de repouso,
Ela contempla a sua espiritualidade
Transcendente a todo modo e a toda potência.
Quando tem o desejo,
Estado Yan permanente de expansão e movimento,
Ela contempla a sua espiral.
Desenrolando se, o não manifestado produz o manifestado" (93).

Assim o Yin representa o estado de passividade e o Yang, o estado de atividade. Sem desejo, sem finalidade não há movimento, não há atividade. É o estado Yin.

O Yin e o Yan constituem uma alternância rítmica, uma sístole diástole garantindo o equilíbrio do universo:

"Todo mundo sabe que a beleza é a qualidade do que é belo
E que a feiúra, deformidade de coração também existe.
Todos os homens sabem que bondade é a qualidade do que é bom.
E que maldade, defeito da natureza, também existe.
Beleza, bondade, aspectos simples de harmonia,
Equilíbrio universal, lei geral do mundo.
Assim.
Pulsação do universo,
Forma e não forma se produzem e se condicionam mutuamente.
Difícil e fácil... Longo e curto...
Alto e baixo... Som e Tom... Antes e Depois..." (99).

No primeiro texto de Lao Tsé, que acabamos de citar, está também descrita a concepção da passagem do absoluto que não é polarizado em positivo e negativo, para a existência que ela é polarizada em Yin e Yan: "O não manifestado produz o manifestado". O círculo, simbolizando o absoluto, desenrola se numa" espiral" em "pulsação" feita de Yin e de Yan. Voltaremos ainda a estas noções quando tratarmos dos princípios evolutivos que se encontram na esfinge.

O Yin e o Yan. no entanto, não são separados por divisões herméticas (Ver [Fig. SI](#)). Há constante passagem de um estado ao outro; o ponto preto no branco e vice versa estão a indicar que há sempre um pouco de positivo no negativo e um pouco de negativo no positivo. A forma do S mostra a oscilação (em serpente que significa também energia que a move) entre os dois estados. No negativo há sempre um pouco de positivo, num homem perverso há sempre elementos de bondade, mesmo em grau mínimo. E a esfinge nos indica que em todo homem há um animal, ou vários conforme a esfinge.

Este binário fundamental rege o macrocosmo e o microcosmo havendo inclusive influência dos ritmos de um no outro.

No plano do macrocosmo, temos, por exemplo, as estações do ano e as partes do dia. Eis, calculadas pelos chineses, as proporções de Yin e Yan (100).

Ano	Dia	Proporções Yin-Yan
Primavera	Manhã	50/50
Verão	Meio-Dia	1/90
Outono	Tarde	50/50
Inverno	Noite	9/1

Há uma constante alternância de ação (Yan) e repouso (Yin) Isto vale tanto para as pulsações galácticas quanto para as estações do ano ou os raios cósmicos.

No plano do microcosmo, o organismo humano obedece às mesmas leis de alternância de Yin e Yan. Este ritmo ação repouso é encontrado numa infinidade de ciclos desde o metabolismo celular (anabolismo catabolismo) até o ritmo cardíaco de sístole diástole, respiratório ou digestivo. Eis as proporções de Yin Yan de algumas funções do corpo humano, segundo a medicina chinesa de há mais de cinco mil anos (101).

Função	Proporções Yin-Yan
Evacuação	1/99
Hepática	75/25
Coração	65/35
Supra renal	99/1

A acupuntura e micromassagem chinesas são baseadas neste tipo de proporções, assim como o seu sistema filosófico e sua sabedoria.

No "Há-Do" chinês [\(Fig. 44\)](#), que tem muita semelhança com a árvore sefirótica, o binário é representado pelas cores branca e preta. O branco está em cima (Yan) e o preto em baixo (Yin). Os três pares de três elementos parecem representar a evolução das proporções Yin Yan, dentro do círculo que representa o Absoluto e o ciclo do eterno recomeço. Este Absoluto, ou Tao, é a lei ou força equilibrante que regula a pulsação universal.

35. A TERCEIRA FORÇA

Assim, é mera ilusão pensar que só existem forças positivas e negativas. Há uma terceira força que é, ao mesmo tempo, anterior às duas, mas também resulta do jogo das duas. Lao Tsé a definiu da forma já citada anteriormente: "Um produz dois, Dois três". Esta afirmação "dois produz três" significa, segundo Stanislas Julien [\(97\)](#), que o Yin e o Yan se unem e produzem a harmonia. "O sopro do vazio mediano regula a harmonia deste", diz Lao Tsé [\(97\)](#) e o Yi-King explica que o sopro é a volta alternativa do Yin e do Yan. O Tao é a razão deste fato [\(97, nota cinco\)](#). Como se sabe, o Yi-King, escrito há aproximadamente cinco mil anos, é um comentário do significado do "Há-Do", mostrando que já há cinco mil anos existia a idéia da unidade, binário e do ternário [\(309\)](#).

Esta idéia existe também na cabala, tanto na árvore sefirótica, como no candelabro de sete velas e no tetragrama ou nome de Deus.

O Zohar por exemplo aponta a águia como sendo o terceiro elemento:

na visão de Ezequiel, a face de leão estava à direita, a face do boi à esquerda, e a da águia formava o traço de união entre as duas precedentes, enquanto a face do homem planava acima de todas as outras faces". [\(318\)](#)

Tanto na árvore sefirótica como no candelabro de sete velas que a

materializa, encontramos três pares reunidos em torno de um eixo central. Neste eixo central, há um ponto que está em relação, pelos canais, com todos os outros pontos. Esta sefira que corresponde ao número 6 é o "Tiphereth" ou beleza [\(Fig. 39\)](#). Ora, como cada um, dos sefirot's, o número seis é representado por um dos nomes de Deus: no caso, o nome mais expressivo e o único que, na religião mosaica, é proibido pronunciar. Como já o vimos anteriormente, este tetragrama é composto pelas letras: Iod, Hei, Vau, Hei (JHVH), de onde a sua pronúncia latina: Jehovah.

Assim, a estrutura geométrica da árvore da vida em si mesma já indica a unidade ou absoluto da origem (ver [Figs. 38 e 39](#)). Mas, não contente com isto, no eixo central encontramos o tetragrama que simplesmente repete o mesmo princípio. Veja mos:

O Iod, conforme já vimos, é o elemento que compõe todas as outras letras do alfabeto hebraico. É a unidade princípio e fim, pois o número 10 contém todos os outros números. Além disto é constituído de Um mais Zero: $1 + 0$. É, por conseguinte, o princípio que se une ao nada, O, para formar o todo, 10. Este todo Dez pode ser o homem como o universo.

Este Eu (humano ou cósmico) para existir tem que gerar um Não Eu. Isto só se poderá fazer por uma divisão em duas partes. Dez dividido por dois dá cinco. Ora, o número Cinco em hebraico é representado justamente pela letra Hei.

A letra Hei simboliza, por conseguinte, o princípio passivo em relação ao Iod, que simboliza o ativo. O Eu, ao se afirmar, só pode fazê-lo criando o Não Eu, pois o nosso mundo é um mundo relativo. Tal é a origem da dualidade [\(102\)](#).

O Hei está também simbolizando a feminilidade a que se refere o Gênesis. "Ele os criou à sua imagem; ele os criou macho e fêmea" [\(61\)](#). Assim se explica o símbolo de Adão.

Como acabamos de ver no plano do macrocosmo, o absoluto para passar a existir teve de se desdobrar em dois pólos. É neste sentido que se pode interpretar a "imagem de Deus" composta de macho e fêmea.

Como o homem é uma imagem de Deus, Adão para passar a existir também teve de se desdobrar em macho e fêmea, em princípio positivo e negativo, em Yin e Yan. Daí a imagem simbólica de Eva tirada de uma costela de Adão. Assim, antes do estado terrestre, teria havido, segundo a tradição cabalística, vários seres Adão-

Eva reunidos num só. Assim Adão teria sido, na sua origem, um ser andrógino, o "Adam-Kadmon". O amor é o terceiro elemento que tende a eliminar a contradição homem-mulher. Esta terceira força de atração leva o homem a procurar indefinidamente recobrar a unidade perdida.

Voltando ao Hei, esta letra representa, por conseguinte, o elemento passivo em relação ao lod Ativo, a feminilidade em relação à masculinidade, a substância em relação à essência, o Yin em relação ao Yan.

O Vau (V) é o elemento equilibrador, é a força da harmonia.

Com efeito, o Vau corresponde ao número Seis dos sefirot's [\(Fig. 39\)](#), que, como já o vimos, representa a beleza (Tiphereth), a harmonia ou o amor.

O número Seis é, ao mesmo tempo, a soma de cinco (Hei com a unidade lod. A sua forma hieroglífica é a de um gancho. Ele é real gancho entre o lod e o Hei, entre o Yin e o Yan [\(102\)](#). Na árvore sefirótica, é o ponto de convergência e de equilíbrio de todos os outros sefirot's. É a emanção do Absoluto no mundo da criação. É o Tau de Lao Tsé. É realmente impressionante verificar como as tradições religiosas em aparência tão distantes como o judaísmo (e através dele o cristianismo) e o taoísmo se encontram.

Podemos ainda acrescentar o símbolo hieroglífico do disco alado em que o disco é o Absoluto lod, as duas serpentes representam os dois Hei e as duas asas seriam o Vau (103).

O segundo Hei é o elo entre um mundo e o outro. Voltaremos sobre esta noção, quando falarmos do quaternário.

Segundo Wirth (252), haveria as seguintes correspondências entre os animais da esfinge e as letras do nome JHVH:

lod:	Leão
Hei:	Anjo
Vau:	Aguia
Hei:	Boi

Voltando agora à esfinge, podemos compreender mais facilmente o simbolismo dos modelos egípcios binários da esfinge. O seu binário homem-animal, Yin Yan, positivo negativo, etc.... é apenas aparente. A serpente foi acrescentada para fazer deste conjunto um ternário.

36. O ESPAÇO BIDIMENSIONAL E A HIERARQUIA DOS ELEMENTOS NA ESFINGE

No que se refere mais especialmente à bipolaridade na esfinge, compreenderemos melhor a sua manifestação simbólica se consultarmos certas tradições cabalísticas no que tange ao uso do espaço bidimensional para representar a bipolaridade.

Rabbi Simeon Ben Yochai, nos seus comentários do Sepher Dzeniuta diz que no simbolismo tradicional, a parte de baixo equivale à esquerda. O lado direito corresponde ao branco, o lado esquerdo corresponde ao preto (204). Em outras palavras o positivo é representado à direita e em cima, o negativo, à esquerda e embaixo. O que está embaixo é negativo em relação ao que está em cima. O que está à esquerda é negativo em relação ao que está à direita. Assim sendo, em função da sua posição, um positivo pode-se tornar negativo e vice-versa. Estamos em plena relatividade.

Idéia idêntica encontramos expressa por Gurdjeff. Para ele as forças ativas, passivas ou neutralizantes, só aparecem assim no seu ponto de encontro. Assim por exemplo, num corpo composto de quatro elementos ou centros (mais adiante voltaremos sobre estas idéias), o elemento superior é sempre positivo em relação aos elementos inferiores que ele domina (205).

Os monges construtores das igrejas medievais, seguiam o mesmo simbolismo espacial (123).

No tarô encontramos esfinges em várias situações em que elas assumem nitidamente sinais diferentes.

Na carta n° 2 que expressa a bipolaridade no seu nascimento (desdobramento do n° 1), a esfinge aparece, embaixo e à esquerda da "papisa" (Fig. 49), junto de símbolos bipolares (Letra dupla Beth, símbolo do Yin Yan, chão xadrez branco e preto, quarto minguante de lua) de maneira duplamente (ainda dois) negativa.

Na carta n° sete, que simboliza o setenário, (dois ternários harmonizados

pela unidade) encontramos duas esfinges simbolizando a bipolaridade dos ternários do setenário. Uma delas à esquerda do condutor é preta, logo negativa ou passiva. A outra é branca, logo positiva e situada à direita do condutor [\(Fig. 50\)](#).

Na carta nº 10 (1 + O) que simboliza a volta á unidade (Ver árvore sefirótica nos capítulos anteriores), a esfinge aparece em cima e no meio das forças do bem e do mal na roda da fortuna. Ela é, por conseguinte, o elemento equilibrador ativo e positivo em relação às duas forças situadas embaixo e ao mesmo tempo neutra ou equilibradora em relação a estas forças, pela sua posição mediana. As forças do bem sobem assumindo uma direção positiva, enquanto as forças do mal descem em direção ao negativo. As forças do bem partem de uma posição negativa, à esquerda da esfinge em direção ao alto positivo, em direção à síntese final, simbolizada pela esfinge [\(Fig. 53 – 54\)](#).

Na cada nº 21 (ou 22, conforme o baralho; há divergências a esse respeito), os quatro elementos da esfinge aparecem justamente na carta que representa a síntese final, a volta ao Absoluto. Se tomarmos agora o simbolismo dos animais já analisado em capítulo anterior vamos descobrir relações bastante interessantes. A águia e o homem se encontram em cima; o leão e o boi se encontram embaixo. Estamos, aqui, diante da oposição entre as forças espirituais (águia) e do ideal humano (homem), de um lado e as forças animais do instinto (boi) e da paixão (leão). Outro aspecto bipolar, a oposição entre o homem (anjo) e a matéria (boi) ou ainda entre a razão (águia) e o sentimento (leão). entre a mente (águia) e afeto (leão). Se tomarmos agora como ponto de referência o plano horizontal, teremos outras oposições bipolares: o homem dominando a sua mente (águia). Embaixo o conflito entre o sentimento (leão) e o instinto (boi). Há uma contradição entre esta disposição espacial do boi e do leão e a encontrada nos quatro mitemas da esfinge, no sonho de Ezequiel em que o leão é descrito à direita e o boi à esquerda. O mesmo se dá nas estátuas e baixos relevos medievais dos mitemas em torno de Cristo [\(77 – 79\)](#) [\(Figs. 11 12\)](#). Pode ser que haja uma inversão da simbologia, pelo fato de os ciganos provirem possivelmente da Índia, de onde teriam sido expulsos como casta indesejável. Ora, na Índia o boi é sagrado, considerado um animal pacífico, cheio de afeto e de sentimento, enquanto o leão seria então o animal instintivo. É realmente difícil resolver esta contradição.

Existe ainda uma outra bipolaridade inerente à esfinge. E a oposição, ou

complementaridade, masculino-feminino. A esfinge é realmente um ser ambíguo a este respeito. Ora aparece como ser masculino com cabeça de faraó, ora aparece como ser feminino. Quando e um ser feminino em geral é um ser temido, devorador e agressivo, cuspidor de fogo ou munido de espada, o que são características masculinas. Em francês, se a esfinge é masculina, nas línguas ibéricas e germânicas, ela é feminina. A sua colocação uma em frente a outra provavelmente simboliza também a bipolaridade masculino feminino. A análise de Lévi-Strauss, já citada em capítulo anterior sobre o mito edipiano e as dúvidas sobre as nossas origens autóctones, nos leva a relacionar a esfinge com a tradição cabalística da existência anterior ao homem de um Adão Kadmon andrógino.

As relações bipolares no espaço, usadas na cabala e descritas mais acima, explicam a maioria das estruturas quaternárias, que são, na realidade, bipolaridades distribuídas no espaço bidimensional. Os quatro pontos cardeais, a caracterologia quaternária de Jung (254), as quatro estações do ano, os quatro lados do retângulo, implicam num ponto harmonizador comum, o qual, na árvore sefirótica, é caracterizado pela letra Vau, o tetragrama Jehovah e simboliza a beleza ou harmonia (Figs. 38 –39).

Há um paralelo muito importante a fazer e analisar a este respeito: são as relações existentes entre os retângulos da árvore sefirótica de um lado, em que, como vimos, imperam relações bipolares biespaciais e o grupo de transformações de Klein, tão conhecido em matemática e explorado pelos estruturalistas (206).

Este possível paralelo nos introduz na época moderna.

37. A CONTRADIÇÃO NA ÉPOCA MODERNA

Encontramos em Baudouin (260 – 261) uma classificação do espaço, com alguns significados do ponto de vista psicanalítico. O simbolismo do espaço é idêntico ao dos antigos:

- NEGATIVO	+ POSITIVO
Baixo (esquerda)	Alto (direita)
Id	Si
Pai tirânico mãe terrível-satã	Pai ideal-mãe ideal-Deus
Escuridão	Luz
Fatalidade (morte)	Liberdade (nascimento)

Contração (depressão)
Tendências captativas (orais-anais)

Expansão (alegria)
Tendências oblativas (genitais)

Falar em contradição na nossa época nos leva a evocar de imediato a dialética hegeliana. As considerações de Hegel sobre a contradição poderiam muito bem ser acompanhadas de uma ilustração do símbolo do Yin Yan chinês ou do Sepher Yetzirah.

Hegel colocou em relevo o papel da contradição na vida humana. A oposição do positivo e do negativo, embora se anulem chegando a zero, representam também o Um, já que + a, — a têm em comum um "a".

Para ele a contradição não somente representa uma diferença entre o positivo e o negativo, mas o negativo contém o positivo e vice-versa. Para Hegel, a vida é contradição e união ao mesmo tempo. A tese e a antítese implicam numa síntese. A idéia de uma constante superação do homem através da análise das suas contradições nele mesmo e dele com a natureza está impregnando toda a filosofia contemporânea de Hegel a Marx, de Teilhard de Chardin a Roger Garaudy, passando por Jean Paul Sartre (182).

38. A DIALECTICA DOS CONTRÁRIOS EM PSICANÁLISE

É, por conseguinte, perfeitamente compreensível que esta filosofia tenha impregnado a psicoterapia moderna. A primeira grande contradição e bipolaridade observada em psicoterapia é a contida no modelo de Freud. A contradição entre o superego de um lado e o id de outro lado, entre a introjeção do mundo exterior e mais particularmente o mundo social de um lado, e de outro, as forças da natureza, representadas pelos instintos ou "pulsões". É interessante notar que Freud distingue uma bipolaridade pulsional: o seu já famoso eros e thánatos ou instinto de vida e de morte.

Em termos da esfinge estamos aqui evidenciando o conflito entre a águia de um lado, e o leão e o boi de outro lado. A águia simbolizando o superego e o boi e o leão, as pulsões.

A psicoterapia analítica, como o mostra mais particularmente Caruso, consiste justamente numa aprendizagem da análise das contradições pelo homem. Ao fazê-la, ele se torna cada vez mais consciente, mais autônomo, libertando-se da

sua alienação, tanto ao seu mundo, externo, como interno (mundo exterior introjetado). Mas estamos antecipando algo que será tratado mais adiante. Por enquanto estamos apenas querendo mostrar que no nosso século a bipolaridade constitui ainda uma preocupação essencial.

A psicanálise mostrou também a importância da "introjeção" na formação da personalidade. A primeira bipolaridade introjetada é, segundo Melanie Klein, a do seio bom e do seio mau (198). Nos introjetamos o mundo externo, colocamos dentro de nós, inclusive com suas contradições. Isto nos permite afirmar, "a priori", que, já que existem contradições, bipolaridades. no mundo exterior, estas bipolaridades devem se refletir fatalmente na nossa vida psíquica e aparecer nos resultados de investigações no terreno da psicologia científica propriamente dita.

39. A BIPOLARIDADE EM PSICOLOGIA

Como era de se esperar, as descobertas no terreno da bipolaridade em psicologia são extremamente ricas. Vamos apenas aqui, a título de ilustração, citar alguns exemplos.

Os psicólogos da Gestalt mostraram a existência de uma constante relação, na percepção de um objeto entre a "Figura" e o "Fundo". Conforme a concentração que damos à nossa percepção, uma figura pode virar fundo e vice-versa...

Em psicologia topológica, Kurt Lewin (183) e seus seguidores realçaram a importância dos "campos" de forças, dos sistemas de tensão que levam os indivíduos a agir. Este campo de forças implica no mínimo duas forças Um nível de aspiração, por exemplo, se caracteriza pelo descompasso existente entre o que uma pessoa é e o que ele deseja ser entre o objetivo que ela pretende alcançar e o lugar em que ela se encontra. Zeigarnik, em relação a este último aspecto, mostrou que uma pessoa age em virtude de uma tensão criada pela presença de um objetivo a alcançar. A tensão se torna nula quando o objetivo foi alcançado. Galeno P. Alvarenga confirmou tais pesquisas no Brasil, através de situações de "Tarefas Interrompidas" (184).

A psicologia da decisão também colocou em relevo o estado de tensão criado entre duas ou várias alternativas, assim com a influência do sucesso e do fracasso, outra bipolaridade, nas decisões (185). Outras bipolaridades ainda intervêm nas decisões, como por exemplo: caminhos tradicionais, caminhos modernos, ou

decisões programadas e decisões não programadas [\(186\)](#). Ainda neste terreno da decisão, Festinger colocou em destaque a tensão criada pela "dissonância cognitiva", isto é, pela existência de aspectos positivos da alternativa rejeitada [\(187\)](#).

Em psicologia social, no estudo dos pequenos grupos e da interação humana em geral, R. F. Bales conseguiu elaborar engenhoso sistema de classificação do comportamento dos indivíduos em grupo. Neste sistema ele distingue reações emocionais positivas e reações emocionais negativas, como por exemplo: solidariedade antagonismo, tensão relax, aprovação passiva desaprovação passiva [\(188\)](#).

Ainda em psicologia social, o comportamento de liderança foi objeto de vários estudos em que a oposição bipolar indivíduo grupo tem sido bastante realçada. Podemos citar, entre outros, os trabalhos de Chrys Argiris sobre o interesse do homem e da organização, de Mc Gregor sobre a Teoria X e a Teoria Y de Blake e Mouton, sobre as coordenadas interesse no homem interesse na produção [\(190 – 191 – 192\)](#).

Em psicologia comportamentalista e reflexologia de Pavlov e Skinner, o comportamento respondente é eliciado por estímulos positivos e muitas vezes perturbado por estímulos aversivos. A modelagem do comportamento operante se faz através de reforços positivos e negativos, tudo isto, ainda dentro de um binário estímulo reação, tomado como ponto de partida metodológico [\(150\)](#).

A bipolaridade masculino feminino tem sido amplamente demonstrada tanto pelos trabalhos de psicanalistas como Jung [\(10\)](#) no que se refere ao *animus* e *anima* presentes em todo homem e mulher, em quantidades variáveis ou por experimentalistas como Terman Miles, que chegaram a construir um teste de masculinidade-feminilidade e uma escala de medida. A distribuição estatística deste "traço" bipolar é gaussiana [\(193\)](#). Está ainda em discussão a participação na formação dos masculinos-femininos de outro binário: a do organismo (endocrinologia) e do meio (introjeção da mãe e do pai). Como em todo comportamento humano, é difícil distinguir os fatores fisiogênicos e psicogênicos e as relações entre o ginandromorfismo [\(118\)](#) e a "ginandrofrenia".

Em caracterologia e teorias da estrutura da personalidade existem inúmeros "traços" ou variáveis bipolares. Vamos citar algumas tiradas de um dos estudos mais

exaustivos realizados sobre o assunto por Murray (194): Conjuntividade-Disjuntividade; Exocatexis-Endocatexis; Intracepção-Extracepção; Impulsão-Deliberação; Projetividade-Objetividade; Radicalismo -Conservadorismo; Uniformidade-Mudança.

Seria necessário um tratado para comentar todas as variáveis bipolares isoladas pela análise fatorial de psicólogos, como por exemplo, Cattell, Leary e outros ainda (196 –197). A estrutura da personalidade, isolada por Cattell, por exemplo, é constituída de 16 fatores bipolares, como por exemplo: Confiante-Acomodado; Dependente-Auto-suficiente; Menor Força do Ego-Maior Força do Ego; Reservado-Expansivo.

Embora a existência de contradições e bipolaridades seja um fato demonstrado fartamente pela psicologia moderna, temos que reconhecer também que, em geral, intervém um terceiro elemento. Entre o positivo e o negativo se situa o elemento neutro. Do confronto da tese e da antítese nasce a síntese, como processo dialético. No modelo psicanalítico o ego regula as forças do id e do superego e toma decisões no "campo de forças" ou na escolha entre dois comportamentos opostos. Além disso existe uma homeostase que regula as interações entre o indivíduo e o seu meio.

Assim, chegamos ao ternário que será objeto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 7

O Ternário

40. ANÁLISE NUMEROLÓGICA DA PALAVRA KRVB. SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA

Seguindo o "conselho" de São João, já citado, quando disse que quem for inteligente calcule o "número do animal", pois é O número do homem, isto é, seiscentos e sessenta e seis, procuramos calcular o "número do animal" que nos preocupa aqui, a esfinge-querubim.

A afirmação de São João indica claramente a intenção, nessa época, de simbolizar os animais por números. Resta saber como isto se fazia.

Encontramos a provável explicação tanto na cabala, como nos tratados de "numerologia" (207). Aí encontramos, em primeiro lugar, uma descrição de certas propriedades das letras hebraicas que, como significante fonético, tem vários significados, entre outros um numérico. Assim, podemos facilmente transformar a palavra hebraica Kerub em número.

K=	11
R =	20
V=	6
B=	2
Total:	39

Se examinarmos mais de perto este total, verificaremos que ele é composto de três, e de três vezes três. Isto será intencional? Tirando o homem, são três os animais que, conforme veremos adiante, se desdobram em três partes cada um, o que dá o número de nove.

Cada parte do candelabro de sete velas é composto de três ramos no qual Deus mandou Moisés colocar três prateleiras em forma de amêndoas, o que dá nove prateleiras de cada lado.

Mas isto seria uma maneira ocidental de analisar o problema. Na realidade os cabalistas usavam a chamada adição e redução teosófica, que consistem no seguinte: para cada número faz-se a soma junto com o número analisado de todos os números que o precedem. Por exemplo:

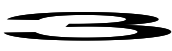
4 = 1 + 2 + 3 + 4 = 10

Depois se faz a redução, isto é, reduz se o número composto a um número

simples, somando os seus elementos. No caso de 10 teremos:

$$10 = 1 + = 1$$

Fizemos a redução teosófica das quatro letras da palavra Kerub. O resultado é surpreendente:

Caph		11	=	3
Resch		20	=	3
VAU		6	=	
Beth		2	=	3

Pela redução teosófica, todas as quatro letras são simbolizadas pelo número três.

Assim o número da esfinge KRUB seria 3333.

A soma trinta e nove, obtida mais acima, nos indicaria que temos um ser composto de três partes (o primeiro 3). Cada uma das suas partes é composta também de três partes (três vezes três dá 9). Temos por conseguinte, quatro três.

A redução teosófica nos dá a mesma idéia, de quatro ternários.

É extremamente difícil a correspondência numérica lógica das letras de KRUB ser devida ao acaso, isto porque das vinte e duas letras-números do alfabeto hebraico, transformadas em números reduzidos, só existem cinco letras correspondentes ao número três. Dessas cinco, quatro foram escolhidas. Há uma manifesta intencionalidade, pois a probabilidade do acaso é de 0,012.

Esta intencionalidade vem a favor da tese segundo a qual os querubins são representativos de uma estrutura de quatro elementos ternários ou de um elemento ternário subdividido em três ternários.

Como se trata também de um quaternário, número preferido segundo Papus, por Pitágoras, encontramos também diante de uma estrutura unitária, já que, como vimos há pouco, a redução teosófica do número quatro dá o número Um. Isto é, o quarto elemento Beth, como já o mostramos, simboliza provavelmente a volta à unidade.

Assim, do ponto de vista numerológico, a mensagem deixada com muita probabilidade pelos autores dos querubins é a de uma estrutura constituindo uma unidade composta de três animais, cada um composto de três elementos. A

totalidade seria o homem.

No Sepher-Hazohar da cabala encontramos menção de um nome, "Schinan", que sintetiza os animais. Eis o texto:

"A palavra Schinan é formada pelas iniciais das palavras" Schor" (b), "Nesher" (águia), "Ariyê" (leão) e "Adam" (homem)" [\(313, 316\)](#).

Além do nome Schinan a própria letra Schin, que é composta de três lod, também representa os três animais, dentro do nome de Mosche (Moisés). Eis o que fala o Zohar:

"A letra Schin do nome de Moisés é o emblema dos três ramos principais cuja escritura diz: "Todos os quatro à direita tinham uma face de homem". Ora, pode se ver que, além da figura de homem, há no Carro de Deus três outras figuras: o leão, o boi e a águia. As letras Mem e He do nome de Moisés designam o homem, quarta figura do carro" [\(314\)](#).

Descobrimos alguns fatos que vêm reforçar a idéia de intencionalidade da escolha de quatro ternários para compor a palavra KRUB. Enquanto os querubins foram colocados no centro do tabernáculo, as doze tnbos de Israel foram colocadas em quatro grupos de três (4 vezes 3) num dispositivo em quadrado, por ordem de Deus. Segundo um Targum do pseudo Jonathan, os emblemas destes quatro agrupamentos eram exatamente os do tetramorfo. Combinando a sua posição nos pontos cardeais, a sua ordem de marcha e as letras do nome de Deus, JHVVH que lhe corresponderia, temos o seguinte conjunto [\(295 _296\)](#):

Tetramorfo	Tribos	Posição	Ordem de Marcha	Letra do Nome de Deus
Leão	Judá Issacar Zabulon	Oriente	Primeiros	Hei
Homem	Ruben Simeão Gad	Sul	Segundos	Iod
Touro	Efraim Manassés Benjamim	Ocidente	Terceiros	Vau
Águia	Dan Aser Neftali	Norte	Quartos	Hei

Como se vê, a disposição das tribos em torno do santuário reproduz uma

ordem cósmica dividida em quatro ternários. São também quatro ternários os resultados da redução teosófica das letras dos querubins. Não é, por conseguinte, exagerado afirmar que os querubins resumem, na sua estrutura, além do microcosmo, também o macrocosmo.

Os especialistas em estrutura arquitetônica de santuários são unânimes em reconhecerem intenção de figurar nestes (quatro pontos cardeais, sinais do zodíaco, relógios solares, direção em relação ao sol), a concepção que os seus construtores tinham do macrocosmos. Isto também se deu para o tabernáculo e a disposição do povo de Israel, como parte integrante de um grande santuário ambulante no deserto (295).

No Sepher-Hazohar da cabala, encontramos também a idéia de que os animais representavam as doze tribos de Israel:

"E a bandeira de Schiloh (Moisés) trará um leão à direita, um touro à esquerda, uma águia no meio e um homem por cima. Há quatro faces à cada figura, o que dá doze, correspondendo às doze tribos" (Fig. 13 e ref. 315).

A redução teosófica dos três seis de São João, que disse que é um "número de homem", é de 333, pois cada 6 corresponde a 3.

41. O TERNÁRIO NAS RELIGIÕES DO MUNDO

Acabamos de constatar, no capítulo precedente, que, na realidade, não existem esfinges binárias, feitas apenas de duas partes. Há sempre três partes: uma bipolaridade equilibrada, harmonizada por um terceiro elemento ou uma terceira força, que tende a fazer voltar o Ser à sua unidade.

Antes de começar a escrever este livro, passamos alguns anos acumulando dados bibliográficos. Ora, é justamente sobre o ternário que encontramos, estatisticamente falando, o maior número de elementos. Este número é tão grande e abrange tantas disciplinas filosóficas e científicas que arriscamos nos perder, sobretudo no que se refere a estabelecer relações racionais entre os ternários.

Descobrimos, aos poucos, que a esfinge nos tinha colocado no caminho do estudo de leis muito gerais da estrutura dos universos, do átomo, da célula, dos genes, do homem e dos planetas, e que uma vez que se sai da Unidade Absoluta, passando pelo ilusório binário, é justamente o ternário que permitiu aos antigos uma

abordagem explicativa genérica e unitária dos fenômenos da vida.

E de novo, a árvore da vida, cujo sentido foi conservado pelos sábios judeus até os nossos dias no sistema sefirótico, nos permitiu reagrupar os elementos esparsos das nossas pesquisas, num modelo único.

Assim, os dois querubins esfinges do Gênesis, guardando a árvore da vida, conseguiram, no nosso caso, preencher a sua finalidade: foram os guardiões porteiros que nos levaram a conhecer algo da árvore da vida sefirótica. É este algo que procuramos transmitir ao leitor.

Para isto vamos voltar à descrição da árvore sefirótica. Conforme o leitor deve se lembrar, há dez sefiroth's distribuídos em três ternários da forma já descrita mais acima. A primeira safira (Alef, número 1) é chamada a coroa que criou os outros sefiroth's. Ela encabeça, além do conjunto todo, também o primeiro ternário. Este primeiro ternário corresponde ao mundo da criação. O segundo ternário corresponde ao mundo da formação e o terceiro ternário constitui o mundo do término, que é o nosso mundo material, sendo que o conjunto é o mundo da emanção do Ein Soph ou ou Infinito ou Aziluth (105).

Cada um dos elementos componentes destes mundos também se subdivide em dez sefiroth's e três ternários, e assim por diante.

É por conseguinte evidentemente que cada um dos sefiroth's assumam um significado diferente segundo o plano encarado.

O ternário no mundo da criação é encontrado em todas as grandes religiões e mitologias, seja no plano esotérico, como é o caso do judaísmo, seja no plano exotérico. Eis alguns dos ternários que encontramos.

Egito	Bramanismo	Taoismo	Budismo (Tri Kaya)	Judaísmo
Osiris-Isis Horus Ammon Phta	Brama Vishnou Silva	Tao Yin Yan	Dharma-Kaya Sombogha-Kaya Nirmana-Kaya	Kether Chochmah Binah
Catolicismo Pai Filho Espírito Santo	Escandinávia (104) Thor Odin Freyr	Gregos. Romanos Jupiter Juno Vulcão		

Também os três mundos ou planos encontram-se em várias religiões ou mitologias. Eis alguns exemplos:

Judaísmo	Budismo	Escandinávia (104)	Catolicismo
Beria	Brama loka	Asgard	Espírito de Deus
Vesira	Deva loka	Utgard	Alma (ou vida) de Deus
Assiya	Manoespe loka	Mitgard	Corpo de Deus

42. A ESTRUTURA TERNÁRIA DO HOMEM E A ESFINGE

O Sepher-Hazohar da cabala insiste muito sobre a estrutura ternária no homem. Eis um dos textos que encontramos:

"O membro superior direito é composto de três articulações, assim como o membro do lado esquerdo. As três articulações direitas correspondem aos patriarcas; mas, objetar-se-á, não será às três cavidades do cérebro que correspondem os patriarcas? Com efeito, este número três se encontra em todas as partes do corpo..." (311).

Vamos seguir a orientação de Salomon Ibn Gabirol, dentro da metodologia que traçamos no início desta obra, isto é, vamos tentar percorrer os mesmos caminhos e meandros do pensamento antigo, usando a sua própria espécie de abordagem.

Como o leitor deve se lembrar, o autor recomenda analisar o microcosmo, isto é, o homem, para se ter posteriormente uma idéia do funcionamento do macrocosmo. Reproduzimos aqui uma reconstituição feita por Papus (107 – 178 – 227).

Começamos pela célula. A célula possui três partes distintas:

- núcleo
- protoplasma
- A membrana

Em outras palavras, uma célula é uma unidade que se divide em ternário:

- O núcleo ou elemento central
- O protoplasma ou elemento intermediário
- A membrana que limita o corpo da célula

Vejamos agora o embrião humano. Também ele é dividido em três partes:

- O ectoderma

- O mesoderma
- O endoderma

Sabemos que cada um destes elementos dá nascimento a vários órgãos que permitirão a instalação de funções, por exemplo:

- O ectoderma dará o sistema nervoso (cérebro, nervos, fluido nervoso)
- O mesoderma dará o sistema circulatório (coração, vasos, sangue)
- O endoderma desenvolverá o sistema digestivo (estômago, intestino, lí nfa).

Conforme se vê, cada um dos sistemas é composto também de três elementos.

O que observamos é um constante desdobramento em três partes chamados mundos na cabala:

- mundo superior
- mundo mediano
- mundo inferior

Cada mundo, por sua vez, se desdobra em três mundos de tal forma que um dos "mundos" seja a localização do mundo que se desdobre, e os dois outros o reflexo dos dois outros mundos, o que podemos representar do seguinte modo, tomando como exemplo o mundo mediano:

	reflexo do mundo superior
Mundo mediano	localização do mundo mediano
	Lreflexo do mundo inferior

A interligação destes mundos obedeceria ao princípio já exposto anteriormente e resumido na [Fig. 41](#).

Vamos tomar como exemplo de desdobramento os três grandes "mundos" do homem:

<i>Mundo superior</i>	- O sistema nervoso (cabeça)
<i>Mundo mediano</i>	- O sistema sangüíneo (tórax)
<i>Mundo inferior</i>	- O sistema digestivo (abdômen)

O sistema nervoso está localizado na cabeça, mas tem as suas ramificações e reflexos no tórax e no abdômen, onde se distribui o fluido nervoso através dos nervos.

O sistema sangüíneo, localizado no tórax, está presente através dos vasos e

distribuindo o sangue na cabeça e no abdômen.

O sistema digestivo, localizado no abdômen através dos vasos linfáticos; alimenta o organismo inteiro.

Voltando agora á esfinge, já estamos percebendo que os três animais — o boi, o leão e a águia, cujo símbolo já analisamos, correspondem aos nossos três "mundos" físicos, integrantes do nosso corpo.

O boi corresponde ao nosso sistema digestivo, localizado no abdômen.

O leão, ao nosso sistema circulatório, localizado no tórax.

A águia simboliza o nosso sistema nervoso.

Com as ressalvas do princípio de inter relacionamento e interligação já descrito [\(Fig. 41\)](#) e da existência de vários planos de desdobramento dos ternários, tentamos dar, num quadro sinótico [\(Quadro II\)](#), correspondências entre diferentes aspectos anatômicos e fisiológicos do homem.

	Embriologia	Corpo	Membros	Órgãos Receptivos na Cabeça	Fonte Energética	Órgãos Energéticos	Tipos da Força energética	Condutores	Respiratórios de força	Sistema Nervoso Cerebropinal	Órgão de Exposição	Expressão
Águia	Ecto-derma	Cabeça	Maxilar	Olhos Orelhas	Ondas Luminosas e Acústicas	Cérebro Usina Elétrica	Influxo Nervoso	Nervos	Neuroneos	Córtex	Olhos Laringe	Olhar Palavra Exp.
Leão	Mesoderma	Peito	Braços	Nariz	Ar	Pulmões Coração Usina a Vapor	Força Vital	Vasos sanguíneos	Glóbulos	Hipotálamo	Braços	Gesto Escrita
Boi	Endoderma	Ventre	Pernas	Boca	Matéria (Vegetal, Mineral e Animal)	Estômago Intestino Usina Hidráulica Química Física	Energia física	Vasos Linfáticos	Gânglios Linfáticos	Bulbo e espinha	Pernas	Andar

Quadro IV

HOMEM. ANATOMIA E FISILOGIA
(Segundo Papus)

O exame do quadro nos permite observações bastante interessantes, por exemplo, a hierarquia dos órgãos da cabeça corresponde exatamente à hierarquia das três grandes partes do corpo: a boca está ligada ao estômago (boi); o nariz está ligado ao tórax (leão), enfim, os olhos e os ouvidos estão em comunicação com o cérebro (águia).

Os três grandes membros têm, cada um, uma função principal ligada ao nível em que se encontra colocado: o maxilar permite a linguagem oral (águia); os braços são os órgãos da expressão e sentimentos e as pernas sustentam o nosso corpo.

Os olhos, embora sejam órgãos sensoriais, também são órgãos de expressão. Podem expressar atenção intelectual (águia), emoções (leão), ou desejos (boi).

O nariz é órgão respiratório (leão) mas ao mesmo tempo tem função sensorial do olfato (águia) que nos abre o apetite (boi).

A boca é órgão de absorção alimentar (boi), mas permite também respirar (leão) ou expressar o pensamento (águia).

Há uma tradição oriental que compara o organismo humano a um veículo, ou melhor, uma carruagem. A carruagem é movida por um cavalo dirigido por um cocheiro. São os três elementos que permitem a carruagem funcionar.

O cocheiro é o princípio diretor deste conjunto. É ele quem manda e governa. É a cabeça.

O veículo é o princípio movimentado, e o que suporta a carga. É o corpo.

O cavalo é o princípio motor. É o intermediário entre o cocheiro e o carro.

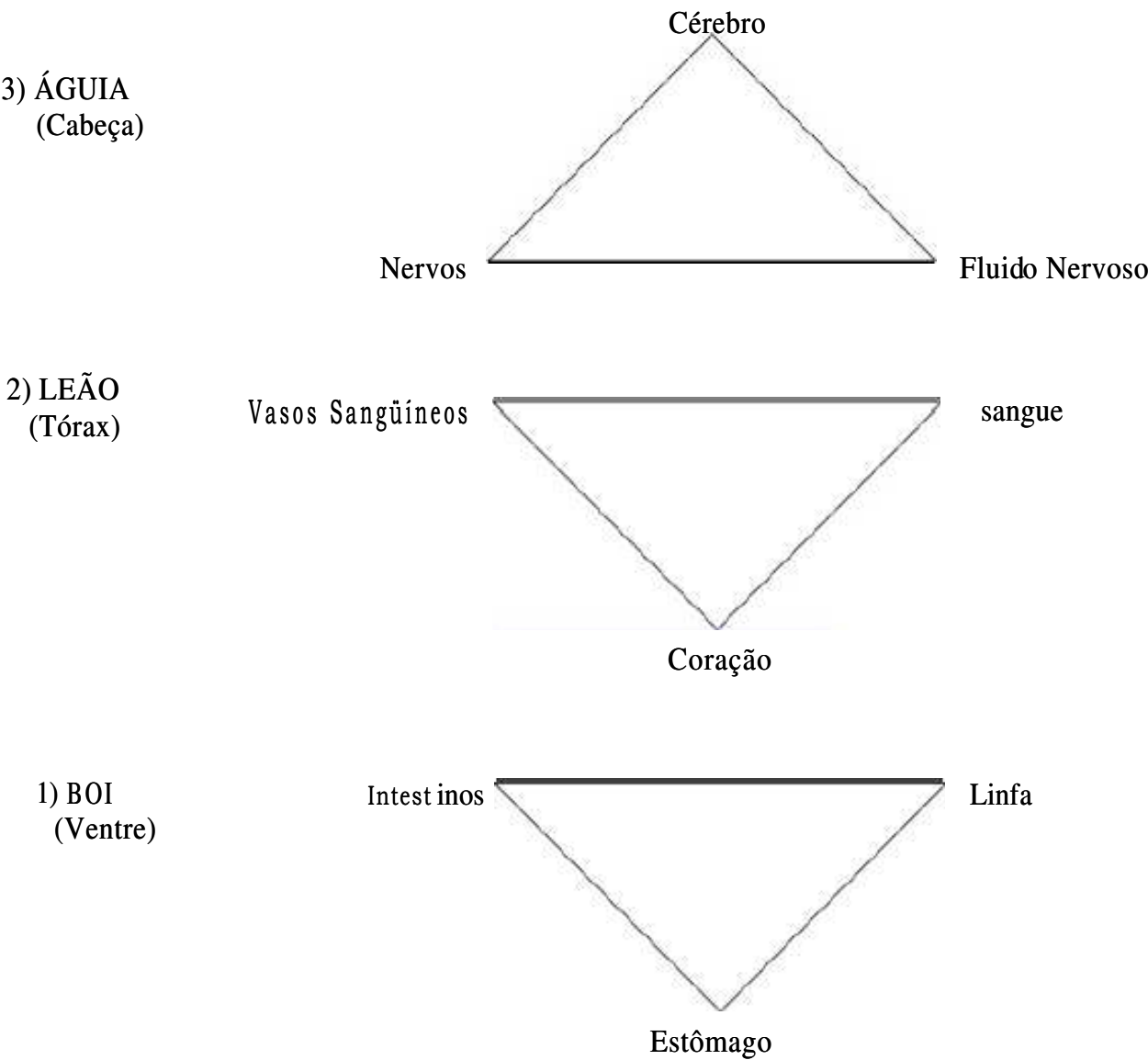
É a vida. É o elo entre a matéria e a vontade. (É o coração da carruagem) (107).

O cocheiro é a águia, o cavalo é o leão e a carruagem corresponde ao boi.

Voltamos agora alguns instantes ao que dissemos a respeito do binário: ativo passivo ou positivo negativo. Havia necessidade de uma força equilibrante ou de um intermediário entre os dois. No caso do exemplo acima, o cocheiro é a força ativa, o carro a força passiva e o cavalo, a vida e o princípio intermediário equilibrador.

Podemos agora, segundo Papus, aplicar este princípio nos três ternários da árvore sefirótica, conforme o [Quadro V](#) (108).

Quadro V



No [Quadro V](#), o triângulo de cima representa a cabeça (águia), onde está a vontade, o terceiro representa o ventre (boi) e o segundo, o tórax (leão) que contém o coração, órgão essencial à vida do organismo e intermediário entre os dois outros triângulos.

Em cima o princípio positivo, embaixo o princípio negativo, no meio o princípio equilibrador ou intermediário.

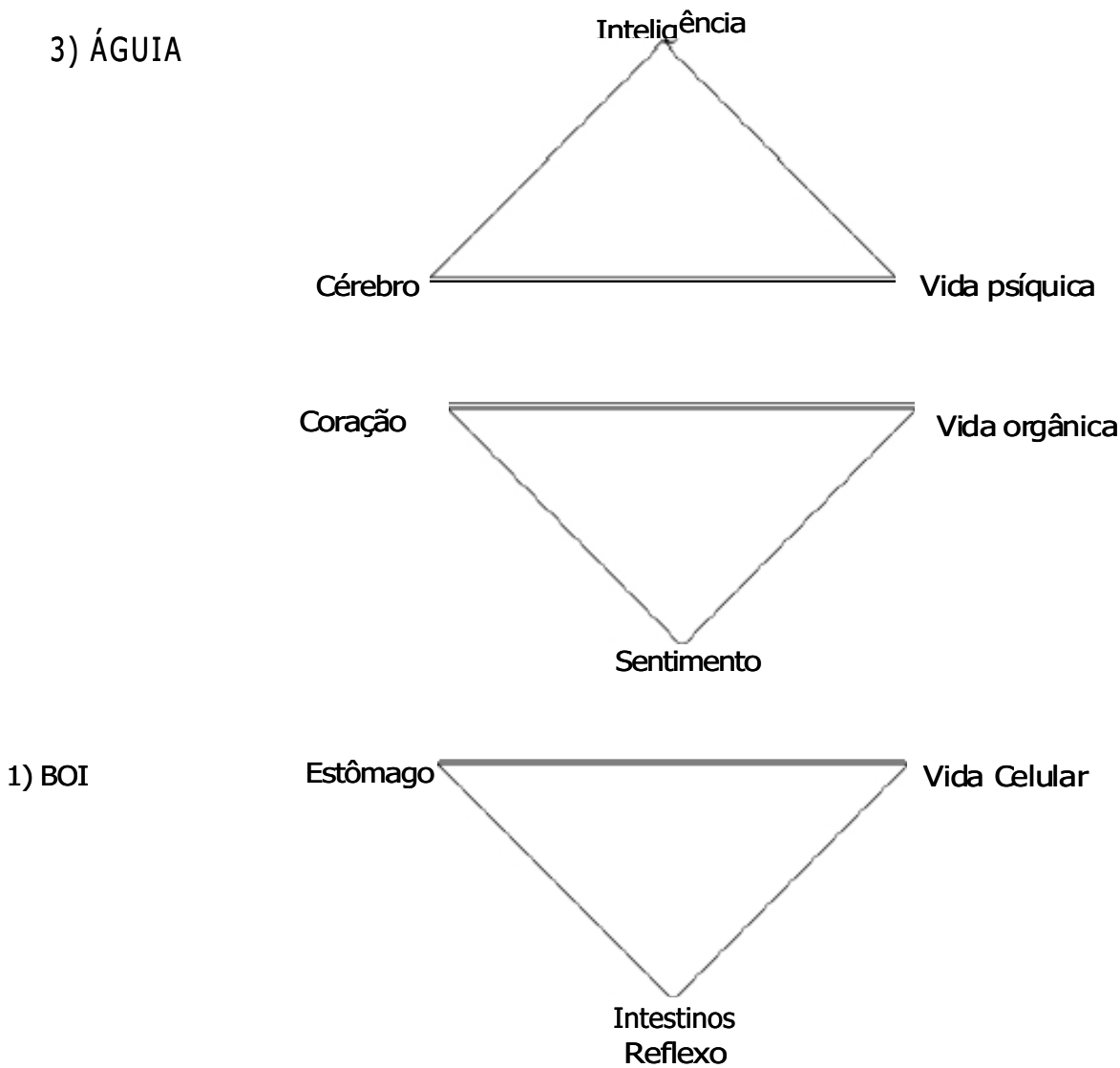
Em cada um dos triângulos temos os mesmos princípios, desta vez orientados da seguinte forma: à direita, os princípios ativos, que são os fluidos; à esquerda os princípios passivos, que são os órgãos condutores; no meio, os órgãos

de mando, como forças propulsoras. O cérebro mandando o influxo nervoso através dos nervos. O coração distribuindo o sangue através dos vasos e o estômago distribuindo o alimento para o intestino, cujas células o transforma em linfa.

Na coluna central está o órgão de mando, à direita os elementos da vida e à esquerda os veículos do corpo. Em simbologia da esfinge, temos no centro os elementos representativos da água, à direita os do leão e à esquerda os do boi.

Podemos fazer o mesmo para as grandes funções orgânicas ou psíquicas, como por exemplo no [Quadro VI](#), inspirado em Papus (108).

Quadro VI

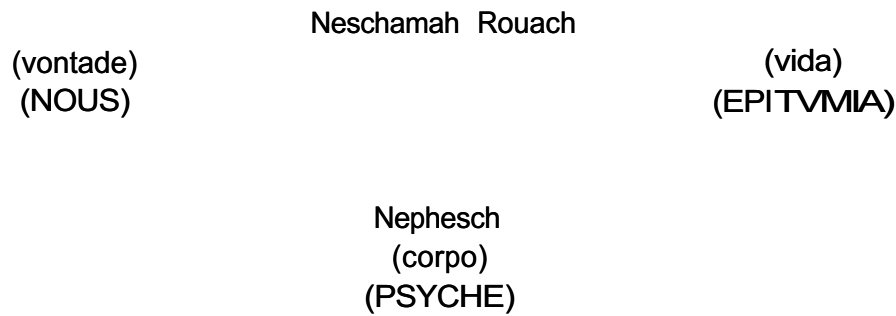


É realmente impressionante constatar o paralelismo existente entre o simbolismo da esfinge, a sua estruturação e a estrutura da árvore sefirótica. Agora compreendemos cada vez melhor por que esta insistência em colocar juntos os querubins e as "árvores da vida".

Temos, nos textos sagrados, provas da existência, na época das esfinges, de ternários psicossomáticos. Vamos expor alguns a seguir, a fim de mostrar que os escultores das esfinges ou os seus construtores tinham onde se inspirar.

Eis, por exemplo, o que fala o Bhagavad-Gitá. Krishna explica a Arjuna os Três Gunas ou qualidades da matéria: "A matéria tem três qualidades, princípios ou Gunas, que se chamam: Satwa ou Harmonia, Rajas ou Movimento e Tamas ou Inércia... Satwa (Harmonia)... vincula a alma pelo amor ao conhecimento e Harmonia... Rajas, a Emoção, é a natureza passional... Tamas, a Inércia vincula a alma pelos laços da negligência, apatia e preguiça" (109).

Na cabala temos também três partes no homem:



Estas três partes correspondem às "almas" de Platão, que também constituem um ternário, ou aos corpos mental, astral e físico da teosofia ou ainda aos corpos espiritual, natural e carnal dos cristãos.

Existe uma gravura medieval (Fig. 40), que mostra a árvore sefirótica da cabala aplicada ao homem, com os seus três ternários.

Convém lembrar, "en passant", que foi Moisés que introduziu esta divisão ternária nos seus livros ou Sepher e que foi o mesmo Moisés que colocou os querubins na Arca da Aliança.

Na filosofia ioga encontramos também três grandes manifestações no homem:

- China ou substância mental
- Prana ou energia
- Akasa ou matéria

Cabe ao ego consciente ou atman conhecer, dominar e guiar estas três instâncias psíquicas. A Raja-Yoga, por exemplo, cuida do domínio sobre a mente, enquanto a Hatha Yoga cuida do domínio sobre o corpo.

Interessante é que, como na cabala, na ioga o binário vem associado ao ternário da seguinte forma: a matéria em relação à energia é negativa, isto é, a energia é positiva em relação à matéria. Mas a mesma energia (Prana) é negativa em relação à substância mental (Chitta) (117).

Como se vê, o ternário faz parte efetivamente de toda tradição oriental, no que se refere à constituição psicossomática do homem.

43. *O TERNÁRIO E OS DADOS DA CIÊNCIA PSICOSSOMÁTICA MODERNA*

Mais impressionante ainda é que a Ciência Moderna vem ao encontro do ternário, seja na Embriologia, na Biotipologia, na Caraterologia ou na Sintomatologia Psiquiátrica. Muitos estudos seriam necessários para estabelecer exatamente até que ponto se justificam paralelos entre os ternários esotéricos e os ternários científicos. Fato é que dos dois lados temos ternários, conforme o mostra o [Quadro VII](#).

Quadro VII

BIOTIPOLOGIA KRETSCHMER		E TEMPERAMENTO E CARÁTER SHELDON E STEVENS	
Biótipo	Temperamento	Biótipo	Temperamento
LEPTOSSÔMICO	ESQUIZOTÍMICO	MESOMÓRFICO ENDOMÓRFICO	SOMATOTÔNICO VISCEROTÔNICO
ATLÉTICO	EPILEPTÓIDE		
PÍCNICO	CICLOTÍMICO		

Antes destes dois autores existiam tipologias binárias e quaternárias, além de uma maioria de ternárias (118). De trinta tipologias recenseadas, vinte são ternárias.

As pesquisas de Kretschmer, e sobretudo de Sheldon e Stevens, constituem até hoje os modelos mais usados no psicodiagnóstico psiquiátrico e psicológico.

Os últimos autores, após examinar e medir por meio de um sistema fotográfico bastante objetivo e de questionários e entrevistas quatro mil indivíduos,

conseguiram colocar em evidência os seguintes fatos: (119)

1) Os três tipos físicos e temperamentais têm uma distribuição estatística que evidencia que os tipos puros são extremos e raros, enquanto a maioria dos indivíduos se agrupam em torno de uma média (Distribuição de Gauss). (Cada um dos três tipos é medido numa escala de 1 a 7).

2) Entre os três tipos físicos o cálculo das intercorrelações mostra que há uma nítida tendência a que os tipos se excluam um ao outro (correlações negativas e altas).

3) As pesquisas de Sheldon e Stevens colocaram também em evidência uma alta correlação entre o biótipo e o tipo temperamental.

É neste terceiro ponto que muitas discussões ainda estão em urso, mais especialmente diante de objeções metodológicas de amostragem ou teóricas de natureza psicossociológicas.

De qualquer forma, mesmo na nossa época, as grandes divisões da esfinge estão ainda presentes na nossa biotipologia e caracterologia.

O próprio sistema nervoso está dividido em três grandes partes interligadas e integradas, que correspondem, a grosso modo, as três grandes funções simbolizadas pelos três animais da esfinge:

A corteza cerebral onde se localizam as grandes funções mentais;
Ohipotálamo. Os núcleos subcorticais são a sede das reações emocionais.
A medula, onde se localiza a atividade reflexa.

Até pouco tempo se desconhecia a organização estrutural da corteza cerebral. As idéias de Gall do século XIX sobre localizações cerebrais correspondendo as chamadas faculdades mentais, foram progressivamente destruídas pelos trabalhos dos neurofisiologistas que ressaltaram a existência de um sistema funcional integrado, embora reconhecendo a existência de "zonas" com funções específicas. Encontra-se um paralelo nas descobertas dos psicólogos da "Gestalt" sobre as relações "Figura-Fundo" e da Psicologia Topológica sobre a teoria do campo, que se insere dentro do movimento desencadeado pela teoria da relatividade de Einstein na Física. A tese das "localizações cranianas" e das "faculdades mentais" pereceu, embora encontremos ainda muitos rastros dela na

língua comum ou mesmo em tratados de psicologia educacional ou de filosofia.

Num recente simpósio sobre pesquisa cerebral e comportamento humano, realizado pela UNESCO, o psicofisiologista russo Lúria [\(172\)](#) procurou fazer uma síntese dos trabalhos realizados no campo da corteza cerebral. Afirma ele que atualmente o problema já não é mais de procurar localizar as funções complexas da mente. Na realidade, processos como a percepção, a ação voluntária, a memória ativa e o pensamento abstrato são "sistemas funcionais" extremamente complicados, de origem social, indiretos na sua estrutura e conscientemente auto regulados na sua função. Para os psicofisiologistas e neuro-fisiólogos, os objetivos mudaram. Trata-se de responder a uma outra pergunta: Como é que estes sistemas funcionais são realizados por constelações dinâmicas de zonas cerebrais, e como é que cada zona contribui na realização de todo sistema funcional?

Lúria mostra, então, que atualmente se aceita como fato demonstrado que o cérebro, como sistema auto regulado, consiste em última instância de três *unidades funcionais básicas, ou "blocos"*

Um primeiro bloco, fornecedor geral de energia, é o bloco de homeostase e vigilância. Este bloco lida com a parte interna do organismo.

— Um segundo bloco que Lúria chama de input, codificação e conservação da informação recebida do mundo externo. Recebe as informações do mundo externo, analisa as e faz a sua codificação. É composto de neurones com especializações diversas: figuras geométricas, cores etc. Estes neurones são constituintes das zonas primárias ou extrínsecas, ou sensoriais. Outra zona, dentro deste bloco, exerce uma função de integração destas informações parceladas.

— O terceiro bloco, situado na parte anterior do cérebro, e mais particularmente no lobo frontal, preenche o papel de auto regulação do organismo. É o aparelho que cuida da programação, da regulação e do controle do comportamento humano.

É interessante notar o "logotipo" [\(Fig. 42\)](#) adotado pela revista da UNESCO que publicou o trabalho de Lúria em 1970, na sua capa. É uma estrutura ternária que lembra a estrutura sefirótica [\(Fig. 41\)](#).

No plano das operações intelectuais, que são o próprio da corteza cerebral,

Piaget procura fazer uma análise comparativa entre as primeiras operações das quais se serve a criança e que derivam diretamente "das coordenações gerais das suas ações sobre os objetos".

São três grandes categorias. Segundo a reversibilidade, pode se proceder por:

- *Inversão* (Estruturas de classificação e de números)
- *Reciprocidade* (Serações. correspondências seriais etc.)
- *Proximidade, continuidade e fronteiras*

Mostra Piaget que estas estruturas elementares na criança rrespondem às "estruturas mães", denominadas assim pelo grupo de matemáticos Burbaki por serem as estruturas irredutíveis ,entre si e fontes de todas as outras. Estas estruturas-mães são em número de três. Este número três foi obtido, diz Piaget, por uma análise regressiva e não por uma construção apriorística.

É interessante notar o termo de "estrutura mãe" adotado pelos Burbaki's e que se assemelha estranhamente com os termos de "três letras-mães" usado no Sepher Yetzirah da cabala hebraica.

Estas estruturas são as seguintes:

As estruturas algébricas, caracterizadas pela presença de operações diretas e inversas, no sentido de uma reversibilidade por negação. A sua operação reversível é a inversão.

As estruturas de ordem, que se aplicam também a um número grande de casos, como, por exemplo, conjunto das partes ou o grupo e os seus subgrupos. A sua forma de reversibilidade é a reciprocidade.

As estruturas topo lógicas, que correspondem a noções de proximidade, continuidade e fronteiras já assinaladas como terceiras categorias de operações elementares notadas por Piaget nas crianças.

Assim, os trabalhos mais recentes sobre estruturas lógico matemáticas, comparados com o realizado sobre estruturas de operações lógicas elementares, permitiram identificar uma identidade entre os dois tipos de estruturas, ambas ternárias (173).

44. DO ÁTOMO AO COSMO

Voltando agora à nossa metodologia de investigação do microcosmo, visando compreender melhor o macrocosmo, achamos interessante tentar uma

pesquisa de fenômenos no macrocosmo ou no mundo dos átomos em função do que a ciência moderna nos ensina.

Começamos pelo átomo. Ele se compõe de três elementos:

- Próton (Positivo)
- Nêutron (Neutro)
- Elétron (Negativo)

A energia contida no átomo foi liberada graças à aplicação da famosa fórmula de Einstein: **$E: mc^2$**

A energia é função da massa e da velocidade da luz. Em outras palavras, é função da matéria (massa), do espaço e do tempo (velocidade: espaço percorrido em determinado tempo).

Assim, a energia pode ser subdividida da seguinte forma, como sendo função de:

- Matéria
- Espaço
- Tempo

Cada um desses elementos pode ser, por sua vez, dividido tradicionalmente em três partes. Vejamos:

O tempo tem três dimensões:

- Passado
- Presente
- Futuro

O Espaço tem três dimensões:

- Comprimento
- Largura
- Altura

A matéria se classifica em três elementos:

- Sólidos
- Líquidos
- Gases

É a luz que foi utilizada na fórmula de Einstein para medir a velocidade.

Ora, a luz, pela análise espectrográfica, se decompõe em três cores primárias:

<i>Síntese Aditiva</i> (Branco)	- Vermelho
	- <u>Azul</u>
<i>Síntese Subtrativa</i> (Preto)	- Verde
	- Magenta
	- <u>Amarelo</u>
	- Cyan

E se procurarmos o sistema do universo, também encontrarmos três tipos de astros:

- Estrelas (Sóis)
- Satélites
- Planetas

Também na Terra são três os reinos:

- Reino Mineral
- Reino Vegetal
- Reino Animal

Assim, se levarmos em conta apenas a estrutura ternária, somos forçados a constatar que efetivamente a estrutura ternária que encontramos no homem existe também no átomo, na Terra e no universo, pelo menos tal como o conhecemos atualmente.

45. *MENSAGEM DOS ANTIGOS*

É, por conseguinte, compreensível que os antigos tenham também dividido o Absoluto ou Deus num ternário, ou trindade, a não ser que os deuses astronautas tenham instruído populações da Terra (é a tese Pauwels, Bergier e Von Däniken) [\(120 - 121\)](#).

Explica-se, agora, a insistência em deixar consignado, sob todas as formas possíveis, a existência da estrutura ternária. Tudo se passa como se já tivessem existido civilizações possuidoras de conhecimentos científicos a respeito da estrutura do cosmo, e que estas civilizações ou grupos remanescentes, conscientes do seu próximo aniquilamento por explosões (atômicas?), terremotos, guerras de extermínio, dilúvios, maremotos, tivessem tido a preocupação de deixar gravado na pedra, ou condicionado pequenos grupos a conservar o essencial desses conhecimentos.

O que fariam, por exemplo, os nossos cientistas nucleares ou os nossos astrônomos, se soubessem que os seus livros iam ser destruídos e que iriam sobreviver junto de algumas tribos de índios do Amazonas? Como deixar entre os índios do Amazonas o essencial dos seus conhecimentos?

A solução que parecem ter encontrado os sábios da antiguidade foi deixar consignada a estrutura ternária, não somente na pedra, mas também nos ritos, nas preces, nas lendas, nos objetos de uso ritual ou mesmo caseiro e nos textos sagrados, na esperança de que estes chegassem, intactos, além dos textos sagrados.

Comentando uma plaqueta assíria, conservada no British Museum, representando a árvore da vida guardada por duas esfinges carregando dois outros seres alados e o disco solar com um ser, comenta Erich Von Däniken o seguinte: O objeto central é interpretado como uma "árvore sagrada", Mas poderia ser igualmente identificado como representação simbólica de uma "estrutura atômica" (122). O leitor já deve ter concluído que não há nenhuma oposição entre árvore sagrada e estrutura atômica, já que a árvore sagrada é uma mensagem cabalística da estrutura cósmica, e isto intencionalmente, como o mostra fartamente o presente livro.

Mensagens sobre estrutura ternária são encontradas, entre outros:

No sinal da cruz dos cristãos, na saudação dos maometanos, na estrela de Davi (os dois primeiros triângulos da árvore sefirótica, entrelaçados), na cruz de Cristo, na cruz anseática dos egípcios, a torre de três andares da Irlanda, os triângulos das pirâmides, os três pontos na assinatura dos maçons e seu avental triangular egípcio, o tríplice centro do Egito, as três letras-mães dos sefirot's (Alef Mem Shin), as três letras da palavra sagrada hindu (Aum), os três elementos do Há-Dô chinês .os triângulos do I-King, as três letras do nome de Jehovah (Iod, Hei, Vau), sem contar os inúmeros escritos já citados dos Vedas, Bhagavad Gitá. Lao Tsé, da Bíblia, da cabala e das tradições esotéricas.

Os símbolos animais aparecem agora como uma das maneiras de deixar consignada a mensagem do ternário: as esfinges de três elementos, que incluem o homem, simbolizam o homem como elemento equilibrante, como princípio vital ou diretor entre a mente (águia) ou energia espiritual (serpente) de um um lado, e o

corpo material (leão ou boi), ou os instintos animais.

Quando há três animais, principalmente o boi, o leão e a águia, estes três animais simbolizam os três planos acima descritos como modelo psicossomático do homem. Há provas bastantes de que esta hierarquia é intencional. Por exemplo, a ordem em que estão colocados os animais representando os Apóstolos de Cristo segue a hierarquia adotada no uso do espaço pelos monges construtores das igrejas e que corresponde, aliás, à hierarquia do espaço nos sefirot's. Em cima e à direita são os elementos positivos; em baixo e à esquerda, os elementos negativos. A ordem de apresentação ou de leitura será sucessivamente: (123)

- Em cima à direita (o homem)
Em cima à esquerda (a águia)
- Em baixo à direita (o leão)
Em baixo à esquerda (o boi)

A mesma hierarquia encontramos na indumentária dos faraós:

- O Uraeus frontal
- A juba do leão
- A cauda de touro enrolada nas costas da cintura.

É a hierarquia que encontramos também na maioria das esfinges. A presença do homem, nas esfinges com três animais, merece um estudo especial, pois se trata do quarto elemento, formando o quaternário. É o que será objeto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 8

O Homem e sua Evolução

46. O QUARTO ELEMENTO DA ESFINGE E O TARÔ DOS CIGANOS

A figura que domina os três animais nas esfinges de quatro partes é o homem. Esta hierarquia foi colocada em evidência no fim do último capítulo, quando falamos da ordem adotada na colocação dos animais simbolizando os quatro evangelistas.

Mas existem outras provas desta ordem hierárquica. Uma delas é o aparecimento dos quatro elementos da esfinge no tarô dos ciganos. Segundo a tradição esotérica, os ciganos, provindos da Índia de onde teriam sido expulsos, passaram pelo Egito e foram iniciados pelos sacerdotes, os quais lhes deixaram o jogo do tarô, o qual contém a mesma tradição da cabala [\(124 - 125\)](#). Vinte e dois "arcanos" maiores do tarô correspondem às vinte e duas letras hebraicas, ao mesmo título que os vinte e dois canais dos dez sefirot's.

No tarô os quatro elementos separados da esfinge aparecem nos quatro cantos do vigésimo segundo arcano, que corresponde justamente à síntese. Uma mulher nua em volta da qual está o famoso símbolo da evolução e da eternidade (vida morte), isto é, a serpente que morde a cauda. Em volta da serpente estão os quatro elementos da esfinge [\(Fig. 11\)](#).

Como já o mostramos anteriormente, a vigésima segunda letra hebraica é o "Tau", que tem semelhança fonética com o "Tao" ou "via", de Lao Tsé (ou Absoluto) e na cabala corresponde ao vigésimo segundo "canal" que une a nona sefira (geração) com a décima ou lod, que simboliza a volta à unidade [\(Fig. 39\)](#).

É curioso que a esfinge aparece ainda três vezes no tarô, sempre em cartas vitais do ponto de vista da numerologia.

A primeira vez a esfinge aparece no arcano menor das moedas na primeira cada, ao lado do "Pai da Criação", que segura uma moeda com as letras já analisadas, lod, Hei [\(Fig. 48\)](#).

A segunda vez, a esfinge se apresenta sob forma binária [\(Fig. 50\)](#), isto é, duas esfinges guiando um carro quadrado (símbolo quaternário da obra realizada). Inúmeros símbolos lembram o domínio do espírito sobre a matéria: o cetro remontado por um triângulo (símbolo do espírito), por um quadrado (símbolo da matéria) e por um círculo (símbolo da eternidade). As duas esfinges representam as

forças ativas e passivas, atreladas ao carro e dominadas pelo seu condutor. O conjunto da carta corresponde à sétima sefira da cabala e significa a vitória do espírito sobre a natureza (125) (Fig. 50).

A terceira vez, a esfinge se encontra na carta do arcano maior Dez ou letra hebraica lod, que, como já vimos, significa o retorno à unidade (10: 1 + 0) na árvore sefirótica (Fig. 53 — 54), como última. A carta representa, para fins exotéricos, a famosa "roda da fortuna".

Mas a sua simbologia é bastante significativa: à direita (notem a posição cabalística no espaço), está o gênio do bem, Hermanúbis. O gênio do bem está subindo pela roda (de novo o espaço cabalístico: direção para cima...) A esquerda, se encontra Tífon, o gênio do mal, que está caindo. Em cima da roda, se encontra a esfinge com uma espada, simbolizando a força equilibradora entre as forças positivas e negativas, suma o controle das forças da natureza. Sempre presentes estão a estrela de seis pontas e duas cobras. O leitor já está familiarizado com estes dois símbolos. Mas não é demais lembrar o poder Kundalini e a Kundalini-ioga, que visa a conseguir o "Samadhi" ou iluminação através da sublimação da energia (serpente) em direção da maior perfeição espiritual (estrela de seis pontas). Convém notar que Hermanúbis está segurando um eixo (sistema nervoso), com duas cobras enroladas (energia) e duas asas em cima (águia): o Caduceu de Mercúrio.

A quarta vez já foi analisada no início deste capítulo e simboliza a evolução e volta à unidade.

Só pela análise da presença da esfinge no tarô dos ciganos, já podemos inferir qual a função simbólica do homem: Ele é a esfinge, isto é, um ser composto de três animais simbólicos, três forças da natureza, das quais ele precisa ter consciência e aprender a dominar. Dominar significa sublinhar a energia, conseguindo neutralizar as forças positivas e negativas, as da moral e do instinto que estão em nós, a águia em cima e o boi e, ou o Leão (conforme a esfinge) que está ou estão embaixo de nós. Trata-se, em termos dialéticos, de eliminar as nossas contradições internas, para chegar, cada vez mais, à maior unidade do nosso ser.

Mas ainda há muito mais elementos demonstrando que a esfinge simboliza, através do quaternário, a evolução consciente do homem. É o que vamos mostrar agora.

47. A EVOLUÇÃO CONSCIENTE DO HOMEM

Estamos aqui diante de uma concepção estrutural do homem, e ao mesmo tempo evolutiva. Estrutural, pois pressupõe o ponto de vista desenvolvido há pouco, que além da mente, da emoção e do instinto, que seriam os três inconscientes do homem, existiria uma função de conhecimento e de controle. Evolutiva, pois esta consciência e este domínio constituem um caminho para chegar à iluminação ou Samadhi.

Estas duas idéias de estrutura hierarquizada e de evolução dentro desta estrutura, nós as encontramos, não somente em textos de vários autores esotéricos, mas ainda em certos ritos.

Por exemplo, o tríplice cetro do Egito, que era composto de um chicote, um bastão e uma vara, representava respectivamente:

Chicote: domínio sobre o corpo (boi)
Bastão: controle sobre os sentimentos (leão)
Vara: domínio do pensamento (águia)

O trono simbolizava o domínio da natureza animal no homem [\(126\)](#).

Há: num ritual judaico muito antigo, algo de parecido: são as quatro espécies vegetais usadas na festa de Sukkoth [\(127\)](#).

Dessenne assinala que no "Texto das Pirâmides", a esfinge é mencionada sob o nome de Rwtj (deus leão), que era um deus-guardião e associado a Atum ou Tum, no Livro dos Mortos do Egito.

Ora, este deus guardião é o que preside as cerimônias de iniciação. Hassan [\(213\)](#) encontrou nas suas escavações em torno de Giseh inúmeras tabuletas com desenhos de esfinges associadas a orelhas. Esta parece simbolizar a tradição iniciática oral, as quais, como se sabe, consistiam em procurar a "iluminação" através de uma evolução por estágios (Céus, Chakras, Fases) sucessivos, ou metamorfoses. Nestas metamorfoses o iniciado (ou o morto) assumia o papel de vários animais deuses, depois de ter rechaçado vários monstros. Entre os animais figuram o leão, o touro, a serpente e o falcão, além da andorinha e do crocodilo. O texto de "autodescrição" da esfinge RWTY, que transcrevemos a seguir, é bastante ilustrativo a este respeito.

"Eu sou o hoje

Eu sou o ontem
Eu sou o amanhã
Através dos meus numerosos nascimentos
Permaneço jovem e vigoroso...
Sou o leme do oriente
Senhor das duas faces divinas.
Minha irradiação ilumina todo ser ressuscitado
O qual no entretanto passa, no Reino dos Mortos,
Por transformações sucessivas,
Procura o seu caminho penosamente
Através da região das trevas...
Grande será o meu esplendor
No meio desta bela ordem
Deste dia renascendo!
Na verdade, quebrarei a resistência destes
Que se unem contra mim e se escondem,
Forjando planos para me rechaçar!
Ah! Estes demônios que rastejam nas suas barrigas!...
Felizes os que no além
Contemplam em paz os seus restos mortais...
Na verdade eu sou o que
Anda em direção à plena luz do dia...
Que o Deus poderoso, que anda atrás de mim,
Durante o tempo em que me dirijo para o além,
Me mantenha debaixo da sua boa guarda
A fim de que a minha *carne* se torne mais forte e mais sadia,
Que o meu *espírito* santificado mantenha a guarda por cima
dos meus membros,
Que a minha *alma* os cubra e os proteja das suas asas... (274)

Se olharmos agora a [Figura 24](#), que representa uma cerimônia funerária ou de iniciação, compreenderemos melhor a função da esfinge. Era um deus que acompanhava o iniciado ou o morto com o qual ao mesmo tempo este se identificava. Interessante é notar, no texto, o aparecimento bem explícito do ternário: carne, espírito, alma. Na [figura 24](#) talvez seja o boi a carne, o Leão a alma (com asas...) e a serpente o espírito que está deixando o corpo, e está montando a guarda "por cima dos seus membros", como diz o texto.

É preciso lembrar que a descrição de uma cerimônia de iniciação ou mortuária é idêntica.

Com efeito a iniciação consiste, na realidade, em conseguir uma morte artificial em que o espírito fosse viajar fora do corpo e o contemplasse. Através dela se conseguem estados de iluminação.

A iniciação consistia em morrer artificialmente para "renascer" (276).

Mayassis demonstra isto num livro de 700 páginas (299).

Estamos desejosos de que se faça uma análise estruturalista dos textos principais do livro dos Mortos egípcio, o que permitiria talvez jogar mais luz ainda sobre a função da esfinge e, aliás, das cerimônias iniciáticas em geral. São trezentas páginas de texto...

De qualquer forma, encontramos nele a esfinge associada à

- Função de guardiã
- Cerimônia iniciática
- Idéia de dominar monstros para
- Chegar à iluminação após
- Vários estágios de "metamorfose"
- À procura de domínio, coesão e equilíbrio entre os elementos
- De um ternário da estrutura humana bastante conhecido de todas as escolas esotéricas (carne, espírito, alma)
- De um ternário temporal: passado, presente, futuro, também já associado com a esfinge por vários autores.

O texto das pirâmides, aliado à ilustração nº 24, está a nos demonstrar, em resumo, que a esfinge é, ao mesmo tempo, um deus guardião, um símbolo de estrutura psicossomática, da estrutura cosmológica, e, ainda mais, um símbolo do caminho do "quarto estágio evolutivo" através do domínio do "monstro animal", visando chegar à iluminação.

Jung (10 - 128) insistiu várias vezes em relação ao simbolismo de heróis que matam animais ou monstros. Segundo ele, trata-se de um arquétipo simbolizando a luta do homem contra a sua libido, contra a sua parte animal. A respeito do material de fantasias trazido por Miss Miller, que inclui o aparecimento da esfinge do Egito, analisando o símbolo da esfinge a partir da teogonia grega, Jung lembra o caráter incestuoso da mãe da esfinge, Equidna, que era uma mulher formosa em cima e uma horrenda serpente embaixo. Além disto, a esfinge foi gerada pela união de sua mãe com o próprio filho desta, Geríon, que foi vencido por Hércules, que também domou o leão, de Neméia, outro irmão da esfinge.

O próprio herói mitológico Édipo elimina a esfinge após ter respondido corretamente ao problema proposto. Todo mundo sabe do complexo incestuoso de Édipo. Assim, a esfinge representaria também o domínio precoce, isto é, o recalque das nossas tendências incestuosas.

No Oriente Médio temos Dario matando um grifão, isto é, um leão alado

(129), e Neptune domando um cavalo alado (130). De novo, em os simbolizado o domínio pelo homem da sua parte instintiva e da sua mente (Fig. 55).

Gilgamés, um herói mitológico assírio, acompanhado de Enkidou, era célebre pela sua preocupação em procurar a imortalidade e penetrar no mundo do além. Para alcançar a floresta de cedros, teve que matar o monstro Houmbaba (247). Mais tarde vai procurar a planta da juventude, mas uma serpente o impede. Num episódio aparece até o "boi celeste" mandado para matar Enkidou por ter desprezado a deusa do amor.

Há nesta epopéia de Gilgamés um trecho bastante interessante no que se refere ao valor simbólico de "domar o animal" para chegar a um estado extático:

"Se não domarmos Houwawa
O brilho de esplendor desaparecerá na confusão
E, desaparecendo o brilho do esplendor, obscurecerá
a claridade". (255).

Estão aqui bastante claros os símbolos de domínio do corpo animal, do desprezo do amor físico. Para encontrar a árvore da vida é preciso "matar o animal". A ilustração (Fig. 36), em anexo, é bastante clara. Além disto, para chegar à iluminação e alcançar a imortalidade é preciso ainda dominar o poder da serpente Kundalini.

Mayassis (300) fez uma análise exaustiva do mito de Gilgamés e demonstra que este era, na realidade, um sacerdote e um iniciado.

Há uma experiência bastante interessante em que encontramos a função de "guardião" ao mesmo tempo que uma explicação do valor simbólico de matá-lo. É na técnica psicoterápica do "Rêve Eveillé" ou "Sonho Acordado" de Desoille. Esta técnica explora o "inconsciente coletivo" de Jung. O paciente, deitado no divã, imagina a sua própria pessoa viajando no espaço, subindo e descendo à vontade. Todos os pacientes descritos, num certo momento em que querem "subir" mais, enfrentam a um monstro, animal feroz, dragão ou serpente. Quando o paciente "mata o animal", consegue ele "subir" mais e *encontrar em geral uma luz branca e sentimentos extremamente puros se associam a esta luz*. Nós mesmos tivemos a oportunidade de, nas nossas experiências de "Rêve Eveillé", verificar este fenômeno.

Desoille distingue três situações, cada uma sujeita a uma interpretação

si mbólica diferente:

1) A imagem do guardião do jardim que representaria o superego impedindo o ego de realizar a sua parte instintiva do id. É a interpretação freudiana feita no nível do inconsciente individual.

2) O dragão do folclore faria parte do inconsciente coletivo e representaria a Mãe que, mantendo o seu filho numa ligação incestuosa, o impediria de chegar à plenitude de um amor normal.

Este tipo de guardião não impede o acesso a um jardim mas impede a "subida" do paciente, isto é, impede o paciente de escolher livre e conscientemente novos objetos de investimento da libido.

À interpretação freudiana vem se acrescentar uma interpretação mais lata. Trata-se, não somente da relação incestuosa tomada como obstáculo, mas sim de todas as traves instintivas que impedem o paciente de realizar o "si", isto é, o ideal do ego, construído a partir das imagens positivas do pai e da mãe. Assim sendo, o "tesouro" em geral guardado pelo dragão, é, na realidade, um tesouro espiritual.

Assim o id passa a ser a instância e recalque o si. Para chegar ao "Si": é preciso matar o animal guardião.

3) Quando o paciente já chegou a um certo estágio de sublimação, então aparece outro obstáculo, a subida. Não é mais o dragão, mas um ser benevolente e firme que barra o caminho. Desta vez se trata do ego, consciente, que sente que, se quer dar mais um passo para uma vida mais bela, mais profunda, terá que renunciar a certos hábitos; é ainda a resistência do id através do ego consciente, para alcançar o sublime. Disse Desoille que "recalamos o sublime como recalamos o que nos parece ignóbil" (258). Esta idéia se aproxima muito da de Maslow, a do recalque do sublime, e explicaria talvez melhor o seu mecanismo profundo.

Voltaremos sobre este aspecto no próximo capítulo.

Voltando ainda à história de Édipo em suas relações com a esfinge é bastante interessante notar que a solução do enigma representa também um símbolo: exatamente o símbolo da evolução, a respeito do qual estamos falando. "Qual é o animal que tem quatro pés de manhã, dois ao meio dia e três ao entardecer?" Édipo explicou que era o homem: ao nascer engatinha, como adulto

anda nos dois pés, na velhice apóia se numa vara (23). Está bastante claro que a esfinge simboliza a evolução através da idade. Agora que conhecemos a simbologia estrutural da esfinge, podemos também dizer que a infância é representada pelo boi, pois é predominantemente motora e instintiva. A juventude pelo leão, pois é a idade do recolhimento espiritual e da sabedoria.

Assim, toda história ligada a Édipo simboliza ao mesmo tempo a evolução e o recai que dos nossos animais em nós, mais particularmente das nossas primeiras tendências incestuosas.

Isto mostra que os antigos eram freudianos antes de existir Freud. Aliás, há um texto muito inesperado, no Bardo- Thödol, o Livro dos Mortos tibetano, que mostra que há vários milênios já se conhecia a relação edipiana. Descoberto por Jung, reproduzimo-lo aqui. Ao fazê-lo, nosso intuito é apenas mostrar que a hipótese de os autores da esfinge terem também pensado no domínio das primeiras relações incestuosas e no seu recalque, visando garantir a evolução do homem, esta dentro do possível. E agora vamos ao texto, bastante perturbador para nós se considerarmos a idade em que foi escrito: "Se se deve nascer macho, o sentimento de ser um macho desperta no "Cognoscente" e um sentimento de ódio e de ciúme em relação ao pai e de atração em relação à mãe será sentido. Se se deve nascer fêmea, o sentimento de ódio intenso em relação à mãe, de atração em relação ao pai é sentido (1).

Este domínio das tendências incestuosas é, no entanto, um mero condicionamento, operante primário, usando a linguagem de Skinner, isto é, o domínio das tendências libidinosas foi recalcado por diversas "agências controladoras" do comportamento humano, tais como a família e a religião. Criou-se um domínio interior que gerou um hábito, uma segunda natureza. Em termos de esfinge, a águia passou a dominar o boi. Mas o homem não é consciente deste recalque. Através da psicanálise, o ego irá descobrir a relação edipiana.

O modelo psicanalítico de Freud é um modelo evolutivo que lembra muito a esfinge: de um lado temos a nossa vida instintiva, o nosso id; do outro lado temos o nosso superego, produto das introjeções dos valores parentais e sociais. Este superego, em geral rígido, age como uma polícia interior, como uma justiça cega. O ego será a força reguladora entre o id e o superego. Corresponderá, em termos de

esfinge, ao homem que, conscientemente, regula a interação da água de um lado, e do boi e leão do outro lado. A correspondência entre o modelo freudiano e o da esfinge pode ser esquematizado da seguinte forma:

SERPENTE	-----	LIBIDO
HOMEM	-----	EGO
ÁGUIA	-----	SUPEREGO
LEÃO	}	ID
Boi		ID

A serpente representa a energia, a libido de Freud, que pode ser usada pelo ego em vários níveis. No nível do boi, as pessoas encontrarão os prazeres da mesa, dos sentidos e das relações puramente genitais ou sensuais.

Gastar energia no nível do leão corresponde a deixar-se dominar pelas paixões, pela luta competitiva. Serão pessoas que gostarão de lidar com outras pessoas no plano sentimental, de terem muitos amigos. As relações sexuais serão condicionadas ao sentimento.

Quem gastar energia no nível da água a colocará a serviço dos grandes valores da humanidade: a beleza, a verdade e o amor espiritual. Serão pensadores, filósofos e místicos, serão homens "sublimados" no sentido freudiano. Freud define a sublimação como o desvio diante de obstáculos, das pulsões instintivas sobre objetivos socialmente superiores (131).

Embora a água seja um nível superior ao leão e ao boi, muitos autores esotéricos consideram que há uma instância superior a estas três categorias. Estas são consideradas como estágios evolutivos.

48. OS ESTÁGIOS EVOLUTIVOS

A ioga, por exemplo, nos ensina que a hierarquia ternária: vida instintiva, vida emocional e vida intelectual, corresponde a três estágios de evolução:

- 1) O *homem instintivo* que tem uma vida semelhante a de um animal: comer, beber, dormir, satisfazer as suas necessidades sensuais. Para estes indivíduos o "eu" se confunde com os próprios desejos.
- 2) O *homem emocional* vive no mundo do "gostar" e "não gostar". Para estas pessoas só existe o sentimento, o amor, a coragem. A sua vida instintiva e a sua

vida intelectual é dominada pela vida emocional. Para estas pessoas "o coração tem as suas razões que a razão desconhece". Para o homem emocional o "eu" se confunde com o "coração".

3) O *homem mental* representa um grau de consciência maior. Análise e síntese, pensar, raciocinar, observar, fazer hipóteses e tirar conclusões são as suas atividades principais na procura da verdade. A inteligência procura unir também a sabedoria, e colocar-se a serviço dos valores que descobriu. A partir deste momento está entrando na quarta fase ou quarto estado.

O homem mental confunde o seu "eu" com os seus pensamentos. Descartes, quando anunciou o seu famoso "Cogito ergo sum": "Eu penso, por conseguinte sou", traduziu de modo bastante expressivo este terceiro estado de consciência.

Na Raja Yoga [\(20\)](#) encontramos uma série de exercícios cuja finalidade é justamente conhecer estes três estados diferentes de consciência. À medida que se toma conhecimento destes estados de consciência, também está se tomando consciência da existência do verdadeiro "eu". É justamente o "eu" que se mostra capaz de conhecer o instinto, a emoção e a mente, e que poderá fazer uma opção consciente e responsável.

Essa opção foi muito bem sintetizada por Papus, cuja iconografia reproduzimos na [Figura 58](#). O homem pode escolher entre três tipos de esfinges como objetivo de vida [\(301\)](#).

A primeira esfinge composta por animais extremamente "primitivos":

- O porco com os seus instintos "grosseiros"
- O javali com a sua agressividade desenfreada
- O macaco como caricatura do homem automático que imita sem saber por quê.
- O papagaio que só sabe repetir automaticamente, sem entender o que está falando.

A segunda esfinge, dita "normal", composta dos elementos já analisados no presente livro:

- O boi passivo, domesticado para trabalhar
- O leão do coração e da paixão
- A águia ou mente, que controla o leão e o encadeia
- O homem despertando

A terceira esfinge, ou esfinge "evoluída", composta de mitemas bastante eloquentes:

- O cavalo fiel e "nobre"
- O cão amigo fiel do homem
- O anjo
- O pombo, símbolo de evolução espiritual.

Na iconografia cristã os querubins se transformaram em anjos, como se a cristandade tivesse definitivamente banido o animal Instintivo da sua vida. Haverá uma certa pressa inconsciente em virar anjo?...

Em compensação a religião judaica ficou com o leão, que permanece presente até hoje junto à Tora. São os judeus mais realistas?

4) O "eu" *verdadeiro*. O quarto estágio se caracteriza por uma tomada de consciência do verdadeiro "eu". Isto pode ser feito observando, por exemplo, a nós mesmos durante o período em que comemos, amamos ou pensamos. No momento em que dizemos para nós mesmos: "eu estou comendo, ou eu estou amando, ou eu estou pensando", desperta em nós a percepção da existência de um ser em nós que é capaz de conhecer, de conscientizar a nossa atividade instintiva, emocional ou mental, ou, em linguagem de esfinge: o nosso boi, o nosso leão ou a nossa águia. Este ser é o nosso "eu" verdadeiro.

Uma vez despertado o eu, é que se pode iniciar o desenvolvimento do controle voluntário dos três níveis anteriores, isto é, da canalização da energia em atividades cada vez mais superiores, até atingir o estado de Samadhi ou iluminação interior e posteriormente o estado de consciência cósmica ou Nirvana.

É este quarto estágio que é simbolizado na esfinge, pelo homem. A esfinge de Giseh, antes de ter sido desfigurada por várias batalhas, tinha uma expressão estática de felicidade tal, que era a coisa que mais impressionava os visitantes. E a esfinge foi erigida voltada para o sol nascente, isto é, a fonte da luz, assim como o início do dia (132). Evolução para iluminação, eis mais um aspecto da mensagem da esfinge. Seu aspecto humano.

49. O DESPERTAR DO HOMEM

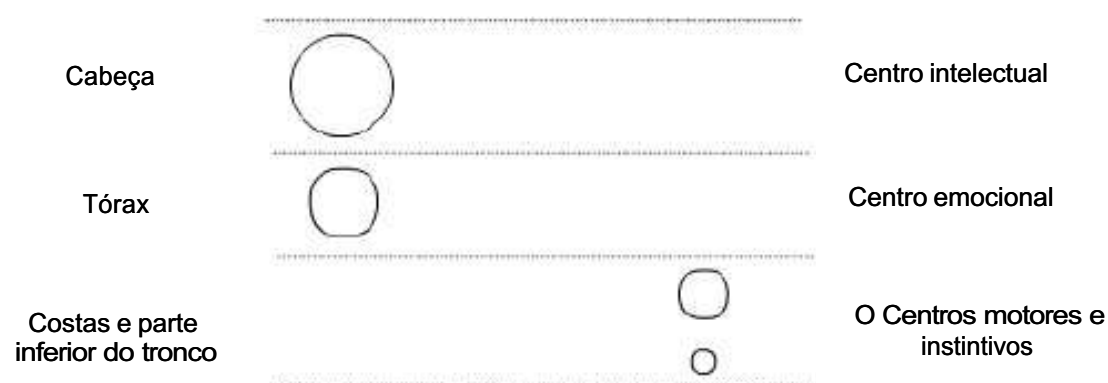
Gurdjeff e seu discípulo, o matemático Ouspanski, desenvolveram,

baseados nos seus estudos esotéricos e em prolongados estágios nos mosteiros do Tibet (133), uma teoria evolutiva bastante sedutora, e que atraiu, no início deste século, inúmeros homens de letras e filósofos, ao seu famoso retiro de Fontainebleau (134).

A sua tese principal é que estamos todos adormecidos, num estado limite entre o sono e o estado de vigília. Experiência clássica e simples que ele sugere para tomarmos consciência deste estado é. a que consiste em tentarmos ouvir um relógio, concentrarmo-nos nele sem pensar em outra coisa. Ninguém consegue isto **mais de alguns segundos. Voltamos a pensar, em função dos nossos** condicionamentos próprios. Na vida real, só de vez em quando "despertamos": quando, por exemplo, dizemos para nós mesmos: "Que interessante, eu estou deitado numa rede à beira-mar".

Este estado de adormecimento, Ouspanski o explica pelo condicionamento. Nada nos pertence; tudo nos veio do mundo exterior com exceção de alguns reflexos primários ligados à defesa do nosso organismo. É o meio ambiente e sobretudo a sociedade. que condicionou os nossos hábitos, pensamentos e crenças, a tal ponto que pensamos que as opiniões são nossas, quando na realidade estamos repetindo simplesmente o que ouvimos dos nossos pais, parentes e educadores (135).

Segundo a sua análise, o homem atual está inconsciente ou semiconsciente. Todos nós estaríamos adormecidos e parados num dos primeiros estágios evolutivos. Para evoluirmos temos de "acordar", isto é, tomar (o nosso "eu") consciência progressiva e dominar os nossos quatro centros que correspondem aos nossos quatro primeiros estágios evolutivos. Descreve ele estes quatro centros como uma *subida* progressiva. Vamos resumir a sua descrição:



Estes centros corresponderiam aos três primeiros estágios evolutivos dos

sete que existiriam e que seriam os seguintes:

Homem Nº 1: Dominado pelos instintos e pelos impulsos motores. É o homem físico.

Homem Nº 2: Homem emocional.

Homem Nº 3: Homem intelectual dominado pelos seus pensamentos. A maioria da humanidade seria fixada num destes estágios. Para passar a um estágio seguinte, é preciso de uma cultura de "escola".

Homem Nº 4: Tomou consciência de si mesmo e tem noção clara da existência de uma *unidade*, de uma consciência e de um eu permanente. Tem, ao mesmo tempo, um desejo permanente de se desenvolver, o que se tornou a sua preocupação principal.

Homem Nº 5: É o homem que chegou a ter ao mesmo tempo a *unidade e a consciência* de si mesmo. Há um centro superior que trabalharia para ele.

Homem Nº 6: É o homem que adquiriu uma *consciência objetiva* que seria dirigida por um outro centro que lhe permite um domínio, ainda não permanente, sobre todas as suas funções psicossomáticas. Possui novos poderes fora do entendimento do homem comum.

Homem Nº 7.. Possuiria consciência e domínio permanentes. Teria ele um eu *permanente* e uma *vontade livre*.

Existiriam religiões, artes, ciências, culturas e civilizações classificáveis nestas categorias.

O homem de nossa civilização ocidental dificilmente passaria do quarto estágio. Só grandes místicos como Buda ou Jesus Cristo teriam chegado (Cristo na "escola" dos essênios) ao estágio Nº 7.

De novo encontramos, nos três primeiros estágios evolutivos, o equivalente aos três animais da esfinge: o boi, o leão e a águia. O quarto estágio corresponde ao despertar da consciência humana. Há uma coincidência notável entre a estrutura da esfinge e a estrutura exposta por Gurdjeff e Ouspanski.

Este quarto estágio encontramos em inúmeros sistemas estruturais esotéricos sob nomes diversos.

Por exemplo, segundo os hindus, a vida tem quatro objetivos e sentidos. Os três primeiros sentidos definem o valor da pessoa. Eis os quatro sentidos da vida:

1. *Kama*: Prazer, sexo, realização de si no plano sensual.
2. *Artha*: Realização de si no plano social, no plano da ação.
3. *Dharma*: Dever, virtude, busca da perfeição do nosso ser.
4. *Moksha*: Libertação final e total das cadeias da existência. Realização do eu.

A evolução se faz através da satisfação plena dos três primeiros sentidos da vida, isto a fim de que o homem possa comparar estes com a realização do quarto objetivo, e chegar livremente à conclusão de que este quarto estágio é mais gratificante que todos os outros. "Nunca renunciei a nenhum vicio, são eles que me deixaram", é a frase do Santo. Ela resume toda uma filosofia evolutiva (136).

Quando relatamos, a respeito do ternário, a imagem oriental da carruagem, do condutor e do cavalo, tínhamos deixado de lado, para apresentá-la aqui, o quarto elemento da estrutura, que é o dono da carruagem. O dono da carruagem representa a vontade consciente que controla o cocheiro (mente), o cavalo (sentimento, ação) e a carruagem (corpo). Segundo a terminologia teosófica, temos o corpo físico, o corpo astral, o corpo mental e o corpo causal (137).

50. AS VIAS PARA O QUARTO ESTÁGIO

Gurdjeff distingue três "vias" para se chegar ao quarto estágio. Cada uma destas vias corresponde a um dos "centros" anteriormente descritos.

1. *A via do faquir*, que corresponde à luta com o corpo físico. Corresponderia, em termos da esfinge, em dominar o boi. Muitos faquires se tornam monges ou jogues.

2. *A via do monge*. É a via da fé, do sentimento religioso. Ele passa anos concentrado sobre o seu segundo centro, o sentimento. Ele procura encontrar a unidade de toda a sua estrutura, em torno do centro emocional, do leão da esfinge.

3. *A terceira via é a via do ioga*, é a via do intelecto, do conhecimento. É a via da meditação e do silêncio. É a via da águia.

Gurdjeff passou a sua vida procurando desenvolver uma quarta "via", pois

achava que poucos conseguem chegar ao quarto estado pelas três primeiras. A quarta consistia numa abordagem simultânea e .consciente dos três "centros". Ao morrer, falou para os seus discípulos: "Deixo-os em maus lençóis"... (138)

Mas não é só nas escolas esotéricas que se procura alcançar o desenvolvimento de um homem consciente em vez de um autômato. Toda a psicologia moderna, e mais particularmente a psicoterapia, tende a alcançar tal objetivo. Vamos agora mostrar que o símbolo humanista da esfinge está presente na ciência psicológica moderna.

51. HOMEM CONSCIENTE VERSUS AUTÔMATO NO SÉCULO XX

Igor Caruso tem acentuado o valor do símbolo como sendo o de um encontro, pois o sentido etimológico de símbolo é "simbalein", que significa justamente "encontro" (139). Sendo assim, o símbolo da esfinge é um encontro nosso, nós os homens do século XX, nós os homens das ciências humanas, devidamente equipados para abordagem dos símbolos, com os sacerdotes (ou cientistas?) de uma ou várias dezenas de milênios atrás.

Conseguimos encontrar-nos através da esfinge, com a sua concepção da estrutura psicossomática do homem. Mostramos, nos capítulos precedentes, como esta concepção ainda é atual ou mesmo redescoberta como é o caso da estrutura psicossomática sheldoniana ou das estruturas primárias ou "naturais" no pensamento matemático segundo os Burbakis, ou da génese das operações lógicas segundo Piaget.

Vamos tentar agora fazer o mesmo com a concepção que parece ser expressa pelo destaque feito na esfinge à pessoa humana, a qual é sincrônica com a idéia do quarto estágio evolutivo, que encontramos em todos os sistemas iniciáticos esotéricos de que temos conhecimento, conforme o resumo que acabamos de apresentar.

Já falamos mais acima do modelo freudiano, no qual duas forças antagónicas são equilibradas, poderíamos dizer até administradas por um ego consciente. No sistema freudiano, a evolução do homem se faz num sentido de adaptar as pulsões libidinosas ou princípio do prazer às regras e normas impostas, tanto pela natureza como pela própria sociedade, isto é, adaptar este princípio do

prazer ao princípio de realidade (149).

Como ele introjetou a própria natureza e o superego dos seus pais e educadores, trata-se também de uma adaptação a si mesmo, como o mostrou Caruso, cuja idéia foi desenvolvida recentemente por Jarbas Moacyr Portella (140 – 141).

Mas esta idéia de adaptação parece significar, na realidade, acomodação, estagnação e reificação. É na medida em que o homem se desfaz da sua alienação ao meio e ao próprio superego rigidamente policial que ele se torna realmente humano. Amadurecer significa, amantes de tudo, tornar-se cada vez mais consciente dos seus próprios condicionamentos alienantes. Consiste em substituir progressivamente um superego alienado, por um ideal conscientemente escolhido, por um ideal do eu que pode ou não coincidir com o superego ou ego ideal. Sem isto, não há evolução possível, nem pessoal nem da humanidade, já que os nossos superegos são introjeções dos superegos dos nossos pais, avós, bisavós, etc., como o mostra Freud (141).

É justamente neste novo "ideal do eu", em perpétua evolução á medida que o ser humano enfrenta novas contradições, que vemos o nascimento progressivo do homem. De um homem cada vez mais livre, porque consegue constantemente aperfeiçoar a administração de si mesmo.

É da constante dialética entre a águia de um lado, e os dois animais, o leão e o boi de outro lado, que nasce progressivamente o homem. Há, porém, como o mostra Caruso (142), uma constante opacidade do símbolo que preside o encontro entre o eu e o não-eu (interno ou externo) e toda situação é ambígua. O homem tem que aprender a viver com a ambigüidade, adquirindo progressivamente o que Simone de Beauvoir chamou de "morale de l'ambiguïté" (143), uma moral em que o homem decide a cada momento importante, em função das variáveis da situação e da sua formação humana.

Se há, como mostrou Freud, uma compulsão-repetição, esta constitui um fator de aprendizagem. O mito de Sísifo, tão bem descrito por Camus (144), representa muito bem esta compulsão-repetição, porém numa pessoa em evolução a repetição nunca leva ao mesmo lugar. Depois de ter esclarecido um símbolo, depois de ter eliminado uma contradição, o homem se encontra numa nova etapa

evolutiva. Esta etapa é sempre provisória e a evolução se faz em espiral, como o mostra Caruso (142), e Lao Tsé (93). Seria uma espiral sinusoidal, "um ritmo em espiral" (Fig 55). Cada regressão é o prenúncio de um novo avanço. Avanço e recuo, porém, acontecem em graus mais elevados do que os anteriores. A cada avanço, o ego e o seu ideal se definem melhor. O homem renasce fortalecido.

Avanço-recuo, tese-antítese, transforma-se constantemente em novas sínteses, que se transformam em teses, havendo um eterno recomeço. É graças a eles que se faz a hominização teilhardiana ou personalização progressiva carusiana (139 – 147 – 148).

Como o mostra Levy Valensi, temos uma tendência a perceber este conflito apenas nos níveis mais elevados. Por exemplo: o conflito corneliano entre o amor e o dever. No entanto, ele já se situa ao nível animal, ao nível da reflexologia Pavloviana, onde aparecem os conflitos entre excitação e inibição (145). Logo, situa-se também ao nível do boi, em linguagem de esfinge.

Mas não é só no nível animal que se faz o condicionamento. Os trabalhos do Skinner e da sua escola têm, através de experimentação em animais em laboratório e no homem nas clínicas e hospitais psiquiátricos (análise comportamental), colocado em relevo vários fatos importantes, fatos que passaremos a resumir a seguir.

Baseado nas experiências de Pavlov, de condicionamento de animais, Skinner tem desenvolvido inúmeras pesquisas dentro do esquema:

S ————— R

Isto é, estímulo-reação. A medida que iam progredindo as suas pesquisas descobriram que só os condicionamentos ligados aos músculos lisos e ao sistema glandular se enquadravam dentro do esquema S — R, isto é, referem-se principalmente à fisiologia interna do organismo. No "comportamento reflexo" ou "respondente", estabelece-se uma substituição de estímulo. Um estímulo anteriormente neutro adquire propriedades de "eliciar" uma resposta anteriormente específica de um estímulo efetivo, quando o estímulo neutro é imediatamente seguido ou reforçado pelo estímulo efetivo (150).

Por exemplo, o som, na experiência de Pavlov, é seguido da visão do alimento, o qual elicia a salivação. Aos poucos o som passa a adquirir as

propriedades de estímulo de salvação. Isto é, o que Skinner passou a chamar de comportamento respondente para distingui-lo do comportamento operante.

No comportamento operante o estímulo reforçador se dá *depois* da resposta e não depois do estímulo neutro, como é o caso do comportamento respondente. O esquema simplificado seria:

S ————— R

Por exemplo, um pombo recebe alimento *depois* de bicar um disco, ou uma mãe dá carinhos a sua criança *depois* que ela fez os seus deveres de escola, ou o pai elogia o filho *depois* de ele ter trazido boas notas no seu caderno escolar.

Outro critério distinguindo o comportamento operante do comportamento respondente é que o comportamento operante é específico dos músculos estriados. Além disto se traduz por uma ação sobre o meio-ambiente. É um comportamento exterior ao organismo.

O comportamento operante pode ser "modelado" tão bem quanto o comportamento "reflexo", porém através de "reforços". A "modelagem" do comportamento operante se faz, na sociedade humana, por meio do que Skinner chama de "agências controladoras", tais como agências governamentais, organizações religiosas, escolas, agências psicoterápicas, sem contar a própria agência familiar. Comportamentos operantes, como por exemplo: a indução, a discriminação ou a abstração, a linguagem, a obediência às leis, a cortesia, entre outros constituem "cadeias operantes" bastante complexas, entre as quais o "comportamento verbal" é o mais complexo.

Neste sentido, as pesquisas de Skinner mostram o quanto o nosso comportamento é condicionado, deixando, ao que parece, pouca margem para o livre arbítrio, para um comportamento decisório "voluntário" e "consciente".

52. O COMPORTAMENTO DE AUTOCONHECIMENTO E AUTOCONTROLE

Skinner tem-se preocupado muito com este problema. O que ele relata lembra muito as opiniões emitidas por Gurdjeff e segundo as quais somos todos adormecidos. Diz Skinner textualmente: "Um homem pode não saber que fez alguma coisa. Pode ter-se comportado de uma dada maneira, talvez energicamente,

e não obstante ser incapaz de descrever o que fez... Um homem pode não saber que está fazendo alguma coisa... Um homem pode não saber que ele tende a ou está indo fazer alguma coisa... Um homem pode não reconhecer as variáveis das quais o seu comportamento é função..." e ainda "Um dos fatos mais extraordinários a respeito do autoconhecimento é que ele pode não existir" (151).

O comportamento "consciente", ou chamado como tal por outros autores e que Skinner intitula de "autoconhecimento", é um comportamento operante. O comportamento de "autoconhecimento" existe quando um "repertório verbal" que descreve o comportamento pessoal foi reforçado por uma comunidade que insiste em respostas a questões como "O que foi que você disse? O que está fazendo? O que é que você vai fazer? ou Por que está fazendo isso?". Isto o estimula ao comportamento de "autoconhecimento".

Rogers, através de suas intervenções de conteúdo reflexivo, *reforça*, no ~~sentido skinneriano~~, o cliente em psicoterapia ~~a emitir~~ respostas de *autoconhecimento*. Rogers reflete os sentimentos e as percepções emitidas pelo cliente. Este comportamento do terapeuta significa para o cliente que o terapeuta está atento e interessado no seu sentimento e nas suas percepções. Isto lhe reforça o comportamento oral de emitir respostas relacionadas com o sentimento. É justamente por isto que se tem mostrado eficaz como meio de obter respostas de maior autoconhecimento (152).

Estamos aqui diante de um processo dialético extremamente complexo em que Skinner está demonstrando que a própria liberação do homem, a própria autonomização ainda é uma heteronomia.

A própria desalienação é alienada. Há, porém, uma alienação desalienante.

Do mesmo modo, segundo Skinner, a substituição de um superego rígido e punitivo por um ideal do ego "livremente escolhido" no processo psicanalítico também ainda é um condicionamento, pois o silêncio, a atitude permissiva do analista reforçam comportamentos orais de emissão de operantes antigamente reprimidos por estímulos aversivos, por punições. Isto permite a estruturação de novos comportamentos. É o efeito da "audiência não punitiva" (153).

Outro aspecto do chamado "comportamento consciente" é o que Skinner chama de autocontrole e que é diretamente ligado ao autoconhecimento.

O *autocontrole* consiste num reforçamento pelo próprio indivíduo do seu próprio comportamento, graças ao autoconhecimento. Ele evita reforços negativos, isto é, situações desagradáveis para ele, e escolhe comportamentos que ele sabe serem reforçadores.

Diz Skinner que com frequência o indivíduo vem a controlar parte do seu próprio comportamento quando uma resposta tem consequências conflitantes, isto é, quando decisões alternativas levam a reforços, tanto positivos como negativos. Por exemplo, o comportamento de beber álcool é seguido de reforços positivos de elação, libertação de tensões, confiança em si mesmo, mas é seguido de punições, tais como a ressaca, a desaprovação social, a perspectiva de um "delirium tremens", as consequências de eventual perda de controle.

Se for escolhido um comportamento que enfraquece o comportamento de beber, este comportamento será automaticamente reforçador, pois diminuirá a probabilidade de estímulos aversivos.

As técnicas de autocontrole são inúmeras: podemos citar, entre outras, a restrição física, a esquiva, o suicídio, a remoção da situação, a remoção de estímulos, a privação, a saciação, técnicas de extinção, a estimulação aversiva, uso de drogas, auto-reforço operante, etc. (154).

Quadro VIII

ALGUNS MODELOS COMPORTAMENTAIS ATUAIS

		MORENO	FREUD	SKINNER
Serpente		Fator S	Libido	Sobrevivência
Homem		Criador	Ego Consciente	Operantes de Auto- conhecimento e Autocontrole
3	Águia	Papéis Sociais Papéis Psicodramáti cos	Superego	Cadeias complexas de operantes modeladas pelas agências controladoras. Linguagem
2	Leão		Id	Comportamento emocional respondente e operante. Síndrome de ativação
1	Boi	Papéis Psicossomát icos		Comportamento predominantemente respondente
			Inconsciente	

53. DOS ANIMAIS DA ESFINGE AO HOMEM

Há, em relação ao assunto da esfinge, dois aspectos interessantes nos trabalhos de Skinner:

1) A emergência progressiva de comportamentos de autocontrole e autoconhecimento, a partir de condicionamentos, tanto operantes como respondentes comuns ao homem e ao animal. Em outras palavras, voltamos a constatar, como já o fizemos para psicanálise, uma possível evolução num sentido de maior harmonização. No entanto, esta evolução, segundo Skinner, não é um fenômeno "espontâneo", mas é uma decisão a tomar pelas agências controladoras das culturas, no sentido de reforçar ou não o comportamento de autocontrole e o comportamento de autoconhecimento. É como ele mesmo disse, uma "questão assustadora"(155).

A cabeça humana emergindo, na esfinge, dos animais, continua sendo o problema dos cientistas do comportamento no fim do século XX. A continuação deste "devir" do homem está nas mãos do próprio homem. Chegamos na época em que o homem se torna capaz de dirigir a própria filogênese e ontogênese.

2) A existência de processos de condicionamento comuns ao homem e ao animal corresponde ao significado simbólico da esfinge no sentido de que também somos animais. Fizemos inclusive uma tentativa de hierarquização dos diferentes mecanismos de estruturação do comportamento humano, partindo dos condicionamentos respondentes elementares, indo até os condicionamentos de maior complexidade e especificamente humanos (ver [Quadro VIII](#)).

Tudo se passa como se o homem, conforme já o dissemos, se libertasse progressivamente das suas estruturas hierarquicamente inferiores.

Tal idéia é também desenvolvida na obra de J. L. Moreno. Este autor, como se sabe, foi um dos que desenvolveu a teoria dos "papéis" na estruturação da pessoa humana. Desde o berço exercemos papéis: papel de comedor, de jogador, de filho, de mãe, de diretor, de subordinado, de vendedor, de amigo, etc., etc..

Moreno classificou os papéis em três (sempre três...) grandes categorias: Os papéis psicossomáticos, os papéis psicodramáticos e os papéis sociais.

O exercício de papéis nos leva à estratificação de hábitos, opiniões, atitudes, ou mesmo a emitir regulamentos, leis, escrever livros, conjunto este que Moreno chamou de um nome muito ilustrativo: as "conservas culturais". Para o homem poder evoluir, é preciso devolver-lhe a espontaneidade ou fator S. Assim, ele se tornará um, ou o "criador". Só o conseguirá, libertando-se das "conservas culturais".

O psicodrama foi criado justamente para ajudar o homem a conscientizar os seus papéis e treinar alternativas de decisões entre papéis em conflito. Ao fazer isto, emerge o criador.

A espontaneidade está sendo travada, inibida, e desencorajada pelos mecanismos culturais. É função do psicodrama treinar, desbloquear a espontaneidade e fortificá-la.

Parece haver certos pontos comuns entre as escolas esotéricas de um lado, e as escolas psicoterápicas modernas do outro lado.

Ambas admitem a possibilidade de desenvolver o próprio homem, como ser livre e consciente.

Aliás, uma análise terminológica de R. C. Romanelli vem reforçar o sentido evolutivo de "crescer" da palavra "esfinge":

"Sphinx, —ngis f (desde Cícero) "esfinge" do gr. sphinx, talvez forma nasalada da raiz ie. Spheig —, alargamento da raiz (s)phei (s)pi — "crescer, dilatar". V. sphincter supra Sp(h)incter, — éris m. (desde Quirão) "bracelete", do gr. sphincter, nervo, músculo: cognato de Sphinx "esfinge": ie. Spheig —, alargamento da raiz ie. Sp(h)ei, spi — "crescer, dilatar". Cf. o gr. Sphings em face do let. Spaignis, nor. — Speika, spika. WH 574, EM. 642, Pok. 984" (303).

A alternativa evoluir ou ser estrangulado (de "sphigge" já visto anteriormente) é a que se apresenta ao homem, e parece estar inerente à palavra esfinge.

As escolas científicas e esotéricas reconhecem também que o homem está preso (estrangulado...) aos seus condicionamentos.

Ambas falam da necessidade de uma escola ou mestre ou psicoterapeuta para catalisar esta evolução, embora os métodos sejam, em muitos pontos, bastante diferentes.

Ambas admitem que esta libertação só se pode fazer na medida em que o homem se toma a si mesmo nas suas próprias mãos.

Praticamente todas as escolas esotéricas, através desta libertação ou desenvolvimento do homem propriamente dito. têm como objetivo também conseguir estados privilegiados de iluminação e êxtase mística, simbolizados na esfinge de Giseh pelo seu sorriso e em muitas outras esfinges pela serpente. É sobre este aspecto que iremos relatar trabalhos recentes de psicoterapeutas modernos, embora sejam ainda "pioneiros" isolados no assunto, pois a maioria dos psicoterapeutas deixam de externar objetivos neste terreno. (Ver mais particularmente o trabalho comparativo de Jacobs) (159).

CAPÍTULO 9

*A Serpente da Esfinge na
Experiência Estética e Psicoterápica*

A idéia implícita na esfinge, de evolução ou subida de estágios inferiores a estágios superiores, está presente em três aspectos fundamentais da estética e que constituem, ao mesmo tempo, três bases físicas do fenômeno estético. A esfinge está relacionada com estes três mundos:

- O mundo das formas
- O mundo das cores
- O mundo dos sons

54. A ESFINGE NO MUNDO DAS FORMAS

A esfinge constitui uma forma em si, da qual parecem emanar mensagens que deveriam ser evidenciadas em pesquisas de laboratório de estética, mensagens como por exemplo: paz, felicidade, sublimação, êxtase, força, iluminação, silêncio, meditação, evolução, subida, etc....

Uma experiência interessante a fazer seria a de submeter um grupo de pessoas à percepção de várias esfinges, pedindo-lhes para dizer a primeira palavra que lhes ocorra. Um tratamento estatístico destas respostas permitiria talvez traçar uma imagem sincrética da mensagem contida nas formas da esfinge, no seu conjunto e nas suas partes.

Já falamos em outras partes deste livro da intenção dos seus autores de estabelecer uma hierarquia dos animais da esfinge. Esta hierarquia implica na idéia de "subida" de "Evolução" do mundo animal para o mundo do homem e, ao mesmo tempo, a idéia de integração, de totalidade indissolúvel, inseparável destes elementos.

O uso do espaço tridimensional também foi objeto de análise e mostramos como, quando os animais são representados separados, há uma prevalência da direita sobre a esquerda e da zona superior sobre a inferior. Assim, o homem e a águia são superiores ao boi e ao leão. Por sua vez a águia seria superior ao homem e o leão superior ao boi. O uso da direita e da esquerda varia conforme a iconografia.

Além do espaço, as cores têm sido utilizadas em algumas esfinges. É o que vamos estudar a seguir.

55. A ESFINGE E AS CORES

No Zohar da cabala encontramos afirmação da correspondência entre o tetramorfo e as cores. Eis o texto:

"Como estas quatro figuras estão dispostas nos quatro cantos do firmamento, resulta daí que este reflete em primeiro lugar as quatro cores peculiares às quatro figuras que são: a figura do leão, a figura do boi, a figura da águia e a figura do homem... E como o firmamento reflete cada uma destas figuras à cor diferente, resulta daí que apresenta quatro cores que correspondem às quatro cores principais... que são: o verde, o vermelho, o branco e o azul [\(317\)](#).

São bastante raras as esfinges coloridas. Das mais antigas encontramos as duas esfinges de Suza, onde as cores da cerâmica ainda estão presentes, embora não se possa garantir que sejam as cores originais (ver [Fig. 6](#)).

Nestas figuras temos as seguintes cores:

Asas (tanto do disco solar como das esfinges): amarelo, alaranjado (parte exterior).

Disco solar: amarelo-alaranjado (parte interior); azul (parte interior); branco (parte mediana das asas e terminal da cauda).

Serpente: amarelo-alaranjado; branco (círculo mediano); azul (círculo exterior).

Cabeça de homem: roxo: cara.

azul: barba e cabelo

branco com azul: chapéu.

Corpo de leão: branco com peito azul, e outras partes (amarelo-alaranjadas).

Há alguma intencionalidade simbolizante na escolha destas cores? É realmente difícil estabelecer isto de maneira sólida.

A cor amarelo-alaranjada coincide com o seu valor simbólico clássico, tanto na simbologia esotérica como na psicodinâmica das cores: é a cor do sol, da luz. O azul é a cor do céu, o que explicaria a sua posição no círculo em torno do sol. Mas a nossa possibilidade interpretativa pára aí. O que vem fazer o roxo na fisionomia humana e o amarelo nas garras do leão é difícil de explicar.

Bem mais nítida é a intenção simbolizante nas cores das esfinges do taro. Oswald Wirth e Papus deixam isto bem claro (199). No taro de Wirth temos várias esfinges coloridas.

Na carta nº Sete, uma esfinge branca e uma esfinge preta. A esfinge branca representa as forças do bem e a esfinge preta, as forças do mal (Fig. 50).

Na cada nº Dez, lembramos que a esfinge simboliza o princípio do equilíbrio e também a unidade e a síntese dos elementos que ela converte em energia vital. Assim, as quatro cores correspondem aos quatro elementos (Fig. 53).

Cabeça vermelha: fogo
Asas azuis: ar
Peito e patas dianteiras verdes: água
Traseira preta: terra.

Já na carta Vinte e Um, temos as seguintes cores:

Boi: preto (terra) com chifres vermelhos (energia inerente à matéria).
Leão: cara amarela e olhos vermelhos (fogo do verão).
Águia: azul e parte das asas amarela.
Anjo: vestido de vermelho, asas e cabelos dourados, cara cor-de-rosa.

No jogo do taro de Papus (125), as cores são diferentes do jogo de Wirth: as asas são amarelas ou vermelhas e azuis, a cabeça humana cor-de-rosa com a juba vermelha ou vermelha e azul. O corpo é cor-de-rosa. O leão e o boi são marrons. A serpente é verde.

Não é de se estranhar que haja estas diferenças, pois o significado simbólico das cores varia conforme a cultura e os autores. Basta lembrar que para os judeus branco é cor de luto.

O teste das "Pirâmides coloridas" de Pfister, aplicado no Brasil, acusou uma escolha da cor verde muito superior ao grupo europeu, segundo pesquisa de Vilemor Amaral. Isto mostra a influência do ambiente sobre preferências de cores, já que o verde da natureza é bastante importante no Brasil (222).

Vamos, a seguir, dar a simbologia das cores, segundo Wirth e Papus, de um lado representando uma síntese da simbologia das escolas esotéricas e de outro lado, a síntese das escolas psicológicas, feita por Pfister e Vilemor Amaral.

	Wirth (199)	Papus (223)	Pfister (222) e Vilemor Amaral
	Vermelho Espírito, fogo espiritual. Princípio animador, ardor, amor, coragem, energia.	Sanguíneo, jovial, barulhento, dominador.	Egocentrismo Afetivo, impulsividade, descargas agressivas bruscas.
Azul	Céu, contemplação, piedade, fidelidade, fé, alma, doçura, bondade, sentimento.	Nervoso, sentimental, amante.	Introversão, freio, elaboração dos estímulos externos, adaptação e regulação emocional.
Amarelo	Irradiação luminosa, manifestação objetiva, corpo, fixação, estabilidade.	Bilioso, sério, pensador.	Extroversão adaptada, sensibilidade e irritação fácil, ambições marcadas, sugestionabilidade.
Roxo	Intelectualidade, misticismo, discernimento, ensino, conciliação do sentimento e da razão.	Linfático, mole, lento, inconstante, tímido, modesto.	Excitação introjetada, perturbabilidade, defesa contra impulsos.
Laranja	Chama, fogo, veemência, paixão, ferocidade, instinto de crueldade, egoísmo, necessidade de ação.	Vide amarelo.	Extroversão, impetuosidade, exuberância, dominador, superestimação de si mesmo, culpabilidade persecutória.
Verde	Vegetação, fluido vital, água nutridora. do fogo agindo, lascividade, preguiça.	Fino, ágil, ardiloso	Necessidade de contato, busca de adaptação efetiva.
Marrom	Madeira, sobrevivência, tradição, superstição, concentração, isolamento, reserva, discrição.	Violento, desenfreado, brutal.	Instinto, agressão, destruição, compulsividade, obsessividade, fixação materna, conservadorismo.
Rosa	Tudo que se refere ao humano ou humanidade.		
Ouro	Perfeição intelectual, tesouros do espírito, verdades incontestáveis, bens indestrutíveis.	Grande, generoso, artista.	
Preto	Nada, morte, fatalidade, desespero, desilusão, profundidade, severidade, conspiração, mistério, terra.		Luto, dor, sofrimento, tristeza, frustração, negação e repressão do estímulo, fuga do contato afetivo.
Branco	Síntese, pureza, inocência, candor, lealdade, harmonia, conciliação, paz, integridade, consciência, ser, luz.		Vulnerabilidade, perturbação do equilíbrio e estabilidade emocionais, impulsividade.
Cinza	Cinzas, resíduo do que viveu, inércia, indiferença, desprendimento, indeterminação, humildade, pobreza, tristeza, apagamento.		Vazio, inconsistência, fraqueza das estruturas, medo da perda de controle dos impulsos. Histeria, mitomania, negação da realidade.

Quadro IX

Estamos produzindo todas estas interpretações simbólicas, para mostrar a dificuldade de fazer corresponder a simbologia dos animais da esfinge com a

simbologia das cores, já que há contradições marcantes entre diferentes autores, sem contar as contradições entre civilizações, tanto para simbologia das cores como para o seu uso nas esfinges.

Tudo que podemos constatar é a existência de uma intenção de associar o simbolismo dos animais da esfinge ao simbolismo das cores, assim como uma certa incoerência entre as cores escolhidas nas esfinges coloridas de que temos conhecimento. Mais adiante encontraremos outros estudos ligando os animais com cores e música.

Com efeito, encontramos também interpretações dos animais da esfinge ligadas à música. É o que vamos descrever a seguir.

56. *ESFINGE E MÚSICA*

É de muita importância o trabalho de Schneider, apresentado ao Conselho Superior de Investigações Científicas de Barcelona [\(225 - 226\)](#).

Schneider fez uma análise das origens musicais dos símbolos animais em várias culturas. Demonstra ele que a música nasceu pela imitação, pelos primitivos, dos ruídos da natureza, mais particularmente dos sons emitidos pelos animais. Como os animais representavam também "espírito" da natureza, ou divindades, assim como tinham certas características temperamentais, além de estarem mais ou menos ligados à terra, à água, ao ar ou céu, foi-se elaborando progressivamente.

uma correspondência entre animais, sons e ritmos, divindades, características temperamentais, elementos da natureza e mais tarde com planetas e constelações, e também cores.

Seria impossível reproduzir aqui todas as descobertas feitas pelo Autor, pois o seu livro comporta uma análise bastante detalhada dos sistemas musicais confrontados com os sistemas cosmológicos, religiosos e tradições de várias culturas. Podemos, no entanto, reproduzir um quadro resumindo algumas das correspondências encontradas nas suas pesquisas [\(Quadro X\)](#).

ELEMENTOS								
	água	cabelos fogo	penas ar	pele, chifres terra	escamas água			
ANIMAIS	Tradição primitiva							
	Tradição indiana	touro	tigre tigre cabra	águia elefante	(pássaros) pata pata-grou	(avestruz) pavão real pavão real	(pássaros noturnos) ekokilas pássaro negro ekokilas	chocal crocodilo boi
	Tradição Apocalíptica, Ezequiel		leão	águia		homem	pássaro negro	peixe
	Tradição românica	centauro touro	leão-alado	galo-águia	aves	pavão real	ekokilas(?) pássaro canoro	leão domado cavalo peixe
MUSICA	Tradição primitiva	imitação realista dos gritos animais, ritmos e danças correspondentes						
	Tradição alta (indiana, românica)	si-fá	fá	dó	sol	ré	lá	mi
PLANETAS	Tradição chinesa		Saturno	Marte	Vênus	Mercúrio	Júpiter	
	Tradição A		Sol	Marte	Vênus	Mercúrio	Júpiter	
	Tradição B		Sol	Marte	Júpiter	Mercúrio	Saturno	
	Tradição indiana C		Sol	Marte	Júpiter	Mercúrio	Saturno	
TEMPO	Tradição primitiva		horário místico	resultando da observação da vida animal				
	Tradição chinesa		vida	idade viril	idade madura	velhice	infância	
	Tradição chinesa		dia	meio-dia	tarde	noite	manhã	
	Tradição chinesa		ano	verão	outono	inverno	primavera	
ESPAÇO	Tradição chinesa A		Centro	S.	O.	N.	E.	
	Tradição B		S./E.	S.	N./O.	N./O.	O.	
	Tradição C		S./E.	S.	N./O.	O.	S./O.	
	Tradição indiana		Centro	S.	O.	N.	E.	
CORES	Tradição primitiva		vermelho	amarelo	verde	azul		
	Tradição indiana		vermelho	amarelo branco	negro	azul		
	Tradição chinesa		vermelho	branco	negro	azul		
	Tradição medieval (notação musical)		vermelho	amarelo	branco	negro	azul	

NOTA: Toda palavra entre aspas não foi possível a tradução. Quadro X

No que se refere mais especialmente aos "tetramorfos", Schneider fez uma descoberta na liturgia romana, ligada às suas hipóteses sobre as correspondências entre animais e notas musicais. Reproduzimos aqui, na sua íntegra, o parágrafo relacionado com o tetramorfo.

"As interpretações musicais dos claustros demonstram que, não obstante a evolução histórica que colocou os planetas em primeiro plano, o valor musical do símbolo animal subsistiu nas altas culturas. Agrupando agora os símbolos animais com os dos planetas, em seu aspecto diatónico, obtêm-se dois tetracórdios:

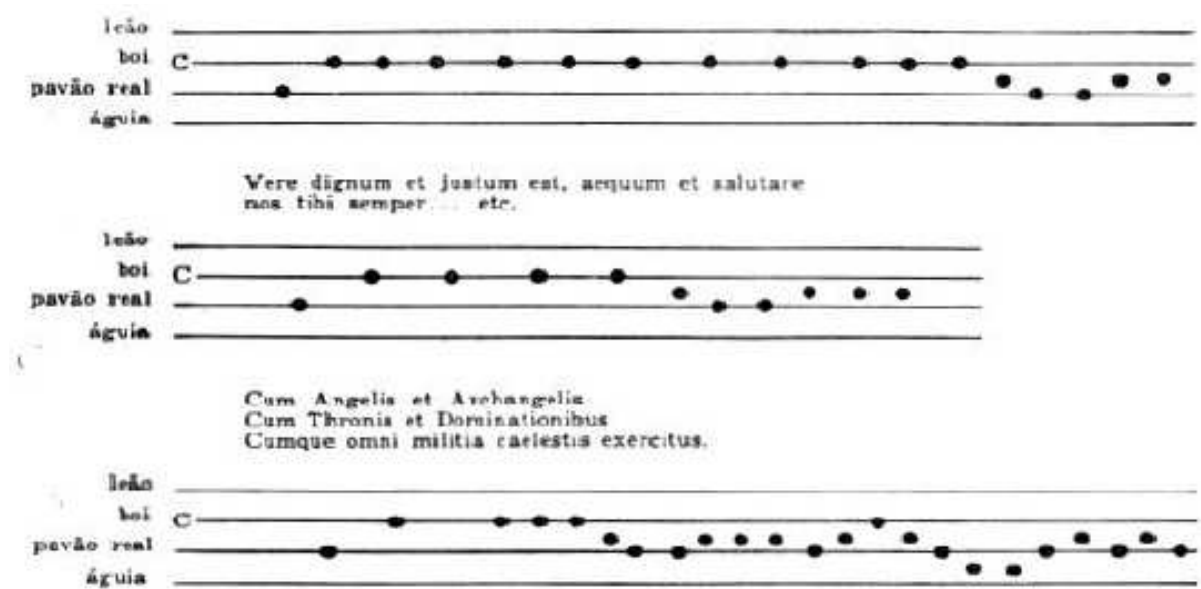
Júpiter oca grulla sol	Marte águia dó	Vénus Kokila Lá	Mercúrio pavão real ré	Lua peixe si	Saturno touro Mi	(Marte) (águia) (dó)	Sol leão fá
------------------------------	----------------------	-----------------------	------------------------------	--------------------	------------------------	----------------------------	-------------------

dos quais o tetracórdio inferior, dó ré mi fá (águia, pavão real, touro, leão), representa musicalmente os tetramorfos de Ezequiel, excetuando o pavão real, que na profecia de Ezequiel, aparece substituído por um rosto humano como na tradição egípcia.

Segundo Ezequiel (1,10), a cara do leão está à direita; a do boi, à esquerda, e a da águia no alto da cabeça humana. Cada querubim tem duas rodas entrecruzadas (como se uma roda estivesse no meio da outra, (1,16) as quais se levantaram também, quando o querubim voou (1,19). Estas rodas tinham "uma estrutura e uma altura enormes" (1,18), e "sua figura e sua cor eram semelhantes ao mar" (1,16). As asas estavam "cheias de olhos" (1,18) e "havia nelas espírito de vida" (1,21). Parece muito provável que aqui se tratava da descrição do pavão real (= homem), pois é esta ave que atravessa diametralmente a roda de suas asas despregadas (= duas rodas entrecruzadas), com cor do mar e semeada de olhos. Além do mais, o ser com cabeça de homem, que os Padres da Igreja interpretavam como símbolo da encarnação em seus comentários da visão de Ezequiel, corresponde ao pavão real como símbolo do nascimento. Porém esta descrição das asas aplica-se também a outros três seres místicos. Por isso, as asas (a roda) do pavão real devem constituir seu símbolo propriamente celeste.

O tetracórdio, formado pelos quatro seres, constitui o âmbito melódico clássico da salmodia, Isto é, da parte mais antiga do canto gregoriano e do prefácio,

único momento da missa no qual a liturgia romana — em oposição com a oriental — fala dos querubins.



Hymnum gloriae tuae canimus sine fine dicentes

O conjunto de idéias no qual entram .agora os tetramorfos reclama uma análise mais detalhada da orientação das cabeças. A esse respeito, não estão completamente de acordo as três versões bíblicas.

Disse o texto hebraico e sírio que as cabeças de homem e de leão se encontravam à direita, ao contrário das cabeças da águia e do boi, que estavam esquerda.

O acompanhamento das orientações com os quatro pontos cardeais expostos na p.111 (sistema C), com os animais correspondentes, sugere que os quatro seres estavam colocados seguindo a série superior das direções do espaço. Com relação a esta disposição, o lado direito (o leão e o homem) corresponde ao sudeste e ao nordeste, assim como o lado esquerdo (águia e boi) ocupa as direções sudoeste e nordeste. Comparando o tetracórdio referido com o tetracórdio ou tricórdio — ave, kokila, peixe (águia) —, nota-se que os animais do tetracórdio dó-fá ocupam todas as direções intermediárias, assim como o grupo sol-lá-si (dó) coincide exatamente com as direções principais.

Prosseguindo a interpretação simbólica, revela-se como o verdadeiro tetracórdio mediador entre o céu e a terra, o tetracórdio dó-ré-mi-fá, com o leão (valentia, força), o boi (sacrifício, dever), o homem ou o pavão real (fé, encarnação) e a águia (oração humana). Por outro lado, o tetracórdio sol-lá-si-dó poderia

representar, segundo a doutrina gnóstica, uma espécie de tetracórdio divino. Neste caso, o dó, quer dizer, a águia (o animal comum entre os dois tetracórdios) representa o voo rápido da oração no tetracórdio baixo ou humano e a solicitude de Deus ou a graça no tetracórdio alto. Voltaremos a falar, mais adiante, da dupla função da águia".

Já mostramos que existem relações entre os elementos da esfinge e o micro e microcosmo. De outro lado, tanto na antiguidade como por exemplo na escola de Pitágoras, como em correntes esotéricas modernas ou mesmo na musicologia, esforços têm sido feitos para encontrar correspondências entre a harmonia sonora e a harmonia universal.

Gurdjeff e Ouspanski (229) descrevem a ação do absoluto sobre os mundos criados por ele. Esta criação seria permanente. O "raio da criação" existiria sob forma de três oitavas, partindo do absoluto "dó-si" até a lua "dó", passando pelo sol e a terra que também corresponderiam a dó-si. Maior a "densidade de vibrações", mais baixa a densidade de matéria. A partir deste princípio, Gurdjeff indica uma correspondência entre densidade de vibração e densidade de matéria. Assim, o absoluto tem uma densidade mínima de matéria e uma densidade máxima de vibrações. Obtém-se uma primeira trindade do absoluto da seguinte forma:

Dó	Carbono	(C) 1	
Si	Oxigênio	(O) 2	H 6
Lá	Azoto	(N) 3	

A este primeiro conjunto de matéria corresponderia o "hidrogênio 6". Gurdjeff calculou uma "Tábua dos hidrogênios", na qual, por exemplo, o "alimento" "mi-ré-dó" seria o hidrogênio H 768.

A partir deste sistema, Gurdjeff descreve como as três partes do organismo humano: cabeça, peito, ventre, assimilam os alimentos e o ar, sob forma de uma "usina a três andares", isto é, sob influência da "lei do oitavo". Os estados místicos seriam obtidos no centro intelectual superior, através de assimilação de hidrogênio 6.

Encontramos em Papus (228) uma tábua de onde extraímos as seguintes correspondências entre notas, cores e planetas:

Notas	Planeta	Cor
SI	MERCÚRIO	AZUL
LA	SATURNO	PRETO E MARROM
SOL	MARTE	VERMELHO
FÁ	JÚPITER	PÚRPURA E ROXO
MI	LUA	CINZA E BRANCO
RÉ	VÉNUS	AZULE ROSA
DÓ	SOL	AMARELO E LARANJA

Quadro XI

Fabre d'Olivet (227) também deu uma correspondência de notas com planetas, porém completamente diferente da de Papus, não havendo mesmo nenhuma correlação entre os sistemas. O que já assinalamos a respeito das cores está a se repetir para a música. As contradições entre sistemas de correspondência impedem qualquer conclusão a respeito.

Poderíamos apenas reter a idéia inicialmente exposta neste parágrafo, a de Schneider, que se refere ao valor simbólico da "subida e descida" na escala musical para significar a subida e descida entre o céu e a terra, assim como a idéia de vibração e evolução.

Neste sentido tem sido publicado um estudo recente e bastante interessante de Ernest Ansermet, regente de orquestra suíço e filósofo. Numa análise fenomenológica das relações entre a música e a consciência humana, tem ele colocado em relevo o significado psíquico das relações posicionais das notas. Fala ele de "tensões posicionais" das notas. As tensões posicionais ativas e extrovertidas são subjacentes aos intervalos fundamentados pela quinta ascendente enquanto que os intervalos fundamentados pela quinta descendente encobrem tensões posicionais passivas introvertidas (231).

Esta relação intro-extroversão traduz ao mesmo tempo a relação entre o eu e o mundo. Esta relacionalidade, para Ansermet, é a mesma que a existente entre a

tónica e a dominante, chamada de relação TDT, e coloca em correspondência com a relação passado, presente, futuro, simbolizada por "Ps, Pr, F".

Chega-se assim a uma estrutura ternária, onde se reconhecem as diferentes "trindades" religiosas ou os ternários científicos já descritos em outro capítulo. Para Ansermet as correspondências são as seguintes:

Fá	dó	fá
t	d	t
ps	pr	f

- A estrutura relacional abstraía seria o Pai, o Criador, o Verbo, o Logos.
- A estrutura, a mesma fenomenalizada na consciência sob forma de fá, dó, fá, seria o Filho que traz em si o Verbo e Logos substancializados.
- A relacionalidade é o Espírito Santo ou a Energia.

A análise fenomenológica de Ansermet vai muito além desta nossa descrição, abordando as relações entre a ética e a estética na música, assim como a percepção da unidade "eu no mundo" através da emoção estética. Anserment volta, através da música, a traçar os mesmos caminhos que nos levaram à análise da esfinge e às relações entre micro e microcosmo, descrita pelos cabalistas.

Além do mais, seria interessante classificar as músicas em função dos diferentes "níveis da esfinge".

No que se refere mais especificamente às emoções estéticas, a música é um dos grandes estímulos para despertá-las. O que é esta emoção estética? Em que consiste? É o que será objeto do próximo parágrafo, ligado à serpente da esfinge.

57. EXPERIÊNCIA CULMINANTE E A SERPENTE

Recentemente publicamos um trabalho sobre um fenômeno que muitos Já viveram, embora poucos sejam os que o relatam por não ser reforçado na nossa civilização.

Neste trabalho sobre a experiência sublime e a emoção estética, apontamos vários estudos mostrando a possibilidade de abordagem científica de fenômenos

que A. Maslow reuniu sob o termo de "Peak Experience", ou experiências sublimes. Vamos reproduzir aqui o resumo dos trabalhos de Maslow e de outros autores, que fizemos no nosso referido artigo (158). Isto permitirá ao leitor acompanhar melhor a discussão que iremos entabular posteriormente sobre as possíveis relações entre a serpente da esfinge e estas experiências.

Maslow diz ter encontrado em numerosas pessoas essa experiência, que ele considera natural e não supranatural, como fenômeno normal e não patológico; além disso, verificou que são justamente as pessoas consideradas mais maduras, mais equilibradas que apresentam maior número de experiências sublimes.

Pediu Maslow a 190 universitários uma descrição escrita da "mais maravilhosa experiência de sua vida... experiência provocada pelo amor, ou ao ouvir uma música, ou de ter uma grande impressão na leitura de um livro, ou ao ver uma pintura, ou no momento de criar algo..." Pediu-lhes para descrever como cada um a tivesse sentido, o que havia de diferente nestes momentos das maneiras de sentir em ocasiões comuns, de que maneira o mundo era visto de modo diferente. Sobre tal matéria realizou ainda 50 entrevistas orais com adultos (160).

Segundo esses dados, Maslow compôs uma imagem da experiência sublime, e salientou suas características. Assim foi possível indicar uma listas de "critérios" que permitem reconhecer esta experiência:

1. Percepção de uma totalidade, de uma unidade completa, desligada de relações ou da idéia de utilidade, de conveniência ou de algum propósito;
2. Desaparecimento da relação figura/fundo; a atenção é total; não há avaliação, julgamento, comparação;
3. Percepção da natureza com o algo na qual o homem tenha pequena importância; o homem é visto como parte dela, ou ela está nele também, desaparece a tendência antropocêntrica;
4. A repetição da experiência sublime enriquece a sua percepção;
5. A experiência sublime é transcendental; o ego está ausente; a pessoa se esquece completamente de si mesma; inexistente motivação no sentido dado pela nossa civilização ocidental que parte do pressuposto de que todo comportamento é motivado;

6. A experiência sublime basta-se a si mesma; o momento se justifica a si mesmo, tendo valor intrínseco;
7. Em todas as experiências sublimes há uma desorientação no tempo e no espaço; um minuto vivido intensamente pode parecer um dia e um dia pode passar como se fosse um minuto;
8. A experiência sublime é sempre vista como sendo algo de bom e desejável, nunca como indesejável ou prejudicial. A experiência perfeita em si não precisa de mais nada. Isso se deve provavelmente ao fato de que a experiência está ligada a valores diferentes dos valores da nossa civilização ocidental em que predomina a satisfação de necessidades básicas. Por isso, Maslow distingue dois tipos de valores:

— Os valores D (de deficiência de necessidades) ligados à satisfação de instintos ou necessidades, aos quais Maslow chamou de motivos de "déficit"; são os que nos levam a reduzir uma tensão ou a restabelecer um equilíbrio.

— Os valores B (de Being, isto é, Ser), valores intrínsecos, que Maslow arrolou da seguinte forma:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| - Totalidade (unidade, integração, etc.); | - Bondade; |
| - Beleza; | - Unicidade; |
| - Perfeição | - Ausência de necessidade de esforço; |
| - Inteireza; | - Galhofa (jocosidade); |
| - Justiça; | - Verdade; |
| - Vitalidade; | - Autonomia |
| - Excelência; | (independência). |
| - Simplicidade; | |

9. A experiência sublime é percebida como algo cada vez mais absoluto, ou menos relativo. Disse Maslow que um vaso chinês pode ter dois mil anos e, ao mesmo tempo, parecer novo; pode ser universal, na sua beleza, ao mesmo tempo que chinês. Do mesmo modo, a experiência sublime pode ser ao mesmo tempo descrita em termos idênticos, embora o seja por pessoas diferentes em atividades diferentes, como a matemática, poesia, escultura, pintura, ou filosofia. De igual modo, um objeto de arte pode ser visto de modo absoluto na sua totalidade, ao mesmo tempo que sob determinado aspecto; e a emoção estética pode ser

provocada por esses aspectos relativos, ou pelo absoluto, ou por uns e outros ao mesmo tempo.

10. A experiência sublime é predominantemente passiva e receptiva, mais que ativa. É resultante de uma certa disposição receptiva e ao mesmo tempo de uma ausência de seleção ou preferência perceptiva. Nela há o que Krisnamurti (161) chamou imobilidade do espírito.

11. A reação emocional da experiência sublime é descrita como tendo um sabor de maravilhoso, de reverência, de admiração, de humildade, de rendição ante algo de grande. Os sujeitos em geral se expressam assim: "isto é belo demais; agora posso morrer tranquilo; não sei como isto pode acontecer"...

12. O universo é percebido como um todo; isso pode se dar por uma percepção direta e total; mas, no caso da experiência amorosa ou artística, uma parte pode ser percebida como se fosse naquele momento o universo todo.

13. Existe uma percepção do concreto ao mesmo tempo que do abstrato; entende-se por abstrair a operação corrente e costumeira de dar nome às coisas ou pessoas, classificá-las, compará-las com objetos ou pessoas do passado ou do presente; em suma, abstrair consiste em passar a realidade concreta por um filtro e deformá-la em função da nossa estrutura mental; a partir do momento em que percebo João como engenheiro e casado, perco a percepção total de João; estou tendo uma percepção abstrata de João; na experiência sublime, percebo João na sua essência e realidade, ao mesmo tempo que sei que ele é engenheiro e casado. É a experiência direta de Bergson (162).

14. Há uma fusão de muitas dicotomias, contradições, polaridades e conflitos; há a tendência de resolver paradoxos e antinomias; a apreensão total dos seres e dos objetos faz com que os elementos de contradição adquiram outra dimensão e se coloquem no devido lugar.

15. A pessoa, durante a experiência sublime, é divina no que se refere a uma entrega total, a um amor incondicional com compaixão, e uma aceitação do mundo e das pessoas, talvez um tanto divertida. Como se trata de uma experiência momentânea, de uma percepção passageira, isto pode perfeitamente coexistir com tendências nos demais momentos egoístas, hostis, agressivas. É que na maior parte

do tempo as pessoas têm percepções D, enquanto durante a experiência sublime estão sujeitas à percepção B.

16. A percepção durante a experiência sublime é de determinado objeto ou pessoa visto na sua originalidade e unicidade, enquanto que costumeiramente percebemos as coisas e pessoas dentro de classes gerais.

17. Ausência completa, embora momentânea, de medo, ansiedade, inibição, defesa e controle.

18. Percepção do próprio ser idêntico à percepção tal como descrita até agora. Há uma interação nas duas direções; o percipiente se sente mais integrado, mais espontâneo, mais expressivo, mais perfeito; sente-se mais unificado, pelo que percebe no mundo maior unidade.

19. No sentido psicanalítico, afirma Maslow que tudo o que ele descreveu até agora é "uma fusão do ego, do id, do superego e do ego ideal, do consciente e do inconsciente, de processos primários e secundários, uma síntese do princípio de prazer e de realidade, uma regressão sem medo a serviço de uma maturidade maior, de uma verdadeira integração da pessoa em todos os seus níveis".

58. A EXPERIÊNCIA SUBLIME EM PSICOTERAPIA

Muitos psicoterapeutas modernos estão fazendo da experiência sublime, através do encontro existencial, o objetivo principal da sua psicoterapia.

Moreno faz do psicodrama uma técnica que, por excelência, visa a vivência do tele e do encontro existencial, através da prática constante da empatia durante as sessões.

Desoille desenvolveu na França uma técnica de terapia, a que chama "Reve Eveillé", isto é, sonho acordado; essa técnica consiste em pedir a uma pessoa estendida num divã que se imagine flutuando no espaço, podendo subir ou descer à vontade, através da simbologia tipicamente jungiana; acontece, no fim do tratamento, uma experiência interior que é descrita sempre do mesmo modo pelos doentes. Eles se encontram numa claridade muito grande, isenta de nuvens ou de outros obstáculos e isso lhes evoca algo de superior, de puro, de verdadeiro e sublime; sentem-se em estado de comunhão com o absoluto; sentem-se relaxados, felizes, em paz. [\(163\)](#)

Mais recentemente, Guilhot e Jest aperfeiçoaram a técnica de Desoille com ajuda da música, chegando a criar uma musicoterapia, em que se procura entre outros objetivos provocar emoções estéticas (164).

Mário Berta, em Montevideu (165), combinou o "Rêve Eveillé" com LSD (ácido lisérgico). Eis a descrição de uma paciente: "No hay limite... sigo subiendo... más... como si no existiera... me siento totalmente liberada y serena... el tiempo corre... la eternidad...; Me quedaba algo por conocer: el infinito".

FrankL(166) desenvolveu uma logoterapia, cuja missão é despertar os valores espirituais que dêem ao neurótico um novo sentido à vida. Distingue ele três tipos de valores: de criação, de vivência e de atitudes.

Parece, no entanto, que ainda é Maslow quem melhor descreve os efeitos terapêuticos da experiência sublime e da emoção estética.

Disse ele que a experiência culminante poderá:

- remover definitivamente certos sintomas neuróticos;
- mudar as vistas de uma pessoa sobre si mesma numa direção mais saudável;
- mudar a percepção que tenha dos outros, e de suas próprias relações, em muitos sentidos;
- aumentar a sua criatividade, espontaneidade, expressividade e originalidade;
- lembrar-se da experiência como algo de muito importante que convirá repetir;
- aumentar a aptidão da pessoa em acreditar que vale a pena viver, mesmo se a vida lhe tiver sido contrária, pois foi-lhe demonstrado que beleza, honestidade, bondade, verdade, são coisas que existem.

Disse Maslow que todas essas hipóteses são perfeitamente controláveis no terreno puramente experimental. Nisto ele contradiz as objeções de Piaget (167) à natureza da psicologia intuitiva e existencial.

Em psicologia experimental, medem-se as reações emocionais: perfeitamente possível registrar as reações respiratórias, circulatórias, musculares, eletrocutâneas, eletroencefalográficas, por exemplo.

No entanto, é difícil dizer quais dessas reações são tipicamente estéticas, pois uma reação de aceleração do ritmo cardíaco tanto pode ser efeito do medo, da alegria, como de uma emoção estética, propriamente dita.

A farmacopsicologia, isto é, o estudo do psiquismo através da administração de produtos químicos, em organismos sadios ou doentes, tem conseguido provocar experimentalmente emoções estéticas.

Sob o efeito do LSD (ácido lisérgico) conseguem-se criar estados em que os sujeitos sentem uma espécie de euforia ligada a percepções mais agudas de cores, formas e símbolos. Fenômenos tipicamente emocionais foram registrados, tais como reações motoras e vegetativas.

É de citar-se o livro de Huxley (1954) em que ele descreve as suas experiências com uma substância também alucígena, a mescalina. Muitos que passaram pela experiência dizem ter tido uma nítida percepção da verdade na sua essência.

Ao estudar em pequenos grupos as leis que regem a interação de pessoas, têm surgido nas mãos dos psicólogos sociais técnicas de dinâmica de grupo, de psicodrama e sociodrama; e nas dos psicoterapeutas, técnicas de psicoterapia de grupo.

No decorrer das experiências desses estudiosos são frequentes as emoções estéticas e as experiências sublimes; há nisso várias razões de ordem teórica que iremos abordar mais tarde; no entanto, podemos adiantar que vários fatores contribuem para isso.

1. Tais experiências forçam seus participantes a tratar os problemas na situação de "aqui e agora", a qual os desvincula de toda e qualquer estrutura perceptiva passada, ou externa à experiência; o que é, como o mostrou Maslow, uma condição de percepção concreta.

2. A atitude compreensiva do psicólogo que trabalhe em um grupo comunica-se aos membros desse grupo, que passam a ter percepções em profundidade da realidade presente, e das pessoas na sua essência.

3. A reciprocidade neste esforço provoca comunicações profundas, encontros existenciais, que constituem experiências inesquecíveis e, como veremos adiante, revivificantes.

4. A atitude não-diretiva favorece a elevação natural do sistema de valores do grupo dentro de uma dinâmica que constitui a pedra angular da psicoterapia rogeriana.

5. Há uma libertação intencional (sobretudo no psicodrama) da espontaneidade. Como mostra Moreno, tomando-se espontâneo, o homem se liberta das "conservas culturais", despe-se de seus papéis sociais e abandona os valores que lhes são inerentes (na sua maioria valores D, de Maslow), e que facilita o encontro das essências do ser, que despertam a emoção estética.

6. Havendo espontaneidade e liberdade, está livre o poder criador que por si só também provoca ou se acompanha de experiências sublimes.

A experiência sublime muitas vezes ocorre em dinâmica de grupo, numa fase que sucede à de intensa competição em que foram analisados fenômenos ligados a valores D de Maslow; dentro de um clima de busca espontânea de maior aproximação, surge um clímax expresso pelos participantes como uma experiência *sui-generis*; as palavras são as mesmas que as colhidas por Maslow, em seus inquéritos.

Seguin (169) assinalou fenômenos análogos durante psicoterapia individual; diz ele que "la experiencia está llena de belleza y pñacer que proceden, probablemente, de ese caer cada cosa en su lugar de ese aclararse todo en una harmonia casi musical, de ese vibrar ai unisono dos personas que, juntas y merced ai amor, han discubierto un nuevo horizonte". É o encontro existencial de Jaspers, que descrevemos em nosso livro sobre comunicação profunda.

59. NATUREZA DA EXPERIÊNCIA SUBLIME

Quem tem estudado Freud deve, há muito tempo, ao ler estas nossas linhas, ter-se perguntado até que ponto a emoção estética não seria apenas uma descarga

da tensão sexual desviada do seu objetivo, através da sublimação; a experiência sublime seria apenas a experiência de uma sublimação do instinto sexual. Afirma Freud, com efeito, que "...criações, obras de arte, são satisfações imaginativas de desejos inconscientes..." Mas, a respeito de Leonardo da Vinci, afirmou também que **"...devemos reconhecer que a essência da função artística nos fica, psicanaliticamente, inacessível..."**.

O problema é muito parecido com o da vivência romântica que também nos parece uma experiência sublime cheia de emoção estética; para Freud, essa emoção provém de "tendências sexuais derivadas do seu objeto". Certas pesquisas antropológicas tendem, no entanto, a desmentir essa versão. Elwin e Malinowski, por exemplo, segundo Grant (170), encontrou a forma romântica do amor em povos primitivos, onde reinava absoluta liberdade sexual; é verdade que essa liberdade seria periódica e sujeita a certos tabus, que muito bem poderiam provocar a sublimação e a poesia citadas pelos autores.

Em 1963, muito recentemente por conseguinte, Maslow apresentou ao Congresso Internacional de Psicologia (171) uma comunicação que talvez seja o início de uma nova orientação na conceituação dos instintos humanos. Pelo menos é um incentivo para muitas pesquisas. Afirma Maslow que há possibilidade de demonstrar que os valores B correspondem na realidade a necessidades instintivas, especificamente humanas; que a curiosidade, isto é, a procura da verdade, por exemplo, é um instinto ao mesmo título que a necessidade de vitaminas ou o instinto sexual. Fornece Maslow um modelo de pesquisa comparativa, baseada em 18 critérios, que permite dizer se uma necessidade é instintóide. Apenas, a título de exemplo, aqui damos o primeiro critério:

"Insuficiência crônica de satisfação da necessidade produz patologia, especialmente nos primórdios da vida. (Mas a deficiência transitória pode também produzir efeitos favoráveis, como, por exemplo, apetite, tolerância à frustração, habilidade saudável de protelação, autocontrole, etc.)".

Em outras palavras, é bem possível que a emoção estética seja a expressão do alívio da tensão criada pela existência de metamotivos, ou das necessidades B, de Maslow.

60. O PROBLEMA DO "PODER DA SERPENTE"

Ao reler esta nossa explanação ficamos nos perguntando se está se descrevendo realmente um só fenômeno ou se havia vários fenômenos distintos, ou ainda se estávamos diante de degraus diferentes do mesmo fenômeno.

O problema principal seria o de saber qual a relação entre manifestações, tais como, entre outras:

Estado de "graça", provocado pelo sentimento de comunhão com membros de um grupo, ou com um terapeuta ou "mestre".

Estado de euforia e de "graça", provocado por um pôr de sol, um encontro amoroso ou um concerto de Bach.

- Percepção de luz interior acompanhado ou não de estado de "graça".
- Sentimento de "fusão" do eu e do não-eu.
- Êxtase; sentimento de percepção do absoluto, da verdade.

A hipótese de sublimação, que decorre dos trabalhos de Freud e de canalização da energia para fins superiores, usando uma linguagem de Jung, estão perfeitamente enquadrados dentro do significado simbólico da serpente como representando a energia. O homem, uma vez consciente dos seus condicionamentos, canaliza a sua energia nos níveis da esfinge que ele desejar. A serpente corresponderia assim à libido de Freud, energia de Jung, ao fator S de Moreno ou a um "princípio" geral de sobrevivência, usando a linguagem de Skinner ou outros ([Quadro VIII](#)).

Dirigir a evolução consistiria então, para o homem, em fixar progressivamente a energia em níveis superiores dentro da estrutura da esfinge (ver [Fig. 56](#)).

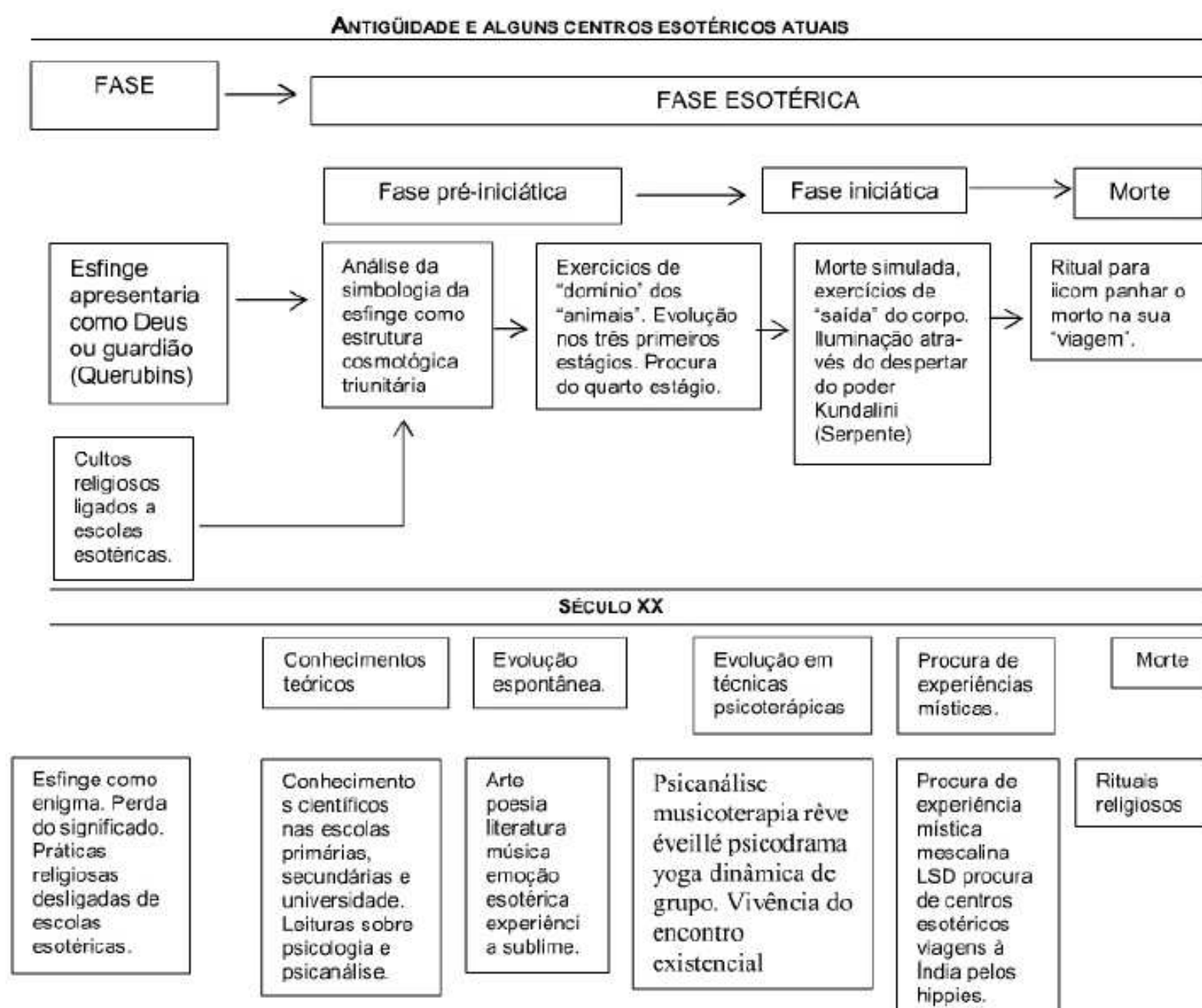
Ao fazê-lo, estaríamos despertando a possibilidade de encontro ou percepção desta energia sob forma desta luz interior, desta iluminação da qual falam tanto os santos como os que passaram por esta experiência provocada por estímulos ou diferentes técnicas em que o condicionamento parece também preencher um papel que mereceria estudos especiais.

É uma pergunta que deixamos em aberto; é ela diretamente provocada pela existência do famoso "poder kundalini" da ioga, do poder da serpente (13), do qual falamos quando analisamos a simbologia da serpente. Este último elemento da

esfinge, a serpente, está nos despertando para um problema fundamental para a humanidade. Existem realmente estágios posteriores a uma simples evolução intelectual e espiritual?

A fim de dar ao leitor uma visão de síntese de como se afigura para nós, em caráter hipotético e genérico, após este estudo, da esfinge, a dinâmica desta evolução na antiguidade e nos nossos dias, fizemos o [Quadro Sinótico XII](#).

Tudo indica que a esfinge na antiguidade era o símbolo de um sistema integrado de evolução somatopsíquica dentro de uma concepção molar, homem-cosmo, concepção que o homem do século XX parece procurar reencontrar. São comentários que julgamos oportuno fazer à margem desta demonstração da existência na nossa Civilização Ocidental dos mesmos fenômenos descritos no Oriente e pelos antigos, fenômenos de manifestação possivelmente energéticos e simbolizados pela serpente da esfinge, conforme o mostra o quadro a seguir:



Quadro XII

Mais uma vez a esfinge preencheu a sua função de encontro, de "symbolleien" apontado por Caruso.

Ao mesmo tempo a esfinge, através da serpente, esta nos colocando diante de problema correlato: o da maturidade e mais particularmente o da maturidade nas relações amorosas. É o que vamos examinar a seguir.

CAPÍTULO 10

«Maturidade»

e

Amor

Já falamos da presença de esfinges agrupadas aos pares, o que, aliado à simbologia espacial da esquerda e da direita como sendo o pólo masculino e feminino, nos deixa supor que há também uma intenção dos autores destas esfinges de provocar meditações e estudos em torno do encontro e do amor homem-mulher.

De outro lado, a possível mensagem evolutiva que descrevemos nos capítulos anteriores nos provoca uma série de perguntas no que se refere às relações entre o estado evolutivo em que se encontra cada um dos parceiros e a qualidade das suas relações amorosas.

O que vai a seguir constitui apenas tema para meditações e traz em si talvez muito mais perguntas do que respostas ao problema proposto.

Queremos frisar também que as propostas que se seguem são frutos tanto de experiência e meditações pessoais, como de observações e experiências científicas. Não cremos, no entanto, que o conjunto tenha características inteiramente científicas, pois tivemos de entrar (e era fatal) num terreno mais filosófico, pois chegamos a fazer perguntas de cunho transcendental, diretamente ligadas aos problemas evolutivos apresentados nos capítulos precedentes.

Em primeiro lugar, o que é maturidade?

61. A MATURIDADE

O dicionário enciclopédico Larousse a define como sendo "Um período da vida, compreendido entre a juventude e a velhice, e caracterizado por um equilíbrio entre os ganhos e perdas sofridos pelo indivíduo, tanto do ponto de vista fisiológico, como psicológico. Estado de pessoas ou coisas que se aproximam do seu completo desenvolvimento ou do ponto de perfeição, ou que chegaram a ele" (236).

A maturidade, por conseguinte, só existe, caso exista um estado final de equilíbrio ou um estado final de "perfeição". Ela pressupõe também estádios anteriores de "maturação".

Assim poder-se-á dizer que uma pessoa é "madura" se ela:

ti ver chegado a este estado final; este se noe apresentou nos capítulos anteriores como muito distante das nossas possibilidades atuais.

Permanecer neste estado sem regressões a estados anteriores.

Assim, pode-se dizer que uma fruta está madura, pois chegou ao máximo do seu crescimento; o crescimento físico de plantas, animais e do próprio homem tem, em termos de simples bom-senso, fases identificáveis "a priori" como sendo de maturidade.

Poderemos afirmar a mesma coisa no que se refere a algo tão complexo como as "relações amorosas"? É o que iremos examinar no próximo parágrafo.

62. O QUE É MATURIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS?

Quando se trata de relações interpessoais como é o caso em foco, temos de considerar vários ângulos do mesmo problema.

1) A maturidade para o amor, ou o amor maduro, só existe se existem ou se podemos definir todas as fases da evolução do amor do homem e se conhecemos a *fase final* e ainda se *esta fase final existe*. Há aqui um problema de filogênese e de ontogênese das relações amorosas.

- Se conhecemos as primeiras fases, podemos afirmar o mesmo das, ou da fase última?
- Se existir uma fase final, caso o homem seja apenas um "intermediário entre o macaco e o homem" como o afirmou um antropologista, inexistiria também uma maturidade terminal. Se na sua filogênese o homem está ainda num "porvir", numa hominização teilhardiana ou numa personalização carusiana, então o que será da maturidade? Talvez o ponto máximo em que é possível chegar em determinada cultura, camada social ou civilização?

Piaget, a respeito da evolução da inteligência, faz observar com muita propriedade que, se se examinasse as crianças gregas da antiguidade com os nossos testes de nível mental de hoje, elas se situariam no nível de dez anos das nossas crianças escolarizadas urbanas. Clovis Alvim, ao analisar os desenhos do homem de Lagoa Santa, diagnosticou uma "idade mental" em torno de seis anos, isto é, na idade pré-escolar atual. Onde podemos falar de maturidade, se imaginarmos o homem do futuro em que a inteligência será aliada à "cibernética", "Informática" e "problemática" com linguagens logísticas pouco imagináveis atualmente?

Embora num domínio diferente e com a ressalva de que é discutível a extrapolação da vida intelectual sobre a vida afetiva e mais particularmente amorosa, podemos perguntar-nos se existe uma maturidade" na vida amorosa, isto é, se existe um estágio "final".

É o que tentaremos analisar mais adiante. Mas a resposta a esta pergunta depende de uma segunda consideração preliminar.

2) No caso do amor, a nosso ver a maturidade pode ter dois significados conforme nos colocamos de um ponto de vista da *evolução Individual* ou da *evolução de uma relação*.

- Em *psicologia evolutiva* podemos dizer que uma pessoa se torna *capaz* de ter relações maduras amorosas com outra pessoa.
- Em *psicossociologia evolutiva* poderemos dizer que duas pessoas têm entre si relações amorosas maduras. Isto pressupõe uma das seguintes alternativas:
- Que cada uma delas chegou a esta capacidade no plano individual e já se encontram "maduras".
- Ou que uma já estava "madura" e que a outra chegou a este estágio posteriormente ao encontro. (Sob influência da primeira, por exemplo, ou depois de ter feito uma psicanálise).

Ou que as duas pessoas evoluíram juntas para o estágio pressupostamente "final" de "maturidade".

Assim sendo, teremos, antes de definir o que é a gênese de uma relação madura, de definir quais são os estados evolutivos do indivíduo nas suas relações amorosas, já que homem e mulher podem se encontrar e ter relações amorosas cada um num estágio evolutivo diferente, o que aliás permitiria definir o desajuste amoroso. Há, neste caso, descompasso evolutivo entre os parceiros.

3) Como já o pressentimos na ocasião da primeira consideração, à dimensão da psicologia individual, na psicologia social, convém acrescentar uma dimensão *cultural* e, por conseguinte, *antropológica*:

- O que chamamos de maturidade será talvez, na realidade, a posição de uma pessoa ou de um casal no degrau mais adiantado na cultura em que vive.
- Neste caso o que é maturidade numa cultura pode ser imaturidade em outra.
- Se acrescentamos a dimensão do tempo, o que é maturidade numa época da evolução de uma civilização pode ser imaturidade num estágio mais evoluído.

Em face do que foi exposto até agora, seguindo estas linhas de raciocínio, convém, agora, tentar analisar e pesquisar a existência de estágios "finais" nas relações amorosas vistas do ponto de vista psicológico, psicossociológico e antropológico. Iremos fazê-lo, usando exemplos tomados nestes diferentes níveis de observação do fenômeno "homem" simbolizados na esfinge.

63. EXISTE ESTÁGIO "FINAL" NA EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES AMOROSAS?

Em primeiro lugar, convém nos perguntar se existe uma direção evolutiva. Falando dos diferentes estágios evolutivos, Freud [\(221\)](#), após tê-los resumido e falando do período de latência, disse textualmente: "...Está aí uma das condições *que permitem ao homem o desenvolvimento em direção a uma civilização mais elevada...*" Mais adiante, fala Freud: "...da irrupção de um movimento amoroso intenso, de caráter psíquico, com ressonância sobre a inervação das partes genitais; *a unidade da vida erótica normal* está, enfim, realizada".

Freud admite, por conseguinte, que:

- A civilização pode caminhar para uma direção mais *elevada* (grifamos o termo propositadamente).
- A vida erótica é uma *unidade*.

Freud nos aponta aí duas direções da pesquisa que nortearão, a título hipotético, a nossa própria análise.

A idéia de "elevação" preside em grande número de modelos evolutivos, tanto do indivíduo como da sociedade. Está ela explicitamente descrita em várias disciplinas, umas filosóficas, outras científicas.

Nos capítulos precedentes sobre a esfinge, a evolução do homem e a experiência estética, assim como, aliás, grande parte do presente livro, descrevemos estes modelos evolutivos. Além disso, da biotipologia à psicoterapia, encontramos constantemente a idéia de hierarquização estrutural.

É como se a "natureza" tivesse inscrito uma hierarquia de valores indo dos mais instintivos aos intelectuais e espirituais. A *subida* ou o *avanço* (no caso dos animais horizontais) estão escritos na anatomia, e isto nos mínimos detalhes. Por exemplo, como já vimos, na cabeça, a testa (cérebro intelecto) domina o nariz (respiração, sentimento, emoção) que domina a boca (digestão, instinto).

No próprio cérebro reencontramos uma hierarquia ascendente: A cortiça cerebral (intelecto-águia), que domina o hipotálamo (emoções-leão) que domina o bulbo raquidiano e a medula (instintos e reflexos motores-boi).

Não é por acaso que existe uma hierarquia também nos chamados sistemas de valores próprios da axiologia.

Na teoria dos valores encontramos também uma série de "sistemas de valores" em que se nota uma "subida".

Segundo Deschoux, Gagley e Bigler, "o universo axiológico comporta, no sentido de uma profundidade crescente, valores sensíveis, valores vitais, valores culturais, e valores espirituais" (220).

Vejam a gradação em "subida" ou "profundidade" usada pelos autores.

Este sistema de valores está explicitamente descrito nas descobertas da psicoterapia no que se refere à evolução amorosa.

Como já vimos, talvez seja Abraham Maslow quem mais estudou a evolução das relações amorosas, através da psicoterapia, ou por inquéritos feitos em clientes e estudantes universitários. Já é bastante conhecida a distinção que faz entre:

O "need love" ou amor baseado em necessidades (valores D), e o "being love" ou amor ao ser (valores B).

A evolução do homem em direção à maturidade no amor se faria em direção ao B love que corresponde ao mesmo tempo aos valores superiores que ele chama também de "metamotivos" como: beleza, verdade, bondade, integralidade, liberdade, etc.... Lembramos que o B love é vivido sobretudo no que ele chama de "Peak-Experience" ou "experiências privilegiadas" de cume, "experiências culminantes", que se situariam na metade do caminho da experiência mística.

Esta experiência do "encontro existencial" tem, como já vimos, um valor psicoterápico enorme. As pessoas que passaram por esta experiência afirmam, em inquéritos feitos, sentirem-se mais "maduras", preferindo este tipo de relacionamento amoroso ao "need love".

Seguin também fala (169) do valor terapêutico do "encontro" com o cliente, que ele descreve como "una espécie de revelación capaz de cambiar la vida de una manera definitiva".

Para Buber, o amor verdadeiro e "maduro" é um amor "cósmico", em que se pode ajudar curar, educar, *e*levar, li berar.

Voltando ainda a Maslow, os seus estudos o levaram a dar "critérios" bastante objetivos e "operacionais" para reconhecer e diagnosticar o estágio evolutivo do amor necessidade e do amor ao ser.

64. UM CONCEITO DINÂMICO E ENERGÉTICO DA MATURAÇÃO DAS RELAÇÕES AMOROSAS

Foi Jung que propôs um conceito "energético" no que se refere ao amor. Podemos gastar energias em atividade sexual, em trabalho profissional, em meditações filosóficas ou em úlceras duodenais (248).

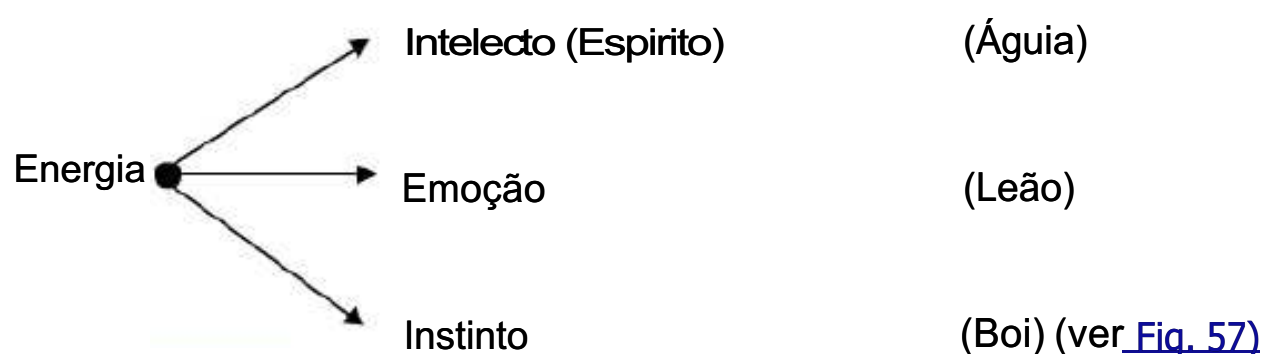
Se acrescentarmos a este conceito a idéia da *subida* evolutiva, podemos propor as seguintes hipóteses, para submetê-las à discussão ou como pontos de partida para maiores pesquisas.

1) Na evolução das relações amorosas há um processo direcional ascensional.

2) Pode ela ser representada por uma espiral (ver Fig. 56).

3) Nesta aspirai há estágios cujo ponto terminal é discutido, pois abrange aspectos eventualmente parapsicológicos ou místicos, ou cósmicos, conforme as crenças ou posições filosóficas. É mais prudente, por conseguinte, falar de maturação e não de "maturidade".

4) Aceitando a hipótese da evolução de uma fase instintiva até uma fase em que são integrados valores espirituais, poderíamos propor o seguinte modelo teórico:



5) No amor, a energia pode ser concentrada em atividades instintivas, emotivas, espirituais ou distribuída equitativamente entre duas ou três destas funções.

6) A evolução tende a levar o homem a concentrar a sua energia na direção de maior amor espiritual?

7) A relação amorosa entre dois parceiros pode evoluir para maior espiritualidade que inclui o encontro profundo existencial. Seria interessante analisar o que é este encontro; qual a parte de transferência e projeção e qual a parte de atração energética direta. A experiência da "ioga sexual" em que os parceiros ficam na posição de loto, em união coital mas sem praticar a fricção coital, esperando a energia "subir" nas esferas superiores do sistema nervoso, se prestaria a muitas análises e estudos sobre este assunto de maturidade no amor (271).

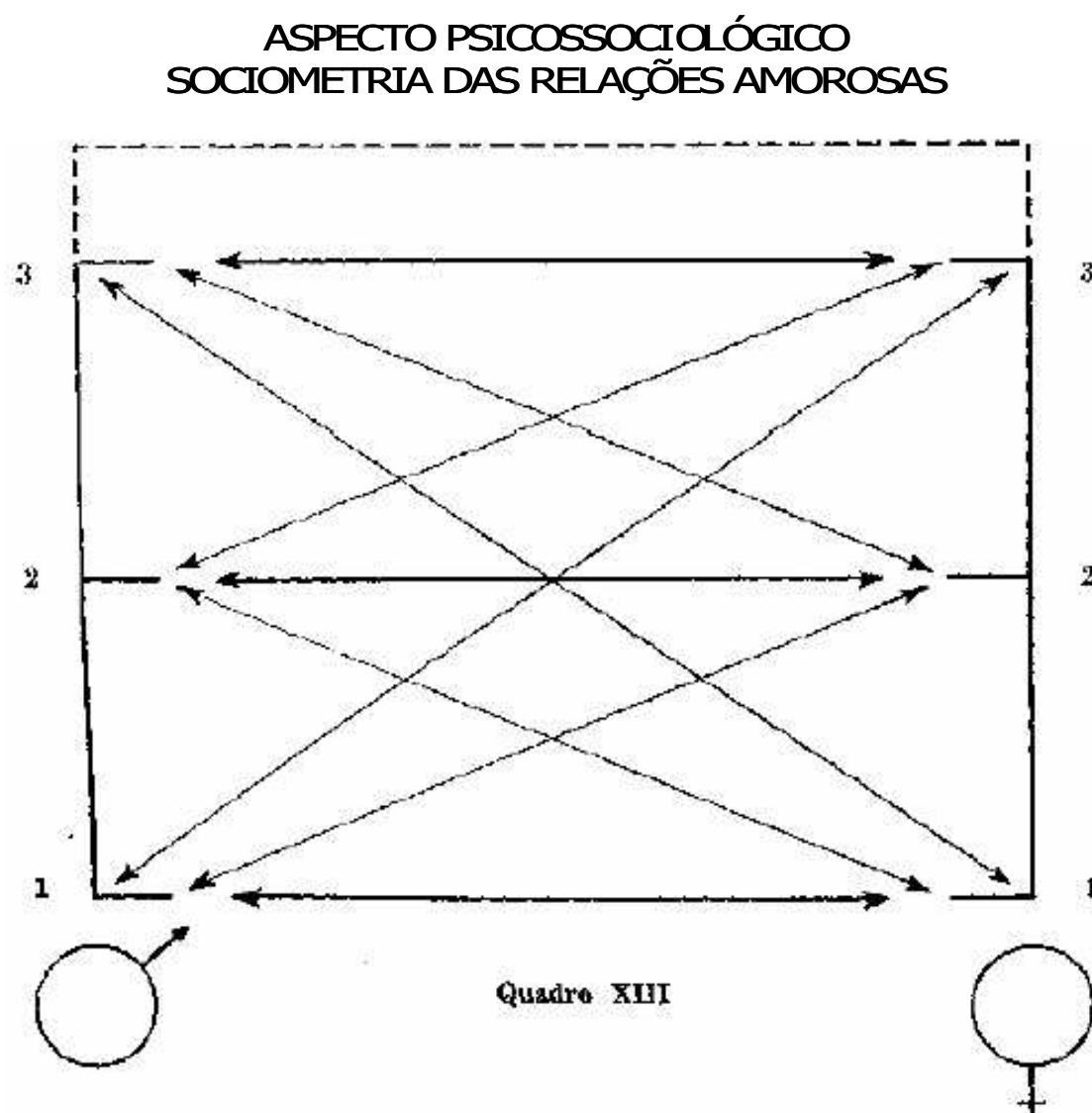
8) A relação amorosa entre os níveis evolutivos de dois parceiros tem várias alternativas teóricas de conjugação, baseadas em modelo sociométrico. É o que vamos agora descrever.

65. A ESFINGE NA SOCIOMETRIA DAS RELAÇÕES AMOROSAS

Como já o vimos, existem esfinges agrupadas aos pares, em geral uma na frente da outra. Podemos imaginar que os seus autores quiseram mostrar que as relações humanas são, na realidade, relações interestruturais. A título de hipótese

inverificável, vamos tentar reconstituir o que talvez tenha sido a intenção dos seus autores.

Se colocarmos as duas estruturas da esfinge uma em frente a outra, e procurarmos as relações teóricas possíveis entre elas, teremos, teoricamente, dezenove relações possíveis, tal como o mostra o esquema seguinte.



Este modelo tem aplicações bastante interessantes no que se refere às Podemos ter relações recíprocas positivas no plano do instinto, no plano do sentimento ou no plano do intelecto.

Existe efetivamente um tipo de relação no nível 1 (boi), em que predomina o aspecto instintivo e sexual.

Outro tipo de relações se dá no plano emocional. É o "amor temura" sentimental, ou a paixão (nível 2, leão).

Também existem casais, nós o sabemos, cujo encontro predileto se faz no nível da mente, no nível dos valores intelectuais e espirituais (nível 3, águia).

Existem casais que têm encontros amorosos apenas num destes planos, e outros que harmonizam num plano ou no outro conforme a situação, o momento e as pressões em Jogo.

Há também os que têm experiência do encontro nos três planos ao mesmo tempo, ou pelo menos em dois deles: espiritual e emocional ou emocional e sexual ou ainda sexual e intelectual.

66. OS DESENCONTROS DE NÍVEL DE MATURAÇÃO

Os desencontros amorosos, as desarmonias, parecem ter também a sua explicação neste modelo. Um dos parceiros encontrando-se num dos planos e o outro no outro plano, surge o desencontro. Isto é muito frequente. Por exemplo, o homem quer apenas uma descarga sexual no nível do boi, e a mulher quer dar e receber ternura ou ainda se encontrar num plano espiritual. Tais desencontros podem ser:

ocasionais, dependendo do estado momentâneo em níveis diferentes: A mulher quer ir para a cama, por exemplo, e o homem quer dar um passeio ao luar (mulher no nível 1 e homem no nível 2);

constantes: neste caso se trata de duas pessoas que se encontram em níveis de maturação diferentes. O des nível pode-se dar, teoricamente, do seguinte modo:

1. A mulher no nível 1 e o homem no nível 2
2. A mulher no nível 1 e o homem no nível 3
3. A mulher no nível 2 e o homem no nível 1
4. A mulher no nível 2 e o homem no nível 3
5. A mulher no nível 3 e o homem no nível 1
6. A mulher no nível 3 e o homem no nível 2

Também podemos aventar a hipótese teórica de encontros parcialmente desarmônicos:

1. A mulher no plano 1 e 2 e o homem no plano 2 e 3
2. A mulher no plano 2 e 3 e o homem no plano 1 e 2
3. A mulher no plano 1 e 2 e o homem no plano 1 e 3
4. A mulher no plano 2 e 3 e o homem no plano 1 e 3
5. A mulher no plano 1 e 3 e o homem no plano 2 e 3
6. A mulher no plano 1 e 3 e o homem no plano 1 e 2

Interessante seria um estudo experimental destas tipologias de relações amorosas, com instrumentos de medida bastante acurados.

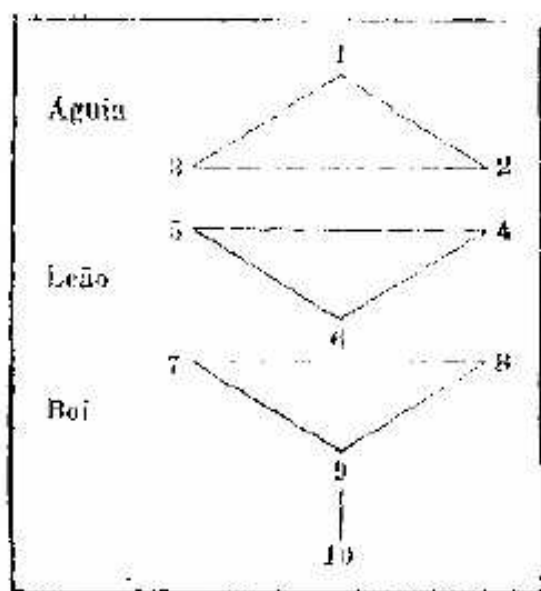
Podemos citar, a este respeito, por analogia, uma tentativa neste sentido, com a tipologia ternária de Le Senne, por André Le Gall (219).

Se juntarmos os três níveis de encontro sincrônico por um ponto, estaremos chegando a um resultado bastante curioso:

Mudamos apenas os números:

3, 5, 7: mulher (águia, leão, boi)

2, 4, 8: homem (águia, leão, boi)



Quadro XIV

1. plano mental

6: plano sentimental

9: plano sexual

10: nova unidade resultante da união sexual 9. O filho.

Acrescentando ao encontro das duas esfinges, nos seus diferentes planos, três centros de atração (1, 6, 9), intermediários entre o masculino e o feminino, reconstituímos, nada mais nada menos, do que a árvore sefirótica. O número 10 corresponde ao produto da união sexual. Uma nova criação: o filho.

67. PERGUNTAS FUNDAMENTAIS SOBRE AS ORIGENS DA EVOLUÇÃO DO HOMEM

Assim, tanto a nossa estrutura anatomofisiológica, como a teoria da "Gestalt", e as duas esfinges na árvore sefirótica, nos levam a insistir na "unidade" a que se refere Freud. Nesta unidade que incorpora os aspectos instintivos emocionais e espirituais, será no entanto que a maturação individual, interindividual e cultural se faz no sentido da "subida", já assinalada por Freud? Esta "subida" indica o caminho

da maturação, em direção de uma maturidade cuja natureza nos escapa ou nos é dada por intuição, conforme a nossa experiência ou posição filosófica e metafísica.

Será esta "subida" inscrita como estrutura primária no ADN dos nossos genes? Ou será ela uma opção, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade? Estará o homem construindo voluntariamente o seu próprio destino e a sua própria evolução ou será esta inscrita de modo irreversível em alguma parte do nosso ser?

Ou, ainda, haverá em nós alguns fundamentos estruturais inscritos nos nossos gens, e a partir destas estruturas elementares o homem estará livre de construir progressivamente a sua própria evolução, para mais paz, harmonia e elevação espiritual? A esfinge parece a favor desta terceira tese: o homem emerge do animal, o homem se constrói voluntariamente a partir das suas estruturas primárias e reflexas. Isto vale, também, para a sua vida amorosa.

Falamos em estruturas. Chegou o momento de analisarmos os aspectos "estruturalistas" do nosso livro, a começar pela análise da própria estrutura do mesmo.

É o que iremos tentar, a título de conclusão.

CAPÍTULO 11

Esfinge

e

Estrutura

68. *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS*

A medida que íamos reunindo dados e redigindo os primeiros capítulos, ia-se esboçando a idéia de que realmente estávamos investigando um modelo estrutural, como ele foi definido pelos estruturalistas [\(173 – 202\)](#). Resta-nos apenas fazer uma tentativa para provar isto.

Tomamos consciência de que estávamos, no início dos nossos trabalhos, na mesma situação que Lévi-Strauss descreve quando compara o trabalho do antropólogo com o de arqueólogos do futuro, vindos de outro planeta e que procurariam entender uma de nossas bibliotecas, sem nem conhecer o alfabeto, e que além do mais descobririam nesta biblioteca, além de textos literários, partituras musicais. Ou ainda, trabalho de um observador que não conhece nada das nossas cartas de jogo e que observe uma cartomante com seus clientes [\(202\)](#).

Como psicólogo familiarizado com abordagem de conteúdos mentais fornecidos em situações psicodramáticas e psicoterapia analítica, encontramos numa situação análoga: a de análise de um sonho em que temos que tentar reconstituir fragmentos esparsos, significantes diversos e lhes reencontrar o significado. Outra situação é a de encontrar o "fio de ligação" entre a verbalização e produção psicodramática obtidas pelo mesmo indivíduo em várias sessões, ou por indivíduos diferentes durante uma ou várias sessões. Muitas vezes encontram-se elos de ligação, "feixes de relações", como os chama Lévi-Strauss, tais como: competição fraterna-competição profissional, simbolismo onírico-comportamento diário, relações de autoridade-relações com os pais, etc....

Para estabelecer tais relações, temos que penetrar, sobretudo, no caso de material produzido pelo inconsciente, no código individual e muitas vezes emocional. Temos que casar provisoriamente com a lógica pessoal do nosso cliente, para posteriormente usar a nossa lógica racional, visando classificar os fenômenos e procurar relações entre eles.

É o que fizemos durante os trabalhos que relatamos no presente volume. Procuramos esquecer da nossa própria estrutura mental, para adotar o modo de pensar e de se expressar dos antigos, cujos rastros encontramos, entre outros, nas escolas esotéricas. Tal maneira de proceder nos permitiu, por exemplo, reencontrar

o provável "número" da esfinge, usando a técnica de "redução teosófica", que pode parecer bastante estranha aos nossos modos ocidentais de tratar os números.

Da mesma forma, adotamos a flexibilidade de manejo dos símbolos, partindo do pressuposto que um mesmo significante pode ter várias significações, e não um só como o pensamento "maniqueu" nos acostumou a fazê-lo.

O nosso trabalho poderia ser também comparado ao do psicanalista que, tal como seu cliente, costuma adotar uma certa atitude mental de "relax", a fim de melhor "embarcar" nas associações do seu cliente, criando um estado de verdadeira comunhão" de pensamentos e sentimentos. Só depois da sessão, é que ele poderá retomar os dados e analisá-los com critérios mais racionais, procurando estabelecer relações entre os elementos e pesquisar a estrutura que os une.

Tal como Lévi-Strauss o aconselha, depois de colhidos os dados, procuramos primeiro agrupá-los em classe, pela sua semelhança. Numa segunda fase, procuramos as ligações existentes entre as classes.

Ao fazer isto, estamos conscientes de que conseguimos apenas abrir uma clareira. Muitas pesquisas ainda serão necessárias para confirmar estas ligações. As nossas limitações e talvez deformações perceptivas nos impelem a fazer um apelo a antropólogos, historiadores, matemáticos, epistemólogos, filósofos, arqueólogos, teólogos, biólogos, físicos e outros cientistas, para entrarem nesta clareira onde parece estar depositado o mais antigo modelo cosmológico da humanidade. Tudo indica que este modelo tem características principais de um modelo estrutural moderno. É o que tentaremos demonstrar, dentro de nossas limitadas possibilidades pessoais.

69. ESTRUTURA DA OBRA E ESTRUTURA DA ESFINGE

Temos, por conseguinte, do ponto de vista estruturalista, dois problemas a resolver:

1) Qual a estrutura da nossa abordagem na pesquisa do, ou dos significados da esfinge, isto é, como tentamos demonstrar que a esfinge é intencionalmente um símbolo e um modelo estrutural, psicossomático?

2) Demonstrar que os principais critérios de definição de uma estrutura pelos estruturalistas modernos aplicam-se à esfinge, o que faz desta e da "árvore

sefirótica" o primeiro modelo estrutural micro e macrocosmológico conhecido da humanidade.

Iremos abordar sucessivamente estes dois problemas. Como se trata de análise estrutural do nosso próprio pensamento e método de abordagem e demonstração da existência de uma estrutura, é de esperar que muitas perguntas feitas a respeito do segundo problema já serão, em parte, respondidas por ocasião da análise do primeiro.

Muitos são os leitores que acharão desnecessárias e redundantes estas demonstrações visto que, possivelmente, o que já foi exposto seria bastante convincente. Nós estaríamos de acordo com eles, se nos encontrássemos num terreno firme de dados da nossa cultura e civilização, baseados em observações e medidas colhidas "in vivo", numa pesquisa de campo dirigida por nós mesmos.

Isto, no caso da esfinge, não se dá. Muito pelo contrário. A todo instante encontramos-nos no terreno movediço de mitos, em que, como já dissemos, todas as projeções pessoais são possíveis. Se fizemos, no início desta obra, um pouco de análise da nossa própria história, é justamente para incluir esta variável subjetiva na nossa investigação, a fim de evitar que ela entre como mecanismo projetivo. Ao tentar isto estamos realizando simbolicamente o quarto elemento da esfinge. O homem que procura se tornar consciente dos seus próprios processos mentais, emocionais e pulsionais, a fim de controlá-los.

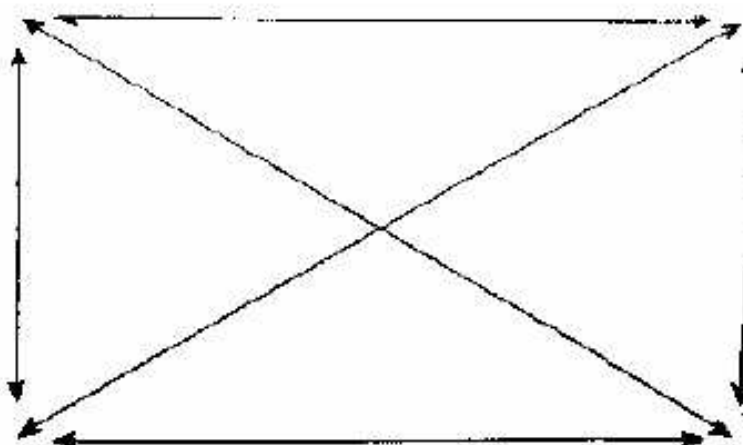
70. RELAÇÕES ENTRE A. ESTRUTURA DO AUTOR E A ESTRUTURA DA OBRA

Como acabamos de dizer, começamos este livro descrevendo a nossa própria história, isto é, as principais variáveis das quais estamos conscientes e que nos levaram a estudar a esfinge. Esta operação corresponderia à que nós psicólogos chamamos de análise da "contratransferência". Assim, procuramos, depois de estarmos mais conscientes da nossa própria motivação e da nossa própria história, afastar, na medida do possível, os nossos sentimentos pessoais ou a nossa preferência por tal ou qual teoria, e analisar os fatos colhidos.

Qualquer obra precisaria ser analisada dentro do seguinte modelo:

OBRA

FATOS



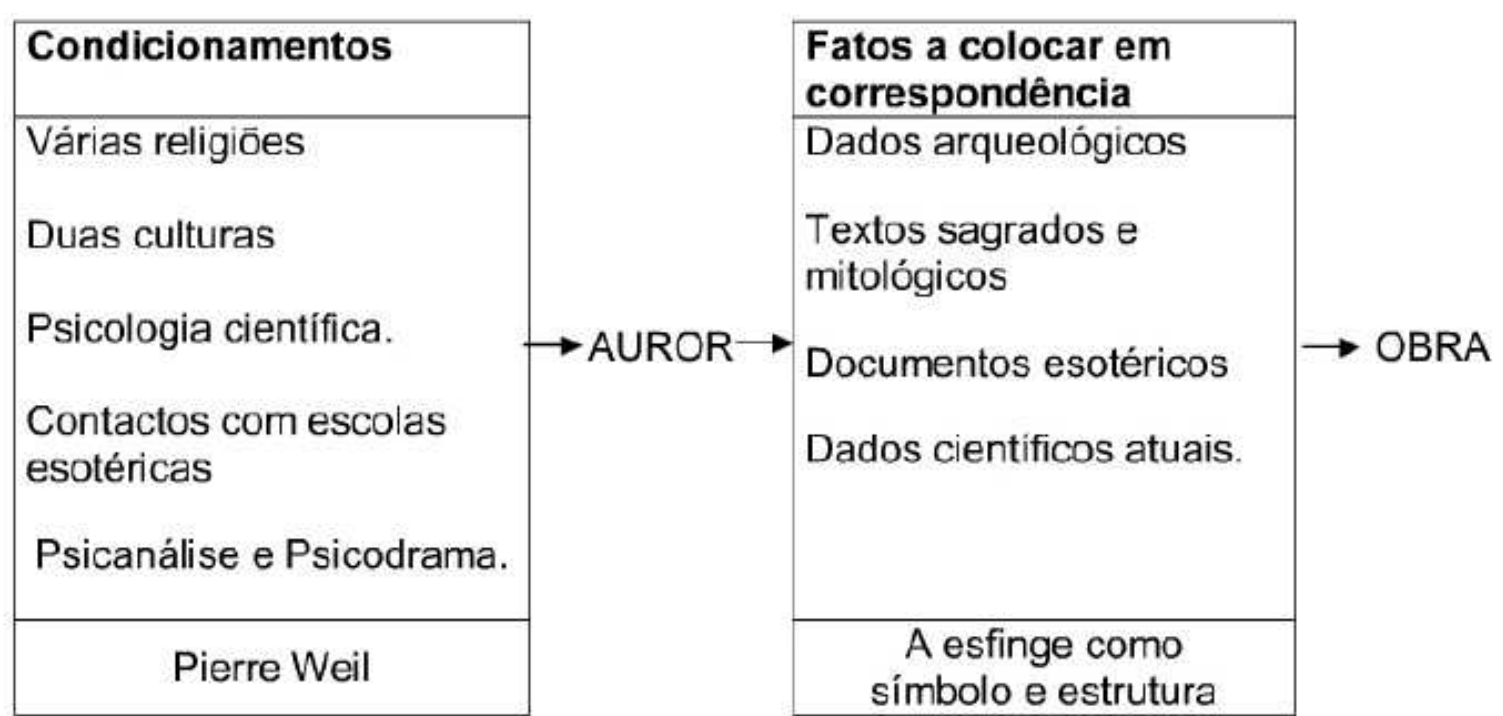
Há uma interdependência constante entre as estruturas dos fatos, do autor, da obra e do leitor. A estrutura da obra precisa reproduzir a estrutura dos fatos, o que pode ser facilitado se a estrutura do autor estiver sintonizada com os fatos.

O leitor, por sua vez, só assimilará a obra se a sua estrutura estiver relacionada com os fatos e sua critica será mais acurada se conhecer melhor a estrutura do autor.

O autor, por sua vez, aumentará a qualidade da sua comunicação, se pensar na estrutura do leitor.

O aspecto mais importante, do ponto de vista científico, é a análise critica dos condicionamentos, que levam o autor a analisar os fatos e a descrevê-los na sua obra, pois estes condicionamentos são os grandes responsáveis por deformações perceptivas da realidade

Esta análise poderia ser esquematizada da seguinte forma:



Quadro XV

Uma série de condicionamentos levaram o autor a colher fatos sobre a esfinge, a analisá-los e colocá-los em correspondência. Desta tentativa de relacionamento é que nasceu a obra.

De um lado temos Pierre Weil e seus condicionamentos; de outro lado, temos os fatos colhidos e relacionados entre si, por Pierre Weil. O problema é Pierre Weil evitar, na análise dos fatos, deixar-se levar pelos seus condicionamentos. Isto é só parcialmente possível. Se estivesse no nosso lugar um antropólogo ou um matemático, certamente difeririam o tratamento dos dados e mesmo o relevo dado a certos aspectos em detrimento de outros. Por exemplo, os "pés deformados" de Édipo são colocados pelo antropólogo Lévi-Strauss em relação com mitemas de matança de monstros e pelo teósofo Roso de Luna, com fenômenos de ordem mística. O primeiro está preocupado com relações incestuosas e conceito de autoctonia do homem; o segundo vê Édipo como peregrino de pés deformados de tanto andar à procura da verdade. Com o mesmo rigor que Lévi-Strauss usou para colocar os seus mite' mas em correspondência, deve ser possível estabelecer uma relação em torno do tema: procura da verdade. Por exemplo, procurar relações entre Édipo, esfinges, templo, ritos iniciáticos, etc...

Em outras palavras, mesmo se os fatos constituem em relação ao autor um "não-eu" a ser tratado como tal, tanto as fontes de pesquisa dos fatos como o ato de colocá-los em correspondência são produto de uma decisão em que entram fatores de condicionamentos pessoais. Pierre Weil não escapou a isto, já que foi como psicólogo que ele foi atraído pela idéia de que a esfinge poderia ser um símbolo e modelo psicossomático. Aconteceu, no entanto, que procuramos evitar deixar-nos levar por um "psicologismo" exclusivo. Encontramos, por exemplo, as primeiras aparentes contradições entre a esfinge como símbolo religioso e a esfinge como símbolo psicossomático, ou a esfinge como símbolo cosmológico, ou matemático ou psicossomático (microcosmológico). Essas aparentes contradições nos levaram a procurar colocar os fatos que nós tínhamos em correspondência. Ao fazê-lo, estávamos (mais uma vez na nossa vida) saindo das fronteiras artificiais da psicologia.

O objetivo do presente capítulo é justamente o de explicitar melhor as principais operações de relacionamento que, por enquanto, estavam apenas subjacentes no nosso texto. Isto nos permitira criticar o nosso próprio trabalho e

apontar as deficiências e lacunas que poderiam ser ulteriormente corrigidos ou preenchidos por nós mesmos ou outros autores. Estaremos descrevendo, de certa forma, o "vir a ser" deste trabalho sobre a esfinge ou o que achamos do que ele deveria ter sido, se não fossem as nossas limitações pessoais. Só uma equipe de especialistas poderá dar passos adiante.

Seria necessária a colaboração de filólogos para um estudo semântico das relações entre significados e significantes, no que se refere, por exemplo, às seguintes palavras e às suas relações entre elas:

- ESFINGE
- KRUB
- CHEFES
- SESHEY
- QUERUBIM

No nosso estudo foi muito fértil o relacionamento entre KRUB e QUERUBIM, pois nos levou a estabelecer um elo entre esfinges assírias e judeu-cristãs, elo reforçado pelos textos religiosos e pesquisas arqueológicas.

71. DEFINIÇÃO DO QUE É ESFINGE

Quando tentamos definir o que é esfinge, sentimos muito, também, a necessidade de colaboração de arqueólogos especializados. Só eles poderiam estruturar dados, de onde se poderia fazer um tratamento estatístico, calculando a correlação existente entre os elementos que compõem as esfinges de diversas civilizações.

Dever-se-ia reunir documentos sobre todas as esfinges conhecidas, comparar a sua estrutura em função de variáveis, tais como idade, cultura a que pertence, contingência com outros "mitemas".

De análise deste género, poder-se-ia dar uma base mais sólida para definir o que é uma "esfinge". A título precário, fornecemos estatísticas baseadas em amostras de esfinges, que estavam em nosso poder.

A esplêndida iconografia de Dessenne, de mais de trezentas esfinges, nos foi bastante útil embora restrita a uma definição limitativa, e parando no ano 1.000 aC.

Depois da nossa tentativa de definição do que é esfinge, procuramos demonstrar a natureza simbólica da esfinge.

72. NATUREZA SIMBÓLICA DA ESFINGE

Ao analisar e citar alguns autores que procuraram mostrar ou, pelo menos, citar o aspecto simbólico da esfinge, encontramos-nos diante de interpretações em aparência contraditórias, a saber:

- A esfinge como símbolo religioso.
- A esfinge como símbolo da estrutura psicossomática do homem (microcosmo).
- A esfinge como símbolo do macrocosmo e do microcosmo ao mesmo tempo.
- A esfinge como símbolo evolutivo.
- A esfinge como símbolo ligado ao incesto e à autoctonia (mito de Édipo).
- A esfinge como símbolo da luta do homem para dominar a sua natureza animal.
- A esfinge como símbolo extático.

Encontramos, esparsos em vários capítulos, esforços para colocar em correspondência estas aparentes contradições. Chegamos, aos poucos, a desenvolver a idéia de que havia inter-relacionamento entre estas várias afirmações.

Estas tentativas de relacionamento poderiam ser agrupadas em duas grandes categorias:

1. A esfinge como símbolo cosmológico exo e esotérico (as primeiras três afirmações).
2. A esfinge como símbolo evolutivo (as outras afirmações seguintes).

Vamos mostrar primeiro a estrutura da demonstração do valor simbólico da esfinge no primeiro sentido.

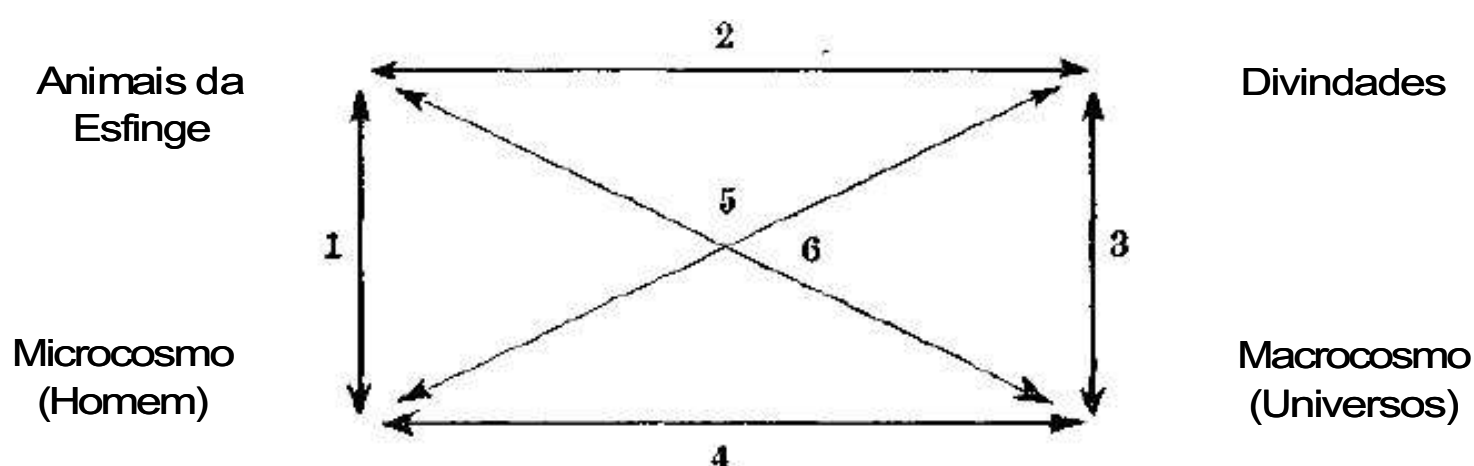
São dois grandes grupos de confrontações que fizemos:

- 1) Demonstrar que a esfinge é um símbolo, analisando os significados dos significantes mitêmicos.

2) Demonstrar que este símbolo está relacionado com modelos matemáticos, prováveis símbolos de estruturas cosmológicas "Mães" ou que pretendem ser as famosas estruturas "primárias" tão cobiçadas - por muitos estruturalistas atuais. Esta segunda demonstração vem reforçar a primeira, pois mostra-se que, além de ser um símbolo cosmológico, a esfinge é vizinha, ou mesmo introdutora a outros símbolos, que têm toda a aparência de lhe ser analógicos.

73. A ESFINGE COMO SÍMBOLO COSMOLÓGICO EXO-ESOTÉRICO

Ela o modelo que nos permitirá melhor analisar as diferentes correspondências encontradas na demonstração da esfinge como símbolo cosmológico. Temos seis tipos de correspondências. Para cada uma iremos lembrar as principais relações encontradas. Dispensamos novas citações bibliográficas, pois já foram dadas por ocasião da redação dos capítulos precedentes.



Correspondência N° 1. Animais da Esfinge e Microcosmo

- Animais como símbolos psicológicos nos Vedas, Baghavat Gitá, Livro dos Mortos egípcio, Bardo- Thödol, Bíblia, Zohar.
- Leão: coragem, impulsividade, ferosidade, sentimento, nobreza de alma, crueldade.
- Boi: instinto, animalidade, trabalho físico, fertilidade.
- Águia: mente, inteligência, elevação, dominação, vida espiritual.
- Serpente: energia, teoria da sublimação da energia (poder kundalini), forças positivas e negativas da mente.
- Esfinge no seu todo: unidade espírito-corpo; domínio do instinto animal pelo homem.

Correspondência N° 2. Animais da Esfinge e Divindades

- Animais como símbolos de divindades nos Vedas, Baghavat Gitá, Livro dos Mortos, Bíblia, Zohar.
- Boi: deusa hindu Kamaduk. Indra. Soma. Deusa egípcia Hathor. São Lucas. José.
- Leão: Sekmet e Rwti no Egito. Coragem do cristão. São Marcos. Leão junto à Tora. Davi.
- Águia: Luz divina hindu. Psicopompa. Ave de Vishnou. Júpiter. Zeus. São João. Moisés. Ascensão de Jesus Cristo. Discos solares alados junto a templos e divindades.
- Serpente: Vasuki. Ananta. Ouroboros. Ísis-Osíris. Moisés e a serpente. Cristo crucificado. Iluminação mística na Kundalini-Yoga. Deus e a Serpente no Jardim de Éden.
- Esfinge no seu todo: Origem de Kerub: Rezar. Seschei: Iluminar. Proximidade da esfinge e querubins de templos, arca da aliança. Cerimônias iniciáticas. Símbolo de Febo-Apolo, Deus do céu.

Correspondência N° 3. Divindades e Macrocosmo

- Diferentes cosmologias religiosas: bramanistas, budistas, judaicas, greco-romanas.
- Horus, seus quatro filhos e suas relações com os ciclos solares. Deus do sol.
 - Isis-Osíris: Dia e noite.
 - Relações entre diferentes divindades maias, astecas e o sol.
 - Júpiter e Zeus e o relâmpago.
- As diferentes trindades e a estrutura ternária cósmica, na tradição esotérica.
- A interpretação cabalista do nome JHMH de Deus e a passagem da unidade à pluralidade.
- A existência do exoterismo e do esoterismo como correspondência entre religião e cosmologia.
- Inúmeros confrontos entre a unidade matéria-energia e o princípio divino.
- Discos solares alados de várias culturas junto a templos.

Correspondência N° 4. Macrocosmo e Microcosmo (Homem).

- Shin, Alef, Mem, as "letras-mães" do primeiro ternário da estrutura sefirótica, dá Schema ou Esquema.
- Definição da metodologia de abordagem do macrocosmo através do estudo do microcosmo na cabala por Salomão Ibn Gabirol.
- Os sacerdotes apontando para o disco alado e a árvore da vida (o que está em cima está em baixo).

- Presença em inúmeras escolas esotéricas da tradição: "O microcosmo reproduz o macrocosmo". Pedra esmeralda de Hermes.
- Confronto, em diferentes escolas esotéricas, dos aspectos unitários, binários, ternários etc da estrutura do homem e do universo, do átomo às estrelas, e do seu funcionamento.
- Correspondências astronômicas dos órgãos anatómicos do homem.
- A árvore sefirótica como estrutura "mãe" comum ao micro e macrocosmo.

Correspondência N° 5. Microcosmo e Divindades

- Representação antropomórfica dos deuses em toda iconografia.
- "Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança... Deus criou o homem à sua imagem",
- São João: "Sabemos que moramos n'Ele e que Ele mora em nós".
- Vedas: "Todos os seres são um quarto da sua medida..."
- Representação cabalística das letras de JHVH do nome de Deus nas partes do corpo humano.
- Sinal da cruz cristão.
- Trindade em várias religiões e ternário no homem.
- Conceito de unidade teológica e unidade psicossomática do homem na religião judaica.

Correspondência N° 6. Esfinge e Macrocosmo

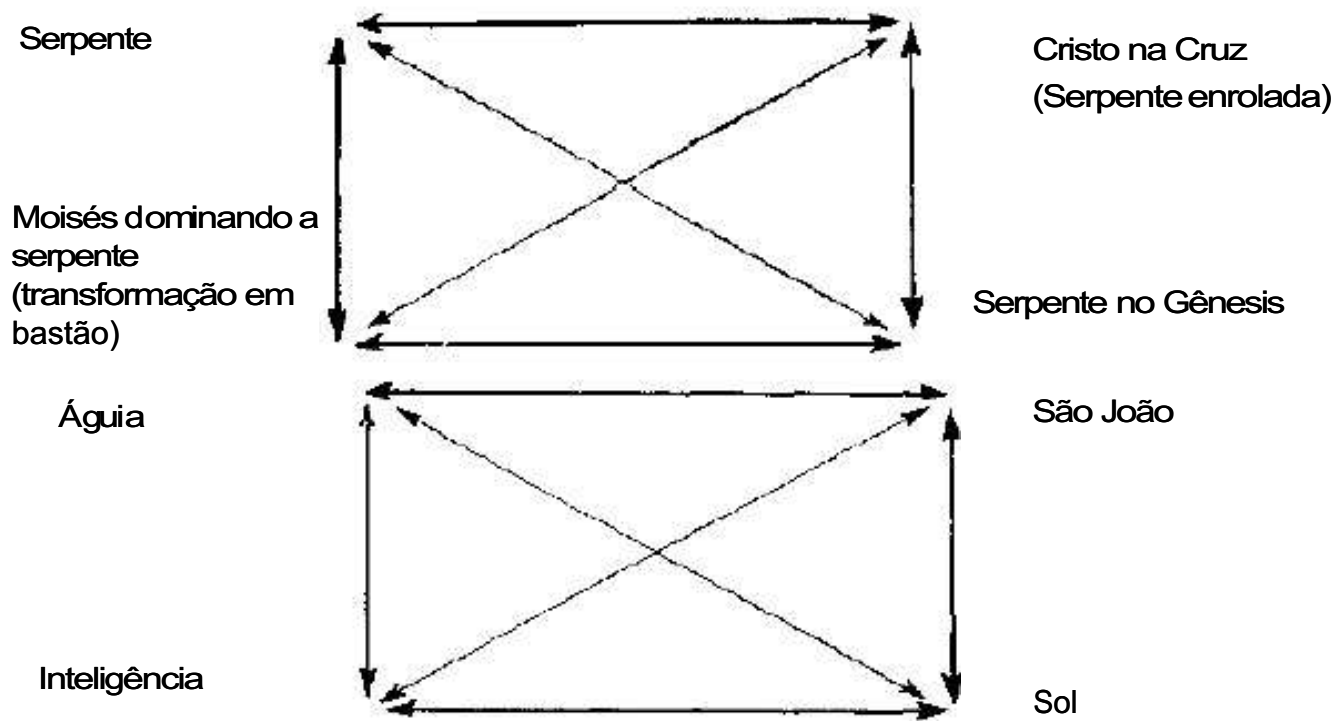
- Disco solar alado junto a várias esfinges.
- Correspondência dos animais da esfinge com pontos cardeais.
- Correspondência dos animais da esfinge com planetas e constelações.
- Animais da esfinge e estações do ano.
- Associação no sonho de Ezequiel dos quatro animais com os quatro sóis dos solstícios e dos equinócios.
- A serpente símbolo de energia cósmica e da unidade do cosmo.
- A águia como intermediária entre o sol e o homem.

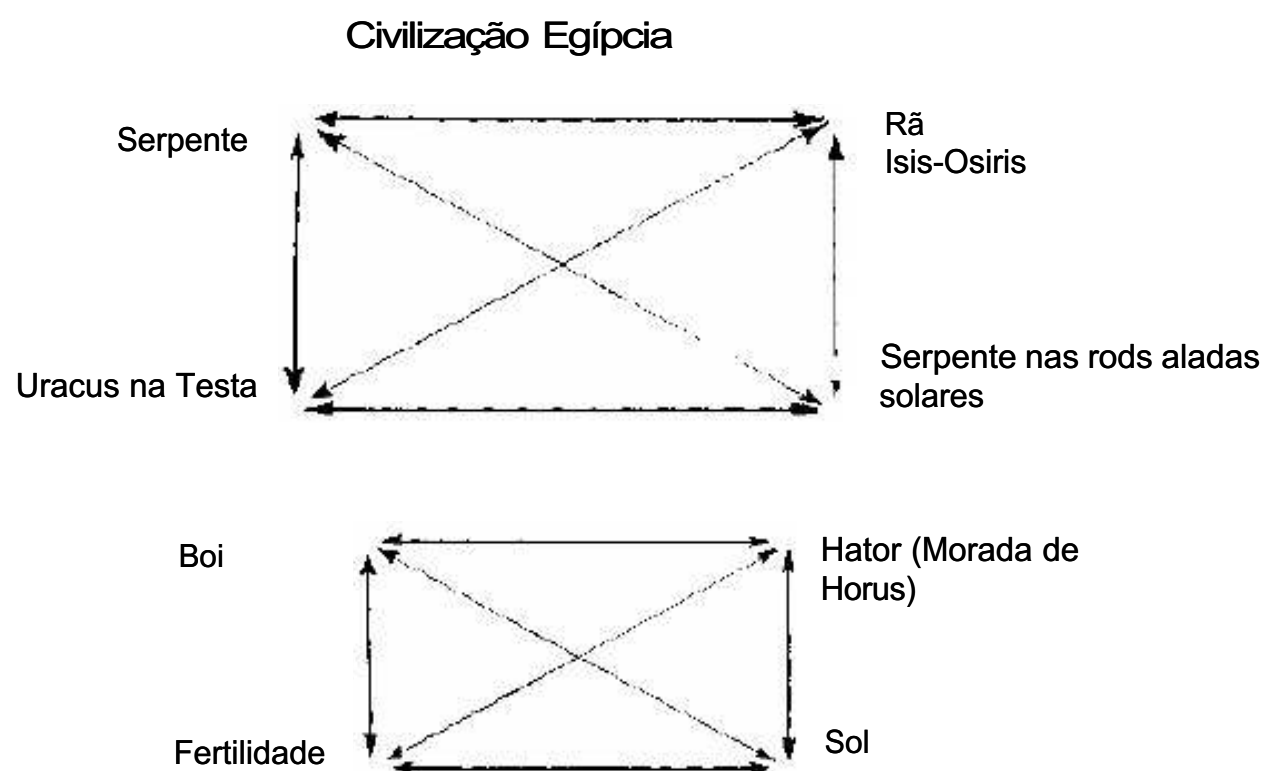
74. SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS SOBRE OS MITEMAS ANIMAIS

Para esta demonstração analógica entre esfinge, divindade, micro e macrocosmo ser ainda mais convincente, do ponto de vista da metodologia científica, seria interessante aplicar o presente modelo, isolando as variáveis "civilização" e "divindade".

Eis alguns exemplos:

Civilização Judeu-Cristã





Para cada civilização seria interessante aplicar o nosso modelo, primeiro na esfinge no seu conjunto, e depois, animal por animal.

Como se pode constatar, há inúmeros índices de inter-relacionamento da esfinge, das divindades, do micro e macrocosmo.

A esfinge e os seus animais simbolizam ao mesmo tempo divindades e o micro e macrocosmo. Não há nenhuma contradição nisto, já que as divindades também simbolizam o micro e macrocosmo. Além disto, segundo as tradições esotéricas antigas, o homem é um macrocosmo em miniatura, isto é, um microcosmo.

Assim sendo, a esfinge é também um símbolo da unidade entre Ciência, Religião, Filosofia e Arte, que, segundo cedas tradições esotéricas, constituem os quatro lados da base da Grande Pirâmide, que ela "guarda".

Vamos, a seguir, procurar reforçar esta demonstração, resumindo as correspondências encontradas entre a esfinge e estruturas matemáticas esotéricas.

75. ESFINGE E SÍMBOLOS ARBORIMÓRFICOS E MATEMÁTICOS ESOTÉRICOS

Em nossa iconografia, assim como em certos textos bíblicos, encontramos a esfinge associada com outros símbolos. Estes símbolos podem ser classificados em três grandes categorias: símbolos arbori mórficos e sistemas numerológicos, discos

solares alados. Este último já tem sido tratado na correspondência N° 6 do modelo precedente.

Entre os sistemas arborimórficos onde encontramos esfinges, ou combinações homem-animal, podemos citar:

Árvore da vida caldaicas e assírias.

Candelabro de sete velas.

Sete vasos (conjunto fenício).

Entre os sistemas matemáticos onde encontramos esfinges podemos citar:

A pirâmide.

A árvore sefirótica da cabala (Zohar).

O sistema alfabético-numerológico do Sefer Yetzirah da cabala.

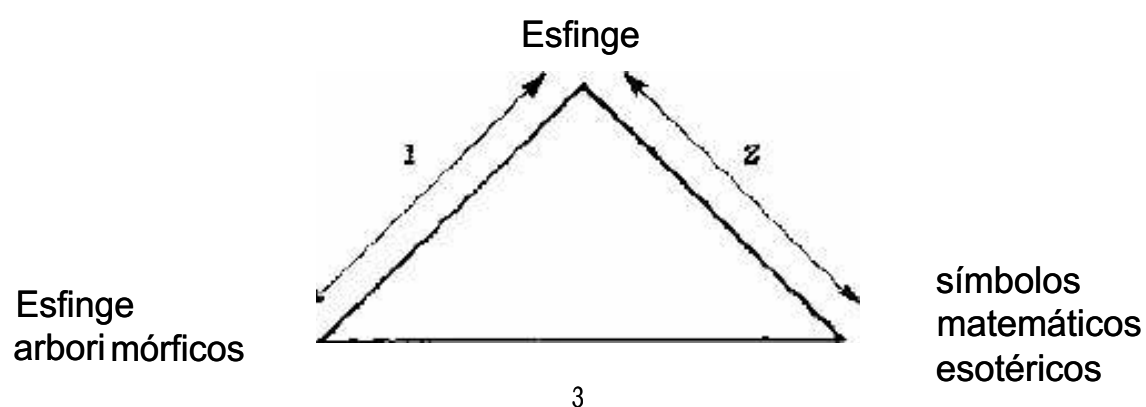
O taro dos ciganos.

O sonho de Ezequiel e Daniel.

O Apocalipse de São João.

As duas Tábuas dos Dez Mandamentos.

Assim, podemos colocar em correspondência à esfinge os sistemas e os símbolos matemáticos esotéricos e os Esfinge arborimórficos



Vamos enumerar a seguir as correspondências encontradas.

Quadro XVI

CORRESPONDÊNCIA Nº 1
ESFINGE E SÍMBOLO ARBORIMÓRFICOS

CONJUNTO	ESFINGE	SÍMBOLOS ARBORIMÓRFICOS
Duas Esfinges junto à Árvore da Vida Assíria.	<i>Duas Esfinges Simétricas de Três elementos</i>	<i>Dois conjuntos simétricos de sete galhos, em torno do tronco. Galhos em forma de Serpente.</i> <i>Em cima, sete galhos agrupados em dois conjuntos si métricos de três galhos.</i>
Homem e Boi junto de sete vasos fenícios.	<i>Dois dos Elementos Esfinge.</i>	<i>Sete vasos divididos em dois grupos de Três vasos simétricos em torno de Um central.</i>
Querubins junto da Árvore da Vida no Éden.	<i>Dois Querubins.</i>	<i>Árvore da Vida com a Serpente e Adão e Eva.</i>
Dois Querubins junto do Candelabro de Sete Velas e as Tábuas do Decálogo.	<i>Dois Querubins. Redução Teosófica de KRUB: 3333. (Quatro vezes Três).</i>	<i>Sete Velas por Dois conjuntos Simétricos de Três velas em torno de Uma Central.</i>
	<i>Quatro Animais (Segundo Ezequiel e São João)</i>	<i>Três conjuntos de três prateleiras de cada Lado do Candelabro e um conjunto de quatro prateleiras centrais.</i>
	<i>Símbolos de quatro grupos de três tribos de Israel.</i>	<i>Dez leis em Duas Tábuas de Cinco Leis cada.</i>
Boi, Homem e Serpente junto à Árvore da Vida Caldeica.	<i>Um ser Humano, Um ser Humano com Chifres, Uma Serpente (Três Elementos).</i>	<i>Dois conjuntos simétricos de três galhos. Sete Galhos. Duas Serpentes simétricas.</i>
Gilgamesh e Enkidu e Árvore.	<i>Dois homens sendo que um Homem — boi matando dois animais. (Dois elementos da Esfinge).</i>	<i>Sete galhos agrupados em dois conjuntos de ires galhos.</i>

CORRESPONDÊNCIA N" 2
ESFINGE E SISTEMAS MATEMÁTICOS ESOTÉRICOS

CONJUNTO	ESFINGE	SISTEMAS MATEMÁTICOS ESOTÉRICOS
Esfinge junto à <i>Pirâmide</i> de Gizeh	<i>Três</i> elementos (Com à Serpente).	<i>Quatro Ternários</i> tendendo à <i>Unidade</i> (Pirâmide).
<i>Tarot</i> com Cinco Esfinges:		
1 Esfinge Carta Deus o Pai.	<i>Uma</i> Esfinge.	Número <i>Um</i> de uma Série de Arcanes Secundários, simbolizando o Absoluto na Criação.
2 Esfinge com a Papisa.	<i>Uma</i> Esfinge.	Carta número <i>Dois</i> simbolizando a dualidade da Criação junto de vários símbolos binários.
3 Esfinge puxando o carro.	<i>Duas</i> Esfinges.	Carta número <i>Sete</i> Simbolizando a Bipolaridade. <i>Um Ternário</i> composto das <i>Duas</i> Esfinges guiadas pelo Homem.
4 Esfinge em cima, da Roda da Fortuna	<i>Uma Esfinge</i> composta de <i>Quatro</i> partes.	Carta Número <i>Dez</i> Simbolizando a Totalidade. <i>Um Ternário</i> composto da Esfinge, equilibrando Hermanúbis e Tífon. Outro <i>Ternário</i> : <i>Duas</i> Cobras em torno de <i>Um</i> eixo.
5 Os Quatro Elementos da Esfinge em torno do Circulo e Mulher despida.	<i>Quatro</i> Elementos.	Carta Número 22 Simbolizando a Unidade ($2 + 2 = 4$) Pitágoras. $4 = 1$. <i>Unidade</i> do Circulo.
Querubins no Sistema <i>Sefirótico</i> da <i>Cabala</i> . ⁶	Querubim. <i>Um</i> Homem e <i>Três</i> Animais — KRUB: 3333 (Quaternário de Ternários).	<i>Segunda</i> Sefira. <i>Nona</i> Sefira. <i>Um</i> conjunto de <i>Três</i> Ternários Sistema Integrado de <i>Três</i> Ternários de <i>Três</i> elementos. (Ou um conjunto de <i>Dois</i> Ternários laterais e de <i>Um</i> <i>Quaternário</i> central.
Quatro Seres Vivos no Sonho de Ezequiel no Apocalipse de São João.	<i>Um</i> Homem e <i>Três</i> Animais.	Inúmeras referências numerológicas. Seria necessária uma estatística sobre a frequência de cada número nos textos bíblicos.

Quadro XVII

CORRESPONDÊNCIA Nº 3
SÍMBOLOS ARBORIMÓRFICOS
E SISTEMAS MATEMÁTICOS ESOTÉRICOS

SÍMBOLOS ARBORIMÓRFICOS	SISTEMAS MATEMÁTICOS ESOTÉRICOS
<i>Candelabro de Sete Velas:</i> 22 Prateiras. 10 Maças. 7 Luminários agrupados em dois ternários. <i>Árvores da Vida Assírias</i> <i>Caldeicas, Hindus:.</i> Sete galhos agrupados em dois ternários.	<i>Cabala:</i> a) Sefer Yetzirah <i>Três</i> letras-mãe, <i>Sete</i> letras duplas, <i>Doze</i> letras simples; Total: 22 letras. b) <i>Árvore Sefirática:</i> 22 Canais de vinte e duas letras Hebraicas. 10 Sefiras. 7 Sefiras agrupadas em dois ternários verticais. c) <i>Tarot:</i> 22 Arcanos Maiores. <i>Esfinges aparecendo nos Números Um, Dois, Sete, Dez e Vinte e Dois.</i> As Dez primeiras cartas constituem um conjunto, correspondendo às Dez Sefiras <i>Apocalipse de São João</i> Livro selado com Sete lacrados. Carneiro com Sete Chifres, Sete Olhos, que são os Sete Espíritos de Deus. <i>Sete Anjos.</i> <i>Quatro Seres Vivos.</i> <i>Vinte e Quatro Andões.</i> <i>Um animal com Dez chifres e Sete cabeças.</i> <i>Um animal com Dois chifres.</i> "Calcule o número do Animal... pois é um número de Homem, e seu número é 666".
<i>Cruz Cristã</i> <i>Uma cruz, Dois Binários num quaternário.</i> <i>Ternário superior.</i>	
<i>Cruz Anseatica</i> Unidade de Círculo, Binário e Ternário.	<i>Pirâmide</i> <i>Quatro (Dois Binários) Ternários</i> <i>Unidos pela ponta.</i>

Quadro XVIII

O confronto que fizemos entre a esfinge, símbolos arborimórficos e sistemas matemáticos esotéricos, nos leva a pensar que:

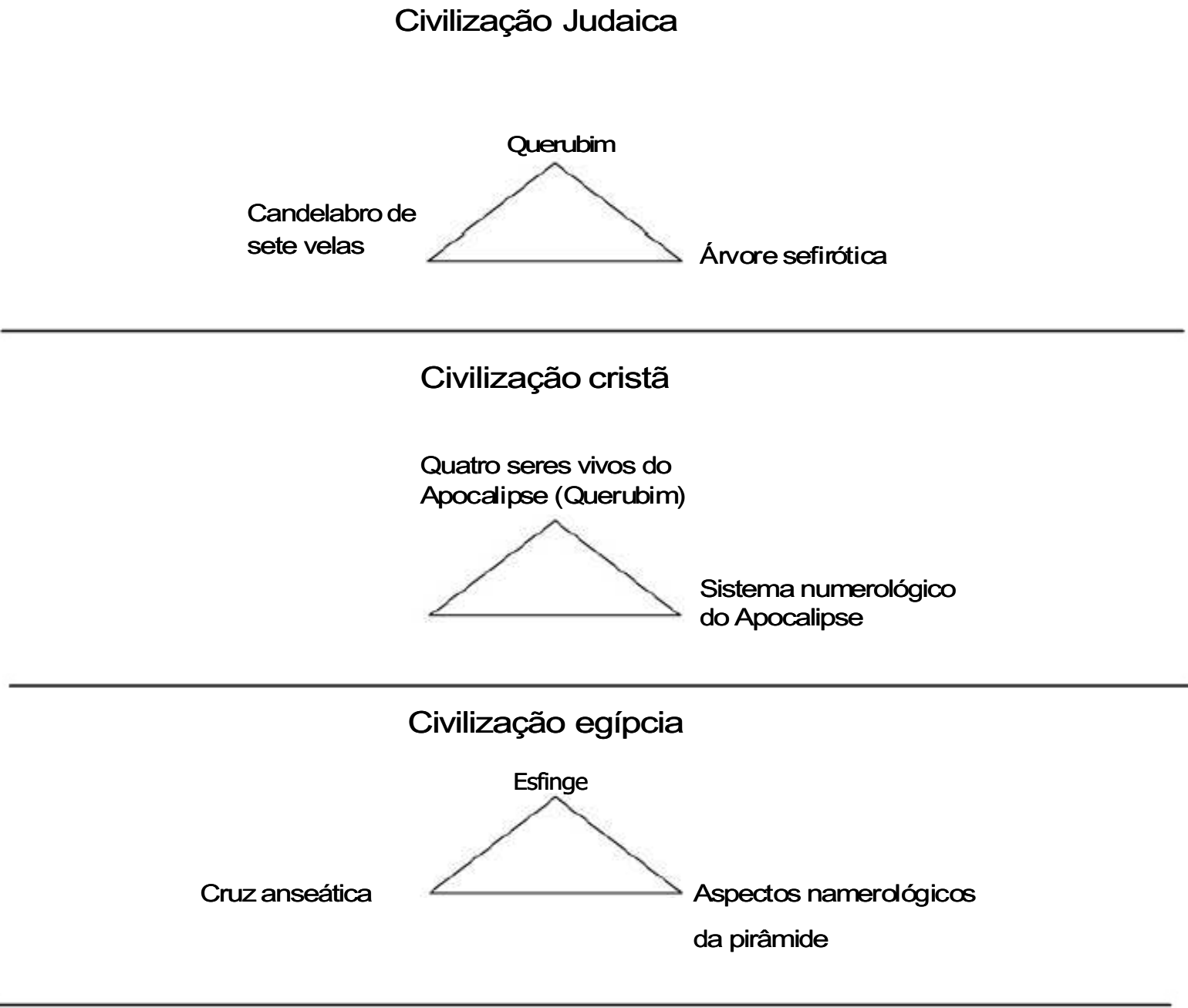
- A esfinge é para os símbolos arborimórficos o que os símbolos arborimórficos são para os sistemas matemáticos esotéricos.
- A esfinge é para os sistemas matemáticos esotéricos o que os símbolos arborimórficos são para os sistemas matemáticos esotéricos.

Entre a esfinge e os dois outros sistemas simbólicos estudados, parece haver uma analogia em torno das idéias de unidade, binário, ternário e quaternário.

Já fizemos várias vezes alusão à existência de esfinges de dois, três e quatro elementos.

76. OUTRAS PESQUISAS NECESSÁRIAS

Se fosse possível, seria interessante realizar estudos pomenorizados, procurando analogias dentro de cada civilização, usando o modelo aqui proposto. Por exemplo:



Trabalhos estatísticos se revelariam necessários, se possíveis, para apurar a frequência de cada número (por exemplo no Apocalipse) e sua correspondência com a numerologia própria à, ou às esfinges de cada civilização.

Com efeito, colocar em correspondência sistemas numerológicos a fim de encontrar similitudes é uma operação bastante aleatória, já que a maioria dos números são compostos ou múltiplos de um, dois ou três.

Em nosso trabalho, por estas razões, consideramos importante a demonstração de uma intencionalidade nesta numerologia. Isto diminuiria esta possibilidade de influência acasual.

Procuramos mostrar, neste livro, que a esfinge constituía um modelo estrutural cosmológico. Vamos, a seguir, tentar demonstrar que esta estrutura — significado do significante esfinge — é, na realidade, um condensado das principais regras estruturais, tal como ela é anunciada pelos estruturalistas modernos e nos leva a modelos estruturais mais explícitos.

77. A ESFINGE COMO SÍMBOLO DE MODELO ESTRUTURAL "PRIMÁRIO" OU "MÃE"

Quando lemos a respeito da procura pelos Matemáticos Burbakis e descoberta de "três estruturas-mães", lembramo-nos imediatamente das "três letras-mães" do Sefer Yetzirah. Embora a analogia se refira apenas à intenção de definir estruturas primárias e não à analogia entre modelos matemáticos, temos de reconhecer que havia ali índice de algo importante a indagar: haverá uma analogia entre o que a esfinge e os sistemas matemático-esotéricos a ela ligados procuravam definir e, de outro lado, as estruturas-mães e as leis estruturais procuradas pelos estruturalistas modernos?

Se retomarmos o plano do presente livro, plano nascido espontaneamente como já dissemos, por uma espécie de associação Livre, partida do material encontrado, ao descrever a simbologia da esfinge, e comparamos este plano (unidade, bipolaridade, etc....) aos critérios adotados pelos estruturalistas modernos, encontraremos analogias bastante eloquentes.

Vamos apontá-las a seguir.

1) A noção de "esquema", e o primeiro "modelo" cosmológico da humanidade.

É justamente na cabala hebraica, nos Sefiroths e no Sefer Yetzirah, que contém querubins, que encontramos as "três letras-mães", Alef, Schin e Mem, que, em uma das suas combinações, dão a palavra SCHEMA, ou esquema em português. Isto é, a esfinge nos encaminha para o primeiro "modelo" conhecido na humanidade, e além do mais um modelo cosmológico ou "esquema".

A idéia de que o mesmo modelo possa explicar a gênese, o funcionamento e a interligação dos elementos da microestrutura e da macroestrutura do cosmo, e que este modelo pretende justamente ser a árvore sefirótica e o taro foi bastante demonstrado no presente livro para que não seja necessário voltar a ela.

Vimos também que a esfinge parece, além de nos levar a tais modelos, simbolizar na sua própria estrutura os princípios essenciais que definem uma estrutura ou modelo que a concretiza.

2) A Noção de Totalidade ou Unidade.

A esfinge constitui um símbolo de unidade ou totalidade dos elementos que a compõem. Esta noção de totalidade também é expressa de várias formas nos símbolos ou estruturas matemáticas a que a esfinge nos leva.

Embora formada de partes animais ou humanas, de formas definidas e semanticamente distintas, no conjunto esfinge não é uma simples soma das suas partes. Constitui, na realidade, um novo ser, chamado esfinge, com significado simbólico próprio.

3) A relação entre os elementos e a auto-regulação

Foi também demonstrada a intencionalidade de estabelecer relações dialéticas de oposição entre os elementos da esfinge (bipolaridade) havendo uma terceira força equilibradora que assegura o equilíbrio homeostático do sistema (temário).

Os temários se interpenetram de tal modo que cada elemento de uma subestrutura tem o seu representante na outra, havendo canais de comunicação entre as partes. Existe uma hierarquia das partes de tal modo que a parte superior possa controlar a parte inferior.

4) A Noção de Transformação e Ritmo Evolutivo.

Este controle progressivo da parte inferior pela parte superior, mais particularmente dos "animais" pelo homem (Mitos de Édipo e Enkidu), através do uso consciente da energia (serpente e poder kundalini), faz com que o sistema seja ao mesmo tempo estruturado e estruturante, tendendo a uma possível "harmonização" progressiva do microcosmo homem, graças a uma desalienação, um

descondicionamento progressivo, fruto do constante movimento tese, antítese, síntese. Assim, a esfinge é, também, um modelo evolutivo.

Esta evolução obedeceria a um ritmo: unidade — pluralidade — volta à unidade (1-10 da árvore sefirótica).

5) *As Relações entre as Estruturas*

As esfinges muitas vezes são agrupadas aos pares, simbolizando assim as relações interestruturais ou, no caso do homem, "sociométricas".

Além disto, a relação da estrutura do microcosmo com o macrocosmo é simbolizada pelo fato de que a esfinge está virada do lado do sol nascente.

Se levarmos ainda em consideração os modelos estruturais colaterais a certas esfinges, poderíamos lembrar as relações entre a Filosofia, a Ciência, a Arte e a Religião, unidos na grande pirâmide, ou ainda os "vinte e dois canais" que unem as dez estruturas primárias, simbolizadas nos sefirot.

78. *ESFINGE E COMUNICAÇÃO*

A idéia da esfinge como meio de comunicação aparece numa descoberta bastante curiosa feita por Hassan (304) em pesquisas arqueológicas em torno do templo da esfinge de Giseh. Hassan encontrou várias tabuletas em que a esfinge ou horus sob forma de águia se encontram junto com o desenho de uma ou várias orelhas (Fig. 59).

Hassan afirma que para certos autores trata-se de tabuletas destinadas a reforçar os pedidos feitos por fiéis do deus; as orelhas seriam então as orelhas do deus. O costume era de o pedido ser feito na orelha do deus e a chamada "tabuleta à orelha" enterrada para que o pedido fosse transmitido diretamente e com maior facilidade ao deus. No início das descobertas se pensava que eram oferendas de surdos para a esfinge os curar.

Ao ler o Livro de Mayassis, surgiu na nossa mente uma outra interpretação destas "tabuletas à orelha". O autor (306) analisa textos sagrados sobre cerimônias de iniciação na pré-história e proto-história, o significado dado à orelha e em geral à palavra "ouvir e escutar".

Cita inúmeros textos que demonstram que a orelha era, na antiguidade, símbolo da iniciação através da transmissão de tradição oral; era símbolo de inteligência, sabedoria e iniciação. Existia a expressão "ter orelhas largas", para significar o fato de ter sido iniciado.

Assim, orelha é símbolo de segredo iniciático. Ainda hoje temos uma expressão popular: "falar ao pé do ouvido", que significa confiar um segredo a alguém.

De qualquer forma, aceitando a tese da comunicação Deus-homem ou homem-Deus, a interpretação de orelha por todos os autores que analisaram as "tabuletas à orelha" é a de um símbolo da comunicação.

Eis alguns dos trechos colhidos por Mayassis:

"O filho de Eridu com orelhas largas" (Marduk iniciado).

O deus Nabü é "largo de orelha".

O deus Ea-Enki dotou os soberanos de Lagash e Uruk de "orelhas" de inteligência.

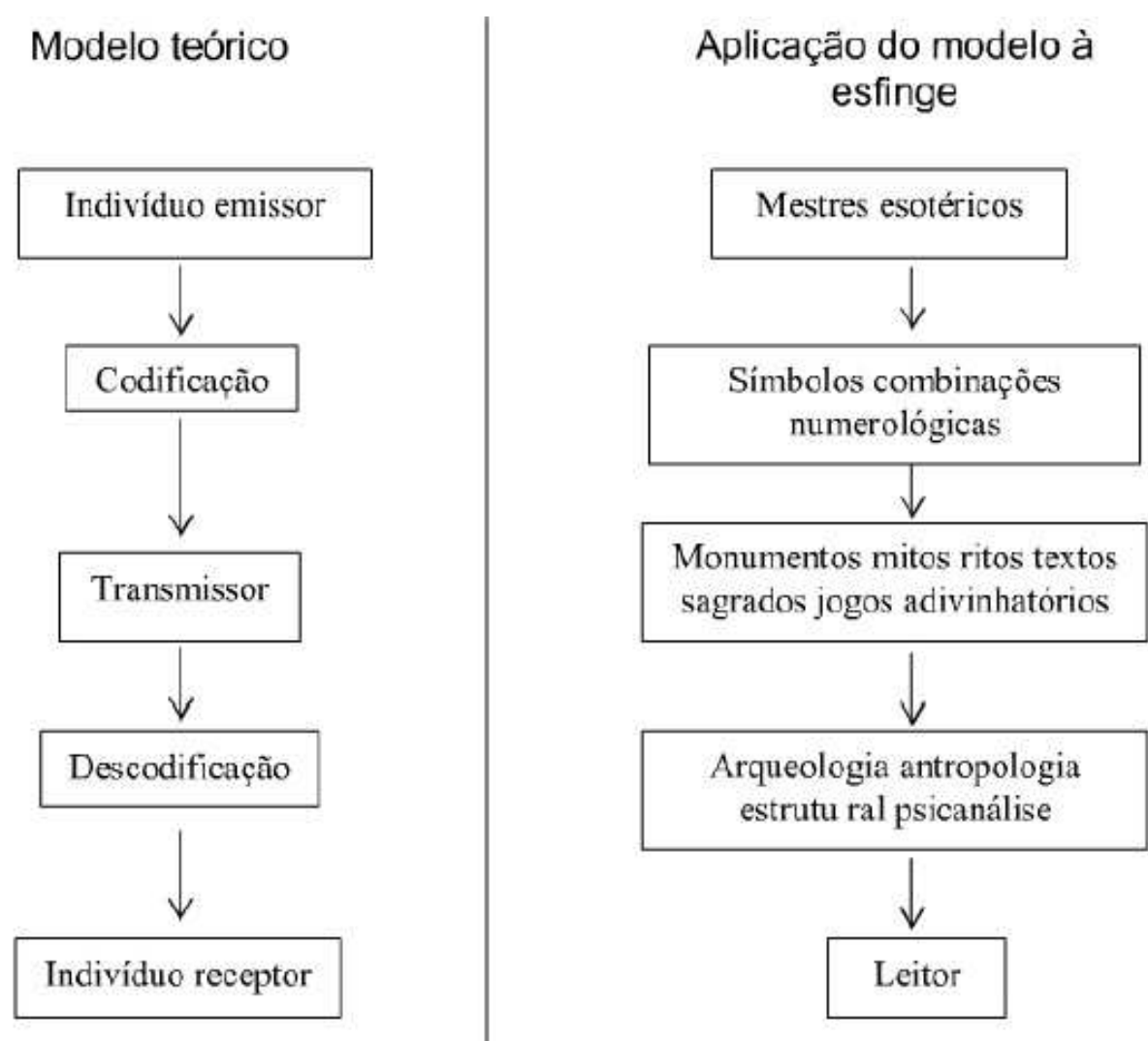
Assurbanipal se vangloria de que: "Nabu e Tasmêtum deram (a ele) orelhas largas: A sabedoria universal, eles a comunicaram à sua inteligência".

E Mayassis lembra ainda a prescrição egípcia: "Eu sou aquele cujo olho vê e cujas orelhas ouvem".

Tudo indica, por conseguinte, que o símbolo da comunicação iniciática era a orelha, e este símbolo se encontra associado à esfinge.

Adaptando o modelo clássico de uma comunicação, tirado da teoria da informação, encontrado entre outros no tratado de Abraham Moles, podemos representar o mecanismo da comunicação dos antigos para os "modernos" da seguinte forma (250).

Quadro XIX



O que fizemos neste livro foi justamente uma tentativa de decodificação das mensagens relacionadas à esfinge e consignadas em monumentos, mitos, ritos, textos sagrados e jogos adivinhatórios.

Acontece que, em matéria de codificação, os antigos eram verdadeiros mestres. Comparando as mensagens dos antigos a um castelo da Idade Média, em que, quando se demole um muro, a gente encontra um outro, Kolpaktchy, o tradutor para o francês do Livro dos Mortos Egípcio, disse que, uma vez conquistado o cinturão externo, os hieróglifos, encontramos-nos diante de um segundo muro, ainda mais temível: o da decifração esotérica (251).

A nossa decifração esotérica da palavra hebraica KRUB foi um exemplo deste tipo de trabalho, para o qual ainda tomamos a precaução de demonstrar matematicamente a probabilidade extremamente elevada de haver intencionalidade nesta codificação numerológica.

Neste sentido de decifragem, o nosso livro é apenas um estudo exploratório. Como acabamos de demonstrar, inúmeros controles ainda se revelam necessários. Indicamos vários estudos a serem feitos.

Feitas estas ressalvas, tudo leva a crer que a esfinge é realmente um símbolo ligado a modelos cosmológicos. Este símbolo constitui, com muita probabilidade, um modelo estrutural do homem, tomado como microcosmo nas suas relações com o macrocosmo. Neste sentido seria o modelo mais antigo nas ciências culturais, além de nos apontar a árvore sefirótica e seus congêneres orientais como os modelos cosmológicos mais antigos da humanidade. Mesmo se ainda subsistirem dúvidas a respeito da primeira hipótese, permanece evidente a sua função de "guardião" introdutor a estes modelos.

Além disto, tudo indica ser ela uma mensagem para as gerações futuras: a da possível existência de estágios evolutivos desconhecidos em que o homem, ao assumir a direção e domínio consciente dos seus "animais" e partindo deles, pode chegar, na sua ontogênese, a uma personalização progressiva e, na sua filogênese, a uma nova fase das relações entre os homens, e da maturação no amor.

A descrição da "experiência sublime" entre ocidentais nos permite ter uma antevisão desta nova fase.

É uma das opções que o homem "moderno" tem nas suas mãos.

Esta, a provável mensagem que os antigos moldaram na esfinge, talvez para evitar um novo Apocalipse para as gerações futuras.

A esfinge contém, tudo o indica, a mensagem do "vir a ser" do homem, "vir a ser" que parece estar nas suas próprias mãos.

CONCLUSÃO

Esfinge e Sobrevivência da Humanidade

Na introdução deste livro, eu me dirigi pessoalmente ao leitor, adotando a primeira pessoa do singular. Depois de uma análise mais impessoal em que empreguei o "nós", volto a falar-lhe diretamente.

Faço-o movido por várias razões, em que a esfinge tem participação ponderável.

Em primeiro lugar atendo a inúmeras críticas que me foram feitas por leitores de livros meus. Dizem eles que sempre escrevo em tom impessoal de cientista frio e que falta calor humano na minha redação.

Durante muito tempo recusei tal crítica, convencido de que metodologia científica exigia isenção de ânimo e que só se podia fazer ciência experimental colocando o coração de lado.

Continuo achando que motivações de cunho emocional podem levar o pesquisador a destorcer involuntariamente as suas conclusões.

Longo treino é necessário para evitar tais interferências.

No entanto, ao fazer isto podemo-nos perguntar até que ponto a ciência experimental não seria responsável pela criação de um novo mito que constituiria um novo ideal, do qual a nossa juventude se está impregnando cada vez mais. Refiro-me à da imagem do cientista e da ciência sem afetividade e sem espírito. O próprio psicólogo é vítima desta imagem, como o mostramos em recente artigo.

É verdade que a ciência experimental é o grande fator de evolução material dos dois últimos séculos, como o mostra mais particularmente Fourastié numa "Lettre ouverte à quatre milliards d'hommes" e publicada a tempo de ser citada nesta conclusão, mas é também este livro um dos apelos mais patéticos feitos até agora no mundo, para salvaguardar a humanidade de um desastre.

Ao ler o livro de Fourastié, muito me lembrei da esfinge. Com efeito mostra o autor como a humanidade se distingue do mundo animal. Acima do "pareocéfalo", desenvolveu-se um "neocéfalo" propriamente humano. Mas este "neocéfalo" ainda está em plena evolução.

Fourastié pergunta a si mesmo se a ciência experimental não se desenvolveu cedo demais, já que o "neocéfalo" está quase que inteiramente

dominado pelo "paleocéfalo". Isto quer dizer que a ciência experimental, produto do "neocéfalo", está, na realidade, a serviço do "paleocéfalo".

Em linguagem da esfinge, poder-se-ia dizer que a águia produziu a ciência experimental, mas que o boi e o leão são mais fortes, sendo que o homem propriamente dito, o ego consciente, não tem força suficiente para dominar os seus três animais, e é que ele os conhece bem.

O resultado de tal estado de coisas é aquele a que assistimos diariamente em todo o mundo: a metodologia científica a serviço da agressão e da destruição de indivíduos e coletividades.

A esfinge constitui, na realidade, o equivalente simbólico desta Carta Aberta a Quatro Bilhões de Homens.

No presente livro mostrei que na realidade inexiste o enigma para quem está acostumado a ler os símbolos e que se há um mito, este é justamente o próprio enigma.

Parece que o desequilíbrio do século XX apontado por numerosos autores, como Huxley, Russel, A. Carrel, Fourastié, Teilharde Chardin, é justamente o que os antigos queriam evitar, mantendo os seus segredos sobre a estrutura do universo e comunicando-os "ao pé do ouvido" nas cerimónias iniciáticas. Ao mesmo tempo que simbolizava claramente a estrutura e o "vir a ser" do homem, a esfinge era, tudo o indica, uma guardiã simbólica dos segredos iniciáticos; estes eram comunicados, juntamente com uma prudente modelagem do comportamento no sentido de um domínio dos condicionamentos pelo homem e de um equilíbrio entre a Ciência, a Filosofia, a Arte e a Religião, equilíbrio simbolizado pela base da pirâmide de Giseh, guardada pela esfinge; é o que permitiu a humanidade sobreviver e se desenvolver, durante um número ignorado de milênios.

Seria redundante e desnecessário mais um resumo do conteúdo do presente volume. O último capítulo atende, em grande parte, a esta necessidade.

O que eu queria deixar como conclusão é justamente o que me parece o mais importante para nossa civilização científica e industrial: a necessidade, diante do desmoronamento do equilíbrio a que me referi, de uma nova ética científica que assegure aos nossos filhos que a Ciência jamais será empregada para destruir a vida. Isto equivale a reforçar, nos homens de ciência, os seus valores humanistas.

A você, leitor, posso dizer que este livro constitui para minha vida um novo marco. Sinto que há necessidade para todos nós de constatar realisticamente que a nossa vida instintiva existe e se traduz pelo nosso narcisismo que carregaremos até a nossa morte. Mas que também está em nossas mãos colocar este narcisismo a serviço do desenvolvimento da consciência humana.

Tornar o homem cada vez mais consciente é contribuir para a realização progressiva do seu "vir a ser", tão bem simbolizado pela esfinge.

ICONOGRAFIA

Fig. 1

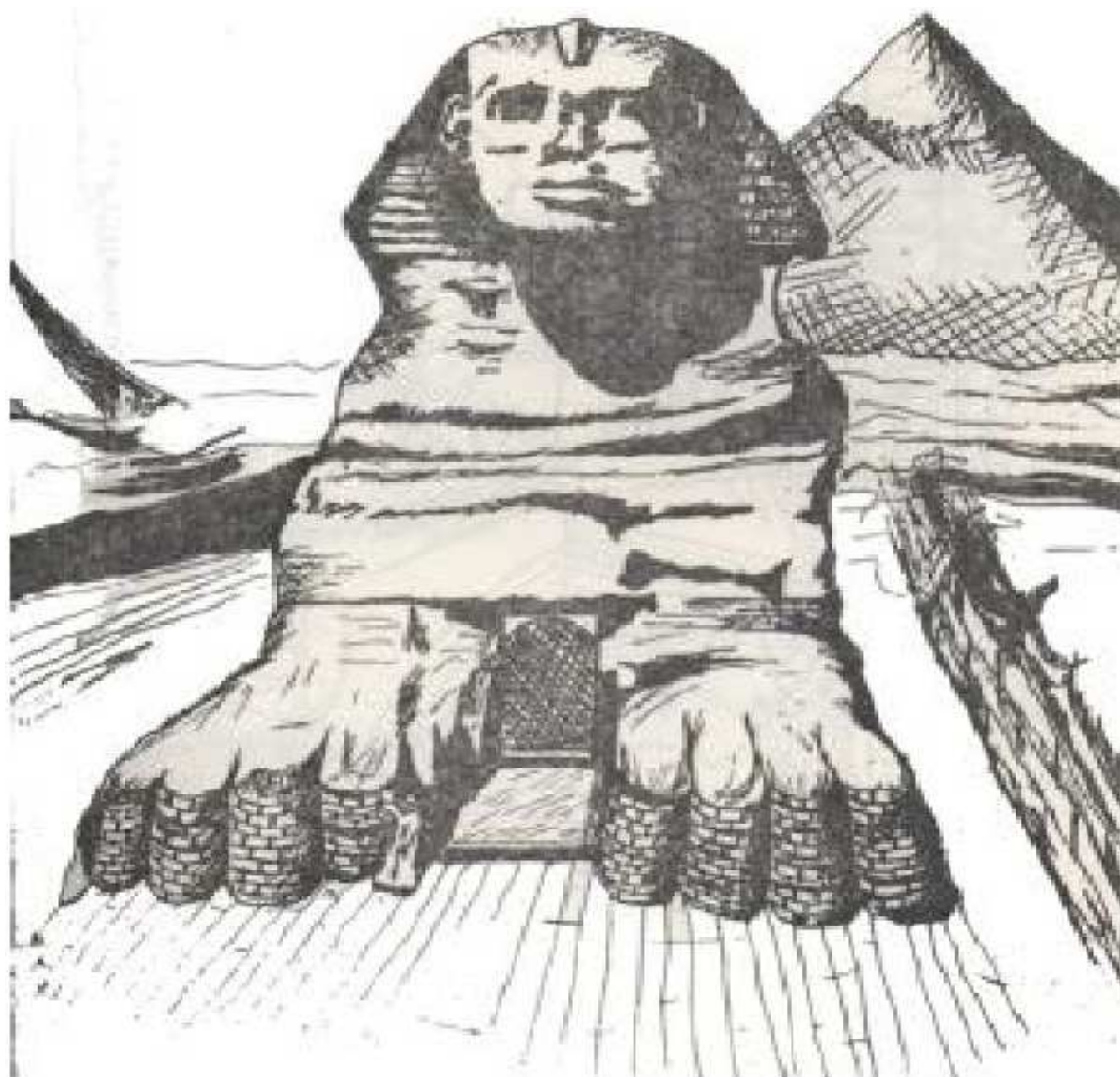


Fig. 2

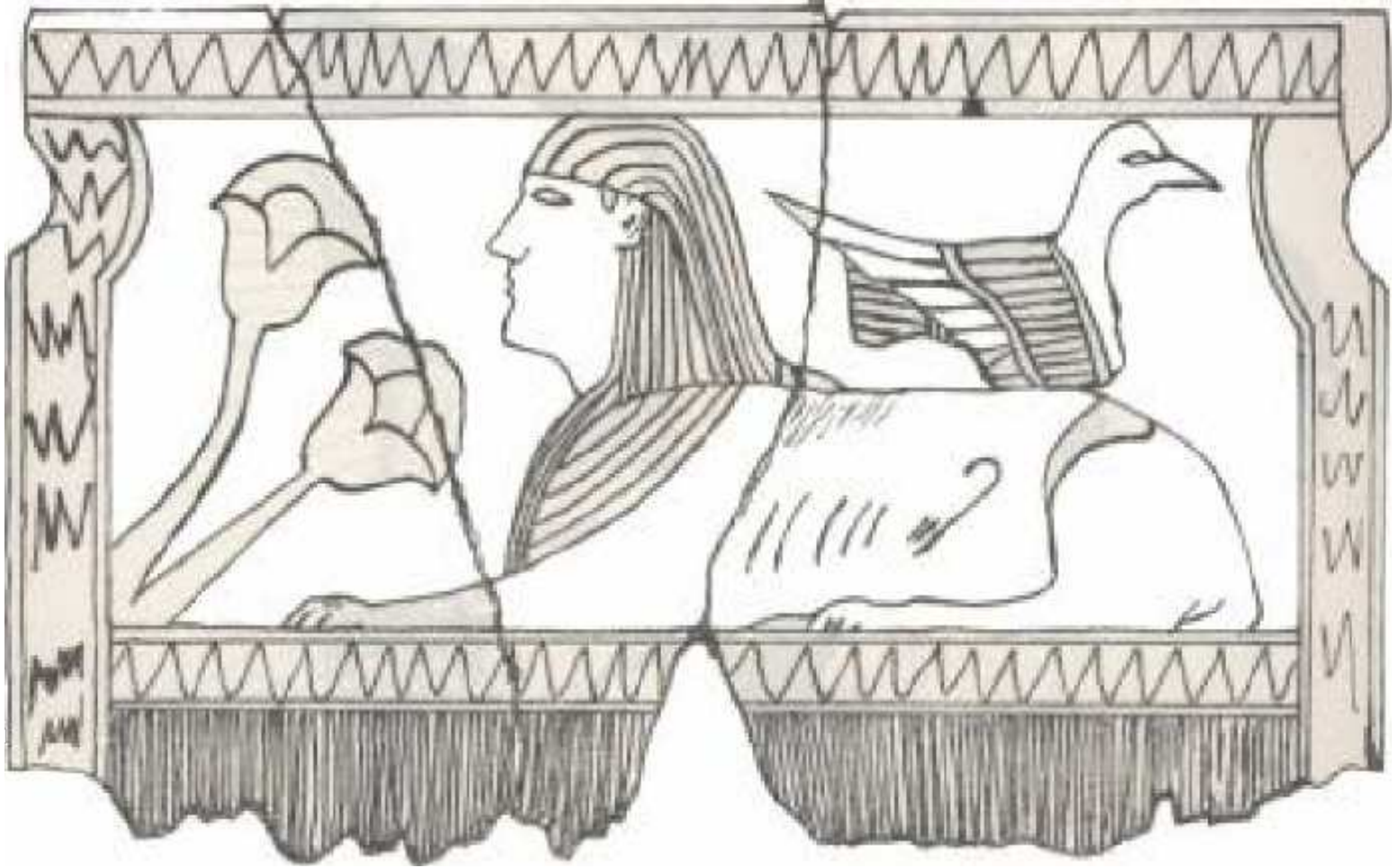


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6





Fig. 8



Fig. 9

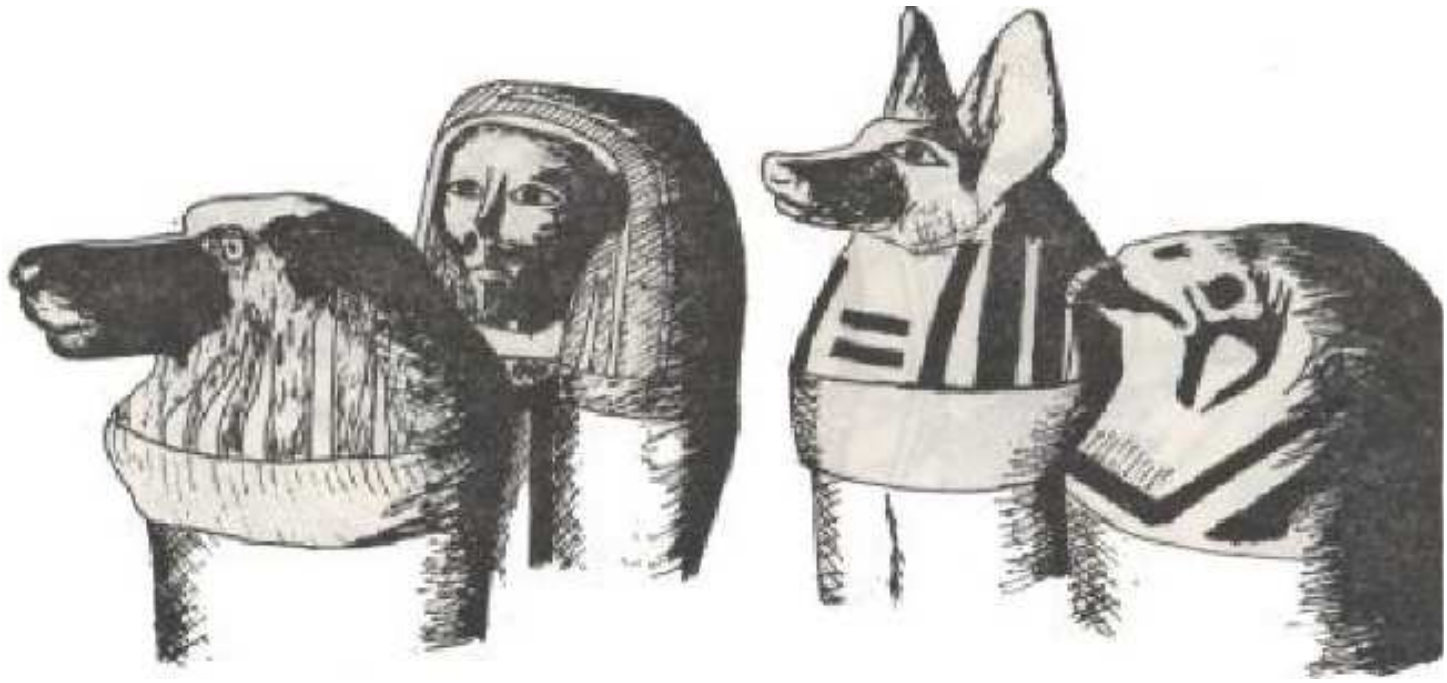


Fig. 10



Fig. 11

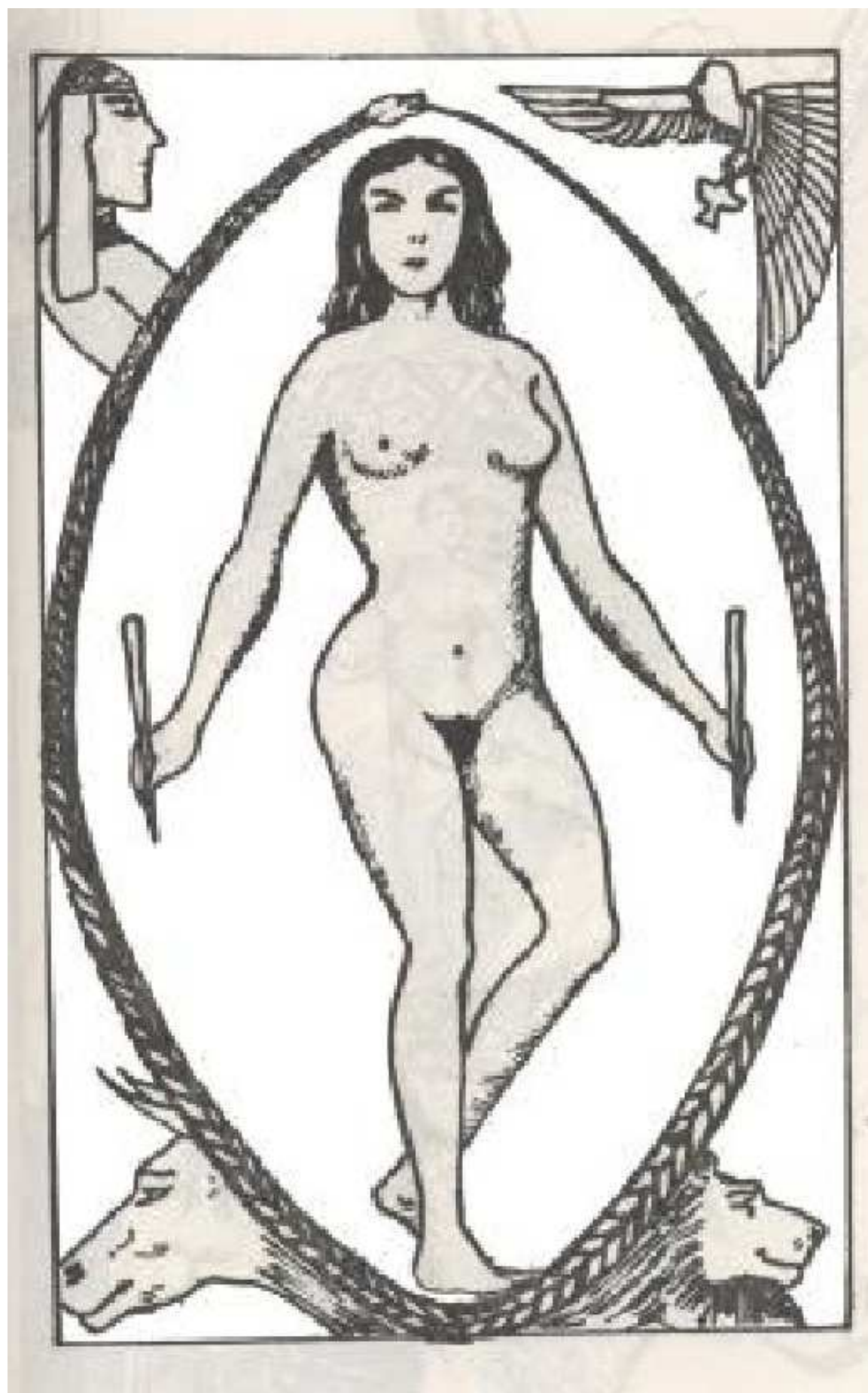


Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



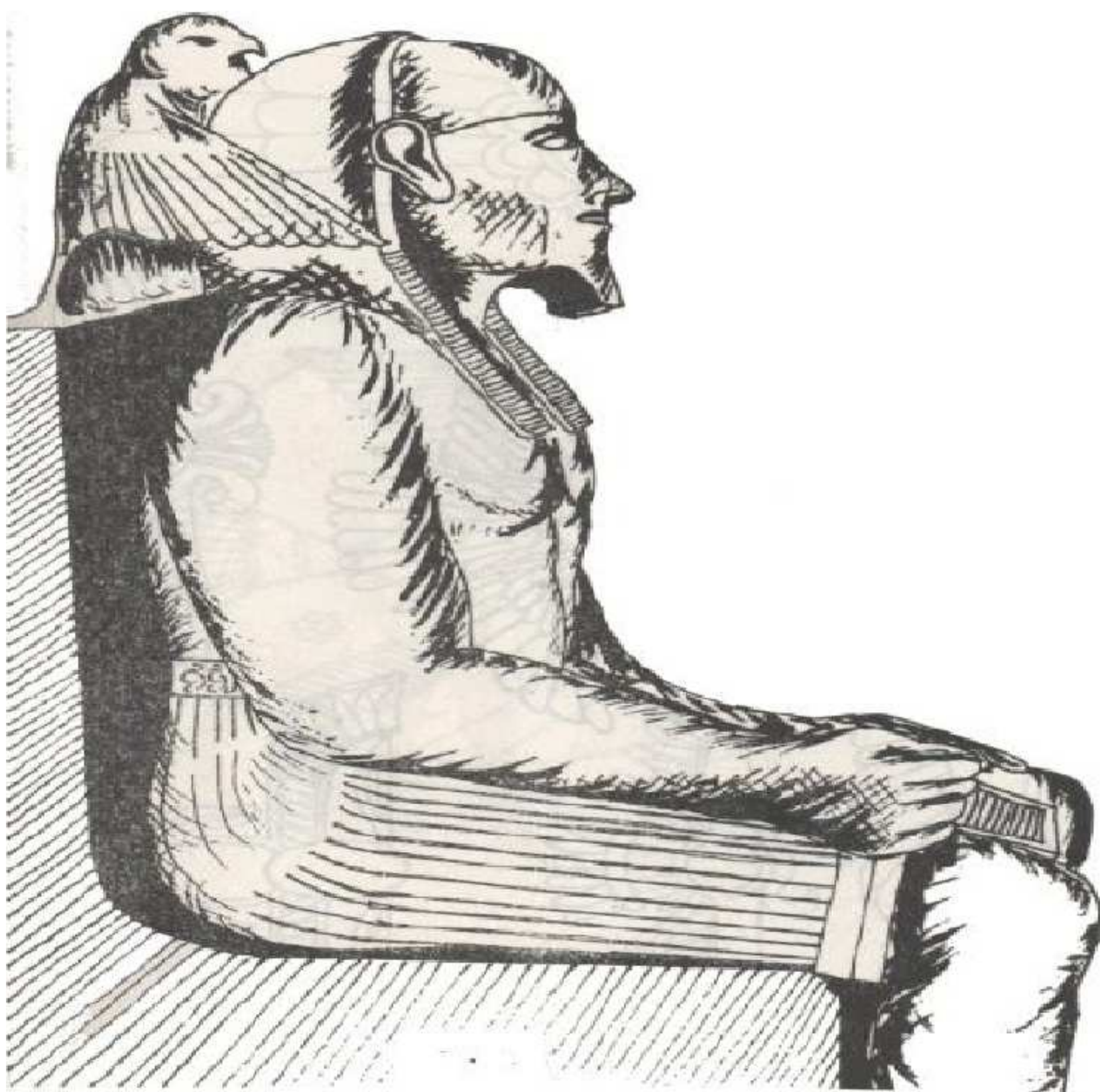
Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



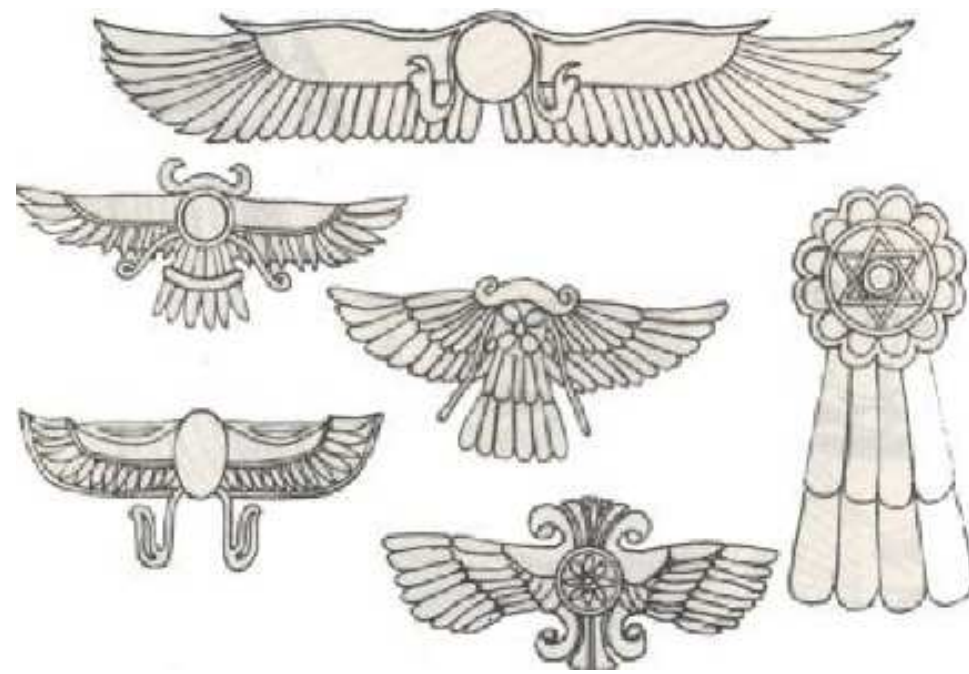
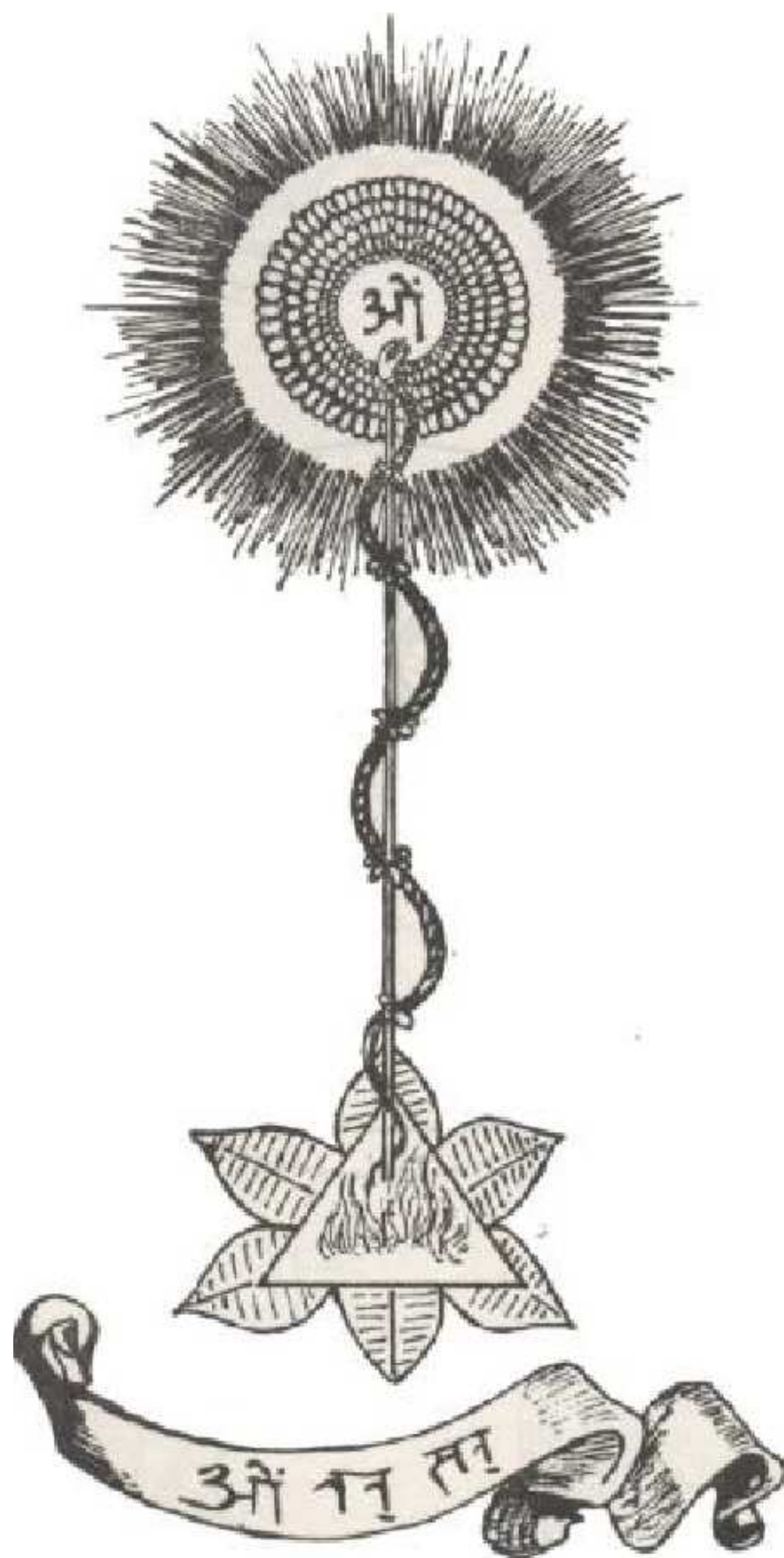
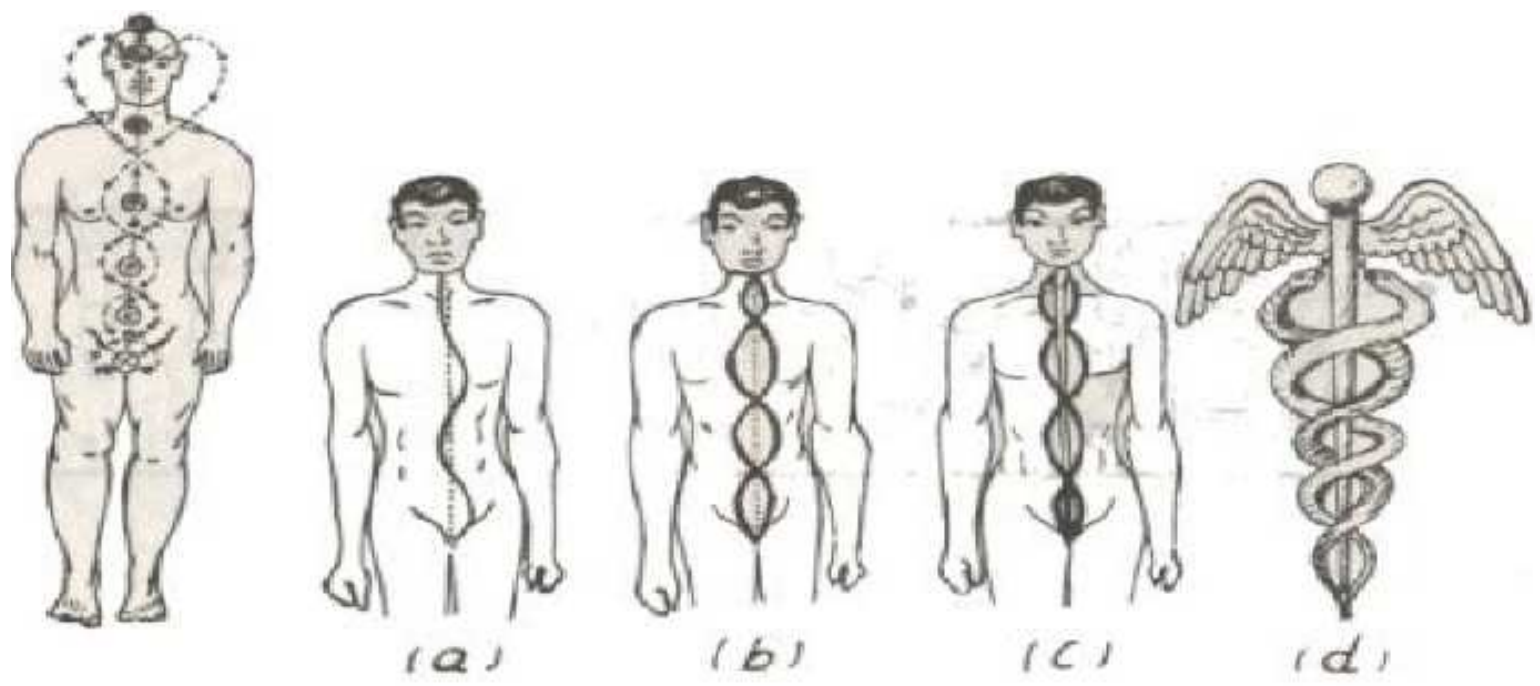


Fig. 21



Fig. 22





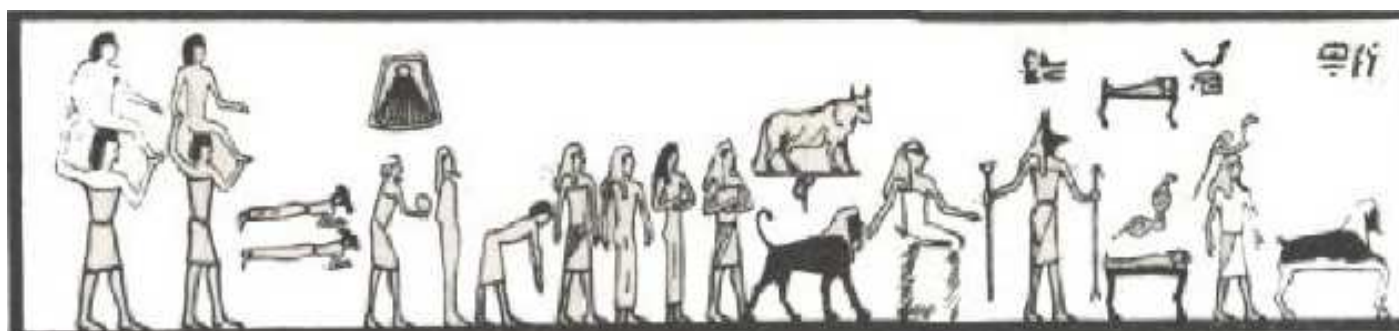


Fig. 25



Fig. 26



Fig. 27

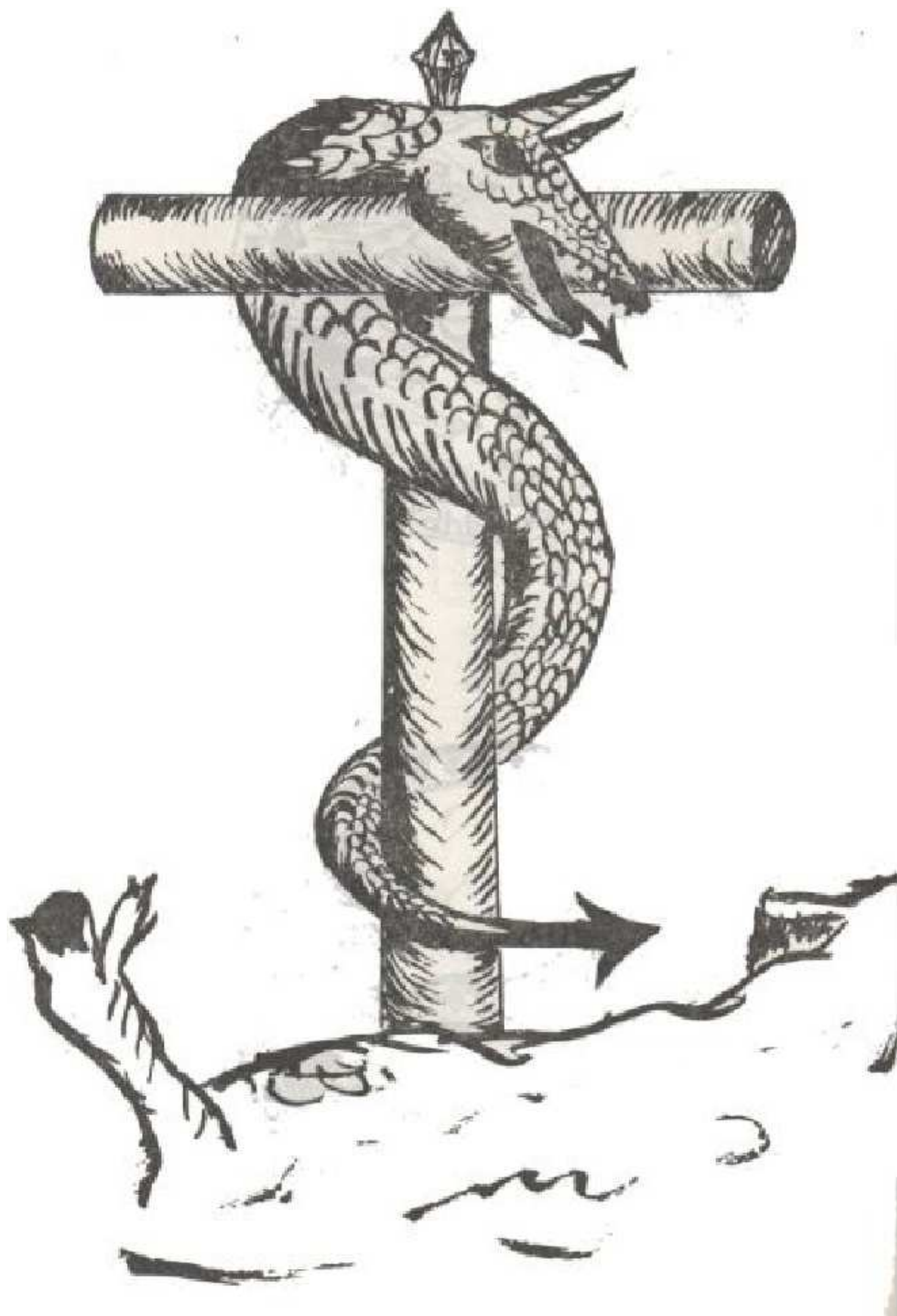


Fig. 28

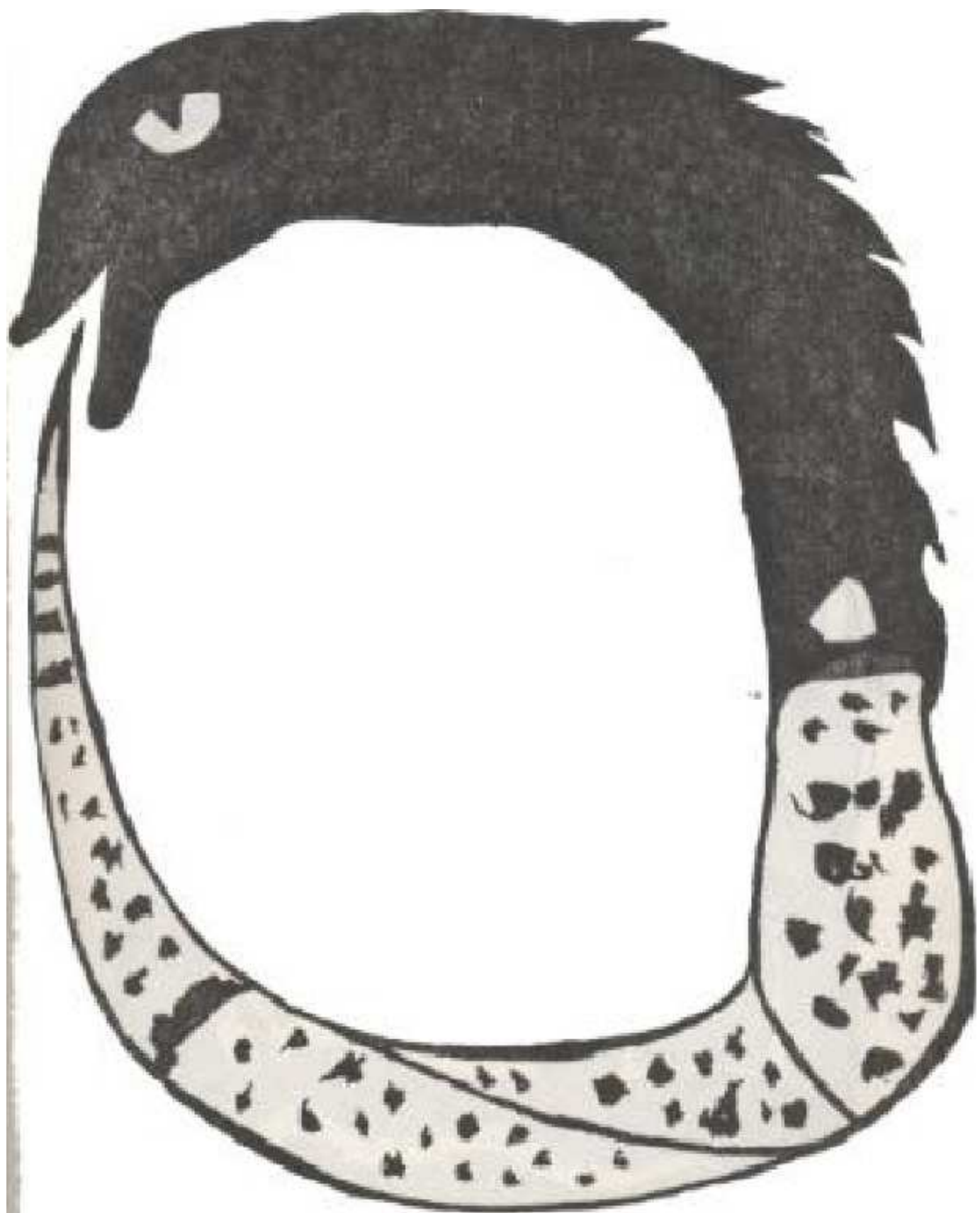


Fig. 29





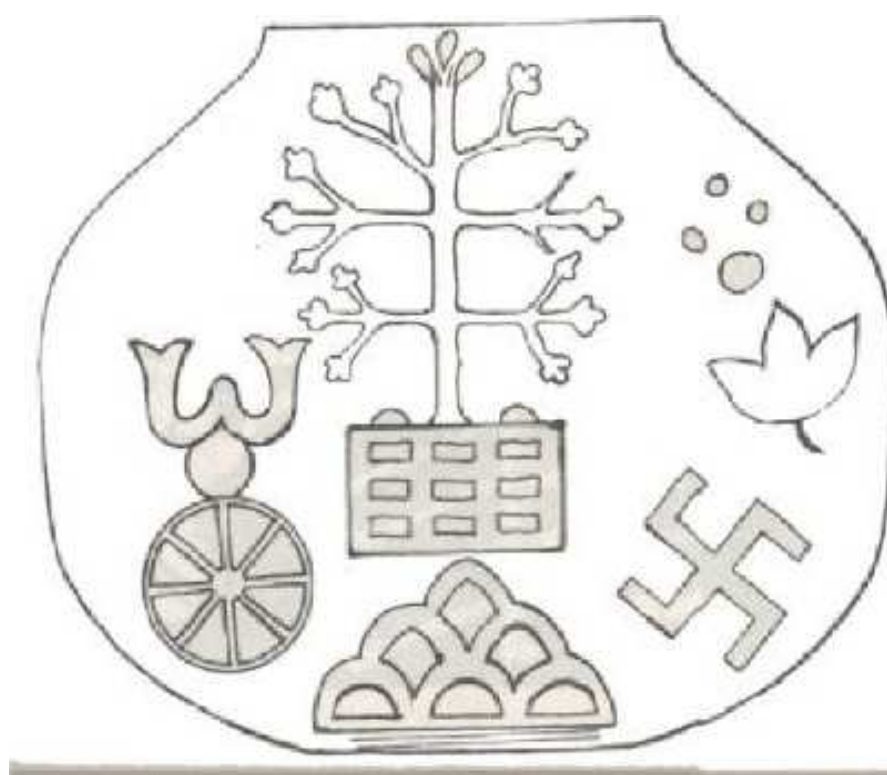




Fig. 33

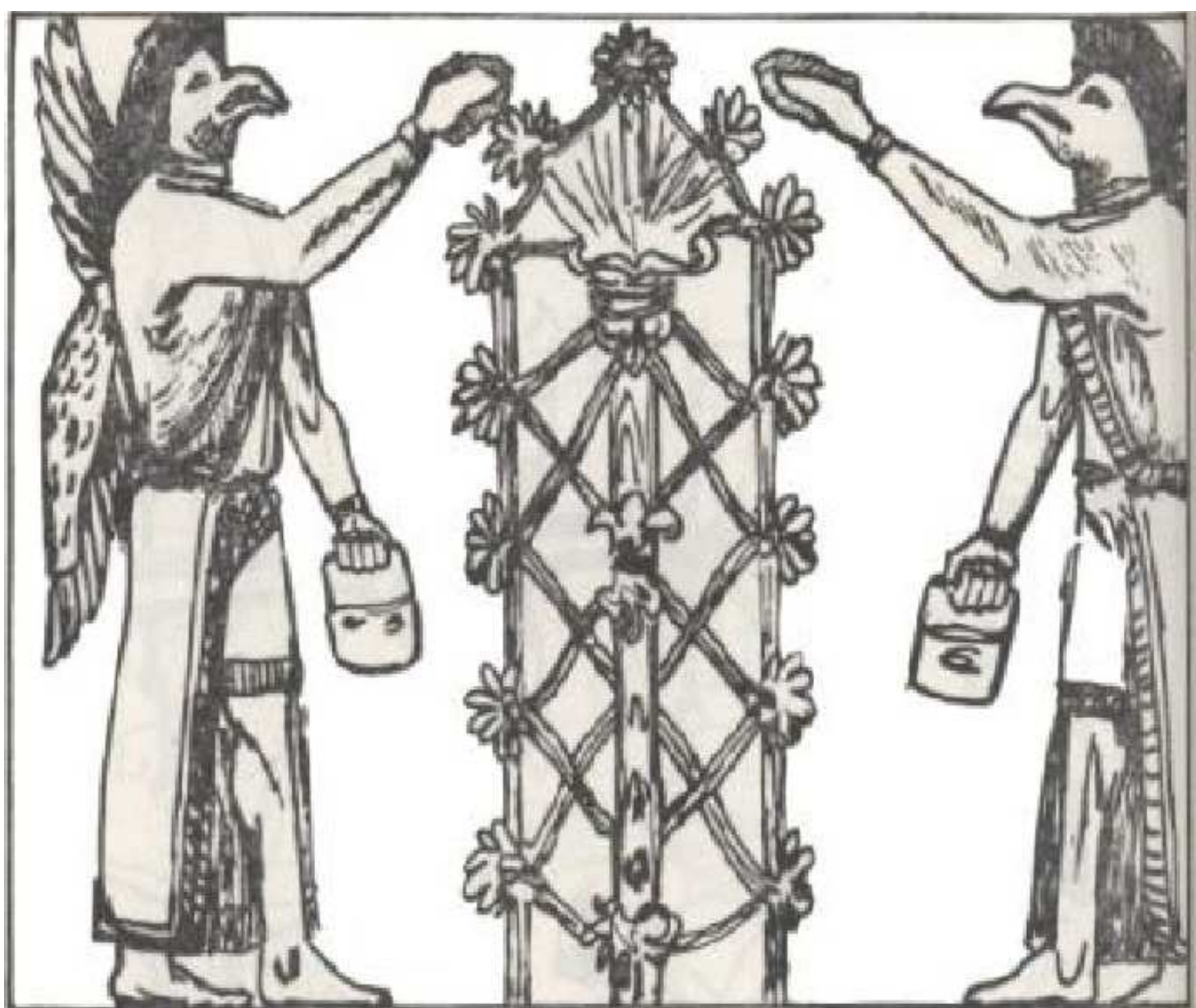
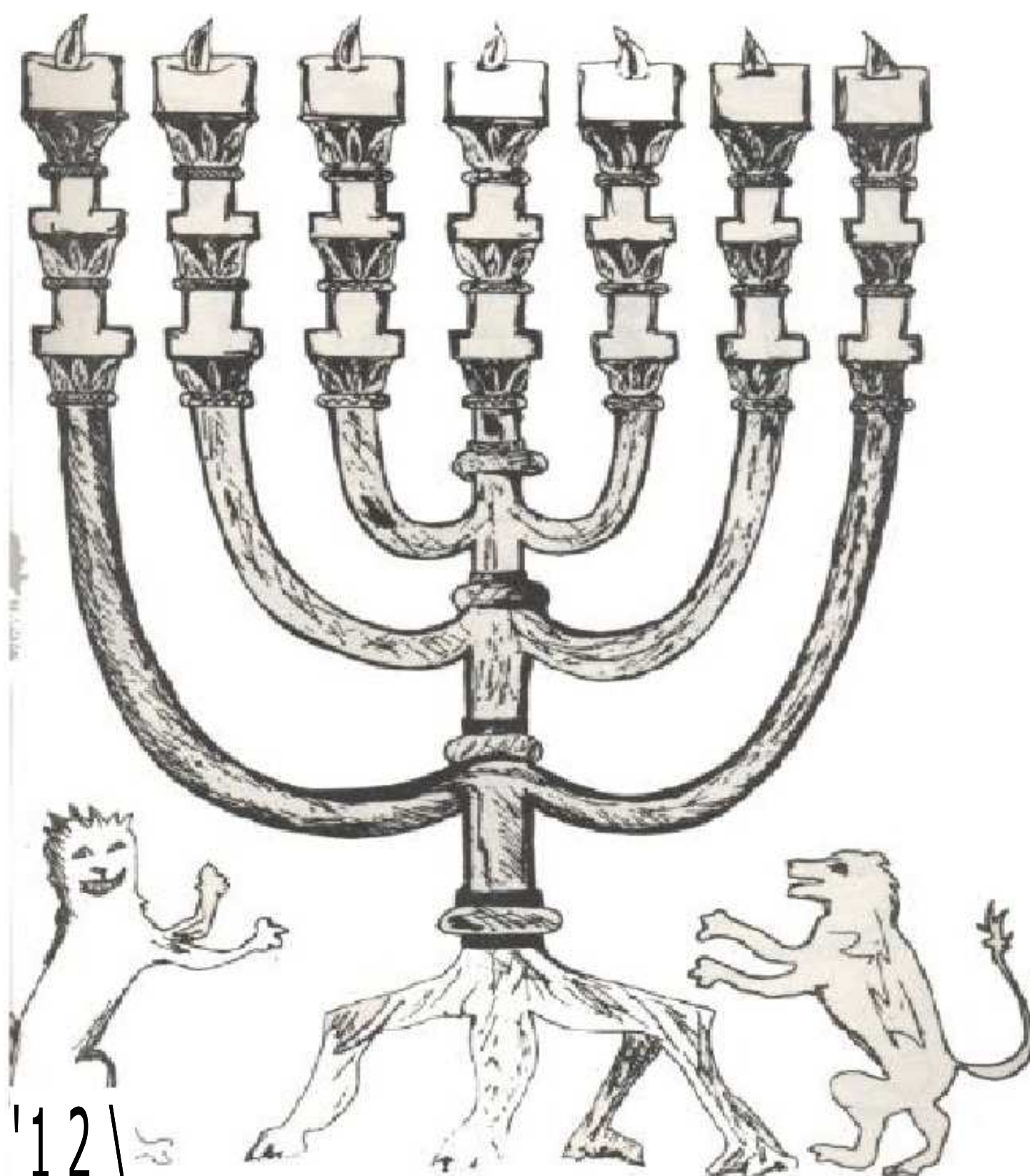


Fig. 34



'12\

Fig. 35



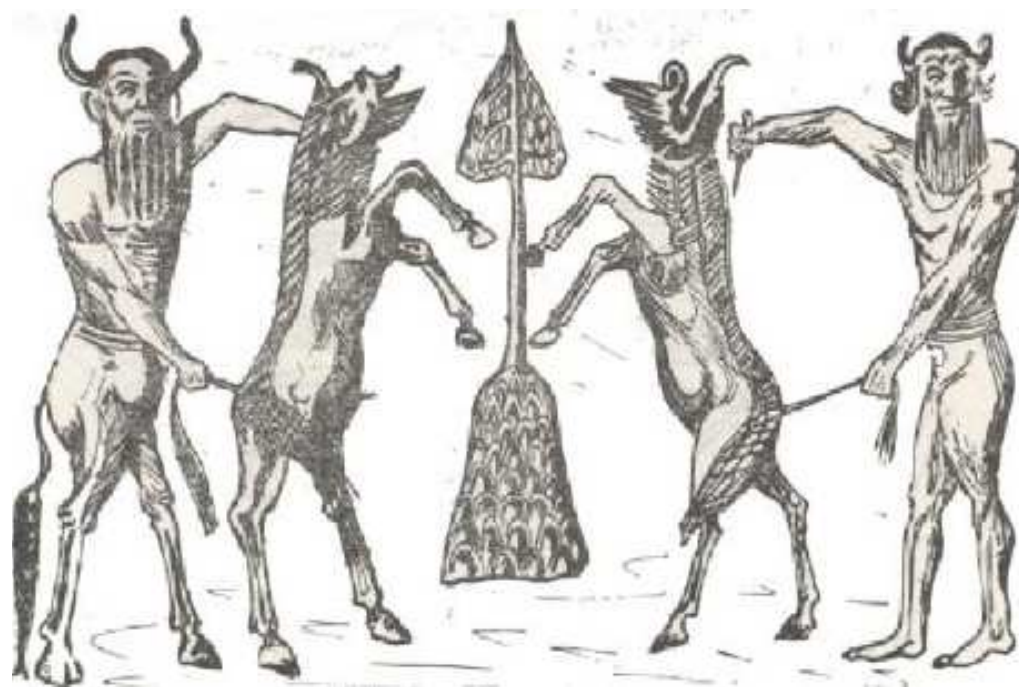


Fig. 37

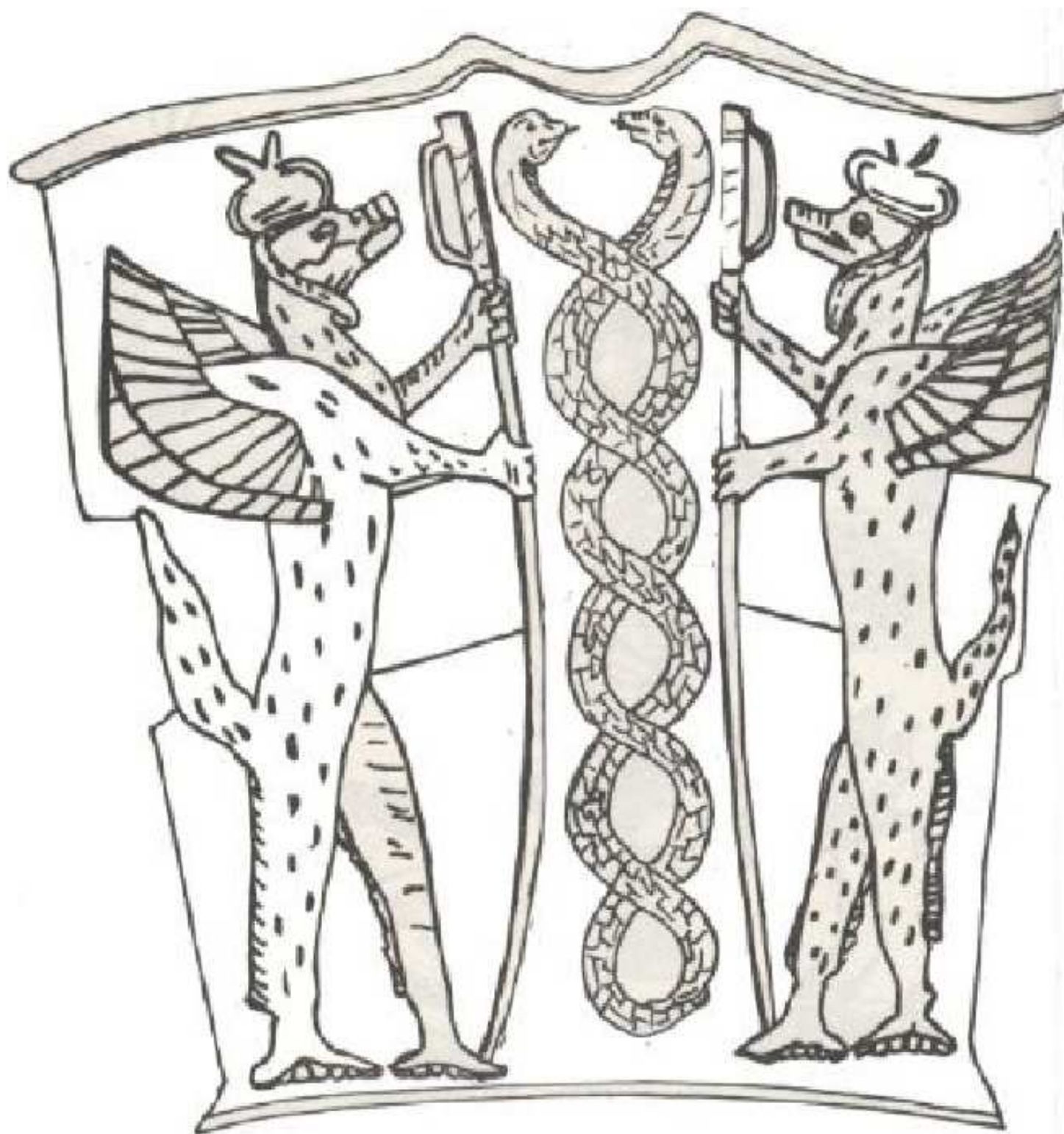
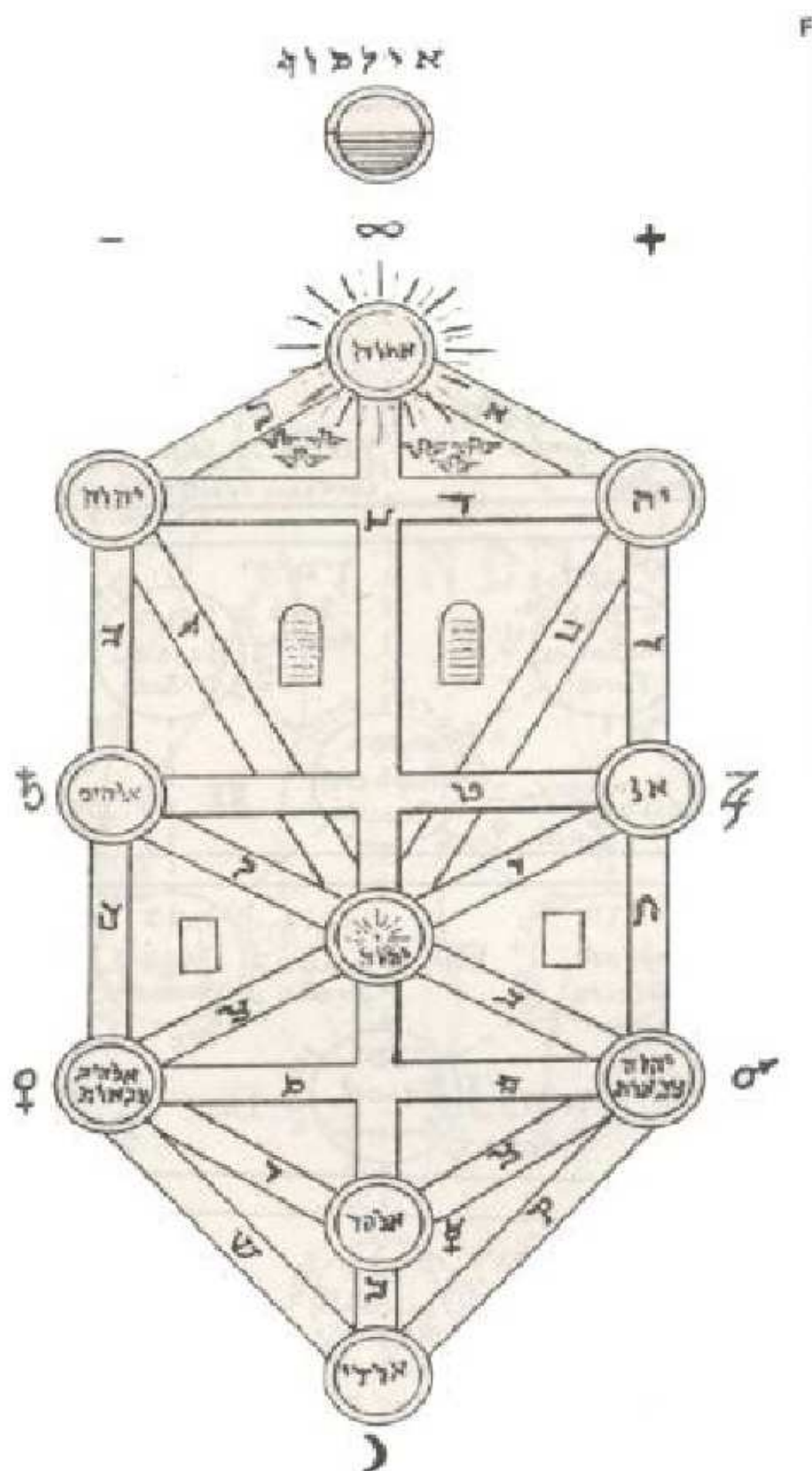


Fig. 38



ARBRE SEPHEROTHIQUE.

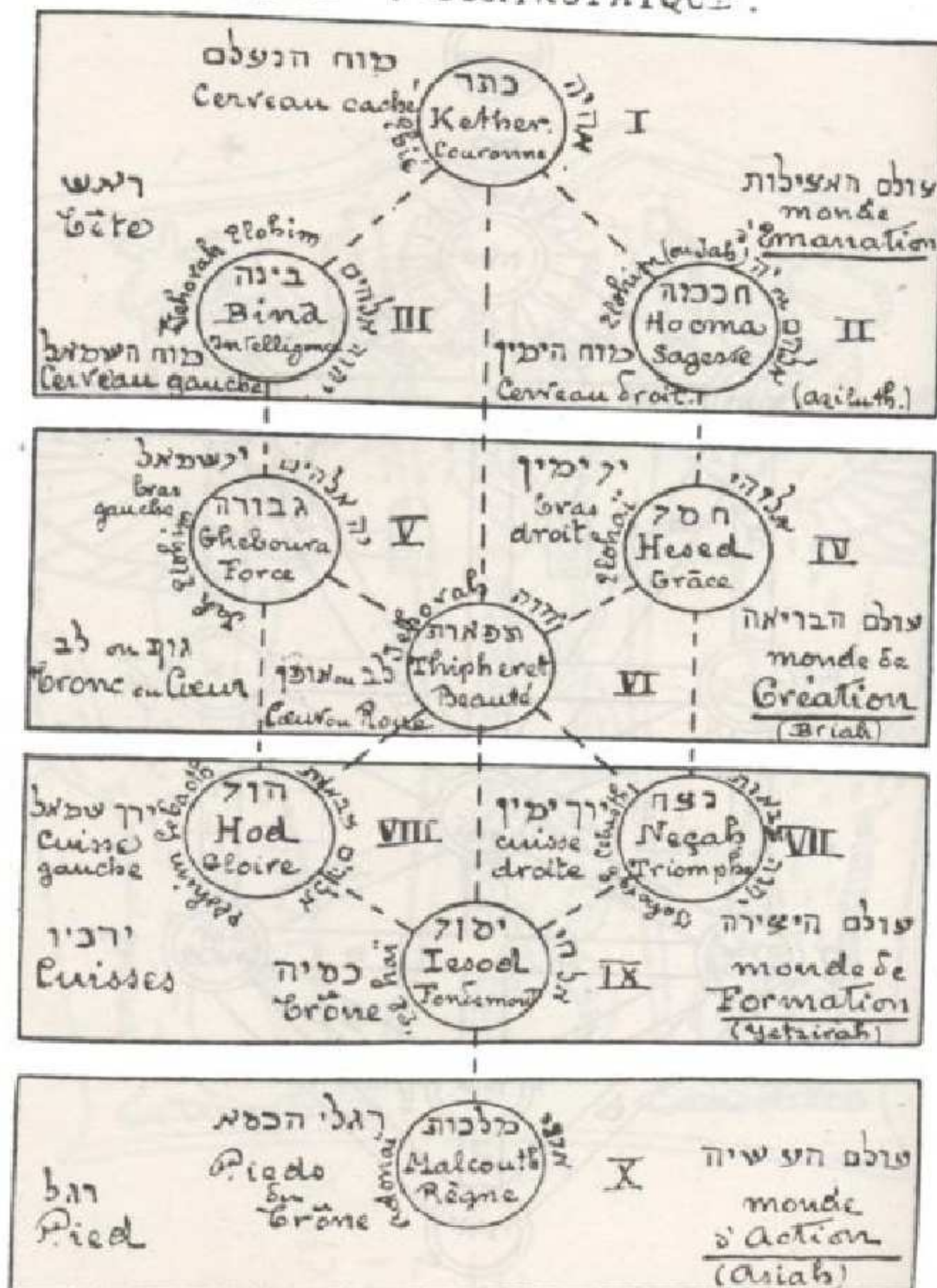


Fig. 40



Fig. 41

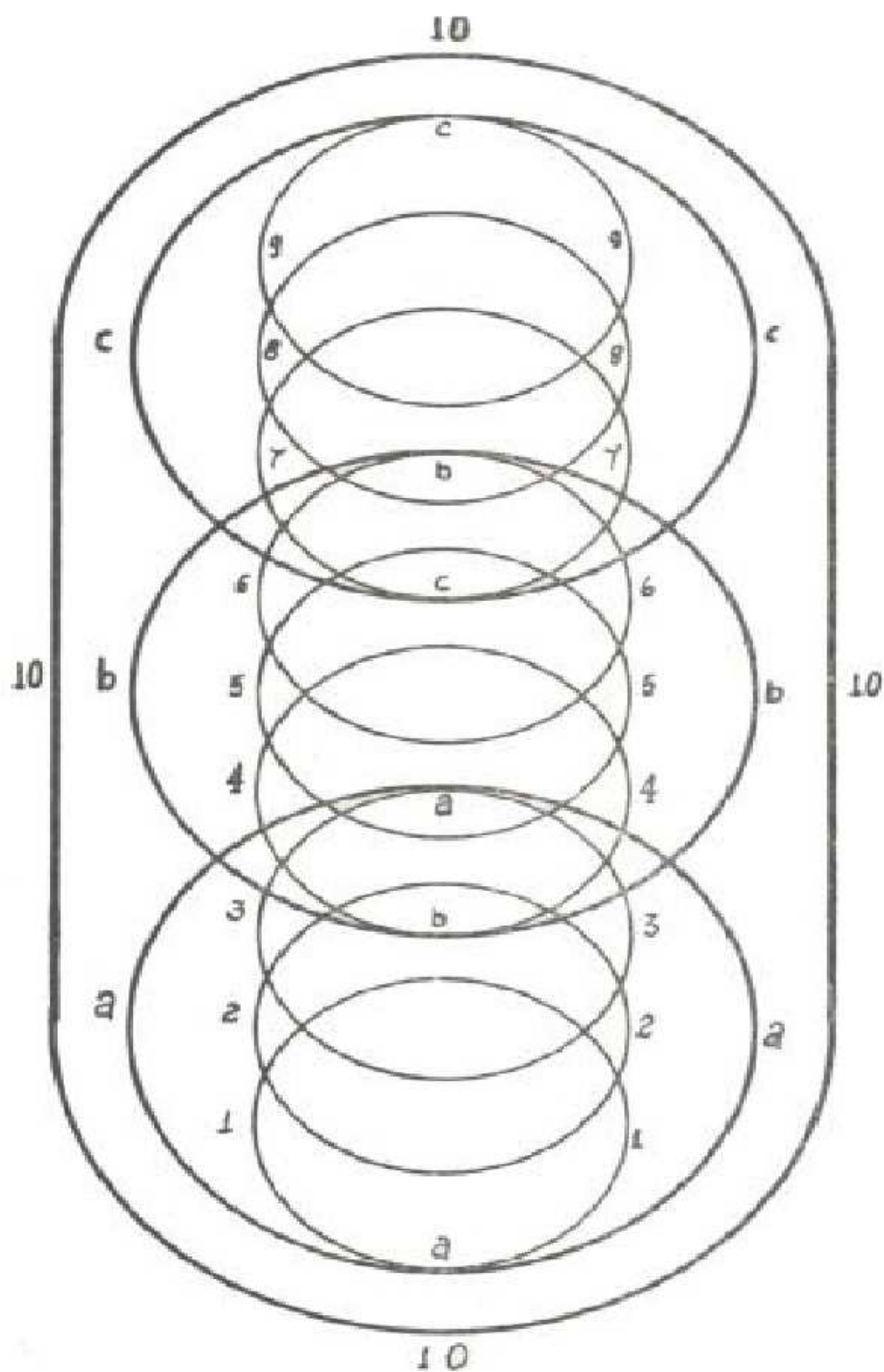


Fig. 42

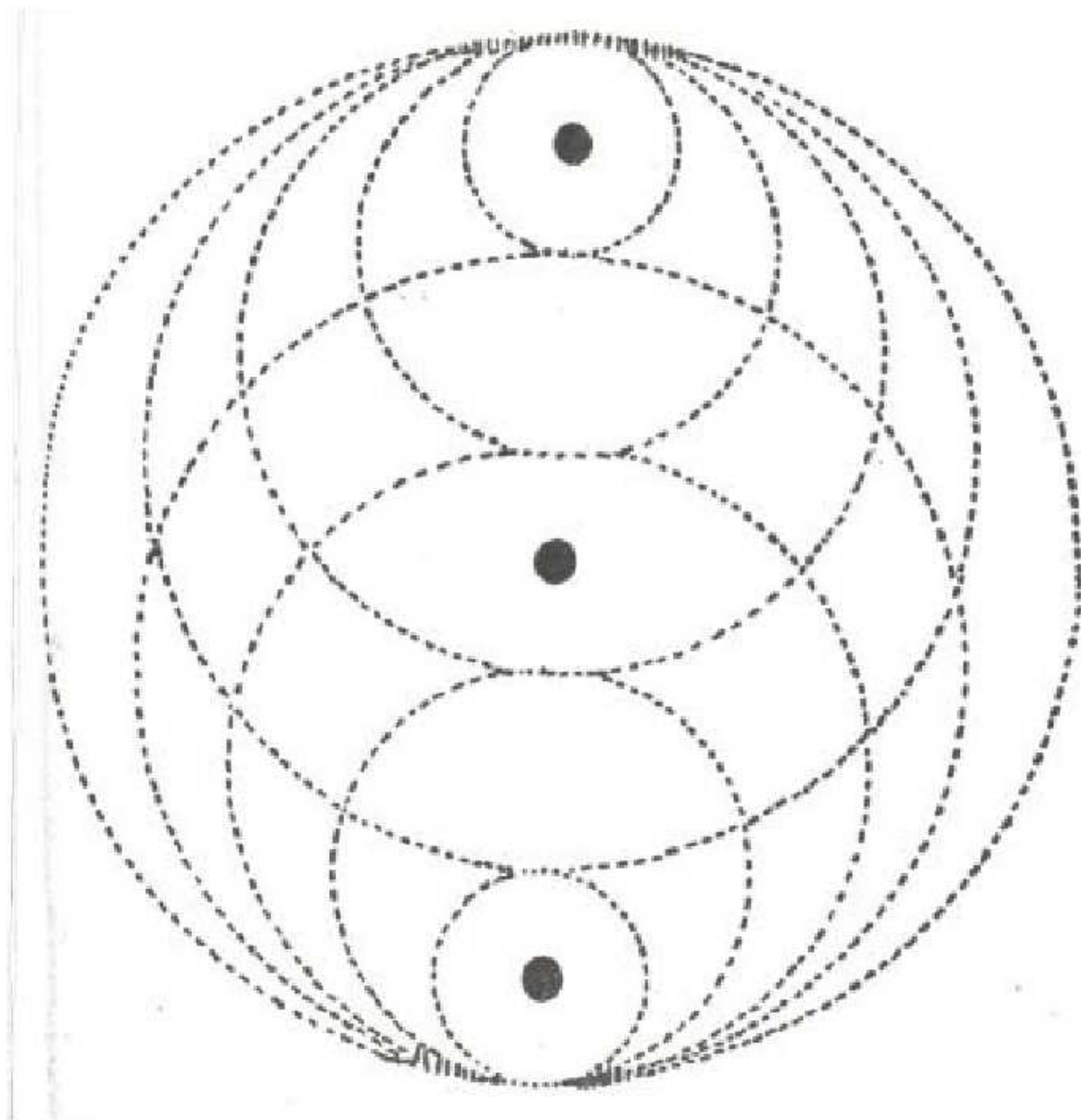


Fig. 43



Fig. 44

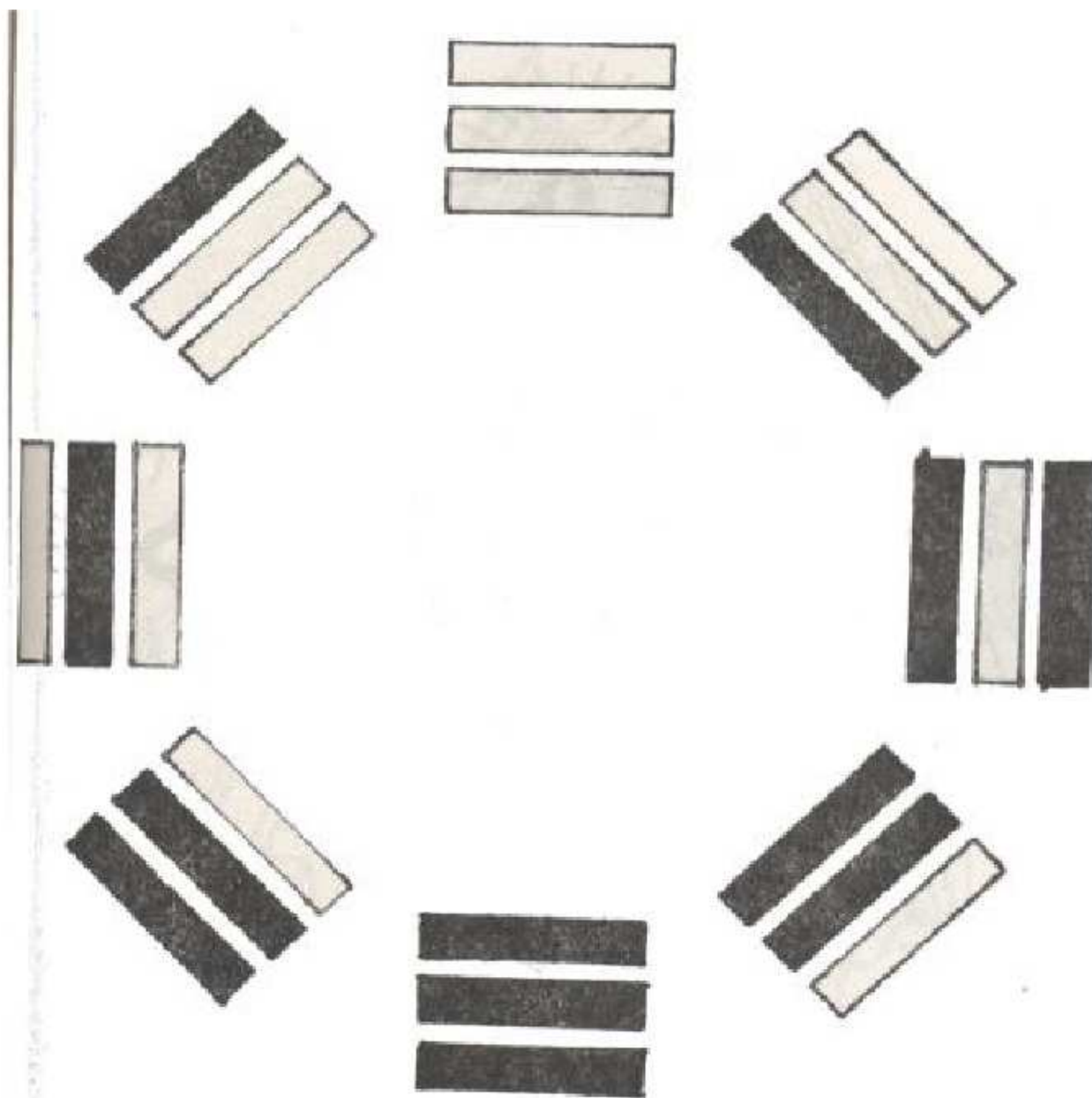


Fig.45

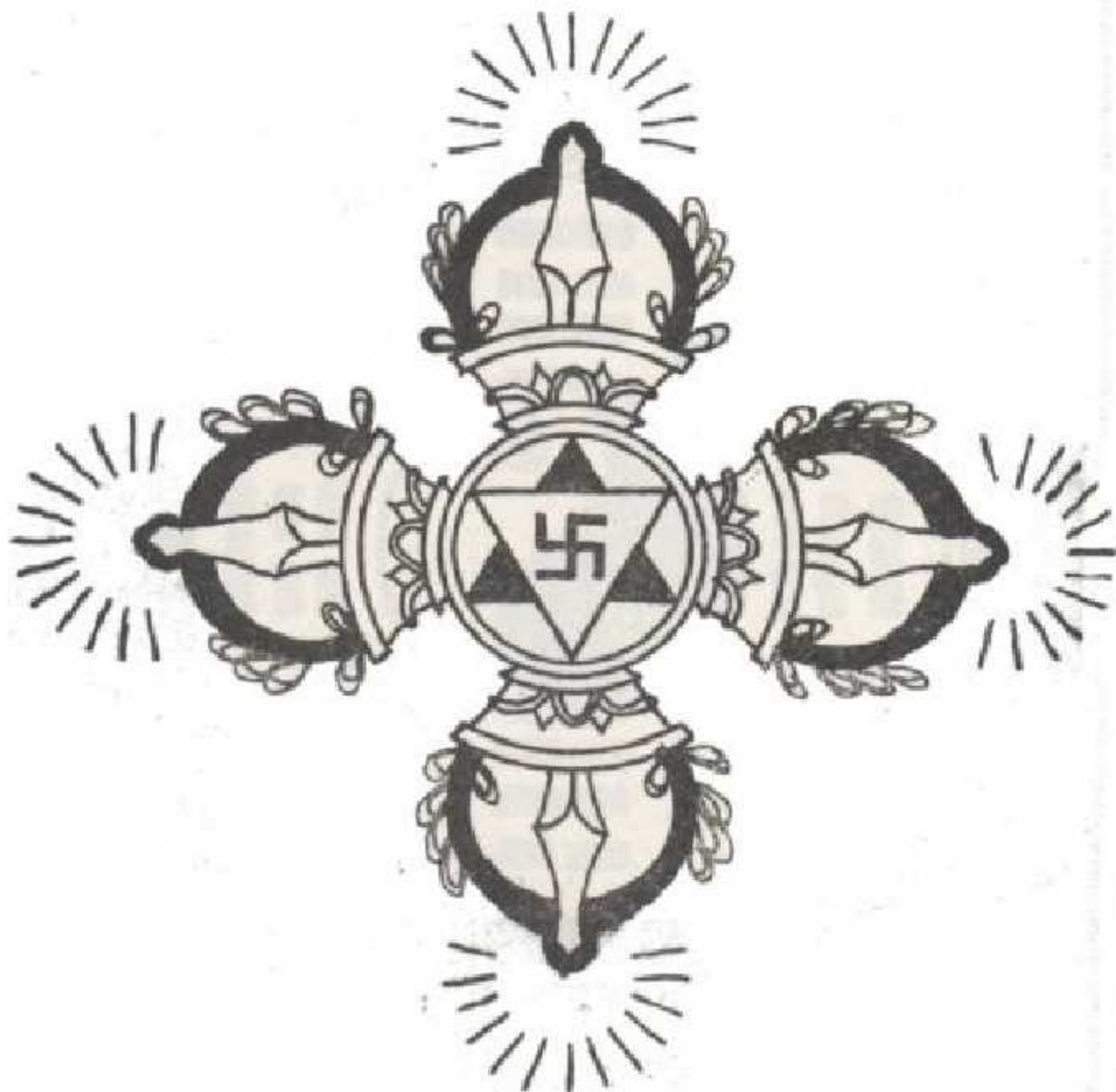


Fig. 46



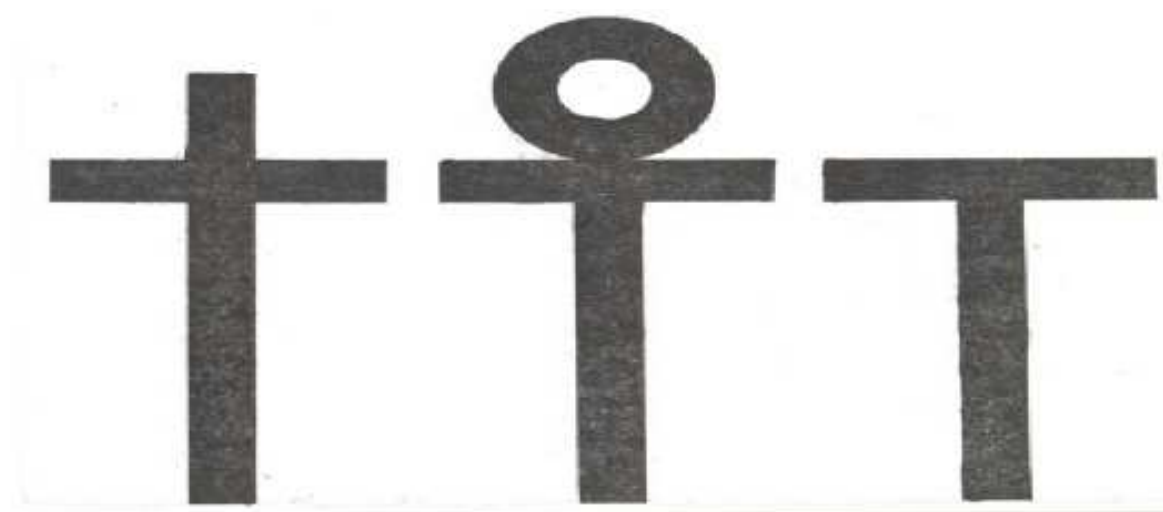


Fig. 48



Fig. 49



Fig. 50



Fig. 11

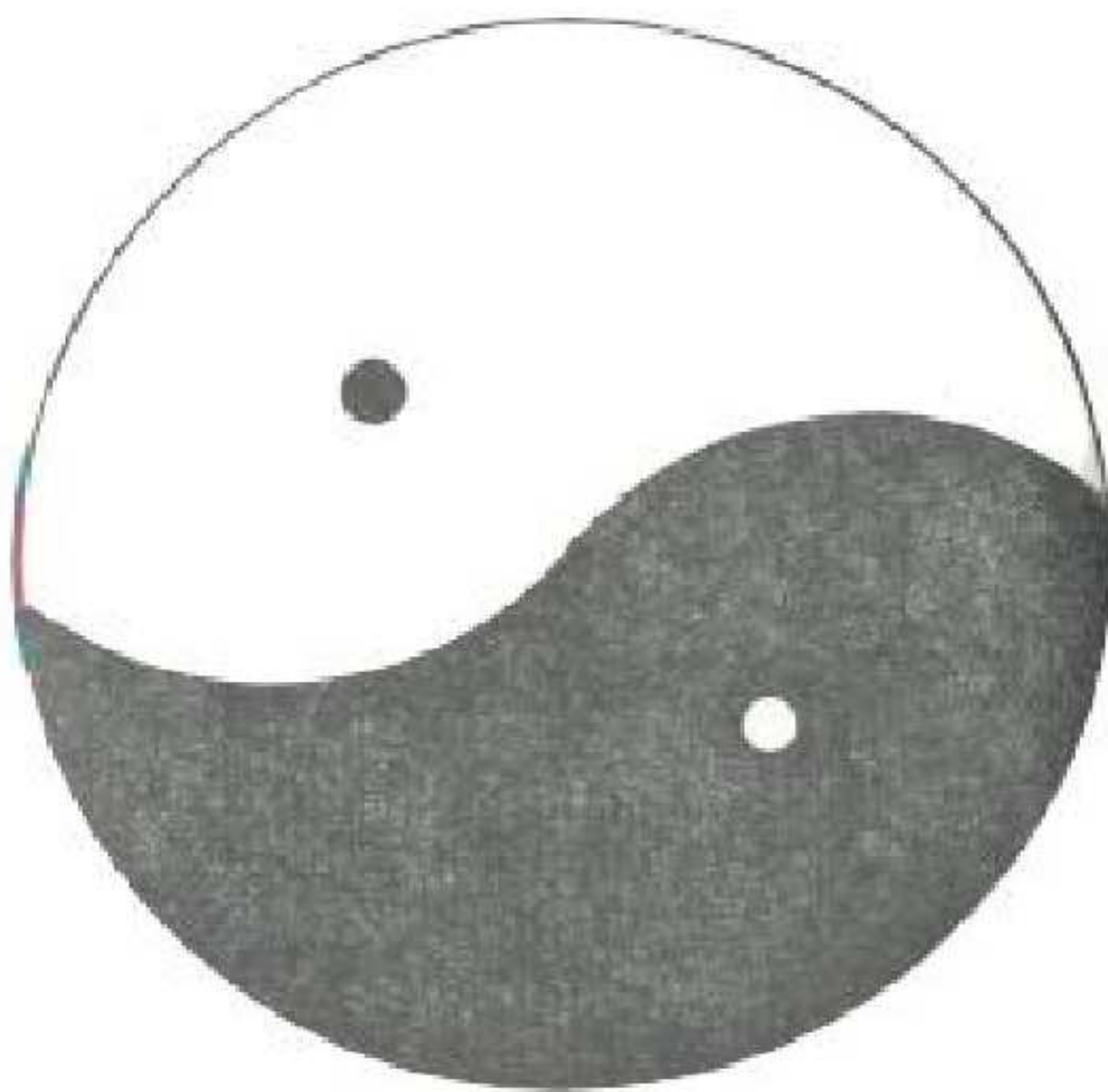


Fig. 52



Fig. 53



Fig. 54



Fig. 55



1 2 3



Fig. 56

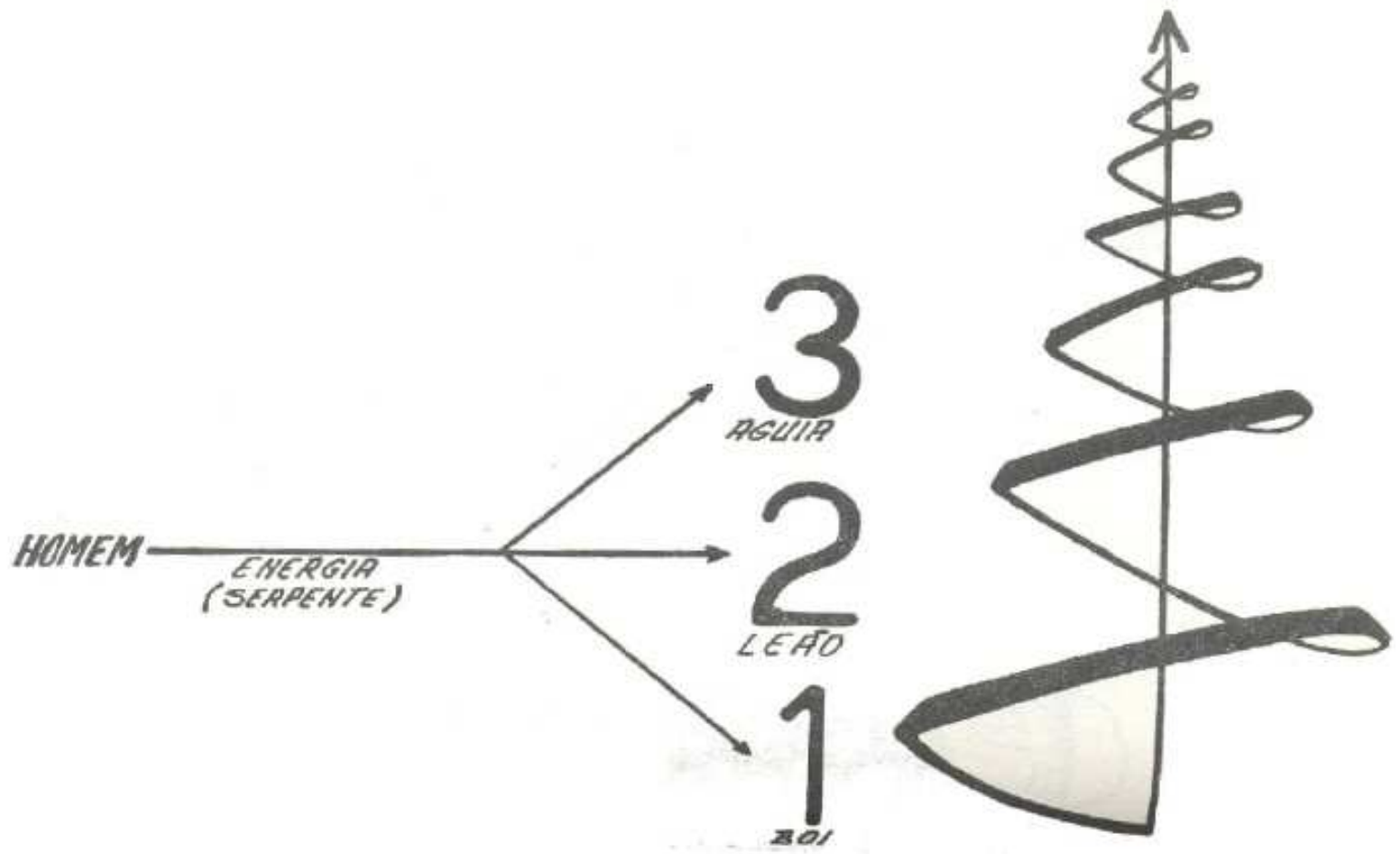


Fig. 5\$

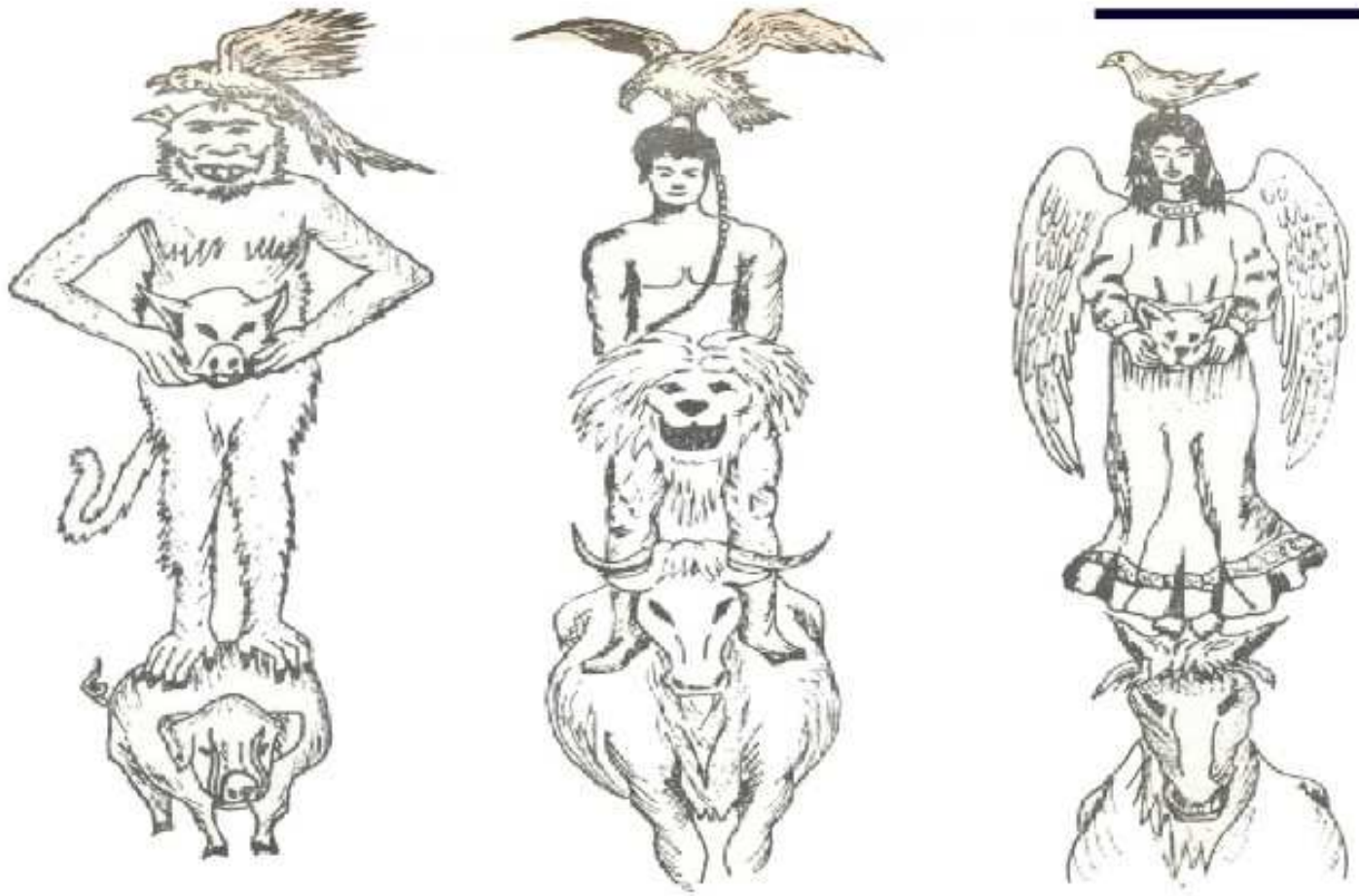


Fig. 59



Fig. 60



Fig. 61

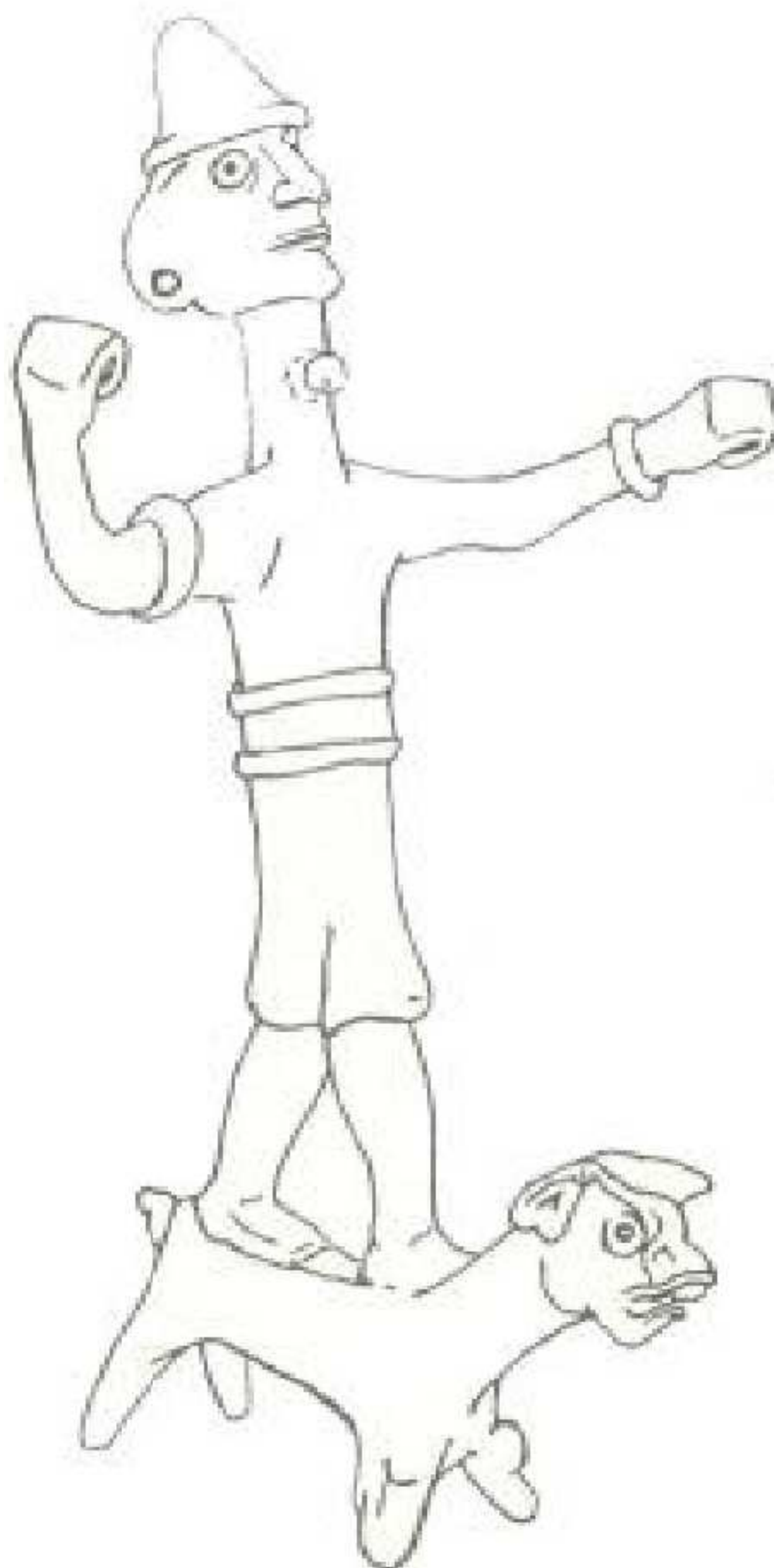


Fig. 62



Fig. 63



Fig. 64



Fig. 65



Fig. 66



Fig. 67



Fig. 68



Fig. 69





BIBLIOGRAFIA

NOTA:

1. *Em virtude de heterogeneidade das fontes bibliográficas, resolvemos dividir a bibliografia em vários agrupamentos.*
2. *O asterisco ~~se~~ refere a livros não consultados por nós, mas que nos parece apresentar algum interesse para o assunto.*

ANTROPOLOGIA SIMBOLOGIA MITOLOGIA

Baynes, W. *The I Ching or Book of Changes*. Princeton Univ. Press. New York. 1969.

Beigbeder, O *Lexique des Symboles*. Zodiaque. 1969.

Benoist, Luc. *L'Esotérisme*. P.U.F. Paris. (Coll. Que Sais-je).

Camus. *Le Mythe de Sysiphe*. Gallimard. Paris.

Champeaux. G. *Introduction au Monde des Symboles*. Zodiaque. 1966.

Choisy, M. *L'Etre et le Silence*. Ed. Mont Blanc. Genève. 1964.

Choisy, M. *Moise*. Ed. Mont Blanc. Genève. 1966.

Cirlot. J. E. *Dicionário de Símbolos*. Ed. Labor. Barcelona. 1969.

Delcourt, M. *Oedipe ou la Légende du Conquérant*. Liège, 1944.

Diehl, P. *Le Symbolisme dans le Mythologie Contemporaine*. Payot. Paris. 1952.

Edelstand Du Meril. *Histoire de la Poesie Scandinave*. Ed. Brakhaus et Avenarius. Paris. 1839.

Eliade, M. *Images et Symboles*. Gallimard. Paris. 1967.

Eliade, M. *Le Chamanisme et les Techniques de l'Existase*. Payot. Paris. 1968.

Eliade, M. *Naissances Mytiques*. Gallimard. Paris. 1959.

Eliade, M. *Le Chamanisme et les Techniques de l'Existase*. Payot. Paris. 1968.

Fromm, E. *The Oedipus Complex and the Oedipus Myth*. Harper and Brothers. New York. 1948.

Guénon, R. *La grande Triade*, Gallimard, Paris. 1957.

Guénon, R. *Le règne de la Quantité et Les signes des temps*. Gallimard. Paris. 1945.

Guénon, R. *Symboles fondamentaux de la Science Sacree*. Gallimard. Paris. 1962.

(*) Grimal, P. *La Mythologie Grecque* P.U.F. Paris. 1959.

Jung, C.G. *L'Homme et ses Symboles*. Pont Royal. Paris. 1964.

Jung, C. G. *El Secreto de la Flor de Oro*. Ed. Paidós. Buenos Aires. 1961.

Jung, C. G. *Simbologie del Espiritu*. Fondo de Cultura Económica. México. 1962.

Jung, C. G. *Arquétipos e Inconsciente Colectivo*. Paidós. Buenos Aires. 1970.

Jung, C. G. *Símbolos de Transformactón*. Paidós. Buenos Aires. 1962.

Jung, C. G. *Paracelsica*. Sur. Buenos Aires. 1966.

Jung. C. G. *La Psicología de la transferencia*. Paidós. Buenos Aires. 1961.

Jung, C. G. *Psicología e Alquimia*. Santiago Rueda. Buenos Aires. 1957.

Jung. C. G. *Ma vie*. Gallimard. Paris. 1966.

Lévi-Straus, *Anthropologie Structurale*. Plon. Paris.

Loeffler - Delâchaux. *Le Cercle, Un Symbole*. Ed. Mont Blanc. Geneve. 1947.

Mayassis, S. *Mystères et Initiations dans la Préhistoire et Protohistoire* B.A.O.A. Athenes. 1961.

Menace, J. P. *Une Encyclopédie Mazdéene. Le Denkart*. P.U.F. Paris. 1958.

Mullahy, P. *Édipo: Mito e Complexo*. Zahar. Rio. 1969.

Schneider, M. *El Origen Musical de los Animales Símbolos en la Mitología y las Culturas Antiguas*. Barcelona. 1946.

Serouya, H. *Maimonide: sa Vie, son Oeuvre*. P.U:F. Paris. 1964.

Spalding, T. O. *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*. Itatiaia. Belo Horizonte. 1965.

Suarès, Carlo. *Le Sepher Yetsira*. Mont Blanc. Genève. 1968.

ARQUEOLOGIA

Ceram, C. W. *Deuses, Túmulos e Sábios*. Ed. Melhoramentos. São Paulo. 1956.

Ceram, C. W. *O Segredo dos Hititas*. Itatiaia. Belo Horizonte. 1963.

Champdor, A. *Babylône et Mesopotamie*. Guillot. Paris. 1953.

Harden, D. *Os Fenícios*. Ed. Verbo. Lisboa. 1968.

Hollanda Ferreira, A. B. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Ed. Civilização Brasileira S.A. Rio. 1964.

Keller, W. *E a Bíblia Tinha Razão*. Melhoramentos. São Paulo. 1964.

Lange, K. *Pirâmides Esfinges Faraós*. Itatiaia. Belo Horizonte. 1964.

Mayasais, S. *Mystères et Initiations dans la Préhistoire et Protohistoire*. B.A.O.A. Athenas. 1961.

ARTE

Huyghe, R. *L'Art et l'Homme*. Larousse. Paris. 1951.

Mâle, E. *L'Art Religieux du XIIIème Siècle*. XI. Colin. Paris. 1958.

Dictionnaire français-hebreu. Larousse. Paris. 1966.

Grand Larousse Encyclopédique. Ed. Larousse. Paris. 1964.

Mata Machado Filho, A. *Dicionário Dietético e Popular da Língua Portuguesa*. Ed. Brasiliense.

Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Ed. Civilização Brasileira. Rio. 1970.

Sachs. Villatte. Berlin. 1911.

The Concise Oxford Dictionary. Clarendon Press. Oxford. 1961.

FILOSOFIA

Ansermet, E. *Les Fondements de la Musique dans la Conscience Humaine.* A La Baconière Neuchâtel. 1961.

Beauvoir, De **S.** *Pour une Morale de l'Ambiguïté.* Gallimard. Paris. 1947.

Bergson, H. *La Pensée et le Mouvant.* Paris. Alcan. 1939.

Deschoux, Gagley, Bigler. *Itineraire Philosophique.* P.U.F. Paris. 1965.

Garaudy, R. *Perspectives de L'Homme.* Paris.

Ghyka, M. *Philosophie et Mystique du Nombre.* Payot. Paris.

Hegel, G. W. F. *Textos Dietéticos.* Zahar. Rio. 1969.

Krisnamurti, *La Première et Dernière Liberté.* Paris. Stock. 1954.

Les Temps Modernes. *Problèmes du Structuralisme.* N° 246. Paris. 1966. Artigo de Marc Barbut.

Os *Filósofos Pré-socráticos.* Clássicos Cultrix. São Paulo. 1967.

Piaget, J. *Sagesse et Illusions de la Philosophie.* Paris. P.U.F. 1965.

Teilhard de Chardin. *La Place de l'Homme dans la Nature.* Ed. du Seuil. Paris. 1956.

OBRAS ESOTÉRICAS

Bardo *Thödol.* Ed. A. Maisonneuve. Paris. 1965.

Blavatsky, H. *Glossário Teosófico.* Ed. Glem. Buenos Aires, 1957.

Blavatsky, H. *A Voz do Silêncio.* Ed. Civ. Brasileira. Rio, 1969.

Brunton, P. *O Egito Secreto.* Ed. Pensamento. São Paulo. 1967.

(*) Caron, M. et Huttin S. *Les Alchimistes,* Ed. Seuil. Paris. 1959.

(*) Casaril. G. *Rabbi Simeon Bar Yochai et la Cabbale.* Ed. Seuil Paris. 1961.

Däniélou, A. *Les Quatro Sens de la Vie.* Lib. Acad. Perrin. Paris. 1963.

Editora Pensamento. *Taro Adivinhatório.* São Paulo. 1966.

Gurdjeff, G. *Rencontres Avec des Hommes Remarquables.* Ed. Julliard. Paris. 1950.

Kolpaktchy, G. *Livre des Morts des Anciens Egyptiens*. Ed. Champs Elysées. Paris. 1966.

Lavier, J. *Le Micromassage Chinois*. Lib. Maloine. Paris. 1965.

Leadbeater, C. W. *Os Chakras*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1968.

Levi. E. *Les Elements de la Kabbale en Dix Leçons*. in 7.

Matthers. M. A. *Le Sepher Yestrah*. in 7.

Miranda Caio. *A Libertação Pelo Yoga*. Freitas Bastos. São Paulo. 1963.

Moreux, Th. *La Science Mystérieuse des Pharaons*. Doin. Paris. 1938.

Ouspansky, P. D. *Fragments d'Un Enseignement Inconnu*. Stock. Paris. 1961.

Ouspansky, P. D. *L'Homme et son Évolution Possible*. Denoel. Paris. 1961.

Ouspansky, P. D. *Tertium Organun*. Ed. Sol. México. 1950.

Papus. *La Cabbale*. Ed. Dangles. Paris. 1964.

Papus. *La Science des Nombres*. La Diffusion Scientifique. Paris. 1964.

Papus. *Traité Elementaire d'Occultisme*. Diffusion Scientifique. Paris. 1968.

Papus. *Tratado Elementar de Magia Prática*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1956.

Papus. *Traité Méthodique de Science Occulte*. Dangles. Paris.

Pauwels, Louis. *Monsieur Gurdjieff*. Ed. du Seuil. Paris. 1954.

Pauwels. Louis. et Bergier, J. *Le Matin des Magiciens*. Gallimard. Paris. 1960.

Ramachâraka. *Raja Voga*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1962.

Safran, A. *La Cabbale*. Payot. Paris. 1960.

Sepher, Yezirah. *A Book on Creation*. L. H. Frank. New York, 1877.

Sevananda. *Yo que Caminie por el Mundo*. Saraiva. São Paulo. 1953.

Taro Adivinhatório. Ed. Pensamento. São Paulo, 1966.

Tondriau, J. *O Ocultismo*. Difusão Eur. do Livro. São Paulo. 1964.

Vivekananda, S. *Raja Yoga*. Ed. Vedanta. Rio. 1967.

Von Däniken, E. *Eram os Deus Astronautas?*. Melhoramentos. São Paulo. 1970.

Wirth, O. *Le Tarot des Imagiers du Moyen Age*. Tchou. Edit. Paris. 1969.

OBRAS ESPECIALMENTE RELACIONADAS COM A ESFINGE

Cemborain, L. *Las Esfinges*, In *Maravillas del Universo*. Labor. Buenos Aires. 1947.

De Luna, M. R. *La Esfinge*. Hesperia. Madrid. 1924.

Dessenne, A. *Le Sphinx, Etude Iconographique*. E. de Broccard. Paris. 1967.

Hassan, S. *Le Sphinx, Son Histoire*. Le Caire. Impr. Misr. 1951.

PSICOLOGIA, PSICOTERAPIA

Adrados, Isabel. *Teoria e Prática do Toste de Rorschach*. Fundação Getúlio Vargas. Rio. 1967.

Alvarenga, P. Galeno. *Tarefas Interrompidas*. FAFI. Belo Horizonte. 1962.

Anderson e Anderson. *Técnicas Proyectivas del Diagnóstico Psicológico*. Ediciones Rialp S.A. Madrid. 1963.

Anes, Louise Bates. *Adolescent Rorschach Responses*. Paul B. Hoeller. Inc. 1959.

Argyris, Chrys. *Personallty and Organisations*. Harper. New York. 1957.

Augras, Monique. *A Dimensão Simbólica*. Fundação Getúlio Vargas. Rio. 1967.

(*) Bachelard, G. *La Psychanalyse du Feu*. Paris. 1938.

L'Eau et les Réves. Paris. 1942.

Bales, R. F. e Strodtbeek. fases na *Solução do Problema de Grupo*, in 187.

Baudouin, Ch. *Psychanalyse de Victor Hugo*. Ed. Mont Blanc. Genève. 1943.

Beck, Samuel. *Rorschach's Test I Basic Process*. Grune S. Stratton. New York. 1950.

Beck, Samuel. *The Rorschach Experiment. Ventures In Blind Diagnosis*. Grune S. Stratton. New York. 1960.

Berta, M. *Rêve Éveillé Lisérgico Dirigido*, V Congresso Médico del Uruguay, Tomo 2, 1962.

Blake, R. and Mouton, J. *The Management Grid*. Houston. Gulf Publ. 1964.

Bohm, Edwald. *Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach*. Ediciones Morata S. A. Madrid. 1954.

Bulletin du Groupement Français du Rorschach.

N° 8 juin 1956.

11 octobre 1959

9 — juin 1957.

10 — juin 1958.

Bulletin de la Société Française du Rorschach et des Méthodes Projectives.

N° 14 décembre 1966.

9 novembre 1967.

Caruso, I. Blos, *Psike, Persona*. Ed. Cremos. Madrid. 1965.

Caruso, I. *Psychanalyse Pour la Personne*. Ed. du Seuil. Paris. 1962.

Cattell. *16 PF*. Ed. Cepa. Rio. 1968.

Desoille, R. *Le Rêve Éveillé en Psychothérapie*. Paris. Alcan. 1945.

Festinger e Aronson, E. "O Aparecimento e a Redução da Dissonância em Contextos sociais". in *Cartwright and Zander*. Herder. São Paulo. 1967.

Frankl, V. E. *Psicoanálisis y Existencialismo*. Fondo de Cultura Económica, México. 1950.

Freud, S. *Introduction à la Psychanalyse*. Payot. Paris. 1917.

Freud, S. *Trois Essais sur la Théorie de la Sexualité*. Gallimard. Paris. 1946.

Freud, S. *Nouvelles Conférences sur la Psychanalyse*. Gallimard. Paris. 1958.

Freud, S. *Essais de Psychanalyse*. Payot. Paris. 1963.

Freud, S. "Moisés y la Religión Monoteísta". in *Obras Completas*. Bibl. Nueva. Madrid. 1968.

(*) Fromm, E. *Le Language Oublié*. Paris. 1963.

Grant, V. W. *Psicologia da Atração Sexual*. Fundo e Cultura. Rio. 1960.

Guilhot, J., Guilhot, M. A. et Jost, J. *Musique, Psychologie et Psychothérapie*. Paris. Ed. Soc. Franç. 1964.

Huxley. *As Fronteiras da Percepção*. Rio. Civ. Brasileira. 1961.

Jacobs, H. *Sagesse Orientale et Psychothérapie Occidentale*. Payot. Paris. 1964.

Jung, C. G. *Psychology of the Unconscious*. Ed. Routledge and Kegan Paul. London. 1951.

Jung, C. G. *L'Homme à la Découverte de Son Ame*. Ed. Mont Blanc. Genève. 1962.

Jung, C. G. *Tipos Psicológicos*. Zahar. Rio. 1967.

Jung, C. G. *Psicologia e Religião*. Zahar. Rio. 1965.

Klein, M. *Envy and Gratitude*. Tavistock Publications Limited. London.

Leary, *Interpersonal Diagnosis of Personallty*. Ronald. New York. 1957.

Le Gall, A. *Les Caracteres et le Bonheur Conjugal*. P.U.F. Paris. 1965.

Luria, A. R. *Brain Research and Human Bahavior*. Totus Homo. N° 1. Milano. 1970.

Lewin, K. *Psychologie Dynamique*. P.U.F. Paris. 1959.

Lévy-Valensi, E. A. *Le Temps Dans la Vie Psychologique*. Flammarion. Paris. 1965.

Maslow, A. *Toward a Psychology of Being*. New York. Van Nostrand. 1962.

Maslow, A. *Criteria for Judging Needs to be Jnstintoids in Human Motivations*. A Symposium. University of Nebraska Press. 1965.

McGregor, D. *The Human Side of Enterprise*.

Merleau-Ponty, M. *La Structure du Comportement*. P.U.F. Paris. 1967.

Moles, A. *Tbeorie de l'Information et Perception Esthétique*. Flammarion. Paris.

Moreno, J. L. *Psychothérapie de Groupe et Psychodrame*. P.U.F.Paris. 1965.

Murray, H. A. *Explorations In Personallty*. Oxford Univ. Press. New York. 1938.

Piaget, J. *Le Structuralisme*. P U F. Paris.

Portella, J. M. *Mundo Interno e Mundo Externo: Perspectiva Psicanalítica*. Tempo Brasileiro. 21-22. Rio. 1970.

Rogers e Kindget. *Psychothérapie et Relations Humaines*. Publ. Universitaire. Louvain. 1965.

Seguin, C. A. *Amor y Psicoterapia*. Buenos Aires. Paidás. 1963.

Sheldon, W. H. and Stevens. *Les Variétés de la Constitution Physique de l'Homme*. P U F Paris. 1950.

Simon, H. A. *A Capacidade de Decisão e Liderança*. Fundo de Cultura. 1960.

Skinner, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. Ed. Univ. de Brasília. 1967.

Terman L. M. and Miles C. *Sex and Personallty*. McGraw Hill. New York.

Vilemor Amaral, F. de. *Pirâmides Coloridas de Pfister*. Cepa. Rio. 1966.

Weil, P. *Psicodrama*. Cepa. Rio. 1968.

Weil, P. *Experiência Sublime e Emoção Estética*. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada. N° 2. Rio. 1969.

Weil, P. *Autômato ou Homem Consciente?*, Rev. Abape. São Paulo. 1967.

Zazzo, R. et Mathon, T. "L'Épreuve du Bestialre" In *Manual Pour l'Examen Psychologique de l'Enfant*. Ed. Deláchaux et Niestlé. Neuchâtal et Paris.

RELIGIÃO

Bhagavad Gita. Ed. O Pensamento. São Paulo.

Bíblia "Seter" Hebraica. Paris. 1866.

Biblioteca de Cultura Judaica. Tradição. Rio. 1967.

Dechânet, J. M. *La Voie du Silence*. Desclée de Browne. Bruges. 1960.

Eliade. M. *O Sagrado e o Profano*. LBL. Lisboa.

Fleg. E. *Anthologie Juive*. Ed. Cres. Paris. 1923.

Haag. H Van der Born, Ansejo, S. de. *Dicclonarho de la Bíblia*. Herder. Barcelona. 1964.

Labat. R. *Les Religions du Proche-Orient*. Fayard-Denoël. Paris. 1970.

Lao Tse, *Tao Te King*. Maisonneuve. Paris. 1962.

Le Veda. Ed. Planeie. Paris. 1967.

Neher, A. *L'Existence Juive*. Ed. Seuil. Paris. 1962.

Sefer Ha-Zohar. Trad. Jean de Pauly. Maisonneuve. Paris. 1970. 6 Vol.

Serouya. H. *Maimonide: Sa Vie, son Oeuvre*. P.U.F. Paris. 1964.

Suzuki, D. T. *Introdução ao Zen Budismo*. Ed. Civil. Brasileira. Rio. 1961.

Teilhard de Chardin. *Le Bonheur*. Ed. Seuil. Paris. 1966.

Watts, A. *Amour et Connaissance*. Ed. Gonthier. Paris. 1966.

Wilhelm, R. *The I Ching, or Book of Change*. Pref. de C. G. Jung. Princeton University Press. New York. 1969.

ÍNDICE DAS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

1. *Bardo Thödol*. Ed. A. Maisonneuve. Paris. 1965. p. 154.
2. *Bhagavad Gita*. Ed. O Pensamento. São Paulo.
3. *Biblioteca de Cultura Judaica*. Tradição. Rio. 1967.
4. Brunton, P. O *Egito Secreto*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1967.
5. Cemborain, L. *Las Esfinges, em Maravillas del Universo*. Labor. Buenos Aires. 1947.
6. Champdor, A. *Babylône et Mesopotamie*. Guillot. Paris. 1953.
7. Papus. *La Cabbale*. Ed. Dangles. Paris. 1964.
8. Huyghe, R. *L'Art et l'Homme*. Larousse. Paris. 1951.
9. Jung, C. G. *Psicologia e Religião*. Zahar. Rio. 1965.
10. Jung, C. G. *L'homme et ses Symboles*. Pont Royal. Paris. 1964.
11. Keller, W. *E a Bíblia tinha razão*. Melhoramentos. São Paulo. 1964.
12. Lange, K. *Pirâmides Esfinges Faraós*. Itatiaia. Belo Horizonte. 1964.
13. Leadbeater, C. W. Os *Chakras*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1968. p. 44.
14. Lao Tseu, Tao Te *King*. Maisonneuve, Paris, 1962.
15. Loeffler Delêchaux. *Le Cercle, Un Symbole*. Ed. Mont Blanc. Genève. 1947.
16. Mâle. E. *L'Art Religieux du XIIIème Siècle*. TI. Colin. Paris. 1958.
17. Moreux. Th. *La Science Mystérieuse des Pharaons*. Dom. Paris. 1938.
18. Ouspansky, P. D. *Fragments d'un enseignement inconnu*. Stock. Paris. 1961
19. Ouspansky, P. D. *L'homme et s011 évolution possible*. Denöel. Paris. 1961.
20. Ramachâraka. *Raja Yoga*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1962.
21. Safran. A. *La Cabbale*. Payot. Paris. 1960.

22. Sevananda. *Yo que Caminie por el Mundo*. Saraiva. São Paulo. 1953.
23. Spalding, T. O. *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*. Itatiaia. Belo Horizonte. 1965. p. 81
24. Teilhard de Chardin. *Le Bonheur*. Ed. Seuil. Paris. 1966.
25. Tondriau, J. O *Ocultismo*. Difusão Eur. do Livro. São Paulo. 1964.
26. *Le Veda*. Ed. Planète. Paris. 1967.
27. 5, p. 289.
28. 12, p. 55.
29. 5, p. 290.
30. 4, p. 167.
- 31.2. p. 114.
32. 1, p. 48.
33. 10. p. 237.
34. 16. p. 89.
35. 12, p. 74.
36. 16, p. 88.
37. 4, p. 214.
38. 12, p. 75.
39. 10, p. 147.
40. 26, p. 79.
41. 22, p. 99.
42. 12, pp. 59-62.
43. 4, p. 153.
44. 8, pp. 157-8.
45. 15. pp. 17 e 60.
46. 26, p. 299.

47. 25, p. 277.
48. 4. p. 225.
49. 4, p. 169.
50. 25. p. 277.
51. 17, p. 23.
52. 10, p. 239.
53. 10. p. 155.
54. 25, p. 195.
55. 4, pp. 243-247.
56. Miranda, Caio. *A Libertação pelo Yoga*. Freitas Bastos. São Paulo. 1963.
57. Dechânet, J. M. *La Voie du Silence*. Desclée de Browne. Bruges. 1960.
58. 17. p. 145.
59. 26, p. 331.
60. Ex 2, 12.
61. Ex 2, 26-27.
62. 1Jo 4, 13.
63. Ex 26, 31-38.
64. 5, pp. 286, 287, 289. 291. 294, 295.
65. 17, pp. 142, 174.
66. 12. Grav. 15, 5, 11.
67. 8. pp. 125, 140, 156, 239, 764.
68. 6, pp. 27, 64.
69. 3, v. 3, P. 1001-2 e v. 6, p. 40.
70. 8, p. 156.
71. 15.
72. 5. p. 289.

73. Ex 25. 18-22: 37,8-9; 26,1.3); 36,8.35; Num 7.89.
74. Gên 3, 24.
75. 11, p. 173.
76. Crôn 3, 7, 11.
77. Ez 1, 4-28.
78. 7, p. 134.
79. 10, pp. 20-21, 138 e 16 p. 89.
80. Freud, S. "Moisés y la Religión Monoteísta", In *Obras Completas*. Bibl. Nueva. Madrid. 1968.
81. 7, p. 198.
82. 14, p. 160.
83. 2, pp. 35 e 49.
84. 17, pp. 30, 38, 46.
85. 7. pp. 6-15.
86. 7, p. 54.
87. 7, p. 347.
88. 7, p. 343.
89. 7, p. 53.
90. 7, p. 115.
91. 7, pp. 30-31.
92. 17, pp. 138.140.
93. 14, p. 63.
94. 26, p. 331.
95. 7. p. 90 (notas).
96. 14, p. 100.
97. 14. p. 128.

98. 7, p. 187.
99. 14, p. 65.
100. Lavier, J. *Le Micromassage Chinois*, Lib. Maloine. Paris. 1965. p. 5.
101. 100, p. 6.
102. 7, pp. 92-94.
103. 7, p. 97.
104. Edelstand Du Meril. *Histoire de la Poesie Scandinave*. Ed. Brakhaus et Avenarius. Paris. 1839.
105. Fleg. E. *Anthologie Juive*. Ed. Cres. Paris. 1923. pp. 364-365.
106. in 105, p. 44.
107. Papus. *Tratado Elementar de Magia Prática*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1956.
108. 7, p. 108.
109. 2, pp. 139-140.
110. Haag, H., Van der Bom, Ansejo S. de, *Diccionario de la Biblia*. Herder. Barcelona. 1964. p. 1618.
111. Ez 41,18.
112. Apc 4, 6-8.
113. 110, p. 1632.
114. Apc 13,18.
115. Harden, D. *Os Fenícios*. Ed. Verbo. Lisboa, 1968. p. 203.
116. Ex XXXVIII, 19-20.
117. 20, 62.
118. Sheldon, W. H. and Stevens *Les variétés de la Constitution Physique de l'Homme*. P.U.F. Paris. 1950. p. 22.
119. 118, p. 137.
120. Pauwels, L. et Bergier, J. *Le Matin des Magiciens*. Gallimard. Paris. 1960.

121. Von Däniken, E. *Eram os Deuses Astronautas?* Melhoramentos. São Paulo. 1970.
122. 121, p. 120.
123. 16, pp. 37-39.
124. 7, p. 96.
125. Taro *Adivinhatório*. Ed. Pensamento. São Paulo. 1966.
126. 4, p. 153.
127. 3. vol. 5. p. 625.
128. Jung, C. G. *Psychology of the Unconscious*. Ed. Routledge and Kegan Paul. London. 1951. pp. 112-13.
129. 8, p. 241.
130. 5, p. 294.
131. Freud, S. *Introduction à la Psychanalyse*. Payot. Paris. 1917. p. 33.
132. 4, pp. 26-28.
133. Gurdjeff, G. *Rencontres avec des hommes remarquables*. Ed. Julliard. Paris. 1960.
134. Pauwels, Louis. *Monsieur Gurdjeff*. Ed. du Seuil. Paris. 1954.
135. Ouspanski, P. D. *Tertium Organum*. Ed. Sol. México. 1950. p. 193.
136. Daniélou, A. *Les Quatro Sens de la Vie*. Lib. Acad. Perrin. Paris. 1963. pp. 93-95
137. 18, pp. 69-71.
138. 18, pp. 75-79.
139. Caruso, 1. *Psychanalyse pour la Personne*. Ed. du Seuil. Paris. 1962. p. 13.
140. Portella, J. M. *Mundo Interno e Mundo Externo: Perspectiva Psicanalítica*. Tempo Brasileiro. 21-22. p. 23. Rio. 1970.
141. Freud, S. *Nouvelles Conférences sur la Psychanalyse*. Gallimard. Paris. 1958. p. 94.
142. 139, pp. 22-23.

143. Beauvoir, De S. *Pour une Morale de l'Ambiguïté*. Gallimard. Paris. 1947.
144. Camus. *Le Mythe de Sysiphe*. Gallimard. Paris.
145. Levy Valensi, E. A. *Le temps dans la vie psychologique*. Flammarion. Paris. 1965. p. 97.
146. 14, p. 99.
147. Caruso, I. Bios, *Psike, Persona*. Ed. Gredos. Madrid. 1965.
148. Teilhard de Chardin. *La Place de l'Homme dans la Nature*. Ed. du Seuil. Paris. 1956.
149. Freud, S. *Essais de Psychanalyse*. Payot. Paris. 1963. pp. 7-20.
150. Skinner. B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. Ed. Univ. de Brasília. 1967. p. 37.
151. 150, p. 166.
152. Rogers e Kindget. *Psychothérapie et Relations Humaines*. Publ. Universitaire. Louvain. 1965.
153. 150, p. 209.
154. 150, pp. 134-149.
155. 150, p. 245.
156. Moreno, J. L. *Psychothérapie de Groupe et Psychodrame*. P.U.F. Paris. 1965. pp. 44, 76. 80-81.
157. Weil, P. *Psicodrama*. Capa. Rio. 1968.
158. Weil, P. *Experiência Sublime e Emoção Estética*. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada. N° 2. Rio. 1969.
159. Jacobs, H. *Sagesse Orientale et Psychotérapie Occidentale*. Payot. Paris. 1964.
160. Maslow, A. *Toward a Psychology of Being*. New York. Van Nostrand. 1962.
161. Krisnamurti. *La Première et Dernière Liberté*. Paris. Stock. 1954.
162. Bergson, H. *La Pensée et le Mouvant*. Paris. Alcan. 1939.
163. Desoille, R. *Le Revê Eveillé en Psychothérapie*. Paris. Alcan. 1945.